Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 ★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.108 DOMINGO, 21 DE AGOSTO DE 2022 R$ 7,00

32% dizem ter sido vítimas de agressão sexual antes dos 18

Pesquisa Datafolha indica diferentes tipos de abuso; problema afeta 68 milhões de brasileiros

Um terço dos brasileiros (32%) diz ter sofrido algum tipo de agressão sexual (física ou verbal) antes de completar 18 anos, revela pesquisa Datafolha encomendada pelo Instituto Liberta. Mulheres declaram com mais frequência ter sido vítimas.

Entre as situações de agressão descritas, 20% dizem que adultos lhes mostraram o órgão genital, e 16%, que outras pessoas tocaram ou acariciaram suas partes íntimas. São 15% os que declaram ter recebido propostas de "recompensa" por ato sexual.

Relatam ter sofrido violência sexual 14%, e 12% contam ter visto um adulto se masturbar. "Se fizermos projeção dos dados, cerca de 68 milhões sofreram algum tipo de violência sexual antes dos 18 anos", diz Luciana Temer, presidente do Liberta.

O Datafolha ouviu 2.086 pessoas, com 16 anos ou mais, em 130 cidades de 7 a 13 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou menos.

Luciana avalia que a pesquisa corrobora dados oficiais a respeito das vítimas.

"De todos os registros policiais de 2021, 61,3% foram de estupros contra menores de 13 anos", afirma, citando relatório mais recente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. A pesquisa aponta ainda que apenas 20% denunciam a agressão. Cotidiano B2

ilustrada

ilustríssima

O que dizia Lula em 94

Candidato à Presidência em 1994, o petista foi entrevistado pelo então diretor de Redação da **Folha**, Otavio Frias Filho, morto há quatro anos, e por Matinas Suzuki e Clóvis Rossi. "Forças Armadas existem para cuidar da nossa defesa contra inimigos externos, não para resolver problemas políticos." C4

MÔNICA BERGAMO

Jorge Furtado e Guel Arraes comentam parceria que originou filme 'O Debate' C2

Atriz e humorista Claudia Jimenez morre no Rio de Janeiro aos 63 anos B3

Esporte B7

Neymar começa a temporada em ritmo forte e vê Copa como chance de redenção

MPME p.1

Mercado de jogos eletrônicos no país se expande e atrai mais empreendedores

Eduardo Knapp/Folhapress

QUERO MUDAR TRADIÇÃO, DIZ LÍDER DE ATO DEMOCRÁTICO

Terceira pessoa negra a presidir centro acadêmico da Faculdade de Direito da USP e oradora de ato pela democracia, Manuela Morais fala em "deixar 'Sanfran' com nossa cara" Política A12

Tensão política no Brasil faz de mesário função de risco

A ofensiva bolsonarista contra o sistema eleitoral preocupa convocados para trabalhar como mesários nas eleições e organizações que atuam pela normalidade da votação. O receio relatado é o de que apoiadores do presidente mirem quem está na linha de frente ou a própria urna eletrônica.

Agressões, ameaças e depredações que tumultuem o processo foram medos citados para a reportagem. A segurança de quem trabalhará no pleito é objeto de questionamentos ao Tribunal Superior Eleitoral. O TSE estima que 2 milhões de mesários estarão em campo em 2 de outubro. Política A4

Janja ganha espaço e suscita críticas de apoiadores do PT

Casada com Lula desde maio, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, tem ganhado espaço dentro e fora do comitê eleitoral do marido. O entorno da campanha petista elogia sua atuação, mas também tem criticado seu comportamento "invasivo" e sua superexposição. Política A11

Presidenciáveis ignoram China em suas propostas

O plano de governo dos quatro principais candidatos à Presidência não faz nenhuma menção à China, país central por sua disputa de poder com os EUA e pelo papel na guerra na Ucrânia, além de ser o maior parceiro comercial do Brasil. Especialistas veem lacuna. Mundo A14

Em ato em SP, Lula fala que igreja não pode ter partido

Política A11

Presidente afirma que respeitará eventual derrota

Política A6

Auxílio cresceu mais em estados onde Bolsonaro busca votos A17

EDITORIAIS A2

Nós do SUS

Sobre verbas e desafios na gestão da saúde pública.

Virado à paulista

Acerca das indefinições na corrida ao governo de SP.

Aponte a câmera no código e baixe o novo app da Folha

ATMOSFERA

São Paulo hoje

Bruno Santos/Folhapress

PANCADÃO E FEIRA DA DROGA DE MADRUGADA NA CRACOLÂNDIA TIRAM O SONO DE MORADORES

Guarda-civil dispersa dependentes químicos no centro de São Paulo, região que tem lidado com gritaria, música alta e discussões dia e noite Cotidiano B3

ISSN 1414-5723

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Marcelo Benez *(comercial)*, Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)* e Everton Fonseca *(tecnologia)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Nós do SUS

Há amplo espaço para melhorias de gestão, mas saúde pública também precisará de mais verba

Houve um tempo em que o único "serviço" que o cidadão poderia esperar do Estado era um exército que protegeria a cidade de invasores. Aos poucos, vieram também uma força policial e algo que com muito boa vontade poderíamos chamar de sistema de Justiça.

A partir do século 18, países mais avançados adicionaram à lista a educação pública e, mais tarde, um sistema de pensões. Foi só depois da Segunda Guerra que veio a explosão de serviços que caracterizam os Estados contemporâneos. E o mais complexo deles é, sem dúvida alguma, a saúde.

O Brasil, num raro destaque positivo, é o único país de renda média do mundo a oferecer um sistema universal de saúde gratuito à sua população. E os desafios do SUS, já imensos antes da pandemia, tornaram-se ainda maiores depois, como mostrou reportagem da série Nós do Brasil, na **Folha**.

O problema de base é, evidentemente, o subfinanciamento. Embora os gastos públicos e privados do Brasil com saúde sejam até proporcionalmente maiores que de países desenvolvidos, o jogo muda inteiramente quando se consideram apenas despesas de governo.

Em 2019, os desembolsos totais chegaram a 9,6% do Produto Interno Bruto, ante 8,8% na média da OCDE. Já o dispêndio público ficou em 3,8% do PIB, ante 6,5%.

A pandemia escancarou o papel essencial do SUS. Embora nosso desempenho na crise sanitária tenha sido péssimo, muito pior seria sem o sistema de saúde.

A grande disposição com que a população arregaçou as mangas para tomar as primeiras doses da vacina, a despeito da insistente propaganda contrária de Jair Bolsonaro (PL), tem muito a ver com a confiança acumulada em vários anos do programa nacional de imunização, apontado como um dos melhores do mundo.

Seja como for, a pandemia colocou ainda mais pressão sobre o SUS. A demanda pelos serviços, que já era maior do que a oferta, foi reprimida por cerca de dois anos. A chamada Covid longa criou uma nova categoria de usuários; algo parecido vale para a saúde mental.

Embora o sistema esteja sendo mais exigido, é difícil imaginar como suas verbas possam aumentar de forma permanente. O Brasil lida com severa restrição orçamentária, agravada pela recente rodada de gastos eleitorais. Há amplo espaço para melhorias na gestão, mas isso não bastará para equacionar todas as carências.

O melhor caminho é cortar algo dos muitos subsídios e programas ineficientes bancados pelo Estado brasileiro para aumentar os recursos para a saúde pública. Politicamente, trata-se, na maior parte dos casos, de enfrentar grupos de interesse e suas benesses.

Virado à paulista

Haddad lidera corrida em SP no Datafolha; desafio de Tarcísio e Rodrigo é se tornarem conhecidos

A julgar pelo instantâneo oferecido na última pesquisa Datafolha, as intenções de voto para o governo de São Paulo compõem quadro pouco definido. Em que pese a liderança distanciada de Fernando Haddad (PT), com 38% das preferências, os dois principais candidatos mais ao centro e à direita ainda têm chance na eleição.

O ex-ministro bolsonarista Tarcísio de Freitas (Republicanos) marca 16%, e o governador Rodrigo Garcia (PSDB), 11%. Disputa equilibrada, dado que a margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos e a campanha eleitoral mal começou, oficialmente.

A luta de ambos no presente é se tornarem conhecidos, diante de um adversário que teve larga exposição no último pleito presidencial, em 2018. Enquanto 89% dos eleitores relatam conhecer Haddad, meros 35% dizem o mesmo de Tarcísio ou Rodrigo.

Hoje, o bolsonarista parece contar com ligeira vantagem sobre o tucano. Na pesquisa de intenção de voto espontânea, em que não se apresentam nomes, o primeiro obtém 8%, ante 3% do segundo.

Para um recém-chegado ao estado, o ex-ministro até que se sai bem. Beneficia-se da popularidade relativa do padrinho Jair Bolsonaro (PL) e de pautas retrógradas em segurança pública e costumes. Se o presidente seguir diminuindo a desvantagem diante de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Tarcísio pode angariar pontos por inércia.

Já o governador paulista livrou-se do espectro evanescente de João Doria, seu antecessor no Bandeirantes, e tem a máquina do governo estadual sob controle. Vem prodigalizando benesses eleitoreiras, como represar tarifas de pedágio e aumentar o valor do vale-gás.

Pela fotografia do Datafolha, qualquer um deles teria tarefa dura num segundo turno, mesmo que herde todas as atuais intenções de voto de centro-direita e direita. A soma dos dois (27%) mal ultrapassa um quarto do eleitorado e fica 11 pontos aquém de Haddad.

O petista, entretanto, tem a rejeição mais alta (30%), ante 22% de Tarcísio e 20% de Rodrigo. O antipetismo é forte no estado, que nunca elegeu um governador do PT e é administrado há décadas por tucanos e aliados. Haddad terá trabalho pela para manter o favoritismo.

Tudo considerado, a eleição paulista ainda se encontra um tanto indefinida. Pode-se dizer, com alguma segurança, que dificilmente se decidirá no primeiro turno e tende a ser marcada pela polarização.

Está tudo dominado

Hélio Schwartsman

"Elite Capture", do filósofo nigeriano-americano Olúfẹ́mi O. Táíwò, é um livro interessante. O texto é daqueles bem militantes, contrastando um pouco por minha preferência por obras mais analíticas. Mas Táíwò, que é professor na Universidade Georgetown, levanta problemas relevantes, que frequentemente passam despercebidos.

Para Táíwò, está tudo dominado. Para início de conversa, as estruturas sociais são desenhadas para sempre favorecer as elites. É o que ele chama de capitalismo racial. Mas, como se isso não bastasse, vemos agora essas mesmas elites se apropriando da política de identidade, originalmente um movimento de resistência, para fazer avançar seus interesses, num fenômeno que o autor batizou de política de deferência.

Hoje, a fina flor do capitalismo mundial, isto é, grandes bancos e "big techs", não só encampa o discurso identitário como também promove a elite dos grupos marginalizados a posições privilegiadas. Os diretamente envolvidos ganham. Os empresários sinalizam sua virtude, os promovidos ficam com a promoção, mas a maior parte dos marginalizados continua marginalizada. No Brasil, as cotas em universidades fazem um pouco isso. A sociedade fica com a sensação de dever cumprido por ter instituído essa política e os bons estudantes negros ganham vagas em boas escolas. Mas os mais discriminados, isto é, o garoto negro que não consegue concluir o ensino fundamental e acaba em subempregos ou no crime, continua quase tão discriminado quanto seus trisavós escravizados.

O que me incomodou no livro é que Táíwò não deixa muito espaço para respostas que difiram da sua. Precisamos necessariamente ver os empresários como cínicos tentando faturar em cima dos movimentos identitários? Não dá para imaginar que um "capitalista" considere o racismo imoral e esteja disposto a agir contra ele, embora sem deflagrar um movimento revolucionário, que é o que o autor cobra?

helio@uol.com.br

Os limites da reconversão

Bruno Boghossian

Os eleitores que votaram em Jair Bolsonaro na última eleição representam hoje a principal chance que o presidente tem de se manter vivo na disputa deste ano. Depois de perder quase metade desse apoio ao longo do governo, o capitão voltou a avançar sobre o grupo. Os números do Datafolha indicam, no entanto, que a recuperação tem um limite que pode inviabilizar a reeleição.

Na virada do ano, Bolsonaro tinha cerca de 50% dos votos dos brasileiros que estiveram com ele em 2018. O presidente teve uma primeira onda de crescimento em maio, quando Sergio Moro saiu da corrida. Agora, 63% desses eleitores estão dispostos a repetir a dose no primeiro turno.

Apesar da alta, o número indica que um terço dos bolsonaristas da campanha passada continua distante do presidente. Além disso, o resultado sugere que ele pode estar próximo de um teto de recuperação.

Entre os brasileiros que estiveram com Bolsonaro na última disputa, 21% dizem que não votam nele "de jeito nenhum". Esse índice já foi maior, mas ainda é considerado desastroso —uma vez que o presidente não consegue recuperar um de cada cinco eleitores que já demonstraram afinidade com seu projeto.

Uma notícia ainda pior para Bolsonaro está do outro lado da arena: 19% dos entrevistados que declaram ter votado em Bolsonaro em 2018 estão com Lula no primeiro turno de 2022. A adesão desse grupo ao petista parece sólida, já que o percentual se mantém no mesmo patamar desde dezembro do ano passado.

Os dados apontam que Bolsonaro obteve o retorno de eleitores que estavam indecisos ou flertavam com candidaturas alternativas de direita, mas também viu uma fatia considerável se aninhar com seu principal adversário. Virar esses votos é uma tarefa quase impossível.

A desconexão dos eleitores com o Bolsonaro de 2022 é tão significativa que uma parte deles não vota no presidente nem para evitar uma vitória de Lula. Nas simulações de segundo turno, 23% dos bolsonaristas de 2018 escolhem o petista.

Bola na bochecha da rede

Ruy Castro

Volta e meia alguém faz um dicionário de futebol, incorporando as últimas expressões. E é bom que assim seja, porque poucos universos são tão ricos em dizer coisas velhas de um jeito novo. Um torcedor de 1999 que tenha dormido na virada do milênio e só acordado agora não entenderá metade do que os narradores e comentaristas dizem hoje ao microfone na transmissão de uma partida. Para o benefício desse hipotético, embora improvável, torcedor, aí vai um pequeno glossário das falas atuais.

A bola de futebol não é mais o velho balão de couro, que alguns chamavam de redonda, outros de menina e às vezes ia dormir no véu da noiva, digo rede. Aliás, a bola nem é mais de couro. Continua redonda, mas ganhou uma riqueza facial digna de uma diva do teatro. Entre outras coisas, tem cara e orelha —ou assim os locutores se referem a um chute certo, "na cara da bola", ou torto, que pegou "na orelha da bola". A rede, por sua vez, agora tem bochecha —um chute bem colocado é o que vai para a "bochecha da rede".

Ninguém mais joga bem —"faz bom jogo". Ninguém mais entra em campo —"vem pro jogo". E ninguém mais sai —"vai embora". A "marcação alta", de que tanto se fala, é só a antiga marcação por pressão, quando os nossos atacantes vão infernizar a saída de bola do adversário. A "marcação baixa" é a velha retranca ou o velhíssimo ferrolho. O críptico "jogar entre linhas" é apenas receber a bola nas costas do adversário.

Garrincha, hoje, não seria um ponta, mas um "extremo" ou, coitado, um jogador "de beirada". E "camisa pesada" não é mais aquela antiga, de pano, que, quando chovia durante o jogo, absorvia água à beça e o jogador penava para carregar no corpo. Agora é apenas a camisa de qualquer time grande, talvez pesada de títulos.

São só novas frases feitas, como se vê. E, como sói, em breve tão antiquadas e fora de moda quanto chamar goleiro de quíper.

Entre baderna e arruaça

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

Golpe de Estado anunciado é coisa do arco-da-velha. Sob risco de os figurantes terminarem na cadeia, a ausência de segredo sempre aconteceu em países politicamente instáveis e com infausta tradição de golpes, como a Bolívia: nada menos que 36 desde a Independência.

A derrubada de governantes dispensava boca de siri, era virtual flagrante delito. Mariano Melgarejo foi o presidente de maior duração no cargo (1864-1871), mas reza a lenda que dificilmente saía do palácio: os adversários moravam perto, à espera de uma chance para entrar e tomar o poder.

Mantidas as diferenças, porém, é espantoso que um país com a importância econômica e a grandeza territorial do Brasil tenha de mobilizar-se, em pleno terceiro milênio, contra um golpe anunciado. É o que tem feito a sociedade civil. A cerimônia de posse na presidência do TSE não foi um ato burocrático, como de praxe, mas um forte recado cívico. As cartas e os manifestos em defesa do Estado de Direito rompem, como uma vibrante celebração da democracia, a marcha batida de uma cena golpista que não tem tido sequer pudor cívico em se anunciar.

Em nada destoa a palavra pudor, tomada como sensibilidade de moral e política para o que deve ser levado a sério, como a Constituição e o respeito à cidadania moderna.

"Moderno", definia magistralmente Roland Barthes, é saber o que não é mais possível. Senão, saber que não existe democracia sem democratas, isto é, sem pessoas capazes de, assumindo a condição plena de cidadãos, agirem de modo ativo e responsável. Não há mais lugar na história republicana para assalto de lobos ao poder. Já bem avisado, o golpe de 2016 no Brasil vestiu a pele de cordeiro do "lawfare". Levou a melhor o "fermento dos fariseus" (Evangelho de Lucas), que é a hipocrisia. Não deu certo na Bolívia: o mais recente terminou detrás das grades.

Daí o espanto frente aos persistentes uivos de matilha, tão singulares que pedem ser caracterizados, à moda antiga, como coisa de farta-velhaco. Começando pela premissa religioso-integrista de que "homem da casa" é rei.

Ungido "mito", um imponderado desses quer reinar, o que é incompatível com a República. Então chora, apela a Deus e aos broncos de todos os segmentos. Mas o espírito é de bando, onde a meta é a capilaridade do caos, a intimidação pela arruaça ou pela baderna, e não se distingue paisano de fardado.

Este sinônimo de desordem também é do arco-da-velha, pois Maria Baderna, origem do termo, era a italiana bonita por quem os apaixonados se batiam na época áurea da carioca rua do Ouvidor. Arruaça permanece atual, talvez seja a palavra mais adequada a se trocar por golpe anunciado.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

A reeleição consecutiva de parlamentares

Limitação reduziria desigualdade na competição

Gabriela de Brelàz e Marco Antonio Carvalho Teixeira

Doutora em administração pública pela FGV Eaesp (Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getulio Vargas), é professora da Unifesp

Cientista político, é doutor em ciências sociais pela PUC-SP e professor da FGV Eaesp

Diariamente, ficamos chocados diante de fatos que envolvem decisões políticas e que claramente se constituem em uso privilegiado de dinheiro público. Vive-se um processo de naturalização de situações que antes eram consideradas absurdas e que já serviram, inclusive, para a abertura de processos de impeachment e impedimento de candidaturas em diferentes níveis de poder, do nacional ao subnacional.

Presenciamos um enorme retrocesso em termos de transparência da execução do Orçamento público, um ganho democrático que vinha se consolidando de maneira incremental desde a Constituição de 1988.

Criou-se a figura do orçamento secreto para distribuir emendas a parlamentares, busca-se torná-lo impositivo reduzindo a capacidade dos governos em produzir políticas públicas, além das manobras para torná-lo ultrassecreto e a permissão para mudanças no objeto da emenda no município beneficiado em pleno ano eleitoral. Publicamente se assume, sem nenhum temor, que tais recursos, alocados de forma nebulosa, são utilizados para comprometer parlamentares com o governo e para que estes consolidem ou ampliem suas lealdades eleitorais.

Lembremos de um presidente da Câmara dos Deputados que pediu "uma diretoria que fura e acha poço de petróleo" para apoiar o governo. Não podemos esquecer de outro que era tido como alguém que apadrinhava recursos de financiamento de campanha, ainda privado, e com isso mantinha uma bancada parapartidária em seu apoio.

O que havia em comum entre esses dois: a longevidade dos mandatos consecutivos. O primeiro estava no terceiro mandato ininterrupto, quando renunciou após ser envolvido em escândalo de corrupção. O segundo estava no exercício do seu quarto mandato consecutivo, quando foi cassado por quebra de decoro em relação a contas na Suíça investigadas pela Operação Lava Jato. Um exemplo mais extremo foi o outro presidente da Câmara, entre 1993 e 1995, que estava no seu décimo mandato contínuo quando chegou ao comando da Casa. Tais situações se repetem nos Legislativos subnacionais.

O instrumento do orçamento secreto pode servir também para consolidar o poder do atual presidente da Câmara, que busca seu quarto mandato consecutivo de deputado federal neste ano e, com isso, ficar mais um período no comando da Mesa da Casa. Um caminho para enfrentar esse problema é discutir a limitação da reeleição consecutiva dos parlamentares, usando o mesmo critério que já existe para os mandatos do Poder Executivo (eleição e reeleição). Esse não é um debate novo. Nos EUA, 15 estados adotam algum tipo de restrição a mandatos consecutivos para deputados estaduais. Os estados americanos têm uma grande autonomia para legislar, podendo inclusive tratar do sistema eleitoral e de regras políticas. O México, que durante algum tempo proibia a reeleição imediata de parlamentares, acabou derrubando tal veto em 2013, mas limitou a reeleição de deputados a três mandatos consecutivos.

Uma das poucas formas de termos tais entrantes no processo político, o que é saudável para a democracia, é limitando o número de mandatos consecutivos. A limitação propiciaria menos desigualdade na competição e permitiria a formação de mais quadros que, naturalmente, devido à concorrência, teriam que se preparar para a função.

Difícil acreditar que tal iniciativa viria da classe política porque ativos como emendas parlamentares são moedas valiosas para a reeleição e ficam sob o comando dos mais longevos no poder. Raramente uma reforma política no Brasil não tem sido feita em benefício de quem já tem mandato, ampliando as dificuldades de novos entrantes. A forma como os partidos decidem a alocação dos recursos do Fundo Eleitoral também vai nessa direção. Os parlamentares só vão encaminhar mudanças que lhes retirem privilégios por meio de uma grande pressão social. O caminho para mais democracia, mais debates de ideias e mais republicanismo começa na sociedade.

Não há como negar que vivemos uma crise política que é longa e que deteriora a confiança nas instituições. Todavia, a única saída para essa crise é fazer política, é debater publicamente à luz do dia e construir saídas conjuntas, sem orçamento secreto e com maior engajamento social.

Fido Nesti

A OCDE e um Brasil que não existe

País real vive desmanche ambiental e democrático

No plano divulgado em junho pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) para a adesão do Brasil ao bloco, o chamado "roadmap", a entidade se dispõe a acolher um Brasil que não existe. Um Brasil que não existe em 2022, e que, se mantido o atual cenário de desmonte da governança ambiental, do sistema de proteção dos direitos humanos, da transparência e da integridade pública, e de outros pilares da democracia, será apenas uma aspiração.

O Brasil imaginado segundo o "roadmap" deve estar alinhado com a preservação de valores da democracia e do Estado de Direito, a defesa dos direitos humanos, a proteção do planeta e o esforço de não deixar ninguém para trás. Além de descumprir requisitos gerais, o Brasil real, comandado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), vai na direção contrária de exigências específicas.

No campo ambiental, a OCDE cobra do Brasil políticas efetivas para zerar suas emissões de gases de efeito estufa, acabar com o desmatamento e perda de biodiversidade, respeitar os direitos de povos indígenas e comunidades locais, fortalecer os órgãos ambientais e investigar e punir intimidação e atos de violência contra defensores ambientais. No Brasil real, a taxa de desmatamento da Amazônia Legal foi a maior em 15 anos, e órgãos como Ibama e Funai perderam autonomia e capacidade de atuação, e as ações de fiscalização sofreram reduções drásticas.

O Brasil desejado pela OCDE tem sólida estrutura de governo, que fortalece de maneira contínua a confiança na democracia e nas instituições, que atuam com independência. O Brasil real está mergulhado em intimidações, em campanhas de desinformação promovidas pelo presidente e ataques constantes contra os que defendem a democracia.

O Brasil do "roadmap" promove transparência e "accountability". E protege e promove o espaço cívico. O Brasil real nos faz rever, a cada dia, nossos conceitos de impossível, insuportável e intolerável.

Casos recentes atestam como o Brasil imaginado pela OCDE está a léguas de distância do Brasil real. Bilhões de reais do orçamento federal são empregados sem qualquer critério técnico, transparência ou controle, à disposição de aliados. O presidente da República se vangloria de destruir a capacidade de fiscalização dos órgãos ambientais e ataca sistematicamente o sistema eleitoral. O procurador-geral da República se alinha ao presidente.

E, escancarando o Brasil real, aquele que massacra ativistas, defensores do meio ambiente e quem mais luta pelo Brasil imaginado, o jornalista Dom Phillips e o indigenista Bruno Pereira foram assassinados na Amazônia, enquanto trabalhavam para proteger a floresta e as populações indígenas.

No contexto atual, é fundamental que o processo de adesão à OCDE seja criterioso e transparente e não se restrinja às informações oficiais produzidas pelo governo. Um processo plural, que incorpore visões de atores independentes não estatais, terá mais chances de enxergar o Brasil real e, ainda mais importante, avançar na construção do Brasil imaginado.

Bruno Brandão, diretor-executivo da Transparência Internacional Brasil; **Denise Dora**, diretora regional da Artigo 19 Brasil e América do Sul; **Mauricio Voivodic**, diretor-executivo do WWF-Brasil; e **Paulo Abrão**, diretor-executivo do Washington Brazil Office

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Desembargador

"Desembargador diz que Moraes fez declaração de guerra e anuncia aposentadoria durante sessão" (Política, 19/8). Se um desembargador acha que a defesa da democracia é algo inapropriado, é melhor estar longe de qualquer processo. Fez um papel ridículo, mas provavelmente de caso pensado, talvez para se candidatar nas próximas eleições.
Fernando Cândido (Campinas, SP)

*

Aparentemente a causa da revolta do desembargador se chama democracia. Melhor é ir embora mesmo.
Nivaldo Villela (Rio de Janeiro, RJ)

Saúde

O editorial "Quem paga o piso?" (Opinião, 19/8) deixa de considerar fato amplamente conhecido e pouco mencionado: o orçamento de saúde é o segundo maior do mundo em recursos. A pergunta certa deveria ser: para onde vai tanto dinheiro? Vendo que a maioria dos serviços de saúde é insuficiente ou francamente deficitário, que os profissionais da área são mal remunerados, que hospitais públicos e filantrópicos vivem flertando com a inadimplência e que a saúde privada cresce assustadoramente, parece óbvio que esses dinheiros não vão para onde deveriam ir.
Gustavo A. J. Amarante (São Paulo, SP)

Ditadura

É um alívio saber que 3/4 da população brasileira são contrários a uma ditadura, mas a distribuição de tal opinião entre eleitores de Lula e Bolsonaro revela um desconhecimento sobre as posições diametralmente opostas de ambos, uma vez que a posição golpista do presidente está umbilicalmente ligada à ditadura.
Adilson Roberto Gonçalves (Campinas, SP)

Impostos

A decisão do governo de Jair Bolsonaro de ampliar a isenção de impostos para seus apoiadores pastores evangélicos é discriminadora e tem fins puramente eleitoreiros. Na qualidade de assalariado, vítima da escorchante tabela do Imposto de Renda não reajustada em seu período de governo, reivindico o mesmo tratamento dado a seus correligionários e abastados pastores.
Sylvio Belém (Recife, PE)

Primeiras-damas

Como o primeiro adjetivo que o leitor João Paulo Zizas (Painel do Leitor, 18/8) menciona como característica de uma primeira-dama é a beleza, já dá para calcular a ordem de importância que o leitor dá às qualidades de uma pessoa.
Mônica Zenha (São Paulo, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 13 a 19.ago - Total de comentários: **14.623**

Comentários	Tema	Data
333	Painel gigante para 7 de Setembro em Porto Alegre associa esquerda a bandido e PCC (Política)	13.ago
303	Bolsonaro é chamado de 'tchutchuca do centrão' e se envolve em confusão no Alvorada (Política)	18.ago
263	Não gostaria de ter que escolher entre Lula e Bolsonaro, diz Vargas Llosa (Ilustríssima)	13.ago

ASSUNTO VOCÊ, LEITOR DA FOLHA, ACHA QUE O BRASIL É UM ESTADO LAICO?

Sim. Está bem clara essa separação entre Estado e religião na Constituição. E cabe lembrar que essa separação já nasce na primeira Constituição republicana, de 1891, seguindo os legados da Revolução Francesa.
Luiz Gustavo de Almeida Silva (Rio de Janeiro, RJ)

*

O Brasil nunca foi um Estado laico. Se antes era o catolicismo que ajudava a ditar nossas leis e costumes, vemos um avanço brutal do segmento evangélico. Questões cruciais, como aborto, legalização das drogas e educação sexual, por exemplo, são debatidas mais pela ótica dos dogmas cristãos que pela ciência e estudos sociais
Yuri Akich Rosa da Silva Fermino (São Paulo, SP)

*

O Brasil é um estado teofascista.
Atli Ellendersen (Torshavn, Ilhas Faroe)

*

Se o Estado reflete a sociedade, fica claro que o Brasil nunca foi e não deverá ser no curto ou médio prazo um Estado laico.
Thiago Cury Ribeiro da Silva (Uberaba, MG)

*

Não, pois há promiscuidade entre o Estado e as religiões, a começar pelas isenções de impostos para elas.
Roberto de Barros Freire (Cuiabá, MT)

*

Brasil Estado laico? Que autoridade do Executivo, Legislativo ou Judiciário ousaria defender a laicidade num país dominado pelos mercadores da fé? Aqui, quem ousar enfrentar a Igreja Católica e os neopentecostais certamente será destruído.
Márcio Ribeiro de Campos (Carapicuíba, SP)

*

Não. Existe preconceito com religiões de matriz africana.
Carlos Alberto de Lima Ribeiro (Feira de Santana, BA)

*

Sim, o Brasil é um Estado laico. Entretanto tem uma prática de oportunismo religioso, que é empregada por políticos e lideranças religiosas. Ambos exploram o sagrado diante de uma população religiosa com muito pouca instrução constitucional.
Veroni Friedrich (Maringá, PR)

*

A religião e o Estado sempre estiveram entrelaçados, e os governantes sabem da capacidade dos religiosos de conduzir seus rebanhos.
Ronaldo Luis Gonçalves (Brasília, DF)

*

O Estado é laico, mas a sociedade não. A religião tem muita força no imaginário popular e é a lente pela qual o grosso da nossa população enxerga o mundo. Isso gera distorções entre o funcionamento das instituições e a operacionalização da lei com as expectativas populares.
Mário Francisco de Melo Júnior (Santa Cruz do Capibaribe, PE)

*

Sim, pois nenhuma religião nunca teve influência direta no governo como ocorreu e ocorre em outros países.
Pedro Américo Martins Júnior (Rio de Janeiro, RJ)

*

O Brasil está longe de ser um Estado laico. Um país invadido e colonizado à força por missionários não teria como ser laico. E o fato de o Estado ter sido fundado e baseado na moral cristã está nos levando a um lugar obscuro demais.
Alan Alves Pereira (Uberlândia, MG)

*

Dois fatos, que estão intrinsecamente ligados, desmentem a afirmação de que o Brasil é, na prática, um Estado laico: a imunidade tributária concedida aos templos religiosos e a concessão de canais de rádio e televisão para entidades religiosas.
Marcos Antonio da Silva (Londrina, PR)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

PAINEL

Fábio Zanini
painel@grupofolha.com.br

Extravagância

O Governo de SP vetou plano do Butantan de gastar mais de R$ 300 milhões na construção de prédio de estacionamento e em reformas no centro administrativo. A concorrência para as obras já tinha sido aberta pela entidade, que recuou após o Palácio dos Bandeirantes ter sido pego de surpresa e avaliado que os projetos não estavam no topo da lista de prioridades. A gestão de Dimas Covas no instituto, que produziu a vacina contra a Covid-19, tem sido criticada por falta de interlocução com o governo.

PIANINHO O Instituto Butantan é um órgão público do Governo de SP. Em nota, a Fundação Butantan, entidade de apoio ao instituto e que tem caráter privado, afirma que possui autonomia para realizar as concorrências, mas acrescenta que seguiu a recomendação de interrupção e está à disposição do governo para esclarecimentos.

MALANDRAGEM... Servidores da Anvisa afirmam que as ameaças em razão da vacinação infantil contra a Covid-19 cessaram, mas que os negacionistas apenas mudaram de estratégia. Em fevereiro, eles relataram pelo menos 458 ameaças após a liberação do imunizante para crianças de 5 anos.

...DÁ UM TEMPO Agora, com a agência avaliando a vacinação em bebês a partir de seis meses, não houve tentativas de intimidação. Os antivacina passaram a analisar as notas técnicas da agência para encontrar registros de eventos adversos. Com isso, tentam convencer nas redes sociais que os imunizantes não são seguros.

MANUAL Aliados do presidente Jair Bolsonaro (PL) veem a sabatina do Jornal Nacional na segunda (22) como o primeiro teste crucial da campanha. Ele foi orientado a manter o discurso na cartilha defendida por seus conselheiros mais pragmáticos: melhora na economia, Auxílio Brasil de R$ 600 e acenos ao eleitorado jovem e às mulheres, nos quais sua rejeição é maior.

LA GARANTIA SOY YO O presidente não aceitou participar de um treinamento de mídia porque, segundo um ministro palaciano, não aceita ser moldado. Diz que vai seguir seu "feeling". Por isso, há preocupação com surpresas, como em 2018, quando Bolsonaro começou a falar sobre um inexistente "kit gay" distribuído em escolas públicas.

LIGEIRINHO O presidente da CCJ do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), sinalizou a integrantes do Judiciário que pretende marcar a sabatina dos dois indicados ao STJ para 19 de outubro.

LESMA A sessão deve acontecer, portanto, após o primeiro turno, quando os parlamentares candidatos já terão encerrado suas campanhas. Em 2021, Alcolumbre segurou por quatro meses a sabatina de André Mendonça para o Supremo.

FALAR É FÁCIL Embora a manutenção do Auxílio Brasil de R$ 600 a partir de 2023 conste como compromisso prioritário no programa de governo de Jair Bolsonaro (PL), a equipe econômica só vê espaço para que isso ocorra com uma reforma tributária após as eleições. Os recursos viriam da tributação de lucros e dividendos.

MIRAGEM O problema é que a aprovação de medidas dessa magnitude entre as eleições e o início de um novo mandato não é comum, devido à desmobilização dos parlamentares derrotados. Além disso, a reforma tributária encontrou diversos obstáculos ao longo de todo o governo Bolsonaro.

CANTO DA SEREIA A campanha de Bolsonaro aposta na geração de empregos, mais do que no Auxílio Brasil turbinado e nos vouchers aprovados pela PEC Kamizake, para alavancar os índices do presidente. A criação de postos de trabalho, mesmo com baixa remuneração, é vista como algo que pode ajudar o presidente a recuperar eleitores arrependidos.

NA MIRA Alguns segmentos que receberão especial atenção são os eleitores que avaliam o governo como regular. Neste conjunto, Lula tem 40%, contra 28% do presidente. A meta é ao menos empatar os percentuais. Outro alvo são os 9% que têm avaliação ótima ou boa, mas optam pelo petista.

MAIS EU Vice de Fernando Haddad (PT) na chapa ao governo de SP, Lúcia França (PSB) pediu para não ser apresentada na comunicação da campanha como mulher de Márcio França (PSB), que disputa o Senado. Ela tem sido chamada de "educadora", sem ressaltar o vínculo com o ex-governador.

CAMINHO Lúcia é dona de uma escola na Baixada Santista. A propaganda deve mostrar sua trajetória, com uma infância em situação econômica desfavorecida, passando pela militância em defesa das mulheres.

PREVENIR Representantes da Conib e do Conselho Nacional do Ministério Público discutem acordo de cooperação técnica para detectar e combater discurso de ódio. Entre as pautas estão a indicação de "embaixadores" nos Ministérios Públicos regionais para o tema, a inserção de material educativo em programas e a capacitação para interessados no tema.

com Guilherme Seto, Juliana Braga e Danielle Brant

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital Ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	Venda avulsa dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
352.428 exemplares (junho de 2022)

Mesário vira função de risco com ataques às urnas e violência política

Ofensiva bolsonarista contra sistema eleitoral preocupa convocados para a tarefa e organizações que atuam pela normalidade do pleito

Joelmir Tavares

SÃO PAULO A ofensiva do presidente Jair Bolsonaro (PL) contra o sistema eleitoral e o ambiente de violência política que precede as eleições deste ano vêm espalhando medo entre mesários e preocupando organizações que se mobilizam para que o pleito de outubro transcorra normalmente.

Relatos de convocados para atuar nas seções eleitorais se somam a alertas de observadores, que cobram do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) ações preventivas e um plano de segurança que leve em conta o clima acirrado da corrida presidencial, hoje liderada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Estou inclinado a não trabalhar como mesário, pois nada me tira da cabeça que bolsonaristas invadirão as seções eleitorais e abrirão fogo contra os mesários", escreveu o antropólogo Verlan Valle Neto, 43, em carta publicada no Painel do Leitor, da **Folha**, no mês passado.

A origem das apreensões está na atitude golpista de Bolsonaro, que insufla apoiadores a questionarem a lisura das urnas eletrônicas e sugere desrespeitar o resultado caso perca. Bolsonaristas disseminam conteúdos com falsas alegações de fraude nos equipamentos e na apuração.

O receio de cidadãos que estarão na linha de frente da eleição é o de que a fúria se volte contra eles, com eventuais ameaças, agressões e acusações de manipulação política. Os próprios equipamentos eletrônicos poderiam se tornar alvos de depredação, causando tumultos que desestabilizem o processo.

Em 2018, simpatizantes de Bolsonaro já praticaram intimidações, levantando suspeitas sobre o sistema, e foram votar armados. Vídeos divulgados por eleitores mostraram que alguns chegaram a apertar os botões da urna com o revólver —filmar ou fotografar dentro da cabine é crime eleitoral.

Bolsonaro chegou a propor, há alguns dias, a ideia de filmar eleitores durante o voto em 600 urnas espalhadas pelo Brasil para uma suposta verificação sobre a lisura das máquinas. A sugestão foi criticada pelo alto risco de violação do sigilo do voto, que é garantido pela Constituição.

Valle Neto, o mesário convocado para o pleito deste ano, diz que torce para estar errado, mas prevê casos de violência em locais de votação, ainda que isolados. "Quando falei em bolsonaristas abrindo fogo, coloquei de uma forma um tanto quanto exacerbada uma possibilidade que considero real", afirma.

Ele, que mora em Juiz de Fora (MG) e deu expediente na eleição de 2020, conta ter ouvido conselhos de amigos e decidiu repetir a função. "Fui convencido de que seria importante não deixar a apreensão tomar o controle, o que não significa que ela não esteja presente."

O antropólogo diz que não enfrentou percalços dois anos atrás, mas se deparou com problemas que, no cenário belicoso de agora, podem levar a confusões maiores.

São casos, de acordo com ele, de eleitores que insistem em votar sem documento de identificação ou não sabem usar a urna.

Modelo de urna eletrônica das eleições deste ano Pedro Ladeira - 3.ago.22/Folhapress

> **Não vislumbro eleitores de quaisquer outros candidatos, tanto à direita quanto à esquerda, como uma possível ameaça ao trabalho dos mesários. Só vejo isso no caso dos extremistas de direita, cujo vínculo com Bolsonaro, todos sabemos, é profundo**
>
> **Verlan Valle Neto**
> antropólogo convocado para trabalhar como mesário em Juiz de Fora (MG)

"Não vislumbro eleitores de quaisquer outros candidatos, tanto à direita quanto à esquerda, como uma possível ameaça ao trabalho dos mesários. Só vejo isso no caso dos extremistas de direita, cujo vínculo com Bolsonaro, todos sabemos, é profundo", afirma.

O temor de "fanatismos políticos" também é citado pelo analista de marketing Erick Lima, 28, que hesita sobre a chance de ser mesário novamente. O morador de Manaus, que exerceu a função há dois anos, se diz tenso com a possibilidade de incidentes não só na seção eleitoral, mas também no entorno.

"Querendo ou não, já aconteceu um caso de assassinato político, e é isso o que vem me assustando", afirma ele, referindo-se ao assassinato do dirigente petista Marcelo de Arruda pelo policial penal bolsonarista Jorge José Guaranho, no mês passado, em Foz do Iguaçu (PR).

Mesmo assombrado, Lima diz que atenderá ao chamado da Justiça Eleitoral. Segundo o TSE, cerca de 2 milhões de mesários, entre voluntários e convocados, participarão do pleito em todo o país.

A vulnerabilidade desse grupo entrou no radar de órgãos da sociedade civil que trabalham pela realização das eleições e pelo respeito aos resultados, inclusive em parceria com o TSE. O clamor chegou à chefia da corte, então ocupada pelo ministro Edson Fachin, agora substituído por Alexandre de Moraes.

A "grande preocupação com a integridade física dos servidores e mesários" foi mencionada em um documento levado a Fachin no último dia 8 pela Coalizão em Defesa do Sistema Eleitoral, que reúne mais de 200 entidades. A frente pediu ao tribunal "efetivo planejamento para a segurança".

De acordo com a advogada Tânia Maria de Oliveira, coordenadora da Associação Brasileira de Juristas pela Democracia, que integra a coalizão, as discussões abrangem "a proteção aos trabalhadores em geral nas eleições, inclusive os membros das entidades cadastradas como fiscalizadoras".

No documento entregue a Fachin, o grupo pediu que a corte suspenda portes de armas (exceto de agentes de segurança em serviço) e feche clubes de tiro nos dias anteriores e seguintes às eleições.

O texto diz que os "discursos de ódio proferidos pelo presidente da República e seus seguidores" e a "flexibilização sem precedentes na concessão de registros de armamentos" levam a "um contexto altamente preocupante" para candidatos, eleitores e mesários.

"O risco de lobos solitários praticarem ataques é muito grande", diz Pedro Kelson, coordenador de articulação política do Pacto pela Democracia, coalizão com mais de 200 organizações.

"A resposta do TSE é que a atribuição é dos órgãos de segurança pública estaduais, mais precisamente a Polícia Militar. O problema é que os estados não têm padronização nem transparência nos protocolos para a ocasião. E existe uma questão adicional, que é a politização radicalizada de parte dos agentes."

Segundo Kelson, as entidades pediram reuniões com fóruns de governadores e de secretários estaduais de segurança pública para abordar o assunto. Há queixas nos bastidores sobre demora da Justiça Eleitoral em fixar uma estratégia para a área.

Materiais de treinamento dos mesários que já foram divulgados priorizam questões técnicas e ignoram o tema. Procurado, o TSE não se pronunciou.

No estado de São Paulo, onde mais de 400 mil mesários devem ser mobilizados, a situação é discutida com órgãos de inteligência das Polícias Civil, Militar e Federal, afirma em nota o TRE-SP (Tribunal Regional Eleitoral). As forças "atuarão de acordo com o cenário apresentado durante a votação".

O TRE-SP informa que está "atento aos acontecimentos" e que, assim como em outras vezes, a Polícia Militar "atuará para garantir a segurança de todos os envolvidos no processo eleitoral nos locais de votação". Reclamações de mesários amedrontados não foram registradas, segundo o comunicado da corte.

O tribunal não responde se o risco geral está maior neste ano. Afirma que "cada eleição tem as suas características e os seus desafios" e que acredita que esta "transcorrerá dentro da normalidade". Diz ainda que as orientações sobre segurança aos mesários são as mesmas, mas não entra em detalhes.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

O golpe no WhatsApp

'Velha mídia' dá pouca atenção à conversa conspiratória do PIB bolsonarista

José Henrique Mariante

A eleição deste ano será pródiga em confusões e boas histórias, como a do agarrão constrangedor de Jair Bolsonaro no youtuber que o chamou de "tchutchuca do centrão". Ou a da ovação às urnas eletrônicas na posse de Alexandre de Moraes no TSE, outro momento de pouco brilho do presidente na última semana. Não é o excesso de fatos, no entanto, que explica a falta de empolgação da imprensa com a excelente reportagem do Metrópoles sobre diálogos subversivos em um grupo de WhatsApp de empresários bolsonaristas. Nele se discutia o golpe com a desenvoltura de quem prega uma reforma tributária.

Na quarta-feira (17), boa parte da imprensa nacional comentava o dia seguinte da sessão no tribunal, o encontro dos antípodas, os inúmeros recados dados pelo ministro em seu discurso, os aplausos da maioria e o esforço de estátua dos bolsonaristas. Além, é claro, da demonstração explícita de "expectativa de poder", termo cunhado por mais de um analista para explicar a calorosa recepção do salão a Luiz Inácio Lula da Silva.

Falava-se também de uma espécie de confirmação político-jurídica dos atos de 11 de agosto. As manifestações da sociedade civil, expressas nas Cartas organizadas pela São Francisco e pela Fiesp, foram referendadas pelos Poderes, ali representados por seus dirigentes máximos. A democracia é a única alternativa, as urnas são confiáveis, quem for contra isso ou produzir fake news para desmoralizar o processo eleitoral será punido de modo célere e implacável, sentenciou Moraes no púlpito.

O Estado Democrático de Direito, enfim, exibia boa forma. A percepção durou pouco, apenas até o fim da tarde, horário em que o Metrópoles publicou sua reportagem. Em um grupo recheado de poderosos do PIB bolsonarista, a conversa ia em direção diametralmente oposta: um golpe de Estado se faz necessário se Lula ganhar. "Prefiro golpe do que a volta do PT." "Quero ver se o STF tem coragem de fraudar as eleições após um desfile militar na avenida Atlântica com as tropas aplaudidas pelo público." "O golpe teria que ter acontecido nos primeiros dias de governo." "Golpe foi soltar o presidiário!!! Golpe é a velha mídia só falar merda."

A "velha mídia" falou da merda, mas com inexplicável moderação. Teve gente que nem tocou no assunto, como o Jornal Nacional. A **Folha** *só entrou na história na quinta-feira (18), quando o teor da reportagem inevitavelmente surgiu em uma coletiva improvisada de Bolsonaro. Ainda assim, pela negativa do mandatário, com enunciado que se encaixaria em qualquer corrente bolsonarista: "Bolsonaro diz que empresários que defendem golpe é notícia falsa".*

O assunto ganhava alguma tração nos sites noticiosos, mas logo o presidente se transformou em "tchutchuca", e a preocupação com o Estado de Direito se curvou à blague. Dos quatro grandes jornais do país, apenas **Folha** *e O Estado de S.Paulo levaram o assunto ao impresso em forma de reportagem. A* **Folha** *ainda precisou de Reinaldo Azevedo para registrar o assunto indiretamente na Primeira Página. Os colunistas, diga-se, entenderam o tamanho da notícia.*

Em entrevista ao Painel S.A., Marcos Cintra, ex-secretário da Receita e candidato a vice na chapa presidencial da União Brasil, naturalizou o golpismo explícito. Membro do grupo de WhatsApp, disse que ele serve para "jogar conversa fora". "Parece que alguém entrou nesse comentário de que preferia ter golpe a Lula ou ao PT. Mas acabou, e ninguém comentou mais nada. Um ou outro riu e continuou assim mesmo." Cintra reclamou da proporção que a coisa tomou, com pedidos de investigação no STF. "Que sociedade é essa em que estamos vivendo?" Uma que não aceita golpe, nem de brincadeira?

Segundo o Metrópoles, também estão no grupo, entre outros, Luciano Hang (Havan), Afrânio Barreira (Coco Bambu), José Isaac Peres (Multiplan), José Koury (Barra World Shopping), Ivan Wrobel (W3 Engenharia) e Marco Aurélio Raymundo (Mormaii), autores de algumas das frases reproduzidas parágrafos acima. Outro integrante, Meyer Nigri (Tecnisa), de acordo com a reportagem, repassou textos de terceiros com ataques ao STF e em defesa da contagem paralela de votos. "Só repassei um WhatsApp que recebi", disse o empreiteiro no outro lado.

Tomar cuidado ao repassar mensagens é a regra número um contra fake news. E atentar contra o Estado Democrático de Direito é crime, lembrou Dias Toffoli, na sexta-feira (19), ao lado de Ciro Nogueira, Arthur Lira e Rodrigo Pacheco.

Esta coluna se repete, o golpe está em curso. É obrigação da imprensa, da mídia, velha, nova, de meia ou zero idade, não desperdiçar qualquer oportunidade de denunciá-lo. Ainda que fosse só "uma conversa", a democracia ali saiu do grupo.

Bolsonaro afirma que respeitará o resultado das urnas se não for reeleito

No RJ, presidente fica às margens da Dutra para cumprimentar apoiadores que faziam motociata

Yuri Eiras e Thiago Resende

RESENDE (RJ) E BRASÍLIA No primeiro fim de semana de campanha, o presidente Jair Bolsonaro (PL) esteve em Resende (RJ), onde foi recebido na manhã deste sábado (20) por uma motociata. Por mais de uma hora, ele ficou parado às margens da via Dutra para acenar e cumprimentar os seus apoiadores.

A motociata começou por volta das 7h na cidade vizinha de Volta Redonda (RJ), a cerca de 50 km de Resende.

Em vídeo publicado nas redes sociais, o presidente diz que a motociata foi espontânea e afirma que respeitará o resultado da eleição caso seja derrotado em outubro.

"Passaram mil motos em apoio a gente. A gente fica muito feliz com essa manifestação espontânea por parte da população. E a gente está nessa empreitada buscando a reeleição, se esse for o entendimento. Caso contrário, a gente respeita. Mas a nossa democracia, nossa liberdade acima de tudo", declarou.

O entorno do presidente tenta reduzir o tom golpista das declarações dele durante a campanha e melhorar a relação com o TSE (Tribunal Superior Eleitoral), sob comando do ministro Alexandre de Moraes.

Nesta semana, enquanto Moraes era ovacionado durante fala em defesa do sistema eleitoral e das urnas eletrônicas, em sua posse como presidente do TSE, Bolsonaro não aplaudiu o ministro.

O presidente costuma atacar as urnas eletrônicas e insinuar que tribunal pretende fraudar o pleito deste ano.

Alinhados a Bolsonaro, militares cobram mudanças em procedimentos de fiscalização das eleições. As Forças Armadas estão na lista de entidades de fiscalização do processo eleitoral.

Bolsonaro esteve em Resende para participar da cerimônia de entrega da Espada de Duque de Caxias aos cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), evento de formatura dos aspirantes a oficiais do Exército. O presidente foi aluno da Aman e concluiu o curso em 1977.

Antes da cerimônia, por volta das 9h30, ele saiu do Hotel de Trânsito da Aman e foi até a rodovia por onde passava a motociata.

Bolsonaro durante cerimônia de formatura dos aspirantes a oficiais do Exército, em Resende Eduardo Anizelli/Folhapress

> A gente está nessa empreitada buscando a reeleição, se esse for o entendimento. Caso contrário, a gente respeita. Mas a nossa democracia, nossa liberdade acima de tudo
>
> **Jair Bolsonaro**
> em vídeo publicado nas redes

Na agenda de compromissos em Resende, Bolsonaro foi acompanhado pela primeira-dama, Michelle Bolsonaro, pelo filho, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), além dos ministros Victor Godoy (Educação) e Anderson Torres (Justiça). O ex-piloto Nelson Piquet, tricampeão mundial de F1, também esteve com o presidente.

Durante a cerimônia, Bolsonaro dividiu palanque com Walter Braga Netto, candidato a vice na chapa do presidente, o atual vice Hamilton Mourão (Republicanos), candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul, e o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello (PL), candidato a deputado federal pelo Rio de Janeiro. Os três são generais do Exército.

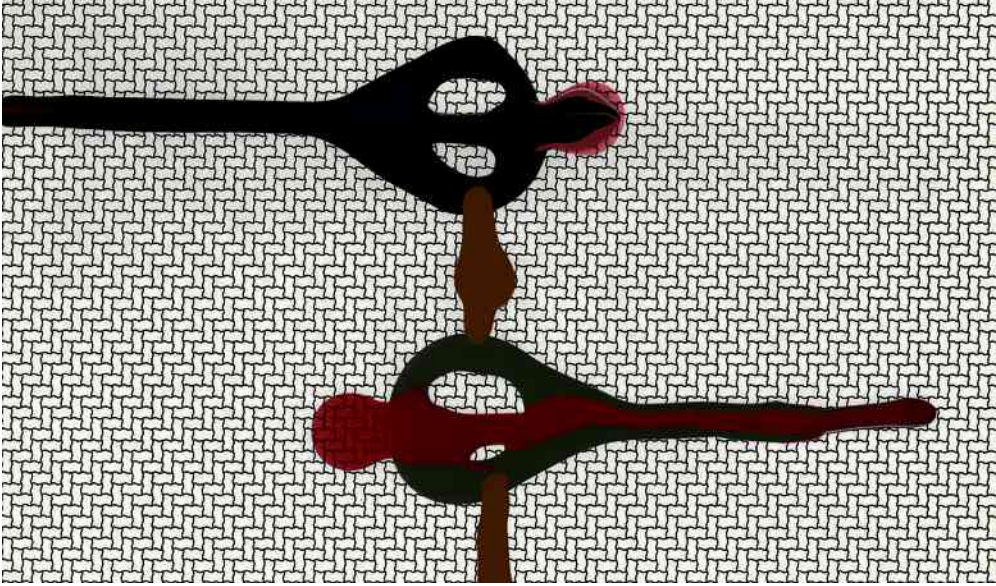
Bolsonaro saiu da Aman em 1977 e deixou o Exército em 1988 como capitão reformado, após ser absolvido pelo Superior Tribunal Militar num caso em que foi acusado de planejar um atentado terrorista.

O presidente comparece a todas as edições do espadim da Aman desde que assumiu o Palácio do Planalto.

Durante a solenidade, o espadim de Duque de Caxias foi entregue pelas mãos do presidente a Lucas Cremonese Jaeger, 20, escolhido por ser o destaque da turma de cadetes. Os outros formandos receberam o espadim das mãos de seus familiares.

A cerimônia teve a participação de 395 cadetes da Aman, 15 deles de nacionalidade estrangeira e 33 mulheres. Fundada em 1810, a instituição passou a aceitar mulheres apenas em 2018.

"Ao internalizar o nosso código de honra representado no culto à verdade, à lealdade, à probidade e à responsabilidade, vocês materializam o que a sociedade brasileira espera de seu Exército. Prossigam nessa senda de dignidade", disse o general João Felipe Dias Alves, comandante da Aman.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Juliana Freire

O preço dos agrotrogloditas

O pária arrisca ajudar o bloqueio da exportação de soja

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Em novembro reúne-se no Egito a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente, a COP-27. Com um governo influenciado pelos agrotrogloditas que desmatam o país e hostilizam as causas ambientais, o Brasil tornou-se saco de pancadas do mundo. Um pária orgulhoso, nas palavras do ex-chanceler Ernesto Araújo. Talvez convenha alertar a inerte burocracia federal que arma-se um bote ambiental contra o agronegócio brasileiro na COP-27.

Na COP-26, realizada em Glasgow no início do ano, o governo americano pediu sugestões para a redução do aquecimento global. Chegou ao Fórum de Commodities Agrícolas, que congrega os grandes compradores e vendedores mundiais de grãos, uma sugestão da Tropical Forest Alliance. A ideia é levar à COP-27 uma proposta antecipando de 2030 para 2025 a meta de desmatamento zero no cerrado. A partir de janeiro de 2026 as grandes empresas e companhias de comércio exterior não comprariam mais grãos (leia-se soja) vindos de áreas ambientalmente críticas. Isso tudo sem que o governo e os empresários brasileiros tenham sido ouvidos nem cheirados.

Pelo regime de hoje, um empresário é obrigado a preservar 35% de sua área. Com a antecipação, ferra-se quem comprou terra ou começou seu negócio no cerrado, programando-se para cumprir as regras em 2030. Com um governo que tolera o desmatamento ilegal, vai-se avançar sobre o desmatamento legal.

Se Bolsonaro e os agrotrogloditas continuarem tratando o meio ambiente como um problema exclusivamente doméstico, a proposta de antecipação irá em frente.

Isso nada tem a ver com a Amazônia, onde a plantação de grãos é irrelevante. O que vai para o tabuleiro é o cerrado. Sem floresta luxuriante, é um bioma que precisa ser protegido, até porque, entre 1985 e 2020, ele perdeu cerca de 13% de sua vegetação nativa.

Metade da exportação brasileira de soja vem do cerrado. Como não há diálogo entre o governo e as entidades ambientais que defendem o bioma, arrisca-se chegar a uma situação em que, seguindo uma possível recomendação da COP-27, essa antecipação da meta resulte num boicote às exportações de parte da soja do cerrado a partir de janeiro de 2026.

O ministro Paulo Guedes poderá continuar achando que a mulher do presidente francês é feia ou ligar o que bem entender, mas compradores como o Carrefour não negociarão com derivados da soja do cerrado.

O grosso do moderno agronegócio brasileiro afastou-se dos agrotrogloditas, mas são eles quem dão cartas em Brasília. Mandam muito em seus favorecidos e mandam nada em reuniões como a COP ou em entidades como o Fórum de Commodities Agrícolas.

Nessas instâncias o governo brasileiro pode ser ouvido e seria um negociador legítimo. Perdeu legitimidade porque quis, quando preferiu jactar-se de ser pária. Na questão da Amazônia foi um pária orgulhoso e acabou confundido com o crime organizado.

O bioma do cerrado pode e deve ser defendido com uma negociação que preserve o meio ambiente e a produção nacional de soja de agroempresários dispostos a cumprir as leis nacionais e a prestar atenção nas combinações internacionais.

De novo, o sinal de Minas

Depois da pesquisa do Ipec veio a do Datafolha e repetiu-se o sinal de Minas Gerais. Lá, onde o governador Romeu Zema afastou-se de Bolsonaro, e disputa a reeleição, tem 47% das preferências, contra 23% de Alexandre Kalil.

Em Minas, Lula tem a maior vantagem sobre Bolsonaro, 49% x 29%, entre os três maiores colégios eleitorais.

Se em 2018 o prefixo Bolso ajudava candidatos como João Doria, em 2022 é a sua ausência que se manifesta eficaz.

A força de Alexandre

O ministro Alexandre de Moraes encorpou ao assumir a presidência do Tribunal Superior Eleitoral numa cerimônia de inédito prestígio.

Num efeito lateral, cresceu sua ascendência sobre os pares do Supremo Tribunal, coisa que já vinha sendo sentida havia meses.

Receita de Heleno

O incidente de Bolsonaro com Wilker Leão poderia ter sido evitado se os agentes do Gabinete de Segurança Institucional cumprissem os protocolos do ofício.

Para evitar novos barracos, Bolsonaro poderia seguir a receita do general da reserva Augusto Heleno, chefe do GSI: Lexotan na veia.

Tarcísio procura veneno

Tarcísio de Freitas foi um aluno estelar no Instituto Militar de Engenharia, passou pelo Ministério da Infraestrutura de Bolsonaro sem se misturar com maluquices e é candidato a governador de São Paulo. Com uma biografia dessas, parece estar numa farmácia procurando cápsulas de veneno.

Defendendo sua candidatura diante da maledicência que, por ser carioca, o qualifica como forasteiro, disse o seguinte:

"Vai precisar um cara de fora de São Paulo chegar aqui e concluir o Rodoanel. Vai precisar de um cara de fora de São Paulo chegar aqui e fazer o metrô andar. Vai precisar de um cara de fora chegar aqui e levar a sério a questão do saneamento básico, da despoluição do rio Tietê, do Pinheiros".

Esqueceu-se de quem vive e vota em São Paulo.

Poderia ter dito que foi a turma de fora que ajudou a construir o estado. Em 1886, um em cada quatro moradores da cidade de São Paulo era estrangeiro. Nessa época trabalhava como pedreiro o avô italiano do professor Delfim Netto e vivia em Campinas um bisavô alemão de Jair Bolsonaro. Na leva seguinte, o pai de Lula, vindo de Pernambuco, carregava sacas de café em Santos. Em 1952 foi o próprio Lula quem chegou. Ele era um dos 250 mil migrantes daquele ano.

Nenhum estado brasileiro precisa de forasteiro-salvador.

Curió espera um ficcionista

Morreu, aos 87 anos, Sebastião Rodrigues de Moura, o "Major Curió" da Guerrilha do Araguaia nos anos 70, da mina de ouro de Serra Pelada dos 80 e patrono do município de Curionópolis nos anos 90.

Esse personagem participou do assassinato de guerrilheiros que em 1974 se rendiam às tropas do Exército. Começou no Centro de Informações do Exército, migrou para o Serviço Nacional de Informações. Liderou a maior revolta popular ocorrida na Amazônia comandando os garimpeiros. Entrou na política, passou por sete partidos e elegeu-se deputado federal em 1982 apoiando a ditadura. Em 2000 tornou-se prefeito de Curionópolis pelo PMDB, partido que nasceu opondo-se à ditadura.

A vida de Curió, com as execuções de prisioneiros rendidos, foi contada pelo repórter Leonencio Nossa no livro "Mata! O Major Curió e as Guerrilhas no Araguaia".

Macunaíma foi um herói sem caráter na mão de Mário de Andrade. Curió é um emblemático personagem da segunda metade do século 20 à espera de um ficcionista. Ele era capaz de mentir do primeiro ao último minuto de um almoço de duas horas.

Numa de suas últimas aparições públicas, visitou Jair Bolsonaro no Planalto, e a Secretaria de Comunicação classificou-o como um dos "heróis" do Brasil.

Desembargador critica Moraes e anuncia aposentadoria no DF

Ranier Bragon

BRASÍLIA O vice-presidente e corregedor do TRE (Tribunal Regional Eleitoral) do Distrito Federal, Sebastião Coelho da Silva, anunciou aposentadoria na sexta-feira (19), durante a sessão do plenário, afirmando que a atitude era uma reação à sua insatisfação com o Supremo Tribunal Federal e com o discurso de posse de Alexandre de Moraes no TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Silva, que também é desembargador do Tribunal de Justiça, disse que Moraes fez uma "declaração de guerra ao país" em sua fala diante do presidente Jair Bolsonaro (PL), em vez de buscar conciliação.

"Vão me perguntar: 'Por que você vai se aposentar, Sebastião Coelho da Silva'? E eu respondo: sr. presidente, colegas, eu há muito tempo, e eu não posso falar outra palavra, preciso tomar cuidado com elas, há muito tempo não estou feliz com o Supremo Tribunal Federal", afirmou.

Ele disse que esteve na posse de Moraes e afirmou que esperava que o novo presidente do TSE aproveitasse a presença dos ex-presidentes da República, dos principais candidatos e de Bolsonaro "para fazer um conclamação de paz".

"Mas, ao contrário, [...] fez uma declaração de guerra ao país", discursou. O presidente do TSE não quis comentar.

TEMPO DE NEVE NO CASTELO SAINT ANDREWS

GRAMADO-RS

O Castelo Saint Andrews é referência na hotelaria de alto padrão na América Latina e membro Relais & Châteaux de hotéis de luxo. Contamos com 3 tipos de acomodações exclusivas, sendo 11 suítes no Castelo, 8 suítes no Mountain e 3 suítes na Mountain House. Dispomos de jardins encantadores, linda vista para o Vale do Quilombo, restaurante Primrose e adega gourmet - premiados por sua excelente carta de vinhos, menus degustação 4 e 6 tempos, boulangerie, espaço fitness, piscina aquecida, sauna, spa e cigar lounge.

Hospedagens: de 2 a 7 noites incluímos transfer privativo, welcome drink na chegada, massagem escalda pés, serviços de concierge e mordomo, amenities Bvlgari, café da manhã menu degustação com horário livre, chá da tarde tradicional inglês*, jantar menu surprise do chef e jantar temático harmonizado, noite de pizzas gourmet*, terapia relaxante**. Visitas: Vinícola Jolimont com degustação**, Cristais de Gramado, Geo - Museu de Pedras Preciosas. Programações Extras (opcional): Ingressos Vip do Natal Luz de Gramado e passeio pelo Vale dos Vinhedos.

Restaurante Primrose

Salas de Jantar e Estar

Experiências gastronômicas harmonizadas com os melhores vinhos do mundo!

Vide site nossa programação completa de Setembro a Março, incluindo Natal e Réveillon com encantador **Show Som & Luzes** no Castelo. Veja também a programação de **Férias de Verão 2023**. Janeiro - **Mês das Hortênsias** nos jardins do Castelo. Fevereiro - **Vindima Experience** e o **Carnaval Veneziano**. Faça sua reserva!

Mountain House - 500m²
Uma Casa exclusiva, dentro do complexo do Castelo!

Com garagem privativa, hall, salas de jantar e estar, cozinha completa, suíte master com vista maravilhosa do Vale do Quilombo e 2 suítes loft. Você conta ainda com serviços exclusivos do hotel como: Mordomos, Camareiras, Concierges e Exclusivo Chef que irá preparar refeições a seu gosto.

Reservas e informações: (54) 3295-7700 / 99957-4220 (ou seu agente de viagens) | castelosaintandrews | saintandrews.com.br

(* somente para hospedagens de 4 e 7 noites / ** somente para hospedagem com 7 noites)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

De demônios e de almas

Cobrança de comprovante e o suborno do eleitor são a mesma fraude

Janio de Freitas
Jornalista

O grupo de empresários adeptos do golpe proporciona, à revelia, o elemento decisivo para explicar a campanha contra as urnas e, com isso, comprovar o objetivo de fraude eleitoral de Bolsonaro. Os empresários pró-ditadura tornaram ainda maior a gravidade das ações do próprio ocupante da Presidência, e de seus apoios civis e militares, para desmoralizar a Justiça Eleitoral e as eleições no Brasil.

Um dos temas dos empresários golpistas, revelado pelo repórter Guilherme Amado no site Metrópoles, é a remuneração de trabalhadores que aceitassem dar seu voto a Bolsonaro. Pagamento em dinheiro.

Esse foi o motivo de Bolsonaro lançar sua campanha antiurna alegando a necessidade de recibo do voto, emitido pela máquina, contra fraudes. Derrubada a tolice, a exigência ainda hoje é de qualquer comprovação do voto.

Bolsonaro e seus apoiadores jamais encontraram um argumento para sobrepor à tola alegação de segurança "para o próprio eleitor". A comprovação, porém, é que traria aos pagadores a certeza do suborno a ser quitado.

Com a presença de Luciano da Havan e outros ligados aos Bolsonaro dá certeza à conexão do grupo Empresários & Política às táticas importadas do planejador de Trump, Steve Bannon, para o candidato de cá. A cobrança de comprovante e o suborno do eleitor são a mesma fraude.

O mais eficiente dos senadores, Randolfe Rodrigues, já requereu inquérito sobre os planos de empresários como os donos dos 62 restaurantes Coco Bambu, do Barra World Shopping e outras fortunas.

Entre os vários inquéritos e ações contra Bolsonaro, porém, falta e será justo incluir o de conspiração contra o regime de Estado democrático de Direito. E o de agir para a sedição armada contra o Poder Judiciário e a Constituição. Propósito configurado nos atos legislativos para armar civis, inclusive com armas de guerra, e na atração de militares para ações corrosivas das eleições e do regime constitucional.

Os empresários golpistas completaram uma visão clara, para os militares em geral, do que muitos deles estão apoiando ou facilitando. Cientes ou não, o ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, outros generais e coronéis pressionam a Justiça Eleitoral contra as urnas eletrônicas porque contrárias à fraude de pró-ditadura.

O 7 de Setembro vem aí com a celebração eleitoreira de Bolsonaro em Copacabana, Exército, Marinha e Aeronáutica como participantes. E suspenso o desfile na av. Presidente Vargas para evitar que a multidão vá à "parada" tradicional no centro e emagreça a agitação bolsonarista.

Faltam muitos processos criminais a Bolsonaro e seus acólitos mais próximos. Até originais, a exemplo do processo merecido por Michelle Bolsonaro. A pajelança que faz no Planalto às noites de terça-feira, por ela revelado com prazer, comete inúmeras transgressões.

Primeira-dama não é cargo oficial, logo, não dá à portadora do título a entrada nas dependências executivas da Presidência depois de encerrado o expediente. Michelle entra com seu time de exorcismos na área mais sensível do palácio, o gabinete presidencial, que ela acha ter sido, antes de 2019, "consagrado aos demônios". Bem, o ocupante era Michel Temer, a quem, no mínimo, Dilma identificou como traidor. E tinha até o hábito de receber visitas noite a dentro, às escondidas, para entendimentos sigilosos.

Certo é que o gabinete permanece com presença demoníaca. Michelle dá a prova definitiva. Se renova a pajelança toda terça-feira, "depois que ele sai de lá", é porque o time de exorcistas continua detectando fluidos diabólicos também renovados por lá. Apesar disso, a entrada de um grupo à noite, no palácio e em dependência onde são comuns documentos importantes, é transgressão perigosa a todas as regras de segurança do centro de governo —seja isso mesmo ou não.

O rosto bonito e amável de Michelle iludiu por quase quatro anos. De repente, ilustra acusações pessoais até mais fortes que as de Bolsonaro, e com estas igualadas na falsidade. Talvez seja reação dos demônios incomodados no Planalto.

Ainda assim, Michelle é passível de processo criminal, cuja falta não se justifica. A concessão possível a ela, é dar-lhe a companhia do general Augusto Heleno Pereira, que passa por responsável pela segurança institucional.

O inquérito dos empresários pró-ditadura vai intoxicar ainda mais a campanha eleitoral.

Legítima

Racista contra seus irmãos negros, o ex-presidente da Fundação Palmares quer ser deputado federal. Parece difícil, mas não por falta de uma contribuição sem racismo para Sérgio Camargo, na sugestão de um slogan:

"Este, sim, é um negro de alma branca."

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Jair Bolsonaro (PL) em cerimônia no Planalto com Ciro Nogueira (PP, de costas) cumprimentando Valdemar Costa Neto (PL) Pedro Ladeira - 28.jan.21/Folhapress

Aliança PL, PP e Republicanos só se replica em 5 estados

Partidos do centrão adotam estratégias distintas em torno de Bolsonaro e sobem até em palanques pró-Lula

João Pedro Pitombo

SALVADOR A coligação que nacionalmente dá sustentação à tentativa de reeleição do presidente Jair Bolsonaro, formada por PL, PP e Republicanos, só deve se repetir em cinco estados nas eleições de outubro.

Os partidos que formam o núcleo duro do centrão têm estratégias distintas e enfrentam dissidências, em alguns casos fortalecendo palanques de nomes que apoiam o candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

As três siglas estão 100% alinhadas apenas no Rio de Janeiro, no Paraná, no Amazonas, em Mato Grosso do Sul e no Amapá, estados nos quais endossam os mesmos candidatos a governador.

Quatro deles apoiam abertamente Bolsonaro, mas só um é filiado aos partidos que formam a trinca do centrão: Cláudio Castro (PL), que disputa a reeleição no Rio de Janeiro. Outros dois concorrem a governos estaduais pela União Brasil e um pelo PSDB. No Amapá, por outro lado, os três partidos estão com Clécio Luís (Solidariedade), candidato a governador que fez uma coligação ampla e é eleitor declarado de Lula.

Em dez estados, ao menos um dos partidos que ancoram a coligação de Bolsonaro estarão em palanques pró-Lula. Mesmo depois de emitir uma resolução em 2 de agosto determinando o veto a alianças com o PT em todo o país, o PP estará no mesmo palanque de petistas em oito estados. As parcerias incluem sete estados em que o candidato a governador anunciou apoio e fará campanha casada com Lula.

Um dos casos mais emblemáticos é o do Ceará, onde o PP decidiu endossar o candidato a governador Elmano de Freitas (PT). A aliança foi vetada pelo diretório nacional do PP, mas os dirigentes locais acionaram a Justiça Eleitoral e conseguiram uma liminar para garantir a parceria.

O PP também estará na coligação de quatro candidatos a governador do PSB: Danilo Cabral (PE), João Azevêdo (PB), Carlos Brandão (MA) e Renato Casagrande (ES). Em Mato Grosso, o deputado federal, líder ruralista e candidato ao Senado Neri Geller (PP) vai liderar o palanque de Lula, tornando-se uma das principais pontes do petista com o agronegócio. A candidata ao governo será Márcia Pinheiro (PV).

Presidente em exercício do PP, o deputado federal Cláudio Cajado (PP-BA) destaca que o partido proibiu apenas as alianças com candidatos a governador do PT, mas o veto não se estende às demais legendas aliadas a Lula. "Não teria como o partido proibir aliança com os demais partidos de esquerda. Fazer isso seria inviabilizar nossa campanha nos estados e a eleição de deputados federais", afirmou ele.

Além de apoio a candidatos a governador que estão com Lula, o PP estará em palanques liderados por nomes que se mantêm distantes da eleição presidencial. O principal deles é o governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), candidato à reeleição. A despeito das pressões do Palácio do Planalto para apoiar a candidatura do ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos), o partido preservou o apoio ao tucano.

O Republicanos, outro partido que apoia Bolsonaro, também estará em um palanque do PT, mas no Rio Grande do Norte. A legenda decidiu apoiar a reeleição da governadora Fátima Bezerra (PT).

Em outros quatro estados —todos no Nordeste—, a legenda apoiará candidatos a governador de outros partidos que localmente apoiam a candidatura de Lula para a Presidência. Dois desses palanques lulistas são liderados pelo PSB. Em Pernambuco, o Republicanos manteve a aliança de eleições passadas e apoia a candidatura de Danilo Cabral (PSB) ao governo e a de Lula à Presidência.

Na Paraíba, o partido fechou apoio à reeleição do governador João Azevêdo (PSB), eleitor declarado de Lula. Presidente do Republicanos no estado, Hugo Motta liberou suas bases para a eleição nacional.

No Maranhão, o partido estará com Weverton Rocha (PDT), que, apesar de ter bolsonaristas em seu palanque e ser filiado ao partido de Ciro Gomes, já anunciou apoio a Lula. Em Sergipe, o partido está com o candidato a governador Fábio Mitidieri (PSD), que também apoiará o petista.

Nos demais estados, o Republicanos endossará candidatos a governador que apoiam Bolsonaro ou adotaram postura de neutralidade. Nesse último grupo estão nomes como ACM Neto, na Bahia, e Capitão Wagner, no Ceará, ambos da União Brasil.

O PL, por sua vez, estará em palanques que não dão apoio aberto a Bolsonaro em dois estados. No Amapá, a sigla está com Clécio Luís (Solidariedade), ex-prefeito de Macapá com trajetória em partidos de esquerda que inclui filiações a PT, PSOL e Rede.

A adesão da legenda a Clécio foi costurada por Davi Alcolumbre (União Brasil), candidato ao Senado da chapa, aliado do deputado federal Vinícius Gurgel, principal nome do PL no estado.

Para não figurar no palanque de partidos que apoiam Bolsonaro, a federação de PT, PC do B e PV optou por dar apoio informal a Clécio, mas vai endossar João Capiberibe (PSB), não Alcolumbre, ao Senado.

Outro estado em que o PL estará apartado do núcleo duro bolsonarista é Roraima, onde a sigla aderiu à candidatura de Teresa Surita (MDB) ao governo, em chapa que tem o apoio do PSB. Ela enfrentará o governador Antonio Denarium (PP), ferrenho aliado do presidente.

Com 14 candidatos a governador, o PL terá chapa pura em cinco estados: Santa Catarina, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Sergipe. Em outros seis, terá o apoio de outras siglas, mas não PP e Republicanos.

As exceções são o Rio de Janeiro, onde as três legendas do centrão estão juntas em torno de Castro, além de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, onde o PL firmou aliança com o Republicanos.

Palanques de PL, PP e Republicanos nos estados

Confira quem são os candidatos a governador que estão coligados a PP, PL e Republicanos, os três partidos da coligação de Bolsonaro

Governador	UF	Partido	Apoiado pelo PL	PP	Republicanos	Posição nacional
Mara Rocha	AC	MDB	X		X	Bolsonaro
Gladson Cameli	AC	PP		X		Bolsonaro
Fernando Collor	AL	PTB	X			Bolsonaro
Rui Palmeira	AL	PSD			X	Neutra
Rodrigo Cunha	AL	União		X		Neutra
Wilson Lima	AM	União	X	X	X	Bolsonaro
Clécio Luís	AP	Solidariedade	X	X	X	Lula
João Roma	BA	PL	X			Bolsonaro
ACM Neto	BA	União		X	X	Neutra
Elmano de Freitas	CE	PT		X		Lula
Capitão Wagner	CE	União	X		X	Neutra
Ibaneis	DF	MDB	X	X		Bolsonaro
Carlos Manato	ES	PL	X			Bolsonaro
Renato Casagrande	ES	PSB		X		Lula
Major Vitor Hugo	GO	PL	X			Bolsonaro
Gustavo Mendanha	GO	PATRI			X	Bolsonaro
Ronaldo Caiado	GO	União		X		Neutra
Weverton Rocha	MA	PDT	X		X	Lula
Carlos Brandão	MA	PSB		X		Lula
Carlos Viana	MG	PL	X		X	Bolsonaro
Romeu Zema	MG	-		X		Neutra
Eduardo Riedel	MS	PSDB	X	X	X	Bolsonaro
Mauro Mendes	MT	União	X		X	Bolsonaro
Márcia Pinheiro	MT	PV		X		Lula
Helder Barbalho	PA	MDB		X	X	Neutra
Zequinha Marinho	PA	PL	X			Bolsonaro
Nilvan Ferreira	PB	PL	X			Bolsonaro
João Azevêdo	PB	PSB		X	X	Lula
Anderson Ferreira	PE	PL	X			Bolsonaro
Danilo Cabral	PE	PSB		X	X	Lula
Coronel Diego Melo	PI	PL	X			Bolsonaro
Sílvio Mendes	PI	União		X		Neutra
Ratinho Júnior	PR	PSD	X	X	X	Bolsonaro
Cláudio Castro	RJ	PL	X	X	X	Bolsonaro
Fábio Dantas	RN	Solidariedade	X	X		Bolsonaro
Fátima Bezerra	RN	PT			X	Lula
Marcos Rogério	RO	PL	X			Bolsonaro
Marcos Rocha	RO	União			X	Bolsonaro
Ivo Cassol	RO	PP		X		Bolsonaro
Antonio Denarium	RR	PP		X	X	Bolsonaro
Teresa Surita	RR	MDB	X			Neutra
Onyx Lorenzoni	RS	PL	X		X	Bolsonaro
Luiz Carlos Heinze	RS	PP		X		Bolsonaro
Jorginho Melo	SC	PL	X			Bolsonaro
Carlos Moisés	SC	Republicanos			X	Bolsonaro
Esperidião Amin	SC	PP		X		Bolsonaro
Valmir de Francisquinho	SE	PL	X			Bolsonaro
Fábio Mitidieri	SE	PSD		X	X	Lula
Tarcísio Freitas	SP	Republicanos	X		X	Bolsonaro
Rodrigo Garcia	SP	PSDB		X		Bolsonaro
Ronaldo Dimas	TO	PL	X			Bolsonaro
Wanderlei Barbosa	TO	Republicanos			X	Bolsonaro

*Republicanos não está em nenhum palanque no Distrito Federal, PP não está em nenhum palanque em Tocantins

Acesse nosso canal no Telegram @Brasil_Jornais

Estacionado, Ciro insiste em retórica para roubar votos de Lula e Bolsonaro

Presidenciável admite barreira para furar bolha, mas cita Einstein e mira pobres e ofensiva digital

Mariana Zylberkan

SÃO PAULO Apesar de estar estacionado em terceiro lugar nas pesquisas de intenção de voto, o candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes, pretende manter a estratégia de se colocar como alternativa à polarização política entre Lula (PT) e Jair Bolsonaro (PL), que lideram a disputa.

Pesquisa Datafolha divulgada na quinta-feira (18) mostra que Ciro mantém 7% —distante do petista, com 47%, e do atual presidente, com 32%. Trata-se do mesmo percentual registrado pelo pedetista no levantamento divulgado no fim de maio.

Apesar de ele estar 25 pontos percentuais atrás do segundo colocado, a campanha do PDT diz ter expectativa de que a situação mude depois do início da propaganda eleitoral em rádio e TV, que será veiculada a partir da próxima sexta-feira (26). Por isso, afirma que não pretende mudar os rumos. "As eleições ainda não começaram para a maioria da população", diz Carlos Lupi, presidente da sigla.

Ciro, porém, levará desvantagem nos tempos da propaganda eleitoral. Lula deve ter 3 minutos e 39 segundos em cada bloco, contra 2 minutos e 38 segundos da coligação de Bolsonaro e apenas 52 segundos do candidato do PDT — inferior também aos tempos de Simone Tebet (MDB, com 2 minutos e 20 segundos) e Soraya Thronicke (União Brasil, com 2 minutos e 10 segundos).

Lupi reconhece a dificuldade de Ciro para furar a bolha da polarização em uma disputa presidencial que "parece ter apenas dois candidatos", Lula e Bolsonaro, segundo ele. Juntos, os dois primeiros colocados concentram 79% das intenções de votos, segundo a pesquisa Datafolha.

Mesmo assim, a campanha de Ciro diz que ainda busca pelo "furo que irá estourar a barragem de votos" represados pelo ambiente político polarizado, imagem compartilhada por integrantes do partido com frequência. Ainda em relação à metáfora, os discursos do candidato têm sido modulados para tentar furar as bolhas de influência de Lula e Bolsonaro, principalmente, nas redes sociais.

Para abocanhar parte do eleitorado petista beneficiado por programas sociais, Ciro anunciou programa de renda mínima de R$ 1.000 por família abaixo da linha da pobreza. Nas redes sociais, o candidato ataca o auxílio emergencial de R$ 600 do governo Bolsonaro e promete que a ajuda mensal será perene e prevista pela Constituição.

A aproximação dos mais pobres foi definida como prioridade pelo marqueteiro João Santana, que determinou que a primeira agenda de campanha fosse na periferia de São Paulo. Na terça-feira (16), Ciro chegou antes das 8h ao bairro de Guaianases, no extremo leste e um dos locais mais pobres da cidade.

Ciro Gomes durante caminhada na zona oeste do Rio, neste sábado Keiny Andrade/Divulgação

> "As eleições ainda não começaram para a maioria da população
>
> **Carlos Lupi**
> presidente nacional do PDT

Na agenda, entre pedidos de desculpas por interromper o trânsito no bairro, ele falou sobre seu programa de transferência de renda batizado de Eduardo Suplicy, um dos quadros mais tradicionais do PT em São Paulo, o que incomodou alas petistas. Ciro também anunciou projeto de financiar smartphones em 36 vezes e ampliação de redes wi-fi gratuitas na periferia.

Imagens do candidato em bairros pobres e respondendo a perguntas de moradores serão usadas nos programas políticos para a TV.

Ciro se mune da sua artilharia contra o PT até para atacar Bolsonaro e atribui a eleição do atual presidente ao mensalão, escândalo de corrupção que envolveu a cúpula do governo Lula.

Para se colocar como a principal opção de candidato contra a polarização política entre Lula e Bolsonaro, e também para criticar o modelo econômico vigente no país, Ciro cita o cientista Albert Einstein em todas as suas agendas para dizer que a definição de insanidade é repetir as mesmas coisas e esperar resultados diferentes.

"Essa frase é muito importante para falar sobre o atual momento do Brasil, em que uma bola de ferro nos prende a um passado que tem que ser banido", disse o ex-ministro durante sabatina na Associação Comercial de São Paulo na quinta-feira (18).

A pouca margem para mudanças significativas até o primeiro turno é corroborada pelo dado de que 75% dos entrevistados afirmaram já estarem totalmente decididos sobre o voto para presidente, segundo pesquisa Datafolha. Esse índice era de 71% no levantamento anterior, em julho.

Sem ter conseguido negociar coligações com outros partidos na chapa presidencial, o PDT terá pouco tempo de propaganda política.

Houve tentativas para obter apoio da União Brasil e mais tempo de TV e rádio, mas acabaram frustradas, mesmo após Ciro ter dado o posto de vice na chapa a Ana Paula Matos (PDT), vice-prefeita de Salvador e próxima de ACM Neto, candidato ao Governo da Bahia pela União Brasil.

A estratégia para driblar o pouco tempo de TV será criar programas para o YouTube. A plataforma tem sido trabalhada por Ciro desde o ano passado, quando João Santana assumiu a campanha e a definiu como principal aposta na comunicação digital.

mercado livre

livre
pra receber tudo com frete grátis
e em até 24 horas

Ser livre é poder receber de graça tudo o que quiser e com o envio mais rápido do Brasil. No Mercado Livre, as suas entregas chegam em até 24h. Aproveite sua liberdade agora. Compre pelo app.

Escaneie o QR Code e compre pelo app

Consulte as condições de frete grátis em www.mercadolivre.com.br/l/fretegratis. Condições do envio em até 24h em www.mercadolivre.com.br/l/envios-full. Análise comparativa independente, baseada em cálculo da média dos prazos de entrega ofertados durante o período entre 26/8/2021 e 2/9/2021.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Campanha estadual evidencia pesos de interior e Grande SP

Para ser eleito sem ganhar no interior, candidato precisa angariar boa vantagem de votos na capital e seu entorno

DELTAFOLHA

Carlos Petrocilo, Diana Yukari, Guilherme Garcia e Letícia Padua

SÃO PAULO Com as exceções de Mário Covas (PSDB), em 1998, e Geraldo Alckmin (PSDB), em 2002, os últimos governadores de São Paulo chegaram ao Palácio dos Bandeirantes com vantagem de votos no interior do estado na comparação com a votação na Grande São Paulo.

É o que mostra levantamento feito pela **Folha** com base nos dados do TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O saldo registrado pelas urnas eletrônicas nos últimos 20 anos embaralha ainda mais a aposta sobre quem deve triunfar na disputa ao Governo de São Paulo, uma das eleições mais acirradas deste ano.

Líder nas pesquisas, Fernando Haddad (PT) patina para conquistar a população mais distante da região metropolitana. Segundo o Datafolha, o ex-prefeito de São Paulo tem a preferência de 43% dos eleitores na capital e de 34% no interior. Já o bolsonarista Tarcísio de Freitas (Republicanos), segundo colocado, e Rodrigo Garcia (PSDB), em terceiro, apresentam índices melhores fora da região metropolitana.

Uma análise dos resultados em 2010 e 2018, quando as duas regiões votaram em sentidos opostos, mostra que, para vencer sem conquistar a preferência do interior, é preciso abrir ampla vantagem na Grande São Paulo, porque o tamanho dos eleitorados é parecido: as 39 cidades da região metropolitana somam 16,4 milhões de eleitores registrados neste ano, e os 606 municípios do interior, 18,2 milhões.

No último pleito, na disputa entre Márcio França (PSB) e João Doria (PSDB), o tucano foi eleito no segundo turno com 51,7%. França teve 56,1% dos votos da Grande São Paulo e 41,2% do restante do estado.

Para levar a eleição, ele precisava de 741.611 votos a mais, ou seja, 63,5% na Grande São Paulo ou 47,8% no interior. Em 2010, Alckmin venceu no primeiro turno, com 50,6% —46,4% da preferência na capital e 54,6% no interior. Para que tivesse ocorrido segundo turno, os demais candidatos precisavam somar mais 268.646 votos, o que deixaria a votação de Alckmin em 44% na Grande São Paulo ou 52,3% no interior.

Especialistas ouvidos pela **Folha** apontam que o perfil do eleitorado do interior paulista tende a ser mais conservador e alinhado à direita, o que ajuda a explicar o domínio do PSDB no comando do estado.

Para Marcelo Vitorino, consultor e professor de marketing político da ESPM, soma-se a essa tendência o crescimento da onda antipetista na esteira de episódios como o assassinato do prefeito de Santo André Celso Daniel, em 2002, o mensalão e, por fim, a Operação Lava Jato.

"O estado de São Paulo concentra eleitorados mais progressistas nas regiões da capital e no litoral", afirma Vitorino. "Além disso, o cinturão vermelho, as cidades próximas à capital e que predominantemente votavam no PT, entrou em declínio."

O PSDB dá as cartas no estado desde 1995 e, ao longo desse período, deixou para trás as seguintes siglas: PPB (Eduardo Maluf, em 1998), PT (José Genoino, em 2002, e Aloizio Mercadante, em 2006 e 2010), PMDB (Paulo Skaf, em 2014) e PSB (Márcio França, em 2018).

"Quando um partido governa um estado há mais de 20 anos, consegue mobilizar com mais facilidade os prefeitos e detém a máquina pública na campanha. Isso explica a chamada força do interior", afirma o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV.

O mais vitorioso entre os postulantes tucanos foi Alckmin. Eleito governador em quatro oportunidades, ele teve a maior votação no interior em todas as ocasiões —a única exceção é o segundo turno de 2002. Em 2014, ao vencer no primeiro turno, conseguiu a proeza de ganhar em quase todos os municípios paulistas. Ele só não superou o terceiro colocado da disputa, Alexandre Padilha (PT), numa única cidade, Hortolândia.

Desde 1998, um candidato do PT vinha sendo o mais bem votado no município, hoje administrado pelo prefeito Zezé Gomes (PL). Esse histórico reduto petista, porém, ruiu em 2018. Há quatro anos, a população local escolheu Jair Bolsonaro para a Presidência da República e João Doria para o governo do estado.

Na tentativa de reverter a perda de influência em algumas regiões, a campanha de Haddad tentará explorar a presença e o legado de Alckmin. Depois de 33 anos filiado ao PSDB, o ex-governador se transferiu para o PSB e, hoje, é o vice na chapa do presidenciável Luiz Inácio Lula da Silva (PT). A mudança trouxe outra dúvida: os eleitores dele devem migrar para o tucano da vez, Rodrigo Garcia, ou vão apoiar Haddad?

"Não é uma conta automática. Alckmin não conta com a máquina partidária nem com o governo do PSDB. Grande parte das lideranças dos prefeitos, hoje, está com Rodrigo", diz o cientista político Teixeira.

Uma boa medida de como o ex-tucano não conseguiu segurar a fidelidade nem dos paulistas, de acordo com especialistas, é a performance dele na eleição presidencial de 2018. Alckmin cravou o pior desempenho do PSDB em um pleito nacional, com o quarto lugar e 4,7% dos votos.

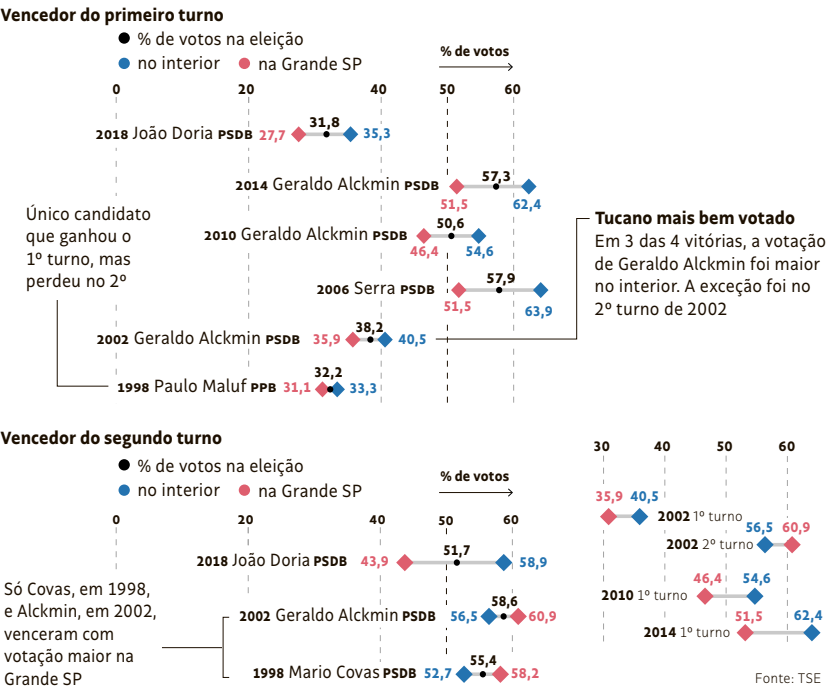
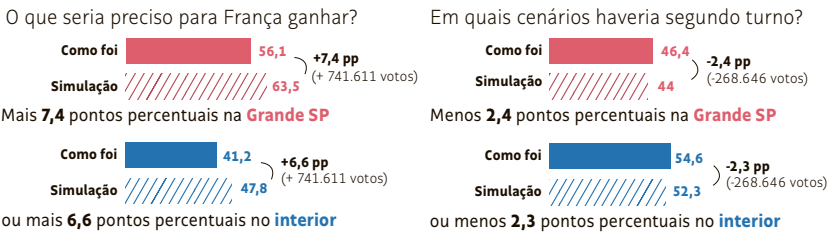
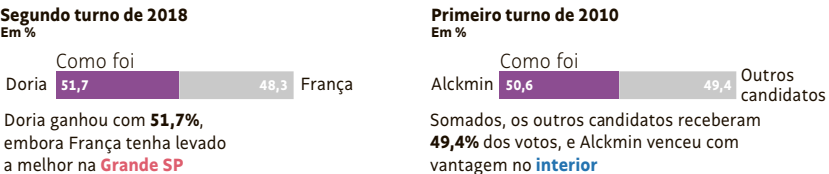
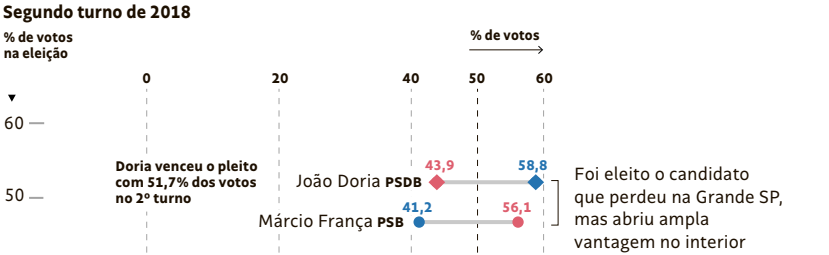
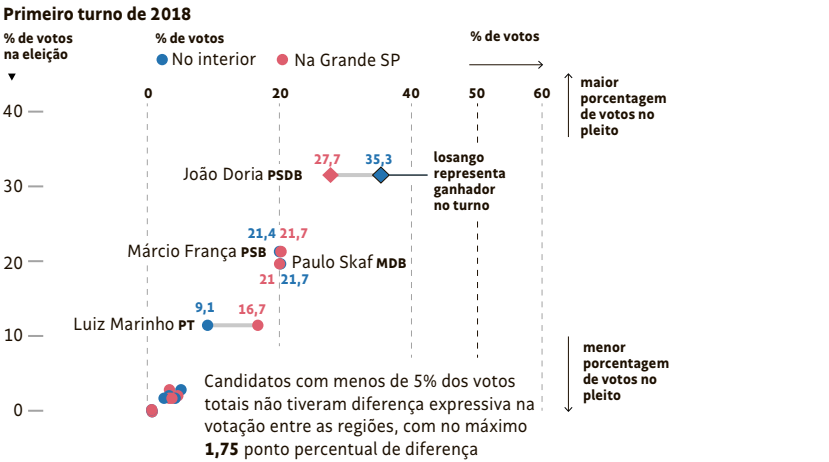
Nessa divisão de preferências por regiões do estado, a equipe de campanha de Rodrigo é quem nutre mais otimismo pela reeleição. Na avaliação dos tucanos, a predileção dos paulistas por Alckmin ocorreu em razão do sentimento antipetista.

"Haddad saiu com grande descrédito da Prefeitura de São Paulo, e o PT venceu pouquíssimas eleições municipais. Rodrigo rachou o bolsonarismo no estado, trouxe boa parte da União Brasil e é quem tem credenciais mais claras nesse cenário", afirma Teixeira.

Rodrigo, natural de Tanabi (a 480 km de SP), vende-se como um "paulista raiz" e tenta arrebanhar o apoio da grande maioria dos prefeitos. Já Tarcísio, nascido no Rio, mira os votos dos bolsonaristas —grupo que, seduzido pela onda do "BolsoDoria", pavimentou a vitória do tucano Doria diante de França em 2018.

Como votam interior e Grande São Paulo na eleição para governador

Regiões têm padrão de voto parecido, mas vencedor costuma levar vantagem no interior

Fonte: TSE

Documentário liga protestos de 2013 a triunfo bolsonarista

Uirá Machado

SÃO PAULO Que tal olhar para a disputa eleitoral deste ano como uma continuação dos protestos de junho de 2013? De certa forma, é o que propõe o documentário "Ecos de Junho", dirigido pelo jornalista Paulo Markun e pela socióloga Angela Alonso.

A dupla tinha lançado há alguns meses a série documental "Junho 2013 – O Começo do Avesso", com foco nas imensas diferenças existentes entre os grupos envolvidos naquelas jornadas de quase dez anos atrás.

Agora, eles avançam a câmera para as consequências daquelas manifestações, apontando como elas prepararam terreno não só para o impeachment de Dilma Rousseff (PT), mas também para a eleição de 2018, com a vitória de Jair Bolsonaro (hoje no PL).

Manifestação pela redução da tarifa realizada em São Paulo Eduardo Knapp - 13.jun.13/Folhapress

"[Na série,] a gente queria mostrar que havia muitas possibilidades, que não foi um protesto de direita ou de esquerda", diz Alonso, que é professora da USP e pesquisadora do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

"[No filme,] a gente quis documentar [com mais ênfase] uma das linhas que estavam em junho e que foi a bem-sucedida, a que vingou nessa configuração política [atual]", completa a socióloga e colunista da **Folha**.

Mas daí não decorre que os protestos possam ser definidos apenas a partir de seu resultado mais palpável. "A intenção não era dizer que em junho só tinha isso, mas que também tinha isso", diz Alonso.

E tinha mesmo. Como o documentário mostra, diversos grupos de direita nasceram ou cresceram de algum modo vinculados aos eventos de 2013.

A lista inclui gente tão diversa quanto Revoltados Online, Instituto Mises, Movimento Brasil contra a Corrupção e Vem pra Rua, entre outros.

Inclui também coletivos de esquerda, como Fora do Eixo, Marcha Mundial das Mulheres, Movimento dos Trabalhadores Sem Teto e, claro, Movimento Passe Livre, que deu início à mobilização após o aumento da passagem de ônibus.

O que havia de comum, e "Ecos de Junho" indica com clareza, era insatisfação dirigida aos políticos em geral e aos governos do PT em particular. O clima era propício para isso, com protestos acontecendo desde 2011, o julgamento do mensalão rolando desde 2012 e a Copa do Mundo de 2014 batendo à porta com seus estádios caríssimos a tiracolo.

Mesclando depoimentos e imagens, o documentário acompanha a pressão crescente sobre Dilma e a insatisfação que deságua nas grandes manifestações pelo impeachment dali a dois anos, orquestradas por grupos que não existiriam sem a incubadora de 2013.

O mesmo se diga do sentimento anti-PT que coordenou a eleição de 2018 e ajudou Bolsonaro a subir a rampa do Planalto.

"No fim das contas", diz Alonso, "era disputa em torno do sentido dos governos petistas, com alguns grupos criticando pela esquerda e outros pela direita".

"Essa disputa, de certa maneira, ainda não acabou", afirma ela. "Tem muito de junho de 2013 na atual disputa eleitoral."

Acesse nosso canal no Telegram @Brasil Jornais

Janja cria incômodos na campanha de Lula por interferência e superexposição

Mulher do candidato é vista como protagonista e tem ganhado cada vez mais espaço na disputa

Catia Seabra, Julia Chaib e Thaísa Oliveira

SÃO PAULO E BRASÍLIA Casada com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) desde maio, a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, tem ganhado cada vez mais notoriedade dentro e fora do comitê eleitoral do petista.

O protagonismo de Janja, 55, traz elogios, mas também provoca incômodos entre aliados do presidenciável.

Da cor do material de campanha à comida a ser servida na cozinha da Fundação Perseu Abramo, a socióloga é ouvida sobre cada detalhe da rotina do ex-presidente.

Ela sempre mantém por perto uma garrafa de água para oferecer ao marido durante os atos políticos. Na pré-campanha, chegou a repreender agentes da segurança de Lula. Também já reclamou a assessores do excesso de sessões de fotos a que ele se submete.

Janja tem dito a pessoas próximas que quer "ressignificar" o papel de primeira-dama. Ela tem defendido pautas como combate à fome, soberania alimentar e defesa das mulheres.

"Se eu puder contribuir em alguma coisa nessa campanha, nesse governo, que se Deus quiser tudo vai dar certo, vai ser justamente na questão da segurança alimentar voltada para as mulheres", afirmou em um ato político em abril.

Ela busca participar de todas as reuniões da cúpula da candidatura e de encontros reservados de Lula com interlocutores chave. Esteve inclusive naquelas que antecederam a escolha do publicitário da campanha e opina sempre que julga necessário.

Segundo petistas, Janja fala o que pensa, mas não impõe a própria visão. As intervenções geram críticas de uma ala da campanha, que reclama de ela ser "invasiva".

Em reunião do conselho político, em 8 de agosto, sentada ao lado do marido, ela recomendou cautela para que imagens da marcha de mulheres que ocorreria no sábado (13) não fossem usadas contra a campanha, como ocorreu no "ele não" em 2018. Janja ainda reclamou do tom escuro das peças publicitárias apresentadas.

No dia seguinte, a primeira-dama Michelle Bolsonaro divulgou um vídeo no qual Lula assistia a uma cerimônia de umbanda. "Isso pode né! Eu falar de Deus não", publicou a esposa de Jair Bolsonaro (PL).

No mesmo dia, a socióloga foi às redes em defesa do marido. "Aprendi que Deus é sinônimo de amor, compaixão e, sobretudo, de paz e de respeito. Não importa qual a religião e qual o credo. A minha vida e a do meu marido sempre foram e sempre serão pautadas por esses princípios", publicou.

A espontaneidade da reação alimentou, entre integrantes do comitê eleitoral, o receio de que a superexposição de Janja seja usada por Bolsonaro. Segundo aliados, a mulher de Lula abordou religião, um tema sensível, sem que a cúpula da campanha fosse avisada da publicação.

Rosângela da Silva, a Janja, durante ato no Anhangabaú, centro da capital paulista, neste sábado Bruno Santos/Folhapress

Aliados lembram que, na véspera da postagem, a cúpula da campanha havia reiterado que a crise econômica deveria estar no centro da disputa. A estratégia é impedir que a pauta de costumes invada o debate. Nesse sentido, a mensagem de Janja nas redes sociais colidiu com a definida pela cúpula da campanha.

Militante do partido desde 1980, a socióloga é descrita por seu entorno como uma mulher com brilho próprio, de conteúdo, com personalidade forte e amorosa. O protagonismo rendeu a ela o apelido de Evita brasileira entre alguns integrantes da coordenação da campanha, em referência à histórica primeira-dama argentina Eva Perón.

Coube a Janja articular o vídeo com a nova versão do jingle de 1989 "Lula Lá", em que ela canta ao lado de diversos artistas. Esse foi o presente dado ao marido no início de maio, no evento de pré-lançamento da chapa presidencial.

Ela foi uma das três pessoas a falar na cerimônia. Também discursaram Lula e o candidato a vice, Geraldo Alckmin (PSB). Desde então, Janja canta na maioria dos eventos.

Em junho, durante jantar com empresários, ela mostrou estranheza ao perceber que mulheres e homens estavam acomodados em grupos distintos. Segundo presentes, a socióloga incentivou as mulheres a participarem das conversas ao lado dos maridos.

Janja incentivou a empresária Rosangela Lyra a falar em nome das mulheres, o que não aconteceu. "Janja tem luz própria. Já saiu da sombra de Lula, se é que algum dia esteve", comenta Rosangela.

A socióloga também fez-se ouvir no almoço para discutir a retirada da candidatura de Márcio França (PSB) em apoio a Fernando Haddad (PT) como candidato ao Governo de São Paulo. Janja se apresentou à mulher de França, Lúcia, como fiadora do acordo.

Descrevendo-se como "blogueirinha", na semana passada a socióloga tornou públicos seus perfis nas redes sociais, nos quais exibe cenas do casal. No Instagram, ela reúne mais de 70 mil seguidores.

Janja também assumiu a tarefa de fazer pontes com artistas e influenciadores digitais.

Uma ala de aliados do petista avalia que Janja é um ativo para a campanha e que ela pode agregar em termos de pautas e votos ao se posicionar como uma mulher moderna, inteligente e independente.

Por outro lado, há petistas temerosos com o fato de decisões de Janja serem tomadas à revelia da campanha. Ninguém tem, no entanto, coragem de falar com o ex-presidente, tido como um homem apaixonado e que estimula a independência da companheira.

Na opinião de pessoas próximas tanto de Lula como de Janja, as críticas são precipitadas e resultado de incômodos com o protagonismo dela.

Petistas relatam que a socióloga tem perfil diferente do da ex-primeira-dama Marisa Letícia, que morreu em 2017. Embora tenha sido uma das fundadoras do PT, Marisa era avessa a aparições.

"Ela é uma pessoa que se dedica ao debate da segurança alimentar, sustentabilidade ambiental", diz o deputado Alexandre Padilha (PT-SP), numa defesa da atuação de Janja.

Na semana passada, Janja teve uma agenda própria — organizada a seu pedido e em 24 horas—, na favela de Heliópolis, em São Paulo. "O Lula não veio. Mas a Janja está aqui", anunciou a anfitriã do evento.

Presente no ato, o coordenador da Central de Movimentos Populares, Raimundo Bonfim, resume: "Janja está pop".

Nem sempre foi assim. Em 2018, a socióloga marcava presença diária na vigília pró-Lula que ficava em frente à superintendência da PF em Curitiba. Após a libertação, os dois foram morar temporariamente na casa reservada à segurança do ex-presidente em São Bernardo do Campo.

Márcio e Lúcia França, Lula, Haddad e Alckmin durante ato de campanha no Vale do Anhangabaú, em SP Bruno Santos/Folhapress

Lula afaga Dilma em comício em São Paulo e afirma que igrejas não podem ter partido

Victoria Azevedo e Carolina Linhares

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afagou a ex-presidente Dilma Rousseff (PT) e criticou a participação de igrejas na campanha, em referência ao apoio de pastores evangélicos a Jair Bolsonaro (PL).

O petista participou de comício no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, neste sábado (20). No discurso, afirmou que religião "está na moda".

"As igrejas não têm que ter partido político, porque têm que cuidar da fé e da espiritualidade, não da candidatura de falsos profetas e fariseus. Falo isso com a tranquilidade de um homem que crê em Deus", disse.

"Tem muita fake news religiosa correndo por esse mundo, tem demônio sendo chamado de Deus e tem gente honesta sendo chamada de demônio."

Nesta quinta-feira (18), o Datafolha mostrou que Lula tem 47% das intenções de votos contra 32% de Bolsonaro, mas a distância vem encurtando.

Segundo a pesquisa, Bolsonaro ampliou sua vantagem no eleitorado evangélico — tem 49% ante 32% de Lula.

No comício, o petista estava acompanhado de seu candidato a vice, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), do ex-prefeito Fernando Haddad, que concorre ao Governo de São Paulo, e do ex-governador Márcio França (PSB), candidato ao Senado.

No palanque, apareceram também Lúcia França, mulher de França e vice na chapa de Haddad; Ana Estela Haddad, Lu Alckmin e Janja.

Chamada para discursar, Dilma compareceu e teve sua fala interrompida por gritos de apoio do público.

"Nós temos a pessoa certa no lugar certo", disse Dilma a respeito de Lula. Ela foi abraçada por Alckmin, que apoiou o impeachment em 2016, e conversou com Janja.

Lula agradeceu o carinho do público com Dilma. "Às vezes a extrema direita condena um dos nossos e nós acreditamos em parte da mentira contada. [...] Inventaram uma mentira contra ela, inventaram uma pedalada. Imagina o que é uma pedalada da Dilma contra as motociatas que esse genocida faz hoje."

Enfileirando críticas a Bolsonaro, Lula disse que governar "não é fazer fake news" e que o presidente está tentando comprar votos por meio do auxílio e da redução do preço da gasolina.

Lula prometeu reajustar a tabela do imposto de renda e aumentar o salário mínimo acima da inflação.

O petista cometeu uma gafe ao condenar a violência contra as mulheres. "Quer bater em mulher? Vá bater em outro lugar, mas não dentro da sua casa ou no Brasil, porque nós não podemos aceitar mais isso", afirmou o ex-presidente.

Bolsonaro foi chamado de tchutchuca diversas vezes em discursos de líderes de movimentos de esquerda e sindicais. É uma referência à briga do presidente, na quinta, com um youtuber que o chamou de "tchutchuca do centrão".

O evento petista foi chamado de ato pela democracia. Uma grande bandeira do Brasil, usada em comícios no Piauí e Minas Gerais, voltou a ser lançada sobre o público em São Paulo.

Como mostrou o Painel, a escolha do Vale do Anhangabaú está marcada pelo simbolismo. Em abril de 1984, milhares de pessoas ocuparam o espaço na capital paulista para o comício das Diretas Já, que pedia o fim da ditadura militar e a volta de eleições diretas para presidente.

PT cria perfis em redes sociais para atrair evangélicos

Ranier Bragon

BRASÍLIA O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) recebeu na tarde deste sábado petição da campanha de Lula que pede ao tribunal a inclusão "de novos endereços de redes sociais pertencentes ao candidato", todos direcionados especificamente ao público evangélico.

A maioria dos perfis não tinha nenhum seguidor ou não estava acessível, indicando terem sido recém-criados.

A petição, subscrita por dez advogados da campanha de Lula, lista 12 endereços das redes sociais TikTok, Kwai, Twitter, Facebook e Instagram.

Os perfis não trazem descrição detalhada. Uma página na internet também denominada Restitui Brasil traz material de campanha de Lula direcionado a evangélicos.

A assessoria do petista afirmou que a criação dos perfis foi um pedido de evangélicos alinhados a Lula.

TSE nega pedido para Bolsonaro excluir postagem

Renato Machado

BRASÍLIA A ministra do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) Maria Claudia Bucchianeri negou neste sábado (20) pedido da campanha de Lula (PT) para que Jair Bolsonaro (PL) fosse obrigado a excluir postagens em que associa o petista à facção criminosa PCC.

Bolsonaro postou em suas redes sociais vídeo com reportagem da TV Record que mostrava um áudio de integrante da facção, captado em intercepção telefônica feita pela Polícia Federal na Operação Cravada.

O integrante do PCC fala na gravação que "com o PT nois (sic) tinha diálogo. O PT tinha com nois (sic) diálogo cabuloso".

Ao postar o áudio, o presidente ainda acrescentou: "líder de facção criminosa (irraaa) reclama de Jair Bolsonaro e revela que com o Partido dos (iirruuuuu) o diálogo com o crime organizado era 'cabuloso'".

A ministra argumenta que não fez juízo de valor sobre a gravação, se era verdadeira ou não. No entanto, sustenta que o áudio foi objeto de reportagens jornalísticas recentes e ano passado, sendo que jamais foram desmentidas.

A ministra acrescenta que a situação seria diferente se a narrativa política estivesse construída a partir de fatos inverídicos ou gravemente descontextualizados.

A ação pedia a retirada das postagens alegando que se tratava de propaganda eleitoral antecipada negativa e desinformativa.

Lula também pediu, sem sucesso, a remoção de uma postagem, na qual o presidente divulga a informação de que o PT venceu as eleições em 2018 nos presídios.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Eduardo Knapp/Folhapress

Manuela Morais, 19
É presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto. Aluna do segundo ano na Faculdade de Direito da USP, onde entrou pela política de cotas. Estudou a vida inteira em escolas públicas de Araraquara (interior de São Paulo) e mora na Casa do Estudante, destinada a pessoas de baixa renda

Manuela Morais

A gente quer deixar a faculdade com a nossa cara também

Estudante que foi oradora de ato pela democracia é a 3ª pessoa negra a presidir o centro acadêmico do curso de direito da USP

ENTREVISTA

Uirá Machado

SÃO PAULO Manuela Morais, 19, mal tinha esquentado a cadeira de presidente do Centro Acadêmico XI de Agosto quando subiu no palco da Faculdade de Direito da USP e falou em nome dos estudantes no ato em defesa da democracia realizado no dia 11 de agosto.

Seu discurso, escrito em colaboração com quatro colegas do movimento estudantil, marcou a diferença que existe entre o ambiente acadêmico de 1977, quando foi lida a "Carta aos Brasileiros", e o de hoje, na leitura da "Carta às brasileiras e aos brasileiros em defesa do Estado democrático de Direito".

"Somos jovens, negros, periféricos, uma nova intelectualidade que é fruto da escola pública, das quebradas e das favelas", disse Manuela no pátio da São Francisco, como é conhecida a faculdade.

A nova realidade demográfica da universidade não apareceu de forma gratuita; ela é uma das principais bandeiras da atual gestão do centro acadêmico mais antigo do Brasil, que, em 119 anos de história, só teve três pessoas negras na presidência.

Cursando o segundo ano, egressa de escolas públicas de Araraquara (interior de São Paulo) e vivendo na Casa do Estudante (moradia estudantil para alunos de baixa renda), Manuela recorre a um lema para explicar os planos no C.A.: "Isso é só o começo, a Travessia vai virar a Sanfran do avesso".

Travessia é o movimento estudantil a que ela pertence, formado por alunos independentes e outros ligados ao PSOL. Sanfran é o apelido da Faculdade de Direito da USP, que fica no largo São Francisco (região central da capital).

E virar do avesso? "É no sentido de inverter muitas tradições que foram feitas para a elite branca paulistana", diz Manuela. "A gente quer deixar a Sanfran com a nossa cara também."

*

Qual sua avaliação do ato de 11 de agosto? Foi uma resposta às ameaças golpistas que o atual governo estava propagando. O ato demonstrou uma unidade dos diversos setores da sociedade, dizendo que não vamos retroceder na atual ordem política, que é democrática.

As duas cartas pela democracia que foram lidas no dia 11 eram suprapartidárias. O seu discurso fugiu a esse script, com a menção do presidente Jair Bolsonaro (PL). Por quê? Eu citei porque eu achava importante — todos nós, na verdade — dar nome à pessoa que tem ameaçado a democracia. Mas o caráter suprapartidário do evento foi importante para unir muita gente.

Você é a terceira pessoa negra a presidir o XI de Agosto. A questão racial pesou na eleição? Pergunta difícil, porque a Travessia já estava bem consolidada. Talvez a Letícia Chagas, que foi a primeira mulher negra [a presidir o XI de Agosto], tenha sentido mais essa pressão do que eu.

É uma questão normalizada? Não, com certeza não. Tanto que a chapa que estava concorrendo com a gente não tinha uma pessoa como eu na presidência ou em cargos altos.

Você já viveu episódios de discriminação ou racismo na faculdade? Nunca experienciei. Não que não aconteça; acontece muito, mas não aconteceu comigo. Eu acho que a minha turma, que é a 194 [alunos que ingressaram em 2021], com 51% das pessoas vindas de escola pública, já é muito mais confortável para esse tipo de pessoa igual a mim do que a [turma] 191, que foi a primeira turma de cotistas étnico-raciais [ingresso em 2018].

Quanto a presença de alunos cotistas muda o ambiente acadêmico? Muda muito. As pessoas novas que estão entrando têm novas demandas e novas vivências. Existem temas no direito que são sucateados, mas essa nova leva de estudantes vai olhar com mais atenção para eles.

Por exemplo, o anticárcere, o antiproibicionismo e a questão do aborto. Todas as pessoas que têm uma vivência, que são mais afetadas por esse tipo de questão, vão voltar aos olhos para esses temas que às vezes nem são conversados, não ficam em pauta.

[Hoje em dia] tem muita gente engajada nesses temas. Tanto que a gente tem um observatório antiproibicionista, que pauta a descriminalização das drogas e do aborto.

É é um tema muito ligado à pauta racial, porque a maioria das pessoas que são presas com drogas é preta e jovem, enquanto uma pessoa branca, às vezes portando uma droga até mais pesada, não é presa. Se a pessoa vive aquilo na pele, fica mais fácil ela entender a importância.

A composição demográfica da USP é muito diferente hoje do que era alguns anos atrás. A universidade está preparada para a nova realidade? Com certeza não. A bolsa Papfe [Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil], que é o auxílio para as pessoas de baixa renda, é só de R$ 500. Isso mostra total despreparo, porque não tem como viver com R$ 500 no centro de São Paulo.

Tem que ter uma bolsa maior, para os alunos conseguirem focar na faculdade. O que acontece agora é que os alunos entram, mas precisam começar a trabalhar logo de cara, às vezes até em dois empregos, justamente para conseguir estudar. Chega um momento em que fica insustentável, porque a faculdade cobra muito. Para conseguir permanecer, [o aluno] precisa negligenciar a faculdade. Isso é um ponto problemático muito grande. Não basta só entrar; o aluno tem que ficar.

Além disso, faltam melhorias no Crusp [Conjunto Residencial da USP], que é a moradia estudantil da USP, na Cidade Universitária. Sempre tem problema lá. Na Casa do Estudante, precisa continuar a reforma em alguns andares para que as pessoas consigam morar.

E além desses tópicos materiais? Tem várias questões. Falta representatividade entre os professores. Um incentivo muito grande para o aluno preto e pobre é perceber que existem professores, diretores ou reitores que estão ali e são iguais. Outro ponto muito importante é a bibliografia. A gente lê muitos homens brancos, poucas mulheres — e mulheres negras menos ainda.

Quais são as principais bandeiras da sua gestão no centro acadêmico? Principalmente a permanência das pessoas pobres na faculdade. A Casa do Estudante é algo que a gente prioriza muito, além do aumento das bolsas.

E também a transformação da Sanfran. A gente tem um lema: "Isso é só o começo, a Travessia vai virar a Sanfran do avesso". É no sentido de inverter muitas tradições que foram feitas para a elite branca paulistana. Então a gente quer deixar a Sanfran com a nossa cara também.

Um exemplo é o que a gente fez na gestão passada: dar ao auditório novo o nome do professor Rubino de Oliveira, que foi o primeiro professor negro da Sanfran [fez concurso para direito administrativo em 1879], e eu acho que é a única pessoa negra [retratada] nos quadros enormes nas salas da faculdade.

O quadro do próprio Luiz Gama [advogado negro que é considerado o maior abolicionista do Brasil] é pequetitico, fica escondido e ninguém vê. É esse tipo de coisa que a gente pauta.

A nossa carta-programa apresenta coisas como cotas para pessoas trans, por exemplo, que é algo pouquíssimo debatido. Esse tipo de luta é muito importante para a gente. E, claro, sempre estar nas ruas, trazer a juventude de volta para as ruas.

Tem espaço para isso? A partir de 2013 as manifestações nas ruas adquiriram outras características, não? Talvez a partir deste ano isso comece a mudar. O evento do dia 11, inclusive, foi um ótimo pontapé para mostrar que a sociedade está unida. A carta teve mais de 1 milhão de assinaturas em pouquíssimo tempo.

E é por isso que, no meu discurso, eu fiz um chamado para a juventude estar sempre alerta, forte e preparada. Porque, mesmo que a gente derrote o fascismo no governo, o fascismo pode continuar existindo como ideia. A gente tem que estar sempre preparado para, se acontecer algo, estar nas ruas lutando pelos nossos direitos.

Por que você escolheu entrar em uma faculdade de direito? No início, eu enxergava o direito como uma ferramenta de mudança da sociedade. Mas, quando eu comecei a estudar, eu vi que, na verdade, o direito faz a manutenção do estado problemático da sociedade. Agora eu escolhi continuar no direito para, mesmo que de uma forma não tão impactante, transformar, por exemplo, o sistema de Justiça criminal do Brasil.

Você já sabe qual carreira vai seguir quando se formar? Eu quero muito trabalhar na Defensoria Pública, que é um órgão incrível. Mas, ultimamente, tenho muito interesse em também seguir a área acadêmica, fazer pesquisa, mestrado, doutorado, principalmente na área de criminologia.

Quero estudar as determinações do crime, como e por que ele ocorre, por que os criminosos são rotulados como criminosos, [estudar] política pública para evitar o crime, esse tipo de coisa.

Eu acho que a criminologia é o essencial do direito. Tem que ser o foco dos acadêmicos agora, porque o Brasil é um dos países que mais encarceram. E o Brasil encarcera uma determinada população, que é mais pesada, na cara dura mesmo: jovens, pretos e pobres — são sempre eles.

> "O evento do dia 11, inclusive, foi um ótimo pontapé para mostrar que a sociedade está unida. A carta teve mais de 1 milhão de assinaturas em pouquíssimo tempo

> No início, eu enxergava o direito como uma ferramenta de mudança da sociedade. Mas, quando eu comecei a estudar, eu vi que, na verdade, o direito faz a manutenção do estado problemático da sociedade

Acesse nosso canal no Telegram @Brasil Jornais

Pernambuco terá eleição com 5 candidatos de clãs familiares

Fragmentação aumenta chance de segundo turno na disputa pelo governo

José Matheus Santos

RECIFE Com cinco palanques competitivos na disputa pelo governo estadual, a eleição em Pernambuco será centrada em candidatos com raízes familiares na política e com o PSB enfrentando ex-aliados.

A fragmentação aumenta a possibilidade de um segundo turno na disputa pela sucessão de Paulo Câmara (PSB), algo que não acontece desde 2006, quando Eduardo Campos (1965-2014) venceu, abrindo caminho para 16 anos de hegemonia da legenda.

Líder nas pesquisas, Marília Arraes (Solidariedade) trava uma batalha pelos votos lulistas com Danilo Cabral. Apesar de o candidato do PSB ser apoiado oficialmente pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a neta do ex-governador Miguel Arraes (1916-2005) usa a imagem do petista nos palanques e lembra os vínculos com o PT, partido ao qual foi filiada por seis anos.

Depois de rejeitar a proposta do PT de disputar o Senado aliada ao PSB, Marília lançou candidatura a governadora, pelo Solidariedade, que integra a coligação de Lula. O PSB prepara uma ofensiva contra Marília a partir do início da propaganda de rádio e TV, no dia 26. A sigla questionará a atuação parlamentar de Marília e suas alianças políticas, além de colocar em xeque a lealdade da candidata à história do avô.

Prevendo o embate que está por vir, Marília tem feito acenos a eleitores conservadores na tentativa de consolidar a liderança mesmo com eventuais perdas de votos após o início dos ataques do PSB, seu antigo partido, ao qual faz oposição desde 2014. Recentemente, ela se posicionou contra o aborto e criticou a linguagem neutra.

Após fazer uma campanha baseada no antipetismo contra Marília no segundo turno da disputa pela Prefeitura do Recife em 2020, o PSB deu uma guinada. Agora, a principal estratégia para alavancar a campanha de Danilo Cabral é associá-lo a Lula, inclusive com a música da campanha sendo batizada de "Danilula".

Mesmo sendo apoiado por Lula, Danilo é questionado por militantes do PT. Em atos com o ex-presidente em julho, parte dos apoiadores do petista fez coro por Marília, causando desconforto no PSB.

Uma vitória de Danilo é tida como essencial nos bastidores para os planos do PSB em 2026. Uma ala do partido defende que, mesmo se Danilo vencer, não seja candidato à reeleição, abrindo espaço para um dos filhos do ex-governador Eduardo Campos, que não podia ser candidato por não ter 30 anos, idade mínima para chefiar Executivos estaduais.

Danilo é filho do ex-deputado estadual Adalberto Cabral e é de confiança da família Campos, influente no PSB.

Aliado de Bolsonaro, Anderson Ferreira (PL) busca se consolidar com uma das vagas ao segundo turno. O candidato bolsonarista é integrante de uma família de políticos ligada ao segmento evangélico.

Anderson foi prefeito de Jaboatão dos Guararapes, segunda maior cidade de Pernambuco, de 2017 a março de 2022. Nos últimos anos, esteve na oposição ao PSB no estado. No governo de Eduardo Campos, foi aliado do partido.

Os outros dois candidatos competitivos, Raquel Lyra (PSDB) e Miguel Coelho (União Brasil) esperam crescer nas pesquisas após a propaganda eleitoral de rádio e TV. Ele terá o maior tempo das oposições e espera, com isso, superar o desconhecimento nas regiões fora do Sertão.

Ele também é o mais apoiado entre os candidatos de oposição ao PSB por prefeitos, a maioria em municípios de médio e pequeno porte do interior.

O pai de Miguel, senador Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE), foi líder do governo Bolsonaro por três anos. Mesmo assim, o candidato tem evitado menções ao presidente, que possui elevada rejeição no estado. Miguel diz que fará campanha para Soraya Thronicke para presidente.

Ainda assim, tem recebido apoio de políticos bolsonaristas refratários a Anderson Ferreira.

Assim como Miguel, Raquel Lyra tenta ampliar o grau de conhecimento no Grande Recife. Para isso, aposta na candidata a vice, a deputada estadual Priscila Krause, que tem penetração no eleitorado da região metropolitana.

Além disso, elas formam a única chapa feminina competitiva para governo, num aceno às mulheres, que formam 54% do eleitorado no estado. Elas apoiam Simone Tebet (MDB) no plano nacional.

Para disputar votos com Miguel no Sertão, Raquel apoia como candidato ao Senado o primo dele, o empresário Guilherme Coelho, também ex-prefeito de Petrolina.

Raquel é filha do ex-governador João Lyra Neto, que foi vice de Eduardo Campos. Ela deixou o PSB após o partido não apoiar sua intenção de ser candidata a prefeita de Caruaru em 2016. Foi para o PSDB e venceu o pleito.

Para a cientista política Priscila Lapa, o fato de opositores já terem tido passagem pelo palanque do PSB foi provocado pela redução da capacidade de aglutinação do partido e pela busca dos outrora aliados de ocupar novos espaços.

Raio-X da corrida para o Governo de Pernambuco

Candidatos	Alianças
Anderson Ferreira (PL)	apoia Jair Bolsonaro (PL)
Danilo Cabral (PSB)	apoia Lula (PT)
João Arnaldo (PSOL)	apoia Lula (PT)
Marília Arraes (Solidariedade)	apoia Lula (PT)
Raquel Lyra (PSDB)	apoia Simone Tebet (MDB)
Claudia Ribeiro (PSTU)	apoia Vera Lúcia (PSTU)
Jadilson Bombeiro (PMB)	(sem aliança definida)
Jones Manoel (PCB)	apoia Sofia Manzano (PCB)
Miguel Coelho (União Brasil)	apoia Soraya Thronicke (União)
Ubiracy Olímpio (PCO)	apoia Lula (PT)
Wellington Carneiro (PTB)	apoia Jair Bolsonaro (PL)

Dados do estado

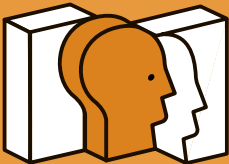
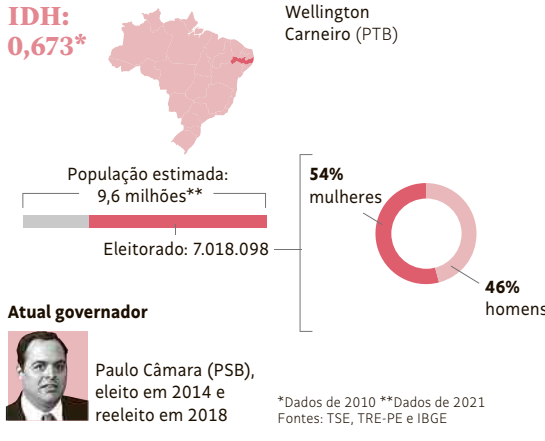
IDH: 0,673*

População estimada: 9,6 milhões**

Eleitorado: 7.018.098

Atual governador

Paulo Câmara (PSB), eleito em 2014 e reeleito em 2018

*Dados de 2010 **Dados de 2021
Fontes: TSE, TRE-PE e IBGE

CONHEÇA OS 12 FINALISTAS E VOTE NAS INICIATIVAS SOCIOAMBIENTAIS DE DESTAQUE EM 2022

O **Prêmio Empreendedor Social 2022** apresenta soluções inovadores para problemas brasileiros aprofundados na pandemia e abre a categoria de votação popular. Entre **8 de agosto** e **16 de setembro**, você pode votar quantas vezes quiser e escolher a sua iniciativa preferida em cada uma das quatro categorias: **Destaques na Pandemia**, **Inovação em Meio Ambiente**, **Soluções Comunitárias** e **Direitos Humanos**. E, se puder, faça uma doação para potencializar essas ações.

VOTE E DOE EM: folha.com/escolhadoleitor2022

DESTAQUES NA PANDEMIA

Benfeitoria Tatiana Leite e Murilo Farah

Fundo Social Estímulo Eduardo Mufarej e Fabio Lesbaupin

Todos pela Educação Priscila Cruz

INOVAÇÃO EM MEIO AMBIENTE

Brigadas Pantaneiras Leonardo Gomes e Mônica Guimarães

Idesam Mariano Cenamo

MapBiomas Tasso Azevedo

SOLUÇÕES COMUNITÁRIAS

Diaspora.Black Carlos Humberto e Antonio Pita

Gastronomia Periférica Edson Leite

Na Ponta dos Pés Tuany Nascimento

DIREITOS HUMANOS

Politize! Gabriel Marmentini

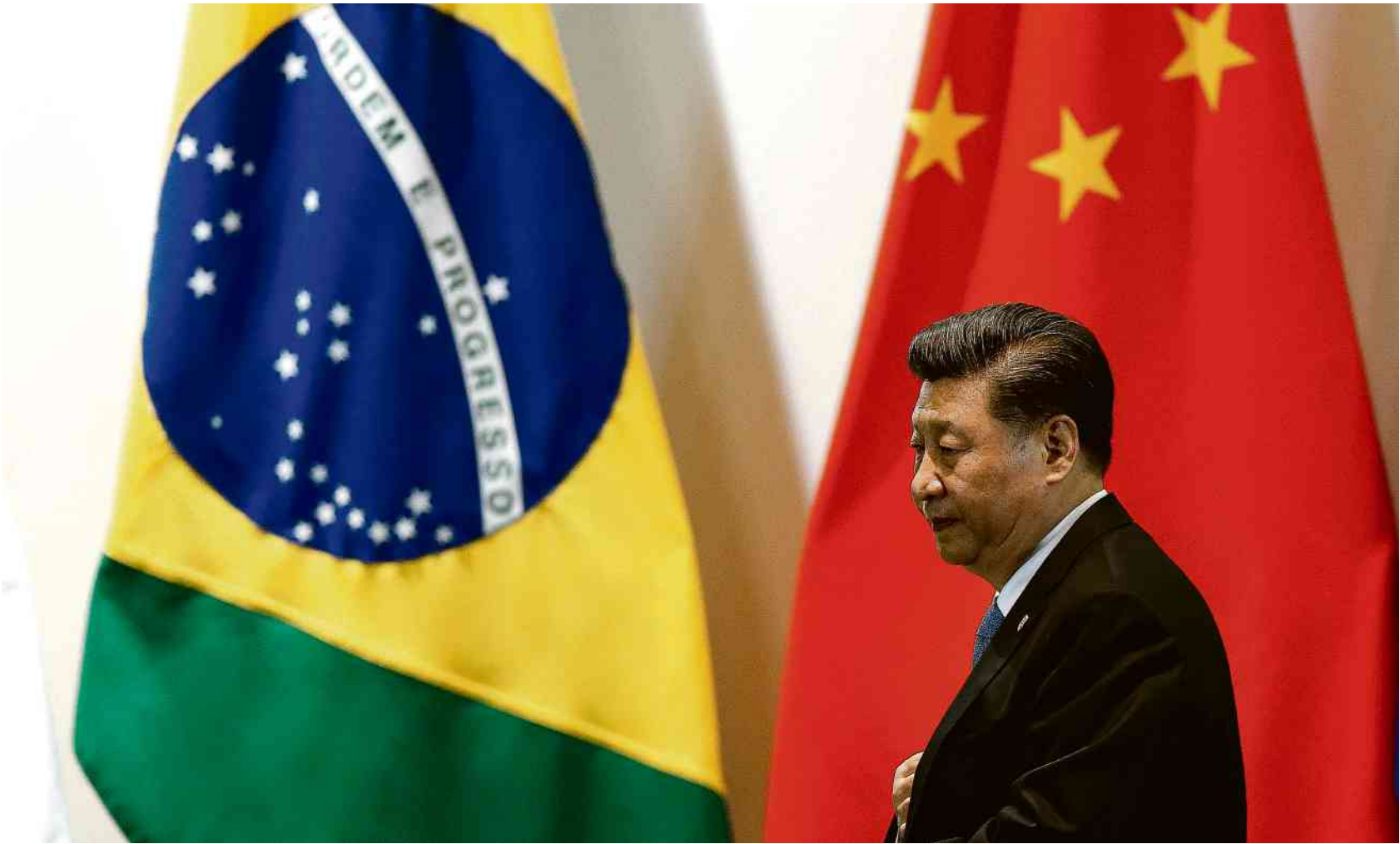
ID_BR Luana Génot

Turma do Jiló Carolina Videira

VOTAÇÃO DE 8/8 A 16/9

PARTICIPE!

Realização:
Patrocínio:
Parceria Estratégica:

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

O líder chinês, Xi Jinping, em visita ao Brasil para encontro do Brics Pedro Ladeira - 14.nov.19/Folhapress

Principais candidatos ao Planalto ignoram China em plano de governo

Projetos de política externa se assemelham em lacunas e divergem em relações econômicas

Clara Balbi

SÃO PAULO Maior parceiro comercial do Brasil e peça central no xadrez global, a China é ausência notável nos projetos para a política externa dos principais presidenciáveis brasileiros. O gigante asiático ficou de fora dos planos de governo apresentados pelos quatro candidatos que à frente na disputa segundo a pesquisa mais recente do Datafolha.

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fala em trabalhar pela construção de uma nova ordem global. Jair Bolsonaro (PL) menciona a Ásia nas primeiras páginas do programa protocolado no TSE, ao afirmar que o enriquecimento da população do continente tem pressionado o crescimento econômico dos países do Ocidente. Mas nem eles nem os demais candidatos —à exceção de Sofia Manzano (PCB)— citam diretamente a China.

Analistas se dividem quanto à lacuna envolvendo a potência de papel preponderante na Guerra da Ucrânia e rival cada vez mais acentuado dos Estados Unidos —segundo maior parceiro comercial brasileiro. Tatiana Berringer, professora da Universidade Federal do ABC, na qual integra o Observatório da Política Externa e Inserção Internacional do Brasil (Opeb), vê como um equívoco os programas não tratarem do tema.

Afinal, diz ela, uma boa política externa parte de uma avaliação realista da conjuntura internacional e das capacidades de um país para se inserir nela. "Não tem como não falar de China", afirma. "Talvez os candidatos tenham feito isso para não entrar na disputa ideológica da sinofobia. Mas o tema carece de debate, e acho que ele aparecerá na mídia e nos próprios embates entre eles."

Sob Bolsonaro, houve momentos de tensão com Pequim, com ataques feitos por membros do governo e do entorno do presidente —notadamente seu filho Eduardo (PL-SP)— e respondidos pelo então embaixador chinês em Brasília, Yang Wanming.

O pesquisador Wesley Sá Teles Guerra, coordenador do Observatório Galego da Lusofonia, pondera que não fazer referência aos asiáticos seria uma forma de cautela; determinada menção ao país, segundo ele, poderia ser lida como manifestação de alinhamento direto ou apoio.

A ausência do tópico não é, porém, o único denominador comum entre os planos para a diplomacia dos presidenciáveis com mais de 1% de intenção de votos segundo o último Datafolha —os dois já citados, mais Ciro Gomes (PDT), que dedica poucas linhas à política externa no programa, e Simone Tebet (MDB).

Os quatro propõem reforçar a participação do Brasil em fóruns mundiais e organizações multilaterais — os rivais de Bolsonaro falam em devolver prestígio e protagonismo internacionais à diplomacia. Comprometem-se ainda com uma reaproximação do Brasil com os vizinhos na América do Sul e defendem desenvolvimento sustentável e políticas de preservação do meio ambiente.

As propostas, que poderiam soar previsíveis, não deixam de surpreender quando partem do atual presidente e candidato à reeleição. Analistas apontam que elas são muito mais próximas das diretrizes clássicas da diplomacia brasileira do que do programa do político à época em que foi eleito e da prática nos últimos quatro anos.

O plano de 2018 defendia o afastamento do que chamava de "ditaduras assassinas", notadamente a Venezuela, e a aproximação com EUA e Israel, "democracias importantes" que teriam sido desprezadas e atacadas nos governos do PT.

Para Gustavo Rocha, doutor em ciência política pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o texto do plano para a possível reeleição do atual chefe do Planalto é permeado por uma retórica típica do bolsonarismo.

Um trecho do programa afirma, por exemplo, que "o presidente buscou uma interação robusta com nações democráticas, em equilíbrio com nossa vocação universalista". Na prática, sua gestão foi marcada por uma relação com os EUA sob Donald Trump tachada por críticos de vassalagem e pela aproximação com líderes autoritários. Bolsonaro já chamou de irmãos Mohammed bin Salman, príncipe herdeiro da Arábia Saudita, acusado de ordenar o assassinato de um jornalista crítico ao seu regime, e Viktor Orbán, primeiro-ministro que conduz a Hungria em uma escalada autoritária.

Essa espécie de guinada discursiva no plano de Bolsonaro pode se explicar, entre outras coisas, segundo Rocha, pela substituição de Ernesto Araújo, de perfil estridente, por Carlos França, visto como mais técnico, no Itamaraty.

A busca por certo pragmatismo incluiu ainda um ensaio de aproximação com Joe Biden nos EUA. Nas palavras de Berringer, quando o trumpismo caiu, caiu também uma dita "aliança do ocidentalismo" —para ela, essa percepção, aliada ao fato de que a aproximação anterior com Washington não se traduziu em ganhos econômicos palpáveis, levou aos ajustes.

A maior divergência entre os quatro presidenciáveis, e talvez o que melhor revele os contrastes entre os modelos econômicos que eles propõem, parece ser a entrada na OCDE, o clube dos países ricos.

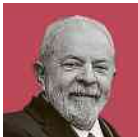
Bolsonaro dedica uma seção inteira em seu plano ao ingresso na entidade, que neste ano deu um sinal verde para a candidatura do Brasil. O plano de governo do presidente argumenta que a entrada na organização funcionaria como uma espécie de selo de boas práticas e estimularia acordos com nações desenvolvidas — alegação ecoada por Simone Tebet e Felipe d'Avila (Novo).

Nelson Marconi, coordenador da campanha de Ciro, diz que o candidato também defende priorizar relações com os países desenvolvidos, uma vez que elas permitiriam transferência de tecnologia, aspecto importante no programa desenvolvimentista proposto pelo PDT. Mas considera algumas das condições para o ingresso na OCDE prejudiciais.

Lula, por sua vez, não cita a entidade no seu plano de governo. Mas Celso Amorim, ex-chanceler e principal conselheiro do petista para assuntos internacionais, já afirmou em entrevistas que fazer parte da OCDE não só não é garantia de investimento externo como não traria grandes benefícios para o Brasil.

O programa de Lula busca resgatar a "diplomacia ativa e altiva", estreitando relações com o Sul Global e com os países do Brics —como mostrou a **Folha**, o petista já procurou embaixadores e defendeu a atuação do bloco com China, Rússia, Índia e África do Sul na busca por uma solução para a Guerra da Ucrânia e a reinserção do Brasil no tabuleiro internacional.

Os analistas ouvidos pela reportagem veem as propostas dos principais candidatos como mais afinadas com as emergências atuais —enquanto as de outros planos, em especial os dos partidos mais à esquerda, como PCB e PSTU, soam desconexas em relação à conjuntura, ainda que abordem temas ignorados pelos demais.

As propostas dos candidatos

Luiz Inácio Lula da Silva (PT)

RETOMADA DA DIPLOMACIA
Recuperar o protagonismo do Brasil na política externa, fortalecendo Mercosul, Unasul, Celac e Brics e ampliando a participação nacional em organismos multilaterais em geral

SUL GLOBAL
Reconstruir cooperação internacional Sul-Sul e promover integração da América Latina e do Caribe, de modo a reforçar a segurança local e desenvolver a região em sincronia

MIGRAÇÃO
Retomar e ampliar políticas públicas para a população brasileira no exterior e seus direitos de cidadania

Jair Bolsonaro (PL)

'UNIVERSALISMO'
Intensificar trocas com países de todo o mundo por meio de acordos e da atuação em órgãos internacionais

EXÉRCITO
Ampliar investimento nas Forças Armadas

AUTONOMIA
Reduzir dependência externa, definindo áreas estratégicas nas quais investir

OCDE
Prosseguir com o processo de ingresso na entidade

AMAZÔNIA
Desenvolver a região tendo como referência a sustentabilidade e o respeito aos indígenas

Ciro Gomes (PDT)

COMÉRCIO
Aumentar a exportação de manufaturados

COOPERAÇÃO COM PAÍSES DO NORTE
Priorizar acordos com nações desenvolvidas, visando transferência de tecnologia

VIZINHOS
Voltar a exercer papel de liderança não impositiva e integrada na América do Sul e estreitar não só laços comerciais, mas culturais

SEGURANÇA
Juntar forças com países da América do Sul para melhorar a fiscalização nas fronteiras e formar cooperações do ponto de vista de troca de informação

Simone Tebet (MDB)

MENOS IMPOSTOS
Formular e implementar plano de redução gradual de tarifas aduaneiras e eliminar medidas não tarifárias e negociações comerciais com ênfase em acesso a mercados

VIZINHOS
Promover integração física e investimentos em infraestrutura na América do Sul e consolidar o Mercosul

MAIS TROCAS
Utilizar extensa rede de representações diplomáticas no exterior para facilitar os fluxos bilaterais de pessoas, bens, serviços, investimentos e tecnologias

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Sírio quer representar refugiados e tenta vaga na Assembleia de SP

ELEIÇÕES 2022

Diogo Bercito

WASHINGTON Abdulbaset Jarour chegou ao Brasil há oito anos como refugiado, fugindo da guerra na Síria, onde nasceu. Veio com visto humanitário, sozinho, sem falar português. Agora, aos 32 anos, é um dos estrangeiros naturalizados brasileiros que concorrem às eleições de outubro —ele buscará uma vaga na Assembleia Legislativa de São Paulo.

Ao menos 35 candidatos, de um total de mais de 28 mil, afirmaram nos seus cadastros que nasceram fora do Brasil e se naturalizaram no país, segundo o banco de dados do Tribunal Superior Eleitoral —o número é parecido com o das eleições de 2018, quando havia 34 nomes nessas condições. Dez deles concorrem a deputado em São Paulo, o estado com o maior número de casos.

A lei brasileira permite que pessoas naturalizadas se candidatem em pleitos, com exceção feita a alguns cargos, como o de presidente e o de vice-presidente; depois de eleitos, eles tampouco podem presidir a Câmara dos Deputados ou o Senado.

Jarour nasceu em Aleppo, uma das cidades sírias mais afetadas pela guerra civil iniciada em 2011. Foi ferido em 2013 e decidiu fugir para o Líbano. De lá, pensou em cruzar pelo mar para a Itália, a Grécia ou a Espanha. "Mas tinha medo de morrer afogado", diz. Tentou o visto canadense e o australiano, sem sucesso. "Ouvi falar no visto humanitário brasileiro e procurei a embaixada."

Um amigo colocou Jarour em contato com um libanês residente em São Paulo, que lhe ofereceu um emprego vendendo CDs nas ruas do Brás. "Não aceitei, não me senti bem", conta. Acabou trabalhando por um tempo em um albergue e depois como motorista. Dali, enveredou por organizações da sociedade civil. Hoje é vice-presidente da ONG Pacto Pelo Direito de Migrar - África do Coração e atua em outras entidades. Naturalizou-se brasileiro em 2020, depois de seis anos de residência.

Jarour conta que, em oito anos de Brasil, sofreu preconceito e teve dificuldades para fazer sua voz ser ouvida. "Às vezes um professor ou um pesquisador falam em nome dos imigrantes", diz. "Nós conseguimos nos expressar em português, que estamos aprendendo. Mesmo assim, as pessoas interrompem a gente, e então perdemos nosso lugar de fala."

Essa perspectiva norteia sua plataforma, que pede mais protagonismo de imigrantes e de refugiados na formulação das políticas públicas que os afetam. O sírio propõe, por exemplo, a facilitação do acesso a moradia, educação e trabalho. Sugere também que São Paulo incentive a interiorização dos imigrantes e dos refugiados, para que eles não se concentrem na capital. "Eu quero que o Estado invista nesse potencial humano."

Nos últimos anos, o país foi destino de diferentes fluxos de migração —de venezuelanos, haitianos, sírios e, mais recentemente, afegãos e ucranianos, grupos aos quais o governo federal também destinou a emissão de vistos humanitários.

Filiado ao PSB, Jarour não poderá, porém, contar diretamente com esses apoios; como imigrantes e refugiados não podem votar até que eventualmente se naturalizem brasileiros, qualquer candidato que inclua a questão migratória em sua plataforma precisa convencer um eleitorado mais amplo. Daí, talvez, a mensagem de que o país tem muito a ganhar com os estrangeiros —que na maioria das vezes têm perfil empreendedor, segundo ele.

Além de Jarour, concorrem em São Paulo ao menos outras nove pessoas que declararam ter nascido fora do Brasil e se naturalizado no país. Para deputado estadual, disputam, segundo o nome de urna protocolado no TSE, Garry do Povo (Haiti, PT), Jaeh Kim (Coreia do Sul, Podemos), Dra. Maria Alice (Portugal, Patriota), e os chineses Dr. Vong (PSDB), Doutor Li (Cidadania) e David Chu (Pros). Para federal, são Dr. Roger Lin (China, Podemos), Henri Esses (Líbano, PV) e Chuks (Nigéria, PSDB).

Não está claro, com base no TSE, se algum dos candidatos além de Jarour chegou ao Brasil como refugiado. "Somos os novos brasileiros", diz ele. "Mas algumas pessoas acham que são melhores do que a gente, que, porque viemos de fora, não temos direitos, que chegamos aqui para roubar empregos. Só estamos lutando para poder existir."

28 mil
candidatos registrados no TSE no país para a eleição

ao menos 35
afirmaram que são nascidos em outros países e naturalizados brasileiros

10
se lançaram candidatos em SP

34
naturalizados disputaram o pleito em 2018

Abdulbaset Jarour durante palestra em escola de São Caetano Karime Xavier - 10.out.19/Folhapress

Apoiadores de Trump no entorno de prédio do Judiciário em West Palm Beach, na Flórida Chandan Khanna - 18.ago.22/AFP

Cerco a Trump acirra tensão e dispara alerta contra extremismo

Parlamentares nos EUA acionam redes sociais, e FBI afirma que maior ameaça vem de atores solitários

Thiago Amâncio

WASHINGTON "Cobri extremismo e ideologias violentas em todo o mundo ao longo da carreira. Nunca encontrei uma força política mais niilista, perigosa e desprezível do que o Partido Republicano de hoje", escreveu no Twitter um editor do jornal Financial Times.

"Concordo. E eu fui diretor da CIA", respondeu, na quarta (17), o general aposentado Michael Hayden, que comandou a agência de inteligência do país entre 2006 e 2009 —indicado por um republicano, George W. Bush— e, antes, a Agência de Segurança Nacional, entre 1999 e 2005.

Há exagero na afirmação inicial, mas a réplica do militar, que chocou parte dos comentaristas nos EUA, dá o tom do momento de tensão política pelo qual o país passa.

Por certo período pareceu que a apuração do ataque ao Capitólio em janeiro de 2021 e a responsabilização dos invasores que tentaram roubar a eleição de Joe Biden tinham baixado a fervura de grupos radicais. Até que a inédita operação do FBI contra o ex-presidente Donald Trump no último dia 8 revirou as redes sociais, agitou extremistas e alarmou instituições americanas.

O episódio mais grave se deu três dias após a busca na Flórida, quando um homem armado com um fuzil tentou invadir um prédio do FBI em Ohio, trocou tiros com agentes e foi perseguido até ser morto.

O agressor era um prolífico apoiador de Trump na Truth Social, rede social criada pelo ex-presidente, na qual o discurso contra instituições encontra eco. Mas Telegram e TikTok também estão recheados de chamados às armas.

Nesta sexta (19), o Twitter baniu um candidato republicano nas primárias da Flórida que afirmou que seu projeto é literalmente permitir à população matar funcionários públicos. "Meu plano de governo é que todos os cidadãos da Flórida tenham permissão para atirar em agentes do FBI, da Receita e de qualquer força federal à vista", escreveu Luis Miguel, que busca ser postulante a uma vaga na Câmara.

Diante do aumento das ameaças, líderes de duas comissões na Câmara dos Representantes acionaram na sexta oito redes sociais, incluindo Twitter, TikTok e Facebook, além de sites de direita como Gettr, Rumble e Truth, demandando "ação imediata" contra ameaças a agentes federais.

Tamanho foi o alerta que a inteligência distribuiu às polícias de todo o país um memorando do que dizia que "o FBI e o Departamento de Segurança Interna observaram um aumento de ameaças violentas publicadas em redes sociais contra agentes e prédios federais". O documento relatou ameaças de uma bomba suja (arma radiológica que combina materiais radioativos e explosivos comuns) na sede do FBI, além de "apelo geral por 'guerra civil' e 'rebelião armada'".

Bruce Reinhart, juiz que autorizou a operação, viu seu endereço se tornar público em sites de extrema direita, recebeu uma enxurrada de ameaças e aumentou a escolta policial. A sinagoga que ele frequenta cancelou serviços após mensagens antissemitas.

Shannon Hiller, diretora-executiva da BDI, grupo ligado à Universidade de Princeton que monitora a violência política no país, afirma que o ataque ao FBI em Cincinnati mostrou que a retórica tem um custo na vida real.

"Espero que seja um ponto de alerta de que isso não é um jogo, realmente estão brincando com fogo. Se você fala sobre violência contra instituições, as pessoas vão levar isso a sério", diz. A BDI lançou guias de como baixar a tensão em conflitos, divididos por profissões e por estado.

No guia para pessoas que venham a trabalhar em eleições, há orientações para gravar qualquer ameaça e se familiarizar com as leis locais sobre armas e milícias.

O guia também orienta indivíduos comuns: acalmar-se, ouvir o outro lado e tentar responder na medida do possível são algumas das dicas. A última orientação vem em caixa alta: "Se o apaziguamento não está funcionando, PARE E PROCURE AJUDA".

Violência política não é exatamente uma novidade nos EUA, país que já enfrentou uma guerra civil. Antes dela, o partido Know-Nothing ("sabe nada") se fez notável por mobilizar massas protestantes em atos violentos, sobretudo contra imigrantes católicos irlandeses e italianos.

Mesmo o supremacismo branco do século 19 tinha forte componente partidário, lembra Rachel Kleinfeld, uma das principais especialistas do país em violência política, no Journal of Democracy.

"Políticos do Partido Democrata [que no século 19 tinha grupos pró-escravidão] usaram a retórica racial para amplificar a raiva e permitiram que a violência ocorresse, para convencer os brancos pobres de que compartilhavam mais em comum com os brancos ricos do que com os negros pobres, impedindo os partidos populistas e progressistas de unir brancos e negros pobres em uma única campanha", escreveu, acrescentando que linchamentos de negros aumentavam às portas de eleições em distritos competitivos.

Ataques internos também ameaçaram a segurança do país ao longo do século 20, inclusive com o assassinato do então presidente John Kennedy em 1963 e o atentado contra Ronald Reagan em 1981.

Mais recentemente, tornaram-se frequentes episódios que mostram que os EUA não estão livres da violência política. Em junho, por exemplo, o FBI prendeu um homem armado que admitiu o plano de matar o juiz conservador Brett Kavanaugh, da Suprema Corte, citando irritação com suas visões antiaborto e contrárias ao controle de armas.

Hoje, segundo comunicado da polícia federal, "a maior ameaça terrorista à pátria é representada por atores solitários ou pequenas células que normalmente se radicalizam na internet e procuram atacar alvos fáceis com armas facilmente acessíveis". Segundo a instituição, o número de investigações de extremistas nos EUA dobrou desde 2020, e o ataque ao Capitólio levou a esforços sem precedentes no assunto, com a prisão de mais de 850 envolvidos.

Ciosos do risco de incentivar esses ataques, republicanos do alto escalão como Mike Pence —que foi vice de Trump e é inimigo dos trumpistas desde que se opôs à tentativa de evitar a posse de Biden em 2021— e Mike Pompeo, ex-secretário de Estado, foram a público pedir a apoiadores que concentrem sua raiva no comando da instituição, não em agentes na linha de frente.

"Você pode facilmente confrontar a liderança do FBI sem difamar essas pessoas [agentes comuns] que estão tentando manter as ruas seguras e nos manter a salvo do crime", disse Pompeo à Fox News.

Espero que seja um ponto de alerta de que isso não é um jogo, realmente estão brincando com fogo. Se você fala sobre violência contra instituições, as pessoas vão levar isso a sério

Shannon Hiller
diretora-executiva da BDI, grupo que monitora violência política nos EUA

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Avanços e estagnações na história recente de Angola

País lusófono da costa africana vai às urnas em 24 de agosto

População
33,9 milhões
(soma das de Minas Gerais e Bahia)

Área
1.246.700 km²
(semelhante à do Pará)

Índice de percepção da corrupção no setor público
Quanto mais perto de 0, pior; país está em 136º em classificação com 180 nações

PIB
Em bilhões de dólares

Mais de 85% das exportações estão ligadas ao petróleo
Tipo de exportações, em %

China, Portugal e Singapura são principais exportadores
Tipo de importações, em %

Índice de Segurança Alimentar
Quanto mais perto de 100, melhor; país está em 98º entre 113 nações

Índice de Desenvolvimento Humano
Quando mais perto de 1, melhor

População por faixa etária
Em %

Fontes: Banco Mundial, Transparência Internacional, Economist Intelligence Unit e ONU

Pleito em Angola tenta enfim tirar democracia da geladeira

Oposição busca alternância de poder após mais de 40 anos de domínio do MPLA

ONDE SE FALA PORTUGUÊS

Mayara Paixão

SÃO PAULO Angola vai às urnas na quarta (24) em um cenário carregado de simbolismos: a quinta eleição multipartidária da história do país ocorre 20 anos após o fim de uma guerra civil de quase três décadas e pouco mais de um mês depois da morte de José Eduardo dos Santos, controverso líder que ficou 38 anos no poder.

Em um país onde o Estado se confunde com o partido governista —o MPLA domina a política local desde a independência, em 1975—, a surpresa para acadêmicos e para a sociedade civil é a articulação inédita da oposição angolana.

O movimento cria uma janela de oportunidade para Angola tirar a democracia da geladeira, ainda que movimentos sociais aleguem não confiar na lisura do processo eleitoral, durante o qual as pesquisas de intenção de voto, por exemplo, foram proibidas.

"Angola é uma transição democrática que ficou parada no tempo", diz Jonuel Gonçalves, pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF) e do Instituto Universitário de Lisboa. "Não se trata de um regime totalitário, mas o partido tem o mesmo poder que o Estado; o país não anda nem para frente nem para trás."

Cerca de 14,4 milhões de pessoas (metade do país) estão aptas a votar. Nas urnas, elas vão eleger uma nova Assembleia Nacional, composta por 220 membros. O presidente e o vice, como determina uma contestada alteração na Constituição em 2010, serão, respectivamente, o primeiro e o segundo da lista do partido mais votado.

Em ato raro, a Unita, maior sigla da oposição, viu sua lista de candidatos virar guarda-chuva para nomes que compõem a Frente Patriótica Unida, um movimento que pleiteia enfim retirar o MPLA do governo do país africano.

Gonçalves avalia que o grande desafio será conquistar votos novos em vez de aglutinar o apoio antes destinado a partidos menores de oposição, que poderiam "pagar a fatura da subida da Unita". Pesa o fato de que estas serão as primeiras eleições nas quais a geração do pós-guerra irá às urnas — só maiores de 18 anos votam.

> Angola é uma transição democrática que ficou parada no tempo. O país não anda nem para frente nem para trás
>
> **Jonuel Gonçalves**
> pesquisador da Universidade Federal Fluminense

Para essa fatia, o principal capital simbólico do MPLA, o de ter construído Angola pós-conflito —José Eduardo dos Santos chegou a ser apelidado de "o arquiteto da paz"—, tem menos peso. "Para a maioria, a guerra é uma imagem muito longínqua."

Por óbvio, também está em jogo, a avaliação do governo de João Lourenço —ou JLo—, herdeiro político de Dos Santos alçado à Presidência em 2017. Resumida, sua agenda de promessas priorizava o combate à corrupção entranhada nas elites e a diversificação na economia.

No primeiro quesito, JLo avançou, "mas com uma abordagem inconsistente, mantendo próximas a ele figuras com reputações nada exemplares", diz Marisa Lourenço, analista da consultoria Control Risks para a África Austral. Como exemplo exitoso, ela menciona as reformas por mais transparência no setor de extração de diamantes.

O índice da Transparência Internacional que mede a percepção da corrupção mostrava Angola com 19 pontos quando JLo assumiu. A cifra subiu para 29 no último ano —quanto mais perto de zero, pior. Angola está na 136ª posição em um ranking com 180 nações; o Brasil é o 96º.

Na economia, o avanço foi comedido. Mais de 85% das exportações ainda giram em torno do petróleo. O agravante, diz a analista, está no fato de que o governo nunca investiu na capacidade de refino.

"Isso aumenta o custo de vida, porque Angola está ainda mais exposta aos preços dos combustíveis à medida que não consegue cuidar da própria demanda doméstica."

A pandemia de coronavírus agravou o cenário, e o futuro presidente herdará um país com índices elevados de insegurança alimentar e um PIB (US$ 72,5 bilhões) que representa metade do de 2014.

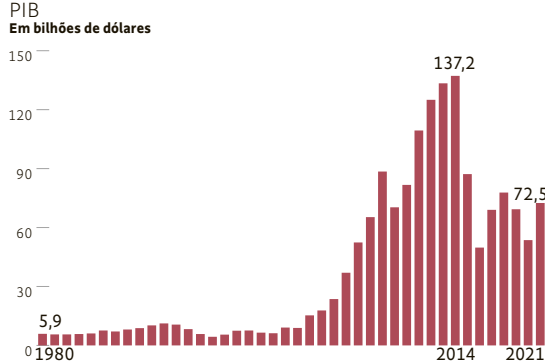
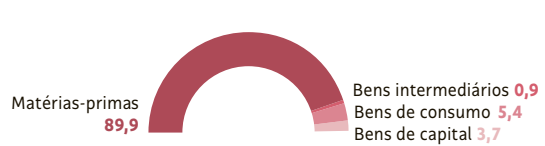
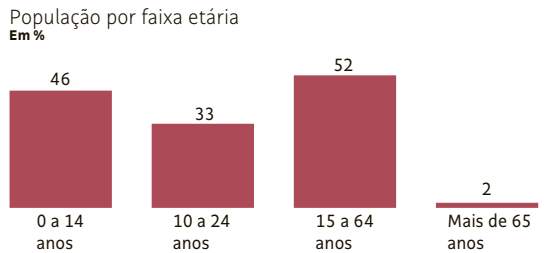
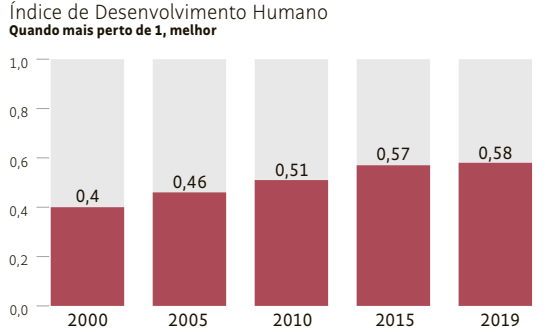
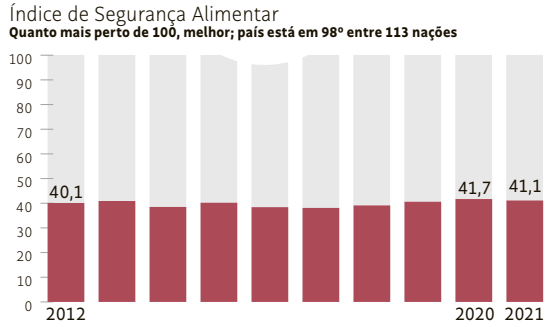
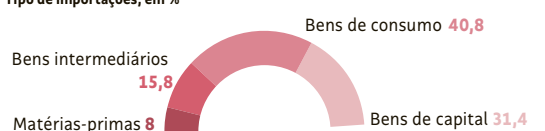
"Há uma nova ética no país, mas a situação da população, que já vinha se degradando com a recessão, não melhorou", resume Gonçalves.

Em campanhas descentralizadas, grupos da sociedade civil, como o Movimento Cívico Mudei, que congrega várias organizações, alertam para a possibilidade de que haja fraude na contagem dos votos.

Criticam, por exemplo, a revisão da lei eleitoral, que retirou a apuração dos municípios, centralizando-a em nível nacional. Eles temem que, assim, haja menos transparência.

Jonuel Gonçalves diz ver baixa possibilidade de fraude após a votação. O problema, para ele, está na etapa anterior. "O governo claramente utiliza a máquina administrativa."

Lourenço reforça: "A polícia, os tribunais e a mídia são parciais com o MPLA, que consistentemente enfraquece instituições democráticas para se manter no poder."

A alternância de poder bate à porta de Angola, país africano que divide com o Brasil idioma, capítulos da história e considerável fluxo migratório. Mas ainda não sabe se terá chances de ingressar.

Agentes de segurança patrulham área próxima ao hotel Hayat, em Mogadício, capital da Somália Hassan Ali Elmi/AFP

Ação terrorista em hotel na Somália termina com pelo menos 13 mortos

MOGADÍCIO | REUTERS E AFP Ao menos 13 pessoas foram mortas em Mogadício, capital da Somália, após militantes ligados ao grupo terrorista Al Qaeda atacarem um hotel. O episódio terminou com os agressores mortos após forças de segurança bombardearem o prédio na noite do sábado (20), 30 horas depois do início do cerco.

Os agressores abriram o caminho para o hotel Hayat, local popular entre congressistas e membros do governo e do Exército, na noite de sexta, com o uso de dois carros bomba. Um porta-voz da facção terrorista Al Shabab reivindicou a autoria da ação em pronunciamento a uma estação de rádio controlada pelo grupo.

Ainda não há um número oficial de mortos e feridos, mas o diretor de um hospital informou que cerca de 40 pessoas atingidas no ataque e em um disparo de morteiro em outra região da cidade eram tratados no local.

Já o hotel, destruído após o bombardeio, terá suas ruínas examinadas em busca de possíveis explosivos, disse um oficial de segurança sob condição de anonimato.

O ataque é o primeiro de grandes proporções desde que o presidente Hassan Sheikh Mohamud reassumiu o poder, em maio. O Al Shabab tenta derrubar o governo somali há mais de dez anos, com planos de implementar um regime baseado numa interpretação radical das leis islâmicas.

A ação também ocorre três dias depois de os EUA anunciarem a morte, em um ataque aéreo, de 13 milicianos do Al Shabab que lutavam contra as forças somalis em torno de Tedaan, cerca de 300 quilômetros ao norte de Mogadíscio.

Na semana passada, militares dos EUA haviam relatado outra ofensiva que matou quatro militantes do grupo na mesma região. O presidente Joe Biden decidiu em maio restaurar a presença militar americana na Somália, revertendo a decisão de seu antecessor, Donald Trump, que havia ordenado a retirada das tropas.

Militantes do Al Shabab foram expulsos de Mogadíscio em 2011 por uma força da União Africana, mas ainda controlam grandes áreas do território e são capazes de agir com força contra alvos civis e militares.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Fila na agência da Caixa em Bonsucesso, na zona norte do Rio de Janeiro, no primeiro dia de pagamentos do auxílio de R$ 600 Eduardo Anizelli - 9.ago.2022/Folhapress

Auxílio turbinado beneficia mais estados onde Bolsonaro busca votos

Presidente foi derrotado pelo PT em 10 das 14 unidades da federação onde programa mais cresceu

Thiago Resende

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) conseguiu, com apoio do Congresso e driblando regras de controle de gastos, incluir 5,7 milhões de novas famílias no Auxílio Brasil desde novembro de 2021. A expansão beneficiou principalmente estados onde o mandatário foi derrotado por Fernando Haddad (PT) em 2018 e agora tenta melhorar sua imagem de olho na reeleição.

Em 14 unidades da federação, a ampliação do número de beneficiários do programa foi superior à expansão média do país quando se considera o total da população de cada estado.

A lista inclui os nove da região Nordeste, além de Pará, Amapá, Acre, Amazonas e Rio de Janeiro. Bolsonaro perdeu para Haddad em dez desses estados em 2018 —todo o Nordeste e o Pará.

Com o Auxílio Brasil, o governo ampliou de 14,5 milhões para 20,2 milhões as famílias atendidas. Essa expansão de 5,7 milhões de beneficiários representa 2,7% da população do Brasil, estimada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

No entanto, essa taxa foi mais alta, por exemplo, no Piauí, Pernambuco e Sergipe, onde chegou a 4,6% da população estadual. No Amapá, o índice ficou em 4,5%.

Maranhão e Alagoas, que apresentam altas taxas de pobreza, tiveram um aumento de beneficiários que representa 3,2% da população. Na Bahia, estado mais populoso do Nordeste, o índice foi de 4,2%.

Já estados bolsonaristas como Roraima e Rondônia, embora estejam entre os mais pobres do país, não registraram aumento expressivo no número de famílias atendidas pelo novo programa. A taxa de ampliação foi de 1,9% e 1,8%, respectivamente.

Segundo o Mapa da Pobreza, elaborado pelo FGV Social, esses estados apresentaram, em 2021, um patamar de miséria acima da média do país.

Tocantins foi o único palco de derrota de Bolsonaro na última eleição e que ficou entre os menos beneficiados com a expansão do Auxílio Brasil.

O Palácio do Planalto e o núcleo da campanha de Bolsonaro tinham como objetivo turbinar o programa para elevar a popularidade do presidente entre os eleitores de baixa renda, especialmente no Nordeste.

Presidente conseguiu mais recursos para o programa ao driblar regras fiscais

	Parcela da população que foi incluída no programa, em %	Número de famílias incluídas, em milhares	População estimada pelo IBGE, em milhares
PI	4,6	152,8	3.289,3
PE	4,6	447,3	9.674,8
SE	4,6	106,5	2.338,5
AP	4,5	39,7	877,6
BA	4,2	634,1	14.985,3
RJ	4,0	692,2	17.463,3
PB	3,9	158,7	4.059,9
AC	3,9	35,2	906,9
AM	3,8	160,1	4.270,0
PA	3,7	326,0	8.777,1
CE	3,7	342,5	9.240,6
RN	3,5	123,3	3.560,9
MA	3,2	228,8	7.153,3
AL	3,2	106,3	3.365,4
Média nacional	**2,7**	**5.736,6**	**213.317,6**
GO	2,5	178,4	7.206,6
MS	2,3	66,5	2.839,2
MT	2,2	80,1	3.567,2
ES	2,2	91,2	4.108,5
MG	2,1	448,4	21.411,9
TO	2,1	33,5	1.607,4
RR	1,9	12,5	652,7
RO	1,8	33,1	1.815,3
SP	1,7	783,7	46.649,1
DF	1,6	50,1	3.094,3
PR	1,5	169,1	11.597,5
RS	1,4	166,1	11.466,6
SC	1,0	70,3	7.338,5

Número de famílias atendidas pelo Auxílio Brasil

nov.2021	14,5
ago.2022	20,2

Ampliação na cobertura **5,7 milhões de famílias**

O que foi feito para conseguir ampliar o Auxílio Brasil

PEC dos Precatórios: foi criado um valor máximo a ser quitado no ano em precatório (dívidas da União já reconhecidas pela Justiça e sem possibilidade de recurso). Os precatórios que ficarem fora desse limite deverão ser pagos em outros anos, adiando a quitação

PEC Kamikaze: Liberou mais dinheiro para o Auxílio Brasil. Foi criada uma exceção para essa verba não ficar sob a limitação do teto de gastos. Os recursos foram usados para elevar o valor mínimo de R$ 400 para R$ 600, além de zerar a fila de espera do programa

Fonte: Ministério da Cidadania e IBGE

> Não conseguimos ainda reparar um efeito disso no público que recebe o Auxílio [Brasil]. A inflação corroeu muito a capacidade das pessoas poderem acessar bens
>
> **Leonardo Paz Neves**
> analista no Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da FGV

Apesar de o Auxílio Brasil ter alcançado um recorde no número de famílias (20,2 milhões), a cobertura ainda está distante do desempenho do auxílio emergencial, que foi criado em abril de 2020 para atender a população mais vulnerável com a chegada do coronavírus ao país.

O benefício atingiu quase 40 milhões de residências. Com isso, o governo fez uma forte ampliação do gasto social, e Bolsonaro viu sua popularidade subir a partir do quarto mês de pagamento.

Para suavizar o impacto negativo do fim do benefício na popularidade do presidente, o governo apostou no Auxílio Brasil e para isso patrocinou duas PECs (propostas de emenda à Constituição) para escapar de limitações orçamentárias e aumentar a verba para o programa.

Com isso, além de ampliar o número de beneficiários, foi possível subir o valor médio de aproximadamente R$ 230 para R$ 607 por mês.

Técnicos do Ministério da Cidadania, responsável pela gestão do programa, afirmam que o sistema para inclusão de famílias funciona de forma automatizada e não faz qualquer distinção ou preferência por região.

Além disso, ressaltam, os recursos alocados no programa neste ano foram suficientes para zerar a fila de espera, ou seja, foram atendidas todas as pessoas que tinham pedido o benefício e cuja documentação já havia sido aprovada.

Na avaliação do diretor do FGV Social, Marcelo Neri, a diferença da ampliação média do Auxílio Brasil entre os estados pode ser explicada por questões de operacionalização do programa. Rondônia e Roraima, por exemplo, têm zonas mais remotas e de difícil acesso. Ele cita ainda a redução da verba para operar a rede de assistência social, que inclui centros de atendimento à população.

"É arriscada a estratégia de usar o meio digital como forma de acesso a um programa de combate à pobreza. Mas também é um desafio fazer isso de forma analógica. Não há uma solução simples."

Ao turbinar o Auxílio Brasil, o Planalto espera melhorar o desempenho eleitoral de Bolsonaro na região onde o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tem mais força política.

O petista tem 56% das intenções de votos no primeiro turno entre pessoas que recebem o Auxílio Brasil ou moram com alguém que é beneficiário do programa, segundo pesquisa Datafolha. Bolsonaro tem 28% entre esses eleitores. No fim de maio, o presidente tinha 20%, contra 59% de Lula.

Bolsonaro, portanto, tem conseguido avançar na popularidade nesse segmento, mas ainda está longe do patamar alcançado pelo petista.

A campanha bolsonarista crê que o efeito eleitoral da ampliação do benefício, que passou para R$ 600 em agosto, só deve ficar mais evidente em setembro —com auge previsto para o período entre o primeiro e o segundo turno.

"Neste momento, não conseguimos ainda reparar um efeito disso no público que recebe o Auxílio [Brasil]. A inflação corroeu muito a capacidade das pessoas poderem acessar bens. A deflação das últimas semanas atingiu principalmente os combustíveis; os alimentos continuam em patamar elevado", disse Leonardo Paz Neves, analista no Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da FGV.

De acordo com o calendário do Auxílio Brasil , a primeira parcela do benefício ampliado para R$ 600 está sendo liberada até 22 de agosto. Ou seja, nem todas as famílias receberam o novo valor até a pesquisa Datafolha mais recente.

Além de ampliar a transferência de renda, Bolsonaro extinguiu o nome Bolsa Família —associado aos governos petistas. A estratégia foi criar uma marca para o presidente na área social.

No primeiro ano de governo, Bolsonaro não deu prioridade ao Bolsa Família, que chegou a ter uma fila de espera de quase 1,5 milhão de famílias. A campanha do presidente à reeleição não tem esperança de conseguir reverter o cenário de favoritismo de Lula na região, mas espera melhorar o desempenho de Bolsonaro nesses estados.

Ministério tenta criar auxílio para famílias de policiais

Marianna Holanda, Raquel Lopes e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O Ministério da Justiça e Segurança Pública busca criar um auxílio para contemplar famílias de policiais federais, rodoviários federais e penais mortos ou que tenham se aposentado por invalidez.

A medida é discutida num momento em que as categorias estão insatisfeitas com o governo federal, após o descumprimento da promessa de reajuste e reestruturação das carreiras da segurança pública.

Para membros da pasta, o auxílio seria um importante gesto aos policiais, que são considerados integrantes da base de eleitores do presidente Jair Bolsonaro (PL). O chefe do Executivo busca a reeleição.

O pedido do Ministério da Justiça ao Ministério da Economia é de abril deste ano. A intenção é que ele fosse executado já em 2022, ao custo de R$ 6,5 milhões ao ano.

Integrantes da pasta do ministro Anderson Torres alegam que o valor não seria usado na íntegra, e que, politicamente, seria importante para o governo em um momento de campanha eleitoral.

Por outro lado, o auxílio encontra resistências na Economia. A equipe do ministro Paulo Guedes afirma que é preciso haver compensação para a criação de uma despesa permanente para não descumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal.

Essa compensação precisaria ser um corte permanente de outra despesa ou um aumento de receitas.

Durante o governo Bolsonaro, as associações representativas dos delegados, peritos e agentes federais lutaram pela reestruturação na carreira dos policiais, algo que não ocorreu.

O reiterado descumprimento de promessas pelo governo fez as associações publicarem notas, nos últimos meses, criticando o governo e diretamente Bolsonaro.

Em uma delas, disseram que o presidente promove "descaso", "abandono" e "menosprezo" aos integrantes das forças de segurança.

Bolsonaro também chegou a prometer a concessão de aumento de 5% a todas carreiras de servidores federais, o que descartaria a reestruturação prometida às categorias da segurança pública. Mas o pagamento do reajuste linear a todos os servidores também não ocorreu.

Atualmente, policiais que atuam na Força Nacional têm direito a uma indenização de R$ 100 mil no caso de invalidez incapacitante para o trabalho. A família também tem direito ao mesmo valor em caso de morte desse agente.

Os policiais federais, rodoviários federais, civis e militares que estiverem atuando na Força Nacional podem ser contemplados com esse auxílio. Nesse caso, a fonte de recurso é o Fundo Nacional de Segurança Pública.

A menos de 45 dias da eleição, Bolsonaro está em segundo lugar nas pesquisas de intenção de voto. O mais recente Datafolha, divulgado na quinta-feira (18), mostra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 15 pontos de vantagem sobre Bolsonaro.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Fernando Vallada
Eleição impulsiona fortuna ao exterior, mas cenário global afeta lógica

SÃO PAULO O presidente do Julius Baer no Brasil, Fernando Vallada, vê um momento complexo, especialmente pelo mercado exterior, e com sinais antagônicos. "Sempre que tem uma eleição complexa, polarizada, os clientes se interessam por envio de recursos ao exterior como forma de proteção. Mas tem um evento representativo, essa queda dos mercados internacionais, afetando essa lógica", diz.

A visão do Brasil é otimista, diz ele, com potencial para a gestão de fortunas. A empresa não revela números de ativos sob gestão no país, mas a meta é dobrar em sete anos.

*

O sr. assumiu o posto de CEO em um ano complexo do ponto de vista macroeconômico. Como tem sido? Estou há pouco mais de três anos no Julius Baer. Inicialmente, atuei como representante do grupo no Brasil. Há um ano, montamos uma unidade de consultoria de investimento no exterior e, em abril, tomou-se a decisão de unificar a gestão das duas empresas, family office e consultoria.

É um ano conturbado, especialmente pelo mercado no exterior, muita volatilidade. Há coisas, de certa forma, antagônicas. Por exemplo, sempre que se tem uma eleição complexa, polarizada, os clientes se interessam mais por envio de recursos ao exterior como forma de proteção.

Mas tem um evento representativo, essa queda dos mercados internacionais, afetando essa lógica. Na taxa de câmbio, também houve uma apreciação do dólar frente ao real. É meio que um contrassenso e, ao mesmo tempo, uma elevação da taxa de juros doméstica expressiva.

E o que acontece? Aquilo que seria o natural, o esperado, não aconteceu. Volta a moeda local a ser o protagonista dos investimentos no Brasil. Acho que esse é um evento contraintuitivo. Os mercados lá fora se acalmando um pouco, mas há grande dúvida com relação à recessão nos Estados Unidos ou não, e o que isso teria como efeito tanto na economia americana como na global. Mas é complexo. É um cenário desafiador.

Apesar de tudo, vocês são otimistas com o Brasil? Não tem como ser relevante na América Latina se você não for relevante no Brasil. Além disso, o banco vem investindo aqui desde 2011. O grupo Julius Baer comprou 30% da GPS em 2011, foi elevando a participação até chegar a 100%. Em 2018, comprou a Reliance.

O Brasil tem a capacidade de geração de riqueza. Boa parte das empresas ainda são familiares, vão passar por IPO, por um ciclo de fusão ou vão ser adquiridas. Essas famílias passam por grandes eventos de liquidez, e é aí que a gente entra ajudando a preservarem a prosperidade.

E o Brasil vem passando, tem momentos em que existe pico ou redução, mas historicamente a gente vem gerando riqueza, vem gerando liquidez através dos tempos. É isso o que interessa no país. É a dimensão, o potencial de crescimento e a possibilidade e quantidade de eventos de liquidez que a gente deve ver.

Qual é dimensão desse mercado brasileiro para a empresa? Somos um dos nove mercados prioritários do Julius Baer no mundo. Recentemente, nos últimos meses, quando o nosso CEO fez a declaração da estratégia para os próximos anos, entre Suíça, Alemanha, Espanha, Reino Unido, está também o Brasil.

São investimentos que vêm sendo feitos desde 2011 e sempre de olho no potencial de mercado. A gente quer dobrar nosso tamanho no Brasil em sete anos. Em 2030, a nossa expectativa é que tenhamos o dobro do volume de ativos de clientes brasileiros, quer seja localmente ou internacionalmente.

É uma ambição grande, que reflete a importância do Brasil dentro do cenário, da importância de se crescer a estrutura, de ampliar a oferta de serviços. O Brasil é peça-chave na estratégia de crescimento dos próximos anos.

O período eleitoral começou oficialmente na semana passada. O que muda? Não muda. Como wealth management [gestão de patrimônio], temos que estar preparados para qualquer cenário. Essa é a nossa preocupação. Somos agnósticos com relação a partido ou governante que vai entrar. O nosso papel é observar o cenário econômico e tentar extrair do cenário político quais seriam as possibilidades e os caminhos a serem seguidos daqui para a frente.

É muito preliminar neste momento. Então, a gente observa. Na medida em que a gente tem mais subsídios, a gente se prepara para estar longo em câmbio ou em Bolsa, ou em inflação.

É um pouco resultado dessas observações que levam a uma definição de estratégia de investimento. E existem diferentes perfis de investimento. Existe o cliente mais agressivo, o mais conservador. O cenário serve como inspiração, mas cada mandato define a forma de se alocar.

Não são tantos os cenários possíveis. Tem dois candidatos à frente e outros distantes. O que esperam de cada um? É cedo para dizer. Eu acho que a gente não tem subsídio. Acho que é reação do mercado a provocações, a ideias que estão sendo trazidas. Não tem materialidade ainda para mudar radicalmente qualquer visão que a gente tenha. É mais nesse sentido.

Ainda tem uma série de discussões, de composições que provavelmente podem levar ao caminho A, B ou C. Apenas começou a campanha e acho que mais para a frente vamos ter mais clareza de cenários, composições, propostas, na medida em que as coisas amadureçam um pouco mais.

Raio-x
O executivo chegou ao Julius Baer em 2019 como consultor estratégico para o Brasil e assumiu a posição de CEO do Julius Baer Advisory Office na sua inauguração em abril do ano passado. Antes de trabalhar no Julius Baer, ele ocupou posições seniores em empresas como Goldman Sachs, ABN AMRO Real e Citibank.

Os candidatos à Presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Jair Bolsonaro (PL), Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB) Eduardo Anizelli, Pedro Ladeira e Zanone Fraissat/Folhapress

Propostas a candidatos unem grupos liberais e social-democratas

Temas como distribuição de renda e ambiente ganham espaço em agendas apresentadas por Livres, Derrubando Muros e Grupo dos 6

Eduardo Cucolo

SÃO PAULO Políticas de distribuição de renda, defesa do ambiente e de grupos minoritários estão entre os pontos comuns de propostas apresentadas aos candidatos à Presidência da República por grupos identificados com liberais e social-democratas. Ou melhor, apresentadas a quase todos os presidenciáveis.

Entre as entidades que já divulgaram documentos e estão em contato com as campanhas estão o Livres, o Derrubando Muros e o chamado "Grupo dos 6".

Os dois últimos têm mantido diálogo com as campanhas de Lula (PT), Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB). Já o contato com a equipe de Jair Bolsonaro (PL) foi descartado, diante da avaliação de que o atual presidente tem propostas e ações que não se encaixam nos pilares de respeito à democracia e à responsabilidade fiscal defendidos por essas organizações.

Na pauta dos três grupos estão, por exemplo, temas herdados de 2018, como reformas tributária e administrativa. Livres e "Grupo dos 6" também trazem em seus documentos um Programa de proteção da Amazônia e pontos da chamada Lei de Responsabilidade Social, que reúne um novo benefício social e a Poupança Seguro Família.

Outro tema que ganhou destaque nos documentos é a defesa da democracia, diante dos ataques feitos pelo atual presidente da República ao sistema eleitoral.

O Livres, que surgiu dentro do PSL em 2016, mas deixou o partido quando Bolsonaro se filiou à legenda em 2018, afirma que sobreviver ao atual governo foi um desafio para um grupo que segue os princípios liberais, pauta que o presidente teria supostamente abraçado para se eleger.

Magno Karl, presidente da instituição, diz que os princípios do grupo continuam os mesmos da época, mas que o caderno de propostas incorporou questões que entraram no debate público nos últimos quatro anos, como a ampliação do Bolsa Família (atual Auxílio Brasil).

Ele afirma que o grupo vê mais afinidade de ideias com candidatos de terceira via, como Simone Tebet e Luiz Felipe d'Avila (Novo), e reconhece que elas estão mais distantes dos programas dos líderes nas pesquisas eleitorais.

"As propostas econômicas do Lula remetem ao PT dos anos 1990, uma receita de retrocesso que ignora até o que foram os governos do PT. Nas de Bolsonaro, falta compromisso com a manutenção da estabilidade econômica do Brasil para o futuro", afirma.

Mais identificado com o centro econômico e político, o Derrubando Muros apresentou uma agenda com 11 prioridades, temas que não são convencionais e que não foram sequer mencionados na campanha de 2018, segundo José Cesar "Zeca" Martins, sociólogo e investidor que coordena o grupo. Seis deles relacionados ao futuro da economia, como o conceito de "figital".

"A ideia é ter um programa de equidade, de inclusão social, de diminuição das desigualdades radical e, ao mesmo tempo, alinhar o Brasil com desafios de crescimento como o mundo propõe hoje. Não importa se esse candidato é de esquerda ou de centro", afirma Martins.

O documento já foi apresentado para a candidata Simone Tebet, e o grupo tenta agendar encontros com Ciro e Lula. "A gente só não vai falar com Bolsonaro, porque aí já está abaixo da linha limite de democracia que a gente considera."

O atual presidente também não recebeu, pelo menos não pelas mãos dos responsáveis, o documento elaborado por um grupo de seis especialistas em diversas áreas. Um deles, o economista Bernard Appy, afirma que o documento elaborado com outros cinco colegas foi entregue a representantes das campanhas de Ciro, Tebet e d'Avila.

Segundo ele, a ideia era apresentar sugestões a serem eventualmente aproveitadas. Ele e outros membros do grupo têm, individualmente, conversado com pessoas vinculadas às campanhas, em geral sobre questões mais focalizadas e não sobre o documento como um todo.

O grupo, assim como o Livres, propõe transformar em lei complementar todos os detalhamentos presentes na Constituição, preservando na Carta apenas princípios fundamentais, com o objetivo de facilitar a governabilidade e acelerar reformas.

Além de mirar nas campanhas presidenciais, alguns desses grupos atuam também junto a candidatos ao Legislativo e aos governos estaduais.

O Livres tem cerca de 60 associados concorrendo nestas eleições. O grupo Students For Liberty Brasil tem 12 ex-alunos e ex-colaboradores entre os candidatos —pessoas que se desligaram, pois a natureza jurídica do grupo impede a atuação política de associados.

Nycollas Liberato, diretor-executivo da entidade, afirma que uma das mudanças ocorridas no grupo liberal nos últimos quatro anos foi a percepção de que seria positiva uma participação maior no mundo político.

Ele afirma também que foi necessário adotar "um distanciamento considerável" em relação ao governo Bolsonaro, que está longe de ser um liberal.

"Antes a gente tinha uma aversão dos nossos voluntários à política, na média. Agora, eles conseguem reconhecer a importância da política também para travar o aumento do Estado brasileiro."

Pesquisa Datafolha mais recente, divulgada na quinta (18), mostrou que Bolsonaro reduziu a diferença em relação a Lula, que lidera as intenções de voto, para 15 pontos. Em maio, a distância era de 21 pontos e, em julho, de 18.

O ex-presidente tem 47% dos votos, ante 32% do atual titular do Planalto. Os candidatos estão isolados na frente. Ciro Gomes (PDT) fica em terceiro, com 7%.

+ QUEM SÃO OS GRUPOS

- **Livres** Atua como um movimento político suprapartidário em defesa do liberalismo. Publicou o documento "Caderno de Políticas Públicas 2022"
- **Students For Liberty Brasil** Rede de estudantes que se denomina a maior organização de libertários do mundo
- **Derrubando Muros** Criado em 2019 como um grupo de defesa da democracia. De 8 membros iniciais, chegou a mais de 100 pessoas com perfis diversos. Publicou o documento "Uma Agenda Inadiável"
- **Grupo dos 6** O documento "Contribuições para um governo democrático e progressista" foi entregue a alguns candidatos por Bernard Appy, Francisco Gaetani, Marcelo Medeiros, Pérsio Arida, Carlos Ari Sundfeld e Sérgio Fausto

+ Propostas em comum

- Novo benefício social (Livres e Grupo dos 6)
- Ampla revisão constitucional (Livres e Grupo dos 6)
- Corte de privilégios do setor público (Livres e Grupo dos 6)
- Reforma tributária (Derrubando Muros, Livres e Grupo dos 6)
- Programa para Amazônia (Derrubando Muros, Livres e Grupo dos 6)
- Defesa de terras indígenas (Derrubando Muros e Livres)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Energia em SP custa 25% a menos que em Belém; compare os valores

Apesar de o país ter um sistema de energia interligado, custo final sofre grandes variações

Alexa Salomão

BRASÍLIA As famílias no Piauí têm renda mensal per capita de R$ 837, uma das mais baixas do país. Famílias de Brasília estão no topo nacional desse ranking de ganhos, com cerca de R$ 2.500. Mas o piauiense paga uma tarifa de energia 20% mais cara que o morador da capital federal.

Brasília e Piauí não são casos isolados. A conta de luz no Brasil é assim. Apesar de o país ter um sistema de energia interligado, o custo final para os consumidores sofre grandes variações.

Minas Gerais abriga a maioria das hidrelétricas do sistema Furnas, um dos pilares do abastecimento nacional, mas sua tarifa é quase 14% mais cara que a do Paraná, que tem geração ínfima, em comparação. A energia no Rio de Janeiro, polo turístico internacional, é 22% mais cara que a das praias de Santa Catarina. O mesmo vale numa relação entre o pouco desenvolvido Pará e o pujante São Paulo. A tarifa de energia é 25% menor na capital paulista.

As diferenças ocorrem porque a formação do preço no setor inclui uma gama de componentes entrelaçados que escapa ao senso comum, diz Ângela Gomes, consultora para assuntos estratégicos da PSR, empresa da área de energia.

A própria tarifa final, que aparece na conta de luz, é a soma de duas outras tarifas, distintas entre si, a Tusd (Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição) e a TE (Tarifa de Energia). Ambas, por sua vez, são compostas por elementos que também variam.

Regras para pagamentos de subsídios e número de consumidores por área estão entre os fatores que alteram o valor final, de forma diferente entre as 53 distribuidoras do país.

A tarifa mais elevada para o consumidor é a do Pará, que sai por R$ 816 o MWh (megawatt-hora), a menor é a do Amapá, no valor de R$ 506 o MWh. Os valores aparecem na conta em KWh (kilowatt-hora), respectivamente, 0,816 KWh e 0,506 KWh. A diferença é de 61%. Os dados são de 2021, para efeito de comparação com todos os reajustes anuais, mas as diferenças tendem a mudar pouco neste ano, explicam especialistas do setor.

O ICMS já foi um elemento de peso na variação, mas a aprovação de um teto de 17% a 18% para o imposto estadual, em junho, reduziu as diferenças de caráter tributário.

Distribuidora não pode escolher de quem vai comprar

O preço pago na compra da energia é um elemento importante para explicar a multiplicidade de valores. Porém a localização das empresas — longe ou perto de usinas — não faz a menor diferença. Pela legislação, as distribuidoras não têm autonomia para escolher de quem comprar.

É por isso que empresas como Cemig ou Energisa Minas Gerais não puxam um fio direto de Furnas, assim como a Equatorial Piauí não pode usar apenas a energia dos parques solares do estado, que estão entre os maiores geradores de energia barata do Brasil.

As distribuidoras só podem comprar energia em leilões. "E o valor da compra da energia depende do leilão em que a distribuidora entrar", explica Ângela.

Esses leilões são organizados pelos órgãos públicos do setor, como MME (Ministério de Minas e Energia) e Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica). Cada distribuidora também tem seu cronograma para entrar num leilão. Não vão juntas ao mesmo tempo. E os leilões são caixinhas de surpresa.

Não dá para saber ou escolher quanto terá de solar e eólica, hoje as mais baratas, ou térmicas, mais caras. Uma distribuidora apenas entra no leilão, informando o volume que precisa comprar para o abastecimento de seus clientes.

Perdas e gatos também deixam a conta de luz mais cara

Perdas de energia também influenciam. Elas podem ser operacionais, por ineficiência da empresa, ou por fatores além do seu controle, como furto. A conta de luz no Rio é uma das mais afetadas por perdas desse tipo. A ligação clandestina (o "gato") é o principal problema. Na Celesc, essa perda é bem menor.

Os diferentes custos de transporte da energia pelo sistema também precisam ser considerados, diz Helder Sousa, diretor de Regulação da TR Soluções, empresa de análise do setor elétrico. Sousa destaca o transporte na distribuição, que considera despesas de equipamentos, rede e subestações, por exemplo.

Nesse quesito, uma empresa como Enel São Paulo, que atua numa região com concentrações urbanas e muitos usuários por quilômetro de rede, vai ter resultados melhores do que uma Equatorial Pará, cuja rede atravessa longas distâncias de vazios demográficos.

A regra para pagamento de subsídios também alimenta diferenças. Um exemplo está na repartição dos subsídios previsto na CDE (Conta de Desenvolvimento Energético).

Neste ano, eles somam R$ 30 bilhões. Consumidores do Norte e Nordeste, antes isentos, agora pagam, mas uma parcela bem menor, R$ 3,4 bilhões. A parcela maior da conta, R$ 26,4 bilhões, fica com consumidores no Sudeste, Sul e Centro Oeste. O valor que cabe a cada distribuidora também varia, e o cálculo para a distribuição considera o mercado de cada uma.

Outro item que influencia as diferenças nas contas é o efeito de despesas que as distribuidoras cobrem e têm direito a repassar quando for feito o reajuste, que ocorre uma vez por ano, na data de revisão tarifária definida no contrato de concessão. Todas as despesas que ocorrem nos 12 meses entre os reajustes são cobertas pelas empresas.

O pagamento da CDE é um exemplo do efeito sobre o valor final. O seu rateio ocorre em janeiro. A despesa é coberta pelas distribuidoras, com direito a receber o valor desse gasto, corrigido pela taxa básica de juros, a Selic. A empresa que tiver um reajuste da tarifa em março terá uma correção menor do que a empresa que tiver o reajuste em julho, por exemplo.

Isso influencia diretamente no valor repassado à conta de luz, e nas diferenças entre as diversas contas. Essa lógica pode ser aplicada para inúmeras despesas em que ocorre descasamento entre o pagamento e a data de reajuste.

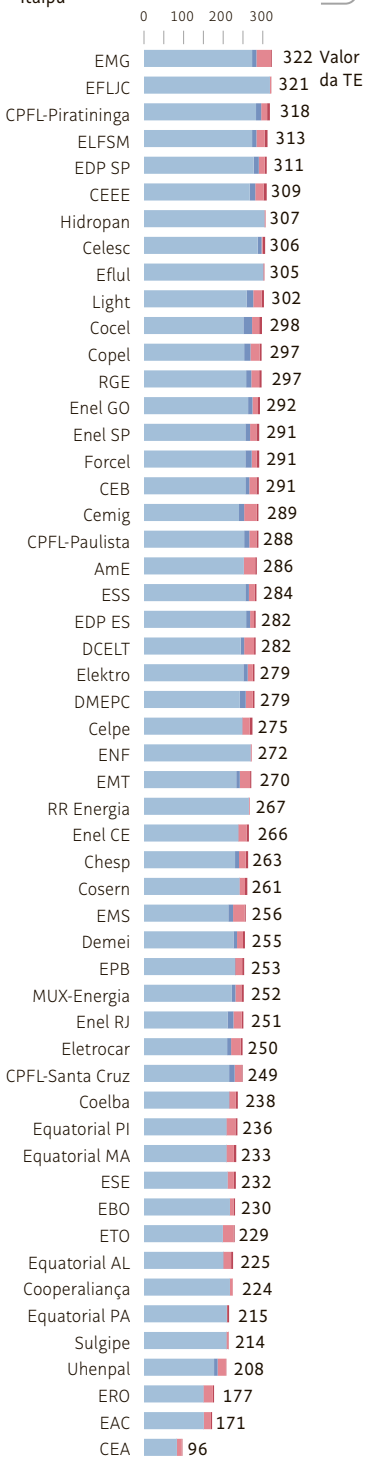
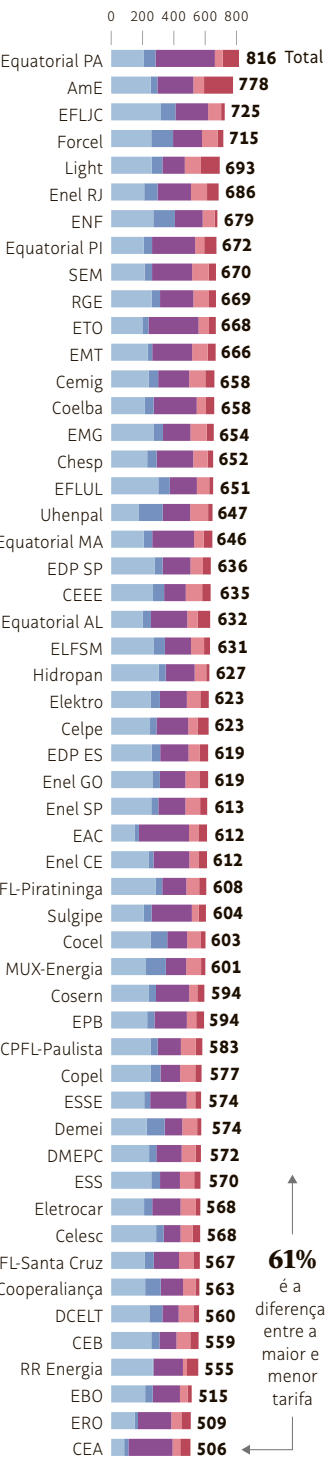
No passado, a tarifa de energia já teve um preço único no Brasil, lembra Marcos Madureira, presidente da Abradee (Associação Brasileira de Distribuidores de Energia Elétrica), mas a metodologia se revelou prejudicial. O resultado não foi bom, diz ele.

"A distribuidora mais eficiente bancava as menos eficientes, e os consumidores da mais eficiente não eram beneficiados. Não havia incentivo para ninguém melhorar o desempenho", diz Madureira.

No modelo atual de regulação, as empresas são comparadas entre si e incentivadas a trabalhar para alcançar os indicadores de desempenho das melhores. Parte dos ganhos de eficiência pode ser incorporada ao resultado, além de reduzir a conta de luz de todos os consumidores.

Conta de luz da Enel São Paulo Gabriel Cabral/Folhapress

O que faz a conta de luz variar tanto

O preço que aparece na conta de luz é uma composição de tributos e das tarifas Tusd (Tarifa de Uso do Sistema de Distribuição) e a TE (Tarifa de Energia), que sofrem variações

*Correspondem às tarifas de aplicação relativas ao Consumidor Residencial, homologadas pela Aneel nos processos tarifários de 2021; não considera componentes conjunturais: i) amortização do empréstimo da Conta-Covid; ii) Créditos Tributários de PIS/COFINS; não considera impostos e nem adicional de bandeira tarifária.
Fontes: TR Soluções, PSR, Abradee e Abrace

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Games viram arma para promover e criticar candidatos

Às vésperas da eleição para presidente, jogos para celular mostram Lula e Bolsonaro como heróis e vilões

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO A um mês e meio do primeiro turno das eleições, o candidato à reeleição Jair Bolsonaro (PL) é o personagem mais popular entre os presidenciáveis em games nas plataformas de aplicativos. De 14 jogos sobre candidatos identificados pela reportagem, ele está em 10 —seja em contextos de crítica ou de exaltação.

O também candidato à presidência e líder nas pesquisas de intenção de voto Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é o único outro candidato que aparece. Em apenas dois jogos a sua imagem é positiva.

Os games, aparentemente amadores, usam situações reais da história recente do país, como a prisão de Lula e o desmatamento na Amazônia, que bateram recordes nos últimos quatro anos.

O mais popular deles, com 1 milhão de downloads pelo Google Play, se chama Bolsonaro Terror do PT. No game, o jogador deve entrar na sede do partido para buscar dinheiro, antes de ser surpreendido por Bolsonaro.

O mesmo produtor fez Lula Escape da Prisão, em que o expresidente recebe uma mensagem de sua companheira de partido, Gleisi Hoffmann, com instruções para achar uma chave no andar da cela em que está e fugir do cárcere.

Já em Bozonaro, que tem mais de 100 mil downloads, é possível atirar laranjas no presidente e fazê-lo correr do "fantasma do comunismo".

Bolsonaro 2022 —uma corrida entre Lula e Bolsonaro, em que o petista sai na frente e deve ser ultrapassado— é dúbio. Ao mesmo tempo em que debocha de Lula, um dos cenários do jogo passa pela Amazônia em chamas.

"As pessoas produzem coisas que estão na crista da onda", afirma Ivan Mussa, professor da Universidade Federal da Paraíba e pesquisador do tema. "Isso vale para qualquer coisa. Os produtores de conteúdo querem entrar num fluxo de produção que as pessoas estão consumindo."

Embora tenha sofrido baixas nos últimos anos, Bolsonaro tem nos gamers uma base de apoio importante.

Em levantamento feito pela Pesquisa Games Brasil 2022, 75% dos entrevistados responderam que consomem jogos eletrônicos. O hábito é comum no cotidiano do brasileiro, especialmente pelo smartphone, e é difícil mapear a preferência política desse grupo. Os jogadores mais engajados, por outro lado, têm um perfil mais coeso, segundo Mussa.

A crítica aos tributos, por exemplo, é uma demanda antiga da comunidade, que Bolsonaro captou nas quatro reduções de imposto de importação para videogame anunciadas ao longo do seu mandato.

"Os jogos que são vendidos no Brasil, em geral, são muito caros. E esse tipo de público tende a ser masculino porque os games foram criados mercadologicamente para atender a esse nicho", afirma o pesquisador. "O ressentimento da classe média contra um Estado que cobra imposto e não produz serviços no mesmo nível acaba florescendo na cultura gamer."

Em 2018, o Ministério Público Federal no Rio de Janeiro recebeu uma denúncia sobre o jogo Bolsomito 2k18. Nele, o então candidato do PSL aparecia em uma luta contra feministas, sem-teto, pessoas LGBT, negros e petistas.

Recentemente, Ciro Gomes (PDT) passou a se interessar pelo setor. Suas lives, chamadas de "Ciro Games", ocorrem em uma sala com luzes neon e uma cadeira gamer. A reportagem não encontrou jogos com o candidato, mas, segundo a assessoria, a militância de Ciro tem produzido games de forma espontânea.

"Vamos disponibilizar esses jogos no site do Ciro para facilitar o acesso a quem quiser obtê-los", afirmou a a equipe.

Para Mussa, o objetivo desses jogos não é necessariamente o entretenimento — até porque fazer jogos mais elaborados costuma ser caro.

"Jogos amadores normalmente vão ser pequenos, simples, até meio toscos. Eles funcionam mais como meme do que como jogo", afirma.

"Você não manda esse jogo para alguém ter uma experiência no estilo da Nintendo, mas como um vídeo engraçado do Twitter ou do TikTok. A pessoa joga ali um pouquinho, dá risada, manda para o outro e vai espalhando."

> Você não manda esse jogo para alguém ter uma experiência no estilo da Nintendo, mas como um vídeo engraçado do Twitter ou do TikTok. A pessoa joga ali um pouquinho, dá risada, manda para o outro e vai espalhando
>
> **Ivan Mussa**
> professor e pesquisador

1

2

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

ID 5495
Apartamento com 142 m²
Mogi das Cruzes/SP
Imóvel no Condomínio Edifício Terra Savana, composto por sala, 2 dorms, sendo 1 suíte, closet, copa, área de serviço, cozinha, depósito, lavabo, banheiro, sacada e 2 vagas de garagem.
Avaliação R$ 863.883,58 | Lances a partir de R$ 647.875,18
Leilão 23/08 - 09:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Domingos Parra Neto
2ª Vara Cível de Mogi das Cruzes/SP

ID 5692
Apartamento com 46 m²
São José do Rio Preto/SP
Imóvel no Condomínio Parque Rio Ebro, composto por 2 dorms, banheiro, hall, sala e vaga de garagem. Localizado a 2 min. da Rodovia Délcio Custódio da Silva e a 5 min. do Shopping Cidade.
Avaliação R$ 159.368,30 | Lances a partir de R$ 95.620,98
Leilão 23/08 - 09:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Lincoln Augusto Casconi
5ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP

ID 4486
Apartamento com 56 m²
Guarulhos/SP
Imóvel no Cond. Residencial Solar Bom Clima com vaga de garagem. Localizado a 7 min. da Rodovia Presidente Dutra e a 8 min. do centro de Guarulhos.
Avaliação R$ 446.637,91 | Lances a partir de R$ 267.982,74
1º Leilão 23/08 - 15:40hs | 2º Leilão 13/09 - 15:40hs
Juíza: Exma. Dra. Larissa Boni Valieris
5ª Vara Cível de Guarulhos/SP

ID 5491
Terreno com 250 m²
São Roque/SP
Terreno urbano localizado a 2 min. do centro de São Roque e a 3 min. da Rodovia Raposo Tavares.
Avaliação R$ 463.950,09 | Lances a partir de R$ 278.370,05
Leilão 23/08 - 16:20hs
Juíza: Exma. Dra. Daiane Valiati Ballottin Ronsani
2ª Vara Cível São Roque/SP

ID 5828
Imóvel Residencial com Edícula
Mairinque/SP
Imóvel no loteamento denominado Alto de Reneeville, localizado a 7 min. do centro da cidade e a 8 min. da Rodovia Raposo Tavares.
Avaliação R$ 123.793,71 | Lances a partir de R$ 74.276,22
1º Leilão 23/08 - 16:40hs | 2º Leilão 13/09 - 16:40hs
Juíza: Exma. Dra. Daiane Valiati Ballottin Ronsani
1ª Vara Cível de São Roque/SP

ID 5836
Apartamento Duplex com 542 m²
Mogi das Cruzes/SP
Imóvel no Cond. do Edifício Matisse. Composto por 4 suítes, sendo 2 com sacada, lavabo, 2 salas, living com sacada, copa, cozinha, despensa, área de serviços, banheiro de empregados, depósito e 4 vagas de garagem.
Avaliação R$ 1.757.642,01 | Lances a partir de R$ 1.054.585,20
1º Leilão 24/08 - 09:00hs | 2º Leilão 14/09 - 09:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Carlos Eduardo Xavier Brito
2ª Vara Cível de Mogi das Cruzes/SP

ID 5820
Apartamento com 62 m²
Bairro Jabaquara/SP
Imóvel no Edifício Portofino com vaga de garagem. Localizado a 2 min. do Metrô Conceição e a 5 min. da Rodovia dos Imigrantes.
Avaliação R$ 631.492,22 | Lances a partir de R$ 315.746,11
1º Leilão 24/08 - 09:40hs | 2º Leilão 08/09 - 09:40hs
Juíza: Exma. Dra. Clarissa Somesom Tauk
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP

ID 5571
Galpão Comercial
São José do Rio Preto/SP
Galpão comercial de 2 pavimentos com 2.683 m² de construção e área total de 39.035 m². Localizado a 2 min. da Rod. Assis Chateaubriand e a 19 min. do Aeroporto de São José do Rio Preto.
Avaliação R$ 21.506.512,07 | Lances a partir de R$ 20.162.355,06
1º Leilão 24/08 - 11:00hs | 2º Leilão 08/09 - 11:00hs
Juíza: Exma. Dra. Andressa Maria Tavares Marchiori
3ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP

ID 4114
Imóvel Residencial
Aparecida do Norte/SP
Imóvel no loteamento denominado Parque Residencial Itaguaçu com 70 m² de construção e terreno com 250 m². Composto por sala, 2 dormitórios, banheiro, cozinha e área de serviço.
Avaliação R$ 294.903,64 | Lances a partir de R$ 258.040,68
1º Leilão 24/08 - 14:20hs | 2º Leilão 08/09 - 14:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 4635
Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Imóvel assobradado com área construída de 118 m² sobre terreno de 250 m². Composto por sala, copa, 3 dormitórios, sendo 1 suíte, banheiro social, lavanderia, abrigo para 3 automóveis e edícula térrea no fundo do terreno.
Avaliação R$ 775.903,86 | Lances a partir de R$ 620.723,08
1º Leilão 24/08 - 16:00hs | 2º Leilão 08/09 - 16:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5841
Apartamento com 37 m²
São José do Rio Preto/SP
Imóvel no Edifício Redentora, composto por sala, dormitório, copa/cozinha, banheiro e vaga de garagem. Localizado a 5 min. do centro da cidade e a 6 min. da Rodovia Washington Luiz.
Avaliação R$ 123.845,70 | Lances a partir de R$ 99.076,56
1º Leilão 25/08 - 10:20hs | 2º Leilão 15/09 - 10:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Domingos Parra Neto
2ª Vara Cível de Mogi das Cruzes/SP

ID 5421
Imóvel Residencial
Ubatuba/SP
Imóvel e terreno com área de 246 m² no loteamento denominado Praia Vila Formosa. Localizado a 2 min. da Rod. Governador Mario Covas e a 5 min. da Praia do Lázaro.
Avaliação R$ 790.800,89 | Lances a partir de R$ 632.640,71
1º Leilão 25/08 - 10:40hs | 2º Leilão 14/09 - 10:40hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5845
Imóvel Residencial
Bairro Jabaquara/SP
Sobrado no Cond. Villa de São Paulo com área construída de 257 m² sobre terreno de 170 m². Composto por 4 dorms, sendo 2 suítes, cozinha, sala de estar e jantar, banheiro, lavabo, área de serviço, varanda e 3 vagas de garagem.
Avaliação R$ 1.583.755,97 | Lances a partir de R$ 950.253,58
1º Leilão 25/08 - 13:40hs | 2º Leilão 14/09 - 13:40hs
Juiz: Exmo. Dr. Fabio Fresca
4ª Vara Cível do Foro Regional III de Jabaquara/SP

ID 5827
Terreno Urbano
Rio Claro/SP
erreno com área de 73.348 m², composto por 2 barracões e benfeitorias. O 1º barracão é integrado por refeitório, banheiro, vestiário e fábrica. O 2º barracão contém área de escritório, banheiro, produção e garagem.
Avaliação R$ 3.323.329,33 | Lances a partir de R$ 1.993.997,59
Leilão 30/08 - 10:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

ID 5785
Apartamento com 51 m²
Bairro Artur Alvim/SP
Imóvel no Conjunto Hab. Padre Manoel Da Nóbrega, composto por sala, 2 dorms, banheiro e área de serviço.
Avaliação R$ 232.124,27 | Lances a partir de R$ 116.062,13
Leilão 30/08 - 13:40hs
Juíza: Exma. Dra. Deborah Lopes
2ª Vara Cível do Foro Regional Penha de França/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969-1200 | 0800 789 1200
11 95577 1200
Leje
@lejeoficial
Leilão Judicial Eletrônico

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

1 Games "Bolsonaro Terror do PT", que tem 1 milhão de downloads pelo Google Play e **2** "Bolsonaro X Zumbis", que se passa no Congresso, são positivos ao presidente; já **3** "Bozonaro" permite atirar laranjas e fazê-lo correr do "fantasma do comunismo"

Fotos Reprodução

Alckmin discute com fintechs abrir mercado de crédito agrícola

REUTERS O ex-governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSB), candidato a vice na chapa à presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), recebeu nesta semana representantes da ABFintech (Associação Brasileira de Fintechs) com o objetivo de discutir proposta do setor para autorizar a entrada dos bancos digitais no sistema que oferece crédito agrícola obrigatório no país.

Na reunião nesta quarta, em São Paulo, os representantes da ABFintech defenderam que a proposta vai aumentar o acesso dos produtores a recursos, além de elevar a concorrência com bancos públicos no segmento.

A reivindicação das fintechs é que possam entrar na rede de bancos que concedem o crédito agrícola obrigatório, baseado nos depósitos compulsórios que as instituições precisam recolher ao Banco Central. Hoje essa operação é restrita aos bancos tradicionais.

Em média, os bancos cobram CDI mais 5% ou 6% aos produtores, diz Diego Perez, presidente da ABFintech. Com a alta de Selic, em 13,5%, o custo das operações pode chegar a quase 20% ao ano.

Esse é o valor oferecido aos agricultores para além do Plano Safra —que neste ano tem juros entre 5% a 6%. O plano, no entanto, não cobre toda a necessidade do setor.

Ainda que as fintechs não recolham os compulsórios, elas podem, segundo Perez, integrar a cadeia de distribuição desses recursos.

"Podemos tanto ser correspondentes bancários como agências de crédito direto. Isso consegue aumentar a capilaridade e o alcance das ofertas de crédito", defende o representante das fintechs.

Hoje existem cerca de 600 fintechs filiadas à associação. Dessas, em torno de 20 já operam diretamente no setor agropecuário.

As conversas da ABFintech não são exclusivas com o PT. Negociações para mudar a legislação e permitir a entrada nesse segmento estão sendo feitas há algum tempo com o Ministério da Agricultura, com o Banco Central e com o Congresso Nacional, já que a legislação precisaria ser alterada.

Mas, frente à possibilidade de que Lula vença as eleições, a associação decidiu apresentar suas propostas já à campanha petista.

No encontro, Alckmin disse que a ideia iria ser levada a Lula e a núcleos que preparam o programa de governo para ser analisada.

O coordenador do programa de governo de Lula, Aloizio Mercadante, disse à Reuters que as propostas foram recebidas, mas descartou que uma decisão seja tomada agora ou que sejam incorporadas ao plano de governo.

"Nesta reta final de campanha dificilmente podemos nos debruçar sobre este tipo de proposta", disse Mercadante.

Entenda os benefícios de adquirir um bem imóvel através de Leilão Judicial Eletrônico:

OFERTAS
As ofertas podem chegar em até 50% do valor do bem.

VENDAS TRANSPARENTES
Nos leilões a venda é feita em tempo real, de forma impessoal e os participantes têm acesso a todas informações.

FACILIDADE
Você não precisa se deslocar, nossos leilões acontecem de forma online, basta acessar www.leje.com.br

ID 5272
Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Imóvel com 262 m² de construção e terreno com área de 2.525 m². Composto por sala ampla, 3 dormitórios, 3 banheiros, copa, cozinha, área de serviço e garagem coberta.
Avaliação R$ 1.211.526,96 | Lances a partir de R$ 969.221,56
Leilão 30/08 - 15:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5844
Apartamento com 77 m²
Alphaville/SP
Imóvel no Cond. Top Village, composto por sala de estar e jantar, 2 dorms, sendo 1 suíte, banheiro, cozinha, área de serviço, varanda, escritório e 2 vagas de garagem. Localizado a 3 min. do Colégio Presbiteriano Mackenzie.
Avaliação R$ 518.999,25 | Lances a partir de R$ 259.499,62
Leilão 30/08 - 17:00hs
Juíza: Exma. Dra. Daniela Nudeliman Guiguet Leal
2ª Vara Cível de Barueri/SP

ID 5847
Imóvel Residencial com 77 m²
Rio Claro/SP
Imóvel composto por dormitório, sala, cozinha e banheiro. Localizado a 1 min. da Av. Visconde de Rio Claro e a 10 min. do Shopping Rio Claro.
Avaliação R$ 263.499,68 | Lances a partir de R$ 241.550,16
1º Leilão 31/08 - 13:40hs | 2º Leilão 23/09 - 13:40hs
Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

ID 5205
Complexo Industrial
Rio Claro/SP
Terreno com total de 21.977 m² e 7.887 m² de área construída, composta por 3 barracões, 3 casas e 1 rancho. Localizado a 14 min do centro da cidade.
Avaliação R$ 20.824.299,53 | Lances a partir de R$ 12.494.579,71
1º Leilão 31/08 - 14:00hs | 2º Leilão 31/08 - 15:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Alexandre Dalberto Barbosa
1ª Vara Cível de Rio Claro/SP

ID 5822 Lote 1
Apartamento com 67 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Condomínio Parque Rio Ebro, composto por 2 Imóvel no Residencial Anhembi com vaga de garagem. Localizado a 3 min. da Rodovia Henrique Eroles e a 7 min. do Shopping Jardim Oriente.
Avaliação R$ 298.068,00 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 31/08 - 14:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5822 Lote 2
Apartamento com 67 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Condomínio Parque Rio Ebro, composto por 2 Imóvel no Residencial Anhembi com vaga de garagem. Localizado a 3 min. da Rodovia Henrique Eroles e a 7 min. do Shopping Jardim Oriente.
Avaliação R$ 298.068,00 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 31/08 - 14:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5822 Lote 3
Apartamento com 64 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Condomínio Parque Rio Ebro, composto por 2 Imóvel no Residencial Anhembi com vaga de garagem. Localizado a 3 min. da Rodovia Henrique Eroles e a 7 min. do Shopping Jardim Oriente.
Avaliação R$ 298.068,00 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 31/08 - 14:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5807
Apartamento com 42 m²
Ribeirão Preto/SP
Imóvel no Condomínio Itajubá com vaga de garagem. Localizado a 8 min. da Rod. Alexandre Balbo e a 16 min. do Aeroporto Estadual Dr. Leite Lopes.
Avaliação R$ 116.487,52 | Lances a partir de R$ 58.243,76
1º Leilão 01/09 - 13:40hs | 2º Leilão 22/09 - 13:40hs
Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5831 Lote 1
Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Imóvel no Cond. Aquarius I com 252 m² de construção e 562 m² de área de terreno. Composto por 4 salas, banheiro, 4 dorms, sendo 3 suítes, hidromassagem, closet, cozinha, área de serviço, área de lazer, churrasqueira, piscina, banheiro, garagem para 2 veículos e quintal.
Avaliação R$ 2.962.811,74 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 08/09 - 10:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5831 Lote 2
Apartamento com 140 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Condomínio Authentique Vila Ema, composto por sala 2 ambientes, 2 sacadas, 3 dorms, sendo 3 suítes, banheiro, lavabo, cozinha, área de serviço, dependência de empregada e 2 vagas de garagem cobertas.
Avaliação R$ 1.098.368,45 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 08/09 - 10:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5831 Lote 4
Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP
Imóvel com área construída de 71 m² sobre terreno de 150 m². Composto por 2 salas, cozinha, 2 dorms, sendo 1 suíte, banheiro, área de serviço, churrasqueira e garagem para 2 veículos.
Avaliação R$ 423.384,16 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 08/09 - 10:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5831 Lote 5
Apartamento com 53 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Condomínio Citta Di Roma, composto por sala, sacada, cozinha, área de serviço, 2 dorms, sendo 1 suíte, banheiro e vaga de garagem coberta.
Avaliação R$ 328.812,04 | Lances a partir de 80% da avaliação
Leilão 08/09 - 10:00hs
Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5830
Apartamento com 41 m²
Ribeirão Preto/SP
Imóvel no Conjunto Habitacional Professor João Rossi, localizado a 5 min. da Rod. Prefeito Antônio Duarte Nogueira e a 7 min. do Shopping Iguatemi Ribeirão Preto.
Avaliação R$ 115.715,15 | Lances a partir de R$ 69.429,09
Leilão 08/09 - 10:20hs
Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 4578
Apartamento com 45 m²
Guarulhos/SP
Imóvel no Edifício Augustus, composto por sala 2 ambientes, 2 dorms e 2 vagas de garagem. Localizado a 8 min. da Rod. Presidente Dutra.
Avaliação R$ 378.747,65 | Lances a partir de R$ 189.373,82
1º Leilão 08/09 - 10:40hs | 2º Leilão 28/09 - 10:40hs
Juíza: Exma. Dra. Larissa Boni Valieris
2ª Vara Cível de Guarulhos/SP

ID 5829
Apartamento com 105 m²
São José dos Campos/SP
Imóvel no Cond. Edifício Leopoldo Rossi, composto por 3 dorms, sala, banheiro, copa, dorm e wc de empregada, cozinha e área de serviço. Localizado em frente a Av. São José e a 3 min. do Shopping Centro.
Avaliação R$ 200.000,00 | Lances a partir de R$ 120.000,00
Leilão 08/09 - 13:40hs
Juiz: Exmo. Dr. Paulo De Tarso Bilard de Carvalho
2ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

contato@leje.com.br
www.leje.com.br

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

mercado

Hotel Maksoud Plaza tem leilão de móveis na internet

Certame online faz parte do processo de recuperação judicial do grupo

Fernanda Brigatti

SÃO PAULO Cadeiras, camas, computadores, espelhos, colchões e eletrodomésticos industriais, como seladoras, fornos, batedeiras elétricas e até itens diversos de academia que pertencem ao grupo Maksoud Plaza, dono do hotel de mesmo nome, começaram a ser leiloados.

Ao todo, 182 lotes integram a relação de itens do leilão, que começou a receber lances no dia 15 de agosto, pela FCR Leilões. Segundo o edital, estão previstas duas rodadas, as chamadas praças, quando são verificados os lances e eventuais arremates.

A primeira praça será nesta segunda-feira (22). Os itens sem lances voltarão a ser ofertados e o leilão da segunda praça será no dia 31.

A venda por meio de leilão foi definida no processo de recuperação judicial iniciado em setembro de 2020. O hotel, considerado um ícone em São Paulo, fechou as portas no dia 7 de dezembro de 2021, pegando de surpresa hóspedes, funcionários e herdeiros de Henry Maksoud, fundador do grupo.

Leilão tem abajur, cadeira, cama, espelho, eletrodomésticos de uso industrial e até itens para academia fcrleiloes.com.br

O volume de produtos colocados no leilão corresponde ao tamanho do Maksoud Plaza, que tinha 22 andares, 372 quartos e 44 suítes principais. O hotel chegou a ter 350 funcionários.

A maioria dos lotes prevê a compra de mais de um item. Há pelo menos 11 lotes com 100 cadeiras em cada. Os frigobares, 127 no total, estão distribuídos em 14 lotes de quantidades variadas –alguns têm 50 unidades, outros têm cinco.

Segundo o edital, os interessados nos itens do leilão poderão agendar dia e horário de visitação para olhar pessoalmente os itens colocados para venda pública. Quem arrematar lote do Maksoud terá 24 horas para fazer o pagamento, e 48 horas para retirar o que comprou.

Quem fizer um lance e acabar desistindo da compra ficará sujeito à multa de 30% do valor da proposta.

O dinheiro arrecadado pelo leilão de mobiliário, descontados 5% que serão pagos ao leiloeiro, será usado para o fluxo de caixa do grupo, segundo o plano de reestruturação definido na recuperação judicial.

A recuperação judicial do Maksoud Plaza aprovou a realização de outros leilões, como o de apartamentos, terrenos e parte de edifícios comerciais que integravam o patrimônio do grupo. O prédio onde funcionava o hotel já havia sido arrematado em um leilão judicial decorrente da execução de uma ação trabalhista.

Um novo leilão ainda deverá ser marcado para a venda das obras de arte que decoravam o hotel.

Inaugurado em 1979, o Maksoud Plaza viveu seu auge nos anos 1980 e 1990, quando era lembrado por ser tanto um ponto de encontro de artistas e boêmios, quanto por ser um centro gastronômico e cultural relevante. Os bares e restaurantes 24 horas combinavam com o imaginário de uma cidade que não dormia.

O 150Night Club recebeu, além de Sinatra, lendas do jazz e do blues como Etta James, Alberta Hunter, Bobby Short e Buddy Guy. No Trianon Piano Bar, os Peixoto, irmãos de Cauby, embalavam noites com um repertório de jazz e bossa nova.

No começo dos anos 2000, o brilho começou a esvanecer. A crise econômica da virada da década e a expansão da concorrência fizeram o Maksoud Plaza iniciar um ciclo de profunda crise. Em 2003, quando o hotel completava 25 anos, Henry Maksoud, seu fundador, se ressentia das dificuldades. "A indústria hoteleira está destroçada", disse à Folha, na época.

ArcelorMittal — LEILÃO DE MATERIAIS (SUCATAS) — BIASI leilões
SOMENTE ONLINE
DIA: 31 de Agosto de 2022 às 14:00 horas
Leilão de Materiais: Sucata de inúmeros tipos, Bronze e Equipamento de Academia
Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br
Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi – Preposto em exercício)

Santander — LEILÃO DE IMÓVEIS — BIASI leilões
SOMENTE ONLINE
Dia 29 de agosto de 2022 às 15:00 horas
Leilão de 88 Imóveis (Residenciais e Comerciais) em: SP, PE, ES, PR, BA, RN, PB, RS, PA, GO, CE, MS, MG e RJ
Confira e Aproveite! Formas de Pagamento: À VISTA, ou FINANCIADO EM ATÉ 420 MESES conforme edital.
Mais informações: (11) 4083-2575 ou www.biasileiloes.com.br
Leiloeiro Oficial Eduardo Consentino – JUCESP nº 616 (João Victor Barroca Galeazzi – Preposto em exercício)

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE
1º Leilão: dia 29/08/2022 às 14h 2º Leilão: dia 08/09/2022 às 14h
Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

Leilão Judicial
ID: 220323 5ª Vara Cível da Comarca de Barueri/SP - 1ª Praça
Lote de Terreno
A.T. 622m²
Loc.: Vila Pindorama, Barueri/SP
Encerramento: 16/set - a partir das 14h
Leiloeiro Oficial - Renato Schlobach Moysés JUCESP nº 654
www.majudicial.com.br Telefone: (11) 4395-3239 cac@majudicial.com.br
MAISATIVO SUPERBID

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE
1º Leilão: dia 29/08/2022 às 14h 2º Leilão: dia 08/09/2022 às 14h
Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

BIASI leilões — LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA | PRESENCIAL ON-LINE
1º Leilão: dia 29/08/2022 às 14h 2º Leilão: dia 08/09/2022 às 14h
Mais informações: (11) 4083-2575/www.biasileiloes.com.br

GUSTAVO REIS — AGENDA DE LEILÕES JUDICIAIS SOMENTE ONLINE
DIA: 23/AGOSTO/2022-ÀS 14:35 HORAS
APARTAMENTO ERMELINO MATARAZZO - ZONA LESTE/SP
Com 68,268m² área total.
LANCE INICIAL: R$ 156.803,53.
DIA: 24/AGOSTO/2022-ÀS 15:00 HORAS
SALA COMERCIAL EM PAULÍNIA/SP
Com 127,80629m² área total.
LANCE INICIAL: R$ 292.304,00.
DIA: 31/AGOSTO/2022-ÀS 14:00 HORAS
APARTAMENTO E 2 VAGAS - JABAQUARA/SP
No Edifício Piazza Fiori. Com 128,26m² área total construída.
LANCE INICIAL: R$ 320.342,28.
DIA: 15/SETEMBRO/2022-ÀS 14:30 HORAS
CASA E TERRENO EM BOTUCATU/SP
Com 385,52m² de terreno e 171,60m² de área construída.
LANCE INICIAL: R$ R$ 243.374,73.
SENAD — AGENDA DE LEILÕES SOMENTE ONLINE
DIA: 30/08/2022-ÀS 11H00 VEÍCULOS, MOTO, REBOQUES E SUCATAS
DIA: 30/08/2022-ÀS 14H00 VEÍCULOS, MOTO E SUCATAS
DIVERSAS MARCAS E MODELOS. CONFIRA!
Informações: (11) 3819-3137 ou www.gustavoreisleiloes.com.br
GUSTAVO REIS-JUCESP nº 790

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Por que é tão caro construir refinarias no Brasil?

Ao custo atual, é impossível sermos exportadores de derivados de petróleo

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

O Brasil é hoje um grande exportador de petróleo. Se até 2009 o país era autossuficiente ou levemente importador, com a entrada da produção dos campos do pré-sal essa realidade alterou-se radicalmente.

Em 2021, nossas exportações líquidas de petróleo totalizaram US$ 26,6 bilhões. A posição do Brasil como um importante exportador líquido de petróleo está consolidada e aumentará na próxima década.

No entanto, quando olhamos a situação dos derivados, somos importadores líquidos. Desde 2010, o déficit da balança de derivados de petróleo tem sido de US$ 7 bilhões, sem grandes variações. Por exemplo, em 2021 o déficit da balança comercial de derivados foi de US$ 7,6 bilhões.

Poderia fazer sentido que nós elevássemos a capacidade de refino e, em vez de exportar a matéria prima, passássemos a ser exportadores de derivados. Adicionaríamos valor à produção.

A dificuldade está com "adicionar valor". Para que a atividade de refino adicione valor, os ganhos precisam compensar os gastos operacionais, mas também os investimentos em refinarias.

Nos anos 2000 houve elevadíssimo esforço em investimentos da Petrobras para a instalação de refinarias e, consequentemente, para a elevação da capacidade de refino da empresa.

No site da estatal está disponível a série de investimento em refino. A base está em dólares correntes e frequência anual desde 1954, primeiro ano de operação da Petrobras.

Para obter uma série do investimento da empresa desde 1954 a preços constantes, empregamos como índice de preço a inflação para os EUA específica do investimento em capital não residencial. Em linguagem técnica, empregamos o deflator do investimento em capital fixo não residencial das contas nacionais americanas.

Para termos uma ideia da efetividade do investimento, obtivemos, no site da ANP (Agência Nacional de Petróleo) a série da capacidade de refino medida em quantidade de barris de petróleo por dia. Os números impressionam.

De 1954 até 2002, o investimento total da Petrobras na área de refino foi de US$ 27 bilhões. De 2002 até 2016, foi de US$ 101 bilhões. Todos os valores a dólares de 2012. A capacidade de refino da estatal era em 2003 de 2 milhões de barris por dia. Em 2020, era de 2,41 milhões.

No primeiro período, cada barril por dia de capacidade de refino custou US$ 13.227 e, no segundo período, custou RS$ 263.747, 20 vezes mais.

Em um texto com meus colegas Adriano Pires e Luana Furtado no Blog do FGV Ibre (https://bit.ly/3pBXuSE), documentamos que o custo hoje de aumentar a capacidade de refino em um barril por dia encontra-se entre US$ 15 mil e US$ 30 mil. Certamente US$ 250 mil é um disparate, como dizia minha avó.

A esses custos será impossível sermos exportadores de derivados de petróleo. Ou somente o seremos se os ganhos da atividade de refino forem negativos, isto é, se retirarem valor do país.

Ou conseguimos reduzir substancialmente os custos de instalação de capacidade de refino no Brasil ou continuaremos a sermos exportadores de petróleo cru.

A pergunta do título da coluna precisa ser respondida antes de tentarmos um novo ciclo de investimento em refinarias. Talvez seja mais eficaz alterar toda a regulação do setor para que a construção de refinarias, se e quando for rentável, fique a cargo de empresas privadas.

No post do blog há o link para acesso ao arquivo Excel com todos os dados, bem como o link para acesso aos dados originais.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Mulher caminha pela Brickell Key Drive em Miami, na Flórida (EUA); região ganha relevância após eclosão da pandemia Lalo de Almeida - 23.set.2021/Folhapress

Miami atrai setor financeiro e vira 'Wall Street South'

Boom populacional e atrativos tributários mudam foco do setor nos EUA

Thiago Amâncio

WASHINGTON Wall Street está diferente. Saem as quadras apertadas com pouca luz em meio aos arranha-céus da parte baixa de Manhattan, em Nova York, e entram as ensolaradas avenidas do bairro de Brickell, na sempre quente Miami, no sul dos EUA.

A diáspora de bancos e instituições financeiras para Miami nos últimos dois anos e meio tem sido tão grande que a região já ganhou o apelido de Wall Street South (sul), em referência ao coração financeiro dos EUA, ao norte.

O movimento mais recente, e talvez um dos mais significativos, aconteceu em junho, quando o bilionário Ken Griffin anunciou que tiraria de Chicago a Citadel, multinacional que gere mais de US$ 51 bilhões em ativos, e levaria a empresa para a Flórida.

Para abrigar os cerca de mil funcionários que trabalham na sede, a Citadel já alugou uma torre de 8.360 m² de um prédio em construção em Brickell em uma quadra onde o metro quadrado custa 85% a mais que a média de Nova York, disse a imprensa local.

Ele segue outros grandes gestores de fundos, como a Icahn Enterprises e a Elliott Management, ambos com suas carteiras na casa das dezenas de bilhões de dólares. Ambos deixaram Nova York após a eclosão da pandemia de Covid-19, em 2020, rumo ao "estado ensolarado", como a Flórida é conhecida nos EUA.

A lista de empresas que têm feito investimentos massivos na cidade inclui ainda Goldman Sachs e Blackstone, além de instituições brasileiras, como os bancos Bradesco e Itaú.

Uma série de fatores ajuda a explicar essa debandada.

O mais citado é o tributário: a Flórida, ao contrário de quase todos os estados americanos, incluindo Nova York e Califórnia, não tem um imposto de renda estadual além do cobrado pelo governo federal.

Em segundo lugar, está o conjunto de regras muito mais brandas para conter a pandemia em relação a outras regiões. O governador republicano Ron DeSantis, por exemplo, chegou a chamar a obrigatoriedade de uso de máscaras de "insanidade" e "teatro".

No primeiro semestre de 2020, antes de decidir se mudar de vez para o estado, a Citadel começou a marcar reuniões no hotel Four Seasons em Palm Beach, enquanto espaços do tipo estavam proibidos de receber eventos na maior parte do país.

E em terceiro lugar, em parte por consequência das regras sanitárias mais brandas, o boom populacional pelo qual o estado passa desde a pandemia, com a possibilidade de morar em regiões mais tranquilas e de clima mais ameno com o trabalho remoto.

Três das regiões metropolitanas que mais cresceram nos EUA no ano passado estão na Flórida, segundo dados do Censo. O estado ganhou 211 mil moradores entre julho de 2020 e julho de 2021, atrás apenas do Texas.

Esse boom também se deu nas operações de empresas brasileiras. O Bradesco, por exemplo, dobrou as atividades na cidade em um ano, estima o diretor-executivo e diretor de relações com investidores da instituição, Leandro de Miranda Araújo.

"O governador da Flórida e o prefeito de Miami fizeram um movimento para atrair dois grupos importantes da economia americana, o pessoal de Wall Street e o pessoal do Vale do Silício. As pessoas vão à procura de lugares mais agradáveis e as empresas vão por uma tributação mais eficiente", diz Araújo.

Só neste ano, o banco brasileiro comprou participação na plataforma de carteiras de investimento, a BCP, e uma empresa de empréstimos para funcionários públicos, a OneBlinc. Em 2020, no primeiro ano da pandemia, também comprou um banco, o BAC Florida.

Com foco em "wealth management", ou seja, operações voltadas para investidores de alta renda, a ideia é facilitar o acesso ao mercado americano para brasileiros e latinos em geral que queiram investir nos EUA. O plano é expandir da Flórida para Boston, local onde está a maior comunidade brasileira em território americano, e também para o Texas, Califórnia e Nova York.

Também o Itaú fez investimentos expressivos na cidade e comprou neste ano a corretora de investimentos Avenue, sediada em Miami.

Para Roberto Lee, CEO e fundador da Avenue, Miami tem se consolidado como uma capital da América Latina, sobretudo após a perda de importância em meio a sucessivas crises econômicas de cidades que antes aglutinavam multinacionais no continente, como São Paulo, Rio, Buenos Aires, Cidade do México ou Cidade do Panamá.

> "As pessoas vão à procura de lugares mais agradáveis e as empresas vão por uma tributação mais eficiente
>
> **Leandro de Miranda Araújo**
> diretor-executivo e diretor de relações com investidores do Bradesco

Todo esse boom transformou a vida na cidade, diz ele. "Miami ganhou mais trânsito, as escolas ficaram bem mais cheias. Mas também a cidade usufrui de muito mais diversidade de pessoas, a cena gastronômica melhorou, a cena cultural como um todo ficou mais forte", afirma Lee —também ele habitante de Miami.

Percy Moreira, chefe do Itaú USA e do Itaú Private Internacional, diz que a empresa observa um aumento de interesse pela região desde 2015, intensificado recentemente. Desde 2020, 2.000 novas contas foram abertas no Itaú Private, número significativo no segmento, e houve aumento de 35% em ativos sob gestão local no mesmo período.

"A Flórida passou a ser reconhecida com maior intensidade como um centro de negócios nos últimos três anos, com grande fluxo de recursos de latino-americanos interessados em diversificar os seus investimentos com exposição internacional. Mas também temos notado um número cada vez maior de norte-americanos mudando para a região em busca de melhor qualidade de vida", diz Moreira.

Dados mais recentes do Escritório de Estatísticas de Trabalho dos EUA mostram que a região de Miami, que engloba também as cidades de Fort Lauderdale e West Palm Beach, tinha naquele mês 201,4 mil pessoas trabalhando em atividades financeiras, contra 187,3 mil no mesmo mês de 2020, aumento de 7,5%. É quase o dobro do aumento do total de funcionários do setor nos EUA, que cresceu 4% no mesmo período.

Não é possível fazer uma comparação direta com a cidade de Nova York porque os últimos dados disponíveis se referem a julho de 2021, mas o dado do mesmo mês do ano anterior mostra queda de 1,9% no número de funcionários de atividades financeiras.

O crescimento acelerado também tem impactos negativos. Dados da CoreLogic, empresa que analisa informações do setor, compilados pela imprensa americana, apontam Miami como a cidade com a maior inflação no aluguel dos EUA —alta de 40,8% entre abril de 2021 e abril de 2022. Na sequência, está a vizinha Orlando, com 25,8% de inflação no aluguel. Nova York, para se ter uma ideia, teve 8,4% de aumento no mesmo período.

É claro que a mudança não é unanimidade. À Bloomberg, Jason Mudrick, da Mudrick Capital Management afirmou: "O principal problema de se mudar para a Flórida é que você tem que viver na Flórida".

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Luciano Salles

Como o mundo realmente funciona

Seremos capazes de sacrifícios presentes em troca de benefícios no futuro distante?

Candido Bracher
Administrado de Empresas formado pela FGV. Foi executivo do setor financeiro por 40 anos

Há poucas semanas, quase simultaneamente, jornais internacionais informavam sobre a decisão do governo congolês de licitar extensas áreas florestais para a exploração de petróleo e sobre a onda de calor na Europa, que registrava temperaturas recordes em vários países. Poucos dias depois, uma enchente fazia mais de 35 vítimas no estado de Kentucky, nos EUA.

O absurdo da situação fica evidente ante o conhecimento generalizado de que: 1) as ondas de calor e as inundações são um fenômeno crescente —nove entre os dez anos mais quentes da história ocorreram desde 2005— provocado pelo efeito estufa ocasionado pela emissão de dióxido de carbono e outros gases (CO2e) na atmosfera; e 2) a decisão do Congo impacta duplamente essas emissões: pela degradação florestal das áreas licitadas, que reduz o sequestro de CO2e, e pelas emissões a serem produzidas pelo petróleo extraído.

Tamanho desencontro talvez fosse compreensível, se europeus e americanos ignorassem o que ocorre no Congo, e vice-versa. Mas não só isto é impossível no mundo globalizado de hoje, como provavelmente empresas europeias e americanas estarão entre as participantes da licitação.

Questionados sobre a licitação, que alcançará até o Parque Nacional Virunga, o mais importante santuário de gorilas do mundo, autoridades do Congo afirmam que seu único objetivo é o de levantar recursos para apoiar projetos de redução de pobreza e ativar a economia. "Esta é a nossa prioridade. Salvar o planeta não é a nossa prioridade."

Ante tal evidência da virtual inexistência de liderança e coordenação global para combater a crise climática, busquei orientação em um livro com o convidativo título "How the world really works", escrito por Vaclav Smil, um reconhecido autor de livros científicos, que Bill Gates diz estar entre seus autores favoritos.

Como diria meu pai, "fui buscar lã e voltei tosquiado".

Smil diz no início do livro e repete ao final que não é otimista nem pessimista; é um cientista. Afirma em seguida que não é possível compreender o funcionamento do mundo sem entender a importância fundamental da energia na atividade humana. Traz então uma profusão de dados numéricos, informações e comparações que demonstram de forma cabal nossa profunda dependência de energia. Não apenas aquela necessária para as funções evidentes como a iluminação de nossas casas, aquecimento e refrigeração, transporte diário e viagens intercontinentais, mas principalmente a que está contida em virtualmente tudo que consumimos.

Com fascinante precisão, aprendemos a quantidade de energia necessária para que cheguem à nossa mesa diversos alimentos, como por exemplo o tomate, que consome até 650 ml de diesel por quilo.

O autor demonstra a importância dos "quatro pilares materiais da civilização moderna" —plástico, cimento, aço e amônia (para fertilizantes)— e explica como sua produção em larga escala é inviável sem a utilização de energia fóssil. Chama também a atenção para o fato de que fontes de energia renováveis, como eólica e solar, são intermitentes por natureza, requerendo grande capacidade de estocagem. É também o espaço necessário para seu armazenamento que torna inviável o uso de energias alternativas para a aviação e o transporte marítimo.

Todos esses elementos o levam a concluir que seremos dependentes de combustíveis fósseis por algumas décadas ainda: "Mesmo que multipliquemos por três ou quatro o ritmo atual de descarbonização, combustíveis fósseis ainda serão dominantes em 2050".

A essa conclusão, adiciona dois elementos agravantes: a dificuldade de fazer previsões de longo prazo e a inexistência de exemplos passados de coordenação global para assumir custos e sacrifícios presentes em troca de benefícios no futuro distante.

O autor ironiza os otimistas que creem em sucedâneos tecnológicos milagrosos para a energia fóssil, como Chomski, bem como os que acreditam na nossa crescente capacidade de controlar o mundo, como Yuval Harari. Ridiculariza também os participantes das conferências climáticas, que já há 30 anos reúnem-se regularmente em localidades turísticas, despreocupados com a pegada de carbono de suas viagens e sem ter produzido um único acordo de redução de emissões efetivamente vinculativo.

Com todos esses elementos, o livro poderia ser lido como um importante alerta quanto à dificuldade do desafio à nossa frente e uma conclamação à ação; um encorajamento a exigir dos líderes globais maior coordenação e a aceitar custos e restrições, para evitar o aquecimento excessivo e suas graves consequências, que já se fazem sentir.

Mas não é essa a sensação que temos ao fim da leitura. Ao contrário, apesar de algumas frases de estímulo, o tom geral é de descrença em relação à possibilidade de reação coordenada e de conformismo com a incapacidade de planejar; "o futuro é uma repetição do passado —uma combinação de avanços admiráveis com (in)evitáveis reveses".

Surpreende ainda que não haja no livro recomendações de políticas ou diretrizes para acelerar a redução de emissões. Ao mesmo tempo em que afirma não haver progresso possível na ausência de um acordo claro e irreversível entre as principais nações emissoras, coloca sérias dúvidas quanto à disposição dessas nações de imporem ônus a seus cidadãos (e eleitores) em troca de benefícios que, segundo ele, estão duas gerações à frente.

Será muito triste se vier a ser aplicável à questão ambiental o princípio que Max Planck, um dos pais da física quântica, cunhou para a ciência: "Uma nova verdade científica triunfa não por persuadir os que se opõem, fazendo-os ver a luz. Mas, antes, porque seus opositores acabam morrendo, e uma nova geração, já familiarizada com essa verdade, toma seu lugar".

Apesar da enorme imprevisibilidade do futuro enfatizada por Smil, não há nenhuma dúvida de que protelar a ação, delegando-a às próximas gerações, causaria grande sofrimento. Em que pese toda a precisão de números contida no livro, continua válido o aforismo que diz ser melhor estar aproximadamente certo do que precisamente errado.

| DOM. Ana Paula Vescovi, Marcos Lisboa, Candido Bracher, Arminio Fraga

eleições 2022
sabatina folha saúde
PLANOS DE GOVERNO DOS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA
24/8 15h JOÃO GABBARDO
Médico, foi secretário de Saúde do Rio Grande do Sul
Representando a campanha da Simone Tebet
25/8 15h DENIZAR VIANNA
Médico, professor titular da Faculdade de Medicina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Representando a campanha do Ciro Gomes
26/8 15h HUMBERTO COSTA
Médico, foi ministro da Saúde entre 2003 e 2005
Atualmente é senador por PE
Representando a campanha do Lula
Assista em folha.com/sabatinasaudefolha
Participe e faça suas perguntas
WhatsApp: (11) 99648-3478
Patrocínio: interfarma
Realização: FOLHA NÃO DÁ PRA NÃO LER.

Recorde de venda de carros completa 10 anos e segue distante de ser batido

Eduardo Sodré

SÃO PAULO Há 10 anos, o setor automotivo atingia o ápice de vendas. As 420 mil unidades emplacadas em agosto de 2012 são um recorde que parece impossível de ser batido.

Em média, 17,6 mil veículos leves e pesados foram comercializados por dia útil naquele período, segundo a Fenabrave (associação dos distribuidores). No mês atual, são 7.795 licenciamentos por dia.

O mercado interno acumulava nove anos seguidos de alta em 2012. Entre os 10 modelos mais vendidos, apenas a picape Fiat Strada não oferecia opção com motor 1.0. Era o domínio absoluto dos automóveis populares.

Líder de mercado na época, o Volkswagen Gol registrou 32.629 emplacamentos em agosto de 2012. O carro voltou ao topo em julho deste ano, mas com um volume modesto: 11.925 unidades foram comercializadas no mês.

Há 10 anos, o modelo acabara de ser renovado. A versão 1.0 quatro portas do compacto VW custava R$ 27.990, segundo tabela de preços divulgada pela montadora na época. De lá para cá, o Volks passou por mudanças mecânicas, mas o desenho atual é praticamente o mesmo. Hoje é vendido por R$ 75.830.

Naquele distante agosto, 10.594 unidades do Gol foram comercializadas por meio de venda direta, o que representa 32,5% do total. Nessa modalidade predominam os negócios feitos por frotistas — como as locadoras, que dominam a modalidade. É a compra por CNPJ e não por CPF.

No mês passado, 81,3% dos licenciamentos do hatch foram para pessoas jurídicas. Há algumas explicações para isso, a começar pelos diferentes momentos do mercado.

Há 10 anos, o Brasil vivia o ciclo de medidas para estimular o consumo de automóveis no varejo. Era o vaivém do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados).

Um período de redução se encerraria no fim daquele agosto. Mas no dia 29, o então ministro da Economia, Guido Mantega, anunciou que o abatimento seria prorrogado até o fim de outubro.

Quando o novo prazo estava prestes a vencer, a presidente Dilma Rousseff anunciou que a medida valeria até o fim de 2012. Mas houve nova prorrogação, e mais outras.

Entre reduções maiores e menores, o ciclo só terminou no início de 2015. O descontrole das contas públicas não abria mais espaço para benefícios fiscais daquela monta.

A crise já estava instalada no país, e as vendas de carros caíam mês a mês. Houve um esboço de retomada entre 2018 e 2019, mas a estratégia das montadoras já se voltava para a rentabilidade, com carros de maior valor agregado sendo priorizados.

O que parecia ser um ciclo de alta foi interrompido pela pandemia. O mercado mudou, os carros mudaram, as peças faltaram. Hoje a indústria automotiva trabalha abaixo da metade de sua capacidade fabril instalada.

Entre janeiro e agosto de 2012, 2,5 milhões de veículos leves e pesados foram emplacados. Ou seja, cerca de 500 mil unidades a mais do que as previsões mais otimistas para todo o ano de 2022.

Dos dez carros mais vendidos entre janeiro e julho, só um tem preço inicial abaixo de R$ 70 mil, o Fiat Mobi, que sai a partir de R$ 64,7 mil, segundo tabela da montadora.

O setor do varejo, que respondia por 78,6% das vendas de veículos em agosto de 2012, hoje representa 58%.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Vigilância ativa do câncer de próstata ganha mais adeptos

Método pode ser opção para tumor de baixo risco também de câncer de mama

Cláudia Collucci

são paulo Observar e esperar. A prática ainda causa estranheza quando se trata de câncer, mas, para alguns tumores, como de próstata, de rins e de mama, o conceito de vigilância ativa ganha cada vez mais adeptos.

Novos estudos e métodos têm trazido mais segurança para essa modalidade, na qual não há necessidade de cirurgia, quimio ou radioterapia. Nesses casos, a vigilância significa monitorar com exames e consultas periódicas os tumores pequenos e de baixo risco e só tratá-los se houver progressão do câncer.

Homens com câncer de próstata são os que mais têm se beneficiado. Estudo divulgado no Congresso Americano de Urologia, em maio, mostrou que, nos últimos sete anos, mais que dobrou o número de pacientes com tumores iniciais em vigilância nos EUA —de 26,5% para 59,6%.

No monitoramento, além de consultas periódicas, fazem ressonância magnética, PSA (antígeno prostático específico) e exame de toque retal.

Muitos dos casos de câncer de próstata diagnosticados por meio do PSA são de baixo risco. Isso significa que eles são pequenos, confinados à próstata e pouco agressivos de acordo com um sistema de classificação internacional (pontuação de Gleason).

Segundo o urologista Roni Fernandes, vice-presidente da SBU (Sociedade Brasileira de Urologia), a vigilância ativa também tem crescido no Brasil, está bem estabelecida em estudos internacionais e integra as diretrizes da SBU.

"Quando você classifica muito bem o paciente antes de indicar qualquer tratamento, tem certeza que ele é de baixo risco, as chances de sucesso são acima de 90%, iguais às do tratamento tradicional, que é a prostatectomia [retirada da próstata] e a radioterapia."

Entre os critérios estão o paciente ter PSA menor que 10 ng/ml e apenas uma pequena porção da próstata acometida. Testes genéticos do tumor, que podem indicar se ele é de alto ou baixo risco, também têm sido usados.

A cirurgia pode causar efeitos colaterais, como incontinência urinária e disfunção erétil. "Quando você sugere a vigilância com segurança e o trade-off [a troca] é não ter incontinência urinária e, principalmente, não ter disfunção erétil, os pacientes concordam em fazê-la", diz o urologista Carlos Sacomani, editor-chefe do Boletim de Informações Urológicas, da regional de São Paulo.

Para Sacomani, no Brasil, essa opção esbarra em limitações quando se trata de pacientes do SUS. "Num país que tem um acesso difícil à atenção primária, ao diagnóstico precoce de câncer, a dúvida é se a gente consegue pegar o paciente na fase inicial. Vigilância ativa pressupõe monitoramento adequado, o paciente precisa conseguir marcar consulta, fazer os exames necessários. Esse é o desafio."

Fernandes lembra que a vigilância só é indicada se o paciente fizer consultas e exames a cada três meses, toque retal e ressonância magnética a cada seis meses, e biopsias programadas. "Tem que transformar a vigilância numa religião. Se não tiver condições para isso, é melhor tratar."

Segundo o urologista, a vigilância ativa também tem sido adotada no câncer de rim, em situações em que as massas tumorais sejam menores do que 4 cm e os pacientes são idosos. "A gente acompanha, faz exames de imagem. Se a massa crescer mais que 0,5 cm ao ano, a gente opera."

> Quando você sugere a vigilância com segurança e o trade-off [a troca] é não ter incontinência urinária e não ter disfunção erétil, os pacientes concordam em fazê-la
>
> **Carlos Sacomani**
> Urologista e editor-chefe do Boletim de Informações Urológicas, da revista da SBU

No câncer de mama, o protocolo de vigilância tem sido estudado em casos do carcinoma ductal in situ, que são microcalcificações nos ductos de leite da mama. Estudos indicam que menos de 50% dos casos vão se tornar tumores invasivos. O restante, em tese, poderia ser apenas monitorado. Mas ainda não há métodos seguros para diferenciá-los.

Segundo a médica Carolina Soliani, da Sociedade Brasileira de Mastologia, não há respaldo científico para não operar pacientes jovens e saudáveis com esse tipo de tumor.

De acordo com o mastologista José Luis Bevilacqua, em mulheres idosas, tem sido proposto um "descalonamento" de tratamentos, evitando radio ou quimioterapia ou cirurgias radicais. "Como médicos devemos sempre ponderar a intensidade ou agressividade dos tratamentos frente às comorbidades de um paciente."

Hoje, há três grandes estudos mundiais acompanhando mais de mil mulheres com câncer de mama in situ que estão sob vigilância ativa. O maior deles, com 932 pacientes, iniciou o recrutamento em 2014 e terminou em 2020. O grupo foi dividido entre quem fez cirurgia e quem está sob vigilância ativa. As pacientes serão seguidas por dez anos e farão mamografias anuais.

"Precisamos desses resultados para ter segurança na indicação [da vigilância]. Hoje fica a dúvida: 'será que, não operando, a gente não vai estar expondo essa paciente a ter um [câncer] invasor e progredir a doença?", diz Soliani.

A massoterapeuta Rosangela Bittencourt, 63, teve diagnóstico de câncer de mama ductal in situ há quase 20 anos e recebeu indicação de uma mastectomia (retirada das mamas) bilateral. Mas após dois anos na fila de espera do SUS, ela desistiu da cirurgia e partiu para tratamentos da medicina tradicional chinesa. "Foi uma decisão difícil, mas quando eu soube que depois da mastectomia ainda teria que passar por uns oito procedimentos, apostei em outros caminhos", diz. Ela continua monitorando as microcalcificações, mas afirma que elas estão sob controle.

No caso do câncer colorretal baixo, o protocolo Watch&-Wait (observar e esperar) foi desenvolvido pela médica brasileira Angelita Habr-Gama nos anos de 1990 e consegue evitar que o paciente seja submetido a cirurgias de grande porte, que podem resultar em infecções, disfunções sexual e urinária, além da necessidade de colostomia [bolsa coletora de fezes]. O protocolo mostrou que pacientes com esse tumor respondem bem ao tratamento com radio e quimioterapia, sem necessidade de serem operadas —mas precisam fazer consultas e exames. A cirurgia só é feita caso o tumor reapareça, o que ocorre em 25% dos casos.

Pfizer pede à Anvisa uso emergencial de vacina adaptada à ômicron

são paulo A farmacêutica Pfizer enviou à Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) um pedido de uso emergencial de uma nova vacina contra a Covid, adaptada à variante ômicron do coronavírus. O pedido foi protocolado nesta sexta-feira (19).

Trata-se, segundo a farmacêutica, de uma vacina bivalente, que abrange tanto o Sars-CoV-2 original, ou seja, o vírus que iniciou a pandemia de Covid, quanto a variante ômicron BA.1, que se alastrou rapidamente por todo o mundo.

Apesar do pedido de uso emergencial, a Pfizer reafirma que sua vacina já à disposição tem demonstrado bons níveis de efetividade e de proteção contra hospitalizações e mortes em relação ao vírus original e suas posteriores variantes.

Segundo a Anvisa, a farmacêutica propõe usar a nova vacina bivalente como dose de reforço para pessoas acima de 12 anos.

A empresa diz já trabalhar em novas atualizações vacinais para as subvariantes BA.4/BA.5 da ômicron.

"Vale ressaltar que o contrato atualmente vigente de fornecimento de vacinas da Pfizer ao Brasil inclui a entrega de potenciais vacinas adaptadas e/ou para diferentes faixas etárias", destaca, em nota, a farmacêutica.

APRESENTA

EstúdioFOLHA

Com requalificação, av. Santo Amaro ficará mais moderna, acessível e funcional

Projeto promovido pela Prefeitura de São Paulo amplia calçadas, reforma corredor de ônibus, planta mais árvores e enterra fios, além de outras melhorias

NOVA SANTO AMARO
Requalificação da avenida levará bem-estar à população e valorização à região

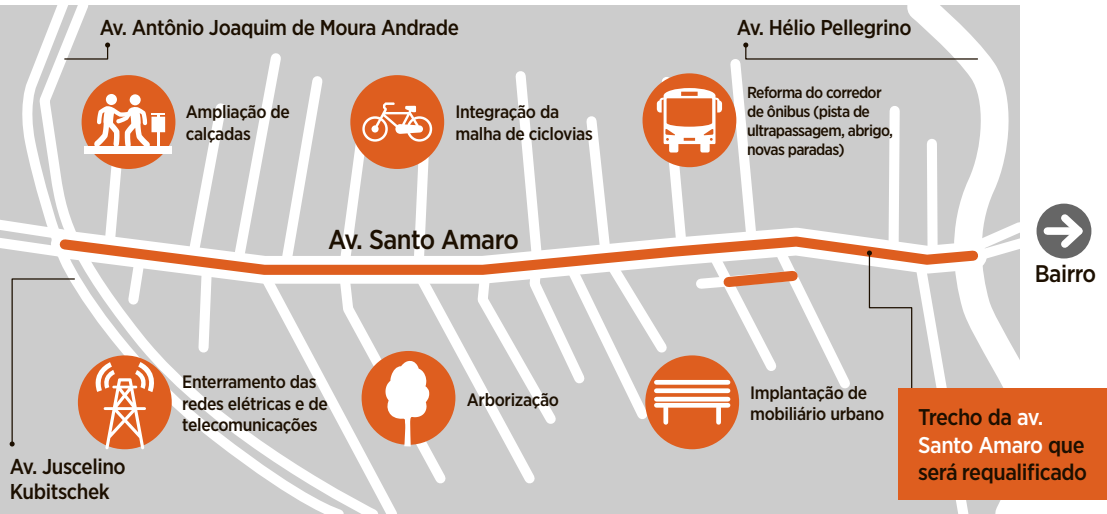
2,5 km
é a extensão inicial das obras na Santo Amaro

Calçadas mais largas e com passeios maiores, integração com a malha de ciclovias, árvores plantadas, reforma do corredor de ônibus, com novos pontos e faixas de ultrapassagem nos trechos de parada. Essas são algumas das melhorias da requalificação da avenida Santo Amaro, na zona sul da cidade, realizada pela Prefeitura de São Paulo.

O objetivo é promover melhorias urbanísticas, proporcionar bem-estar à população e valorizar a região, que integra o propósito da Prefeitura de São Paulo de tornar toda a cidade mais acessível e inclusiva.

As obras, já em andamento, ocorrem em um trecho de aproximadamente 2,5 km de extensão, entre as avenidas Presidente Juscelino Kubitschek e dos Bandeirantes, e devem terminar em 18 meses. O investimento é de R$ 62,6 milhões, com recursos advindos da Operação Urbana Consorciada Faria Lima.

Com a requalificação, a Santo Amaro proporcionará à população um transporte coletivo de mais qualidade, a valorização do pedestre e a promoção do melhor uso e ocupação do espaço público, por meio de melhorias nas condições ambientais e urbanísticas.

A revitalização incentivará a construção de novos empreendimentos, a fruição pública (estímulo para que o público usufrua do espaço físico), a promoção de fachadas ativas (construção de comércio no térreo de edifícios), o incentivo ao uso misto (uso residencial e não residencial de imóveis) e o remembramento de lotes (união de terrenos).

O projeto de requalificação da avenida foi incorporado ao programa de investimentos da Operação Urbana Consorciada Faria Lima, que é um conjunto integrado de ações coordenadas pela Prefeitura de São Paulo para melhorar e valorizar aquela região.

Atualmente, o corredor de ônibus da Santo Amaro, implantado em 1985, ainda não contempla itens importantes de acessibilidade. Além disso, a avenida, que passa por regiões valorizadas da cidade e abriga diversos imóveis, comércios, bancos, hospitais e outros serviços, ainda apresenta passeios inacessíveis, estreitos e até insuficientes para o fluxo de pedestres em alguns de seus trechos.

INTERVENÇÕES PREVISTAS

As obras de requalificação da Santo Amaro envolvem a ampliação da largura da própria via, o alargamento das calçadas e a implantação de acessibilidade universal nos dois lados da avenida.

No corredor de ônibus, o pavimento das faixas exclusivas será de concreto. Estão sendo implementadas faixas de ultrapassagem para ônibus nos trechos de parada para tornar os trajetos mais ágeis e a construção de novas paradas mais seguras e confortáveis.

Outras melhorias abrangem a estrutura de drenagem, um novo mobiliário urbano, a ampliação de áreas verdes e paisagismo, a sinalização e comunicação visual, a iluminação pública de LED e as travessias para conexão com as ciclovias.

As redes de energia elétrica e de telecomunicações terão seus fios e cabos enterrados.

Durante as obras, não serão necessárias mudanças de rota do trânsito, do itinerário do transporte coletivo, bem como não haverá interdição de ruas próximas. Foram implantados programas para reduzir os impactos ambientais, como o de Gestão Ambiental, que monitora e controla ruídos, resíduos, emissões atmosféricas e vibrações.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

1 a cada 3 diz ter sido vítima de agressão sexual na infância

Pesquisa Datafolha em parceria com Instituto Liberta mostra que problema afeta 68 milhões de brasileiros

FOLHA SOCIAL+

Gabriela Caseff e Giovanna Balogh

Roberta Belém sofreu assédio sexual aos 16 anos
Karime Xavier/Folhapress

SÃO PAULO Um em cada três brasileiros diz ter sido vítima de agressão sexual física ou verbal na infância ou na adolescência, segundo levantamento inédito do Datafolha, encomendado pelo Instituto Liberta. A pesquisa nacional mostra que 32% dos entrevistados admitiram que sofreram agressões de ordem sexual com menos de 18 anos.

Entre as situações de abuso, 20% afirmam ter sido vítimas de adultos que mostraram o órgão genital e 16% de pessoas que tocaram ou acariciaram suas partes íntimas.

Outros 15% dizem que receberam propostas de "recompensa" por ato sexual, enquanto 12% declaram ter visto um adulto se masturbar à sua frente e 14% admitem serem vítimas de violência sexual.

O Datafolha ouviu 2.086 pessoas, com 16 anos ou mais, em 130 cidades entre 7 e 13 de junho. A margem de erro é de dois pontos percentuais.

Para a presidente do Instituto Liberta, Luciana Temer, a pesquisa confirma que esse crime é bem mais comum do que se imagina. "Se fizermos projeção dos dados do Datafolha, cerca de 68 milhões de brasileiros e brasileiras sofreram algum tipo de violência sexual antes dos 18 anos."

Luciana ressalta que a pesquisa corrobora dados oficiais, que também apontam crianças como grupo mais vulnerável a esse crime. "De todos os registros policiais de 2021, 61,3% foram de estupros contra menores de 13 anos de idade", diz ela, com base no último relatório do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Na pesquisa Datafolha, a população tem a percepção correta de que a maioria das vítimas de violência sexual tem menos de 13 anos (81%) e que o abuso pode ocorrer sem toque no corpo da vítima (76%).

Para garantir privacidade em tema delicado como violência sexual, os entrevistados com mais de 18 anos responderam a questões mais pessoais da pesquisa usando um tablet. Nessa amostra de 1.671 pessoas, 43% das mulheres revelaram que foram vítimas de pelo menos uma situação de violência sexual quando menores. Entre homens, foi 21%.

A pesquisa revela uma divisão sobre quem seriam as principais vítimas. Para 41%, são as mulheres; para outros 41%, são crianças e adolescentes. "Não há grandes diferenças na opinião entre homens e mulheres, mas, nas violências vivenciadas, vemos que elas são as maiores vítimas", diz Luciana Chong, diretora do Datafolha.

A administradora Roberta Belém, 49, é uma delas. Tinha 16 anos quando foi assediada por um endocrinologista no Rio. "Na consulta, ele pegou na minha cintura com força, me virou de costas e me apalpou. E falou que uns quilinhos a menos e ele seria o primeiro da fila para sair comigo."

Apesar de saber que a conduta médica era errada, Roberta diz que só soube que foi violentada já adulta. "Aquilo me incomodou, não sabia que era assédio e não denunciei. Nunca mais voltei àquele médico, pois me senti envergonhada."

Para 88% das mulheres mais jovens e com maior escolaridade e renda, há abuso sexual mesmo quando não ocorre o contato físico com o agressor. Enquanto 33% dos entrevistados com mais de 60 anos e menor renda e escolaridade entendem que só há violência se o corpo da vítima é tocado.

Só 11% das vítimas denunciam agressão, aponta Datafolha

Os brasileiros adultos concordam que a violência sexual contra menores é um problema que na maioria das vezes acontece dentro de casa e a vítima conhece o abusador, segundo a pesquisa Datafolha.

Mas, ainda que mais de 90% da população saiba sobre esse crime, só 26% das pessoas que admitiram terem sido vítimas contaram para alguém sobre o ocorrido e apenas 11% delas denunciaram a agressão.

O Datafolha perguntou aos entrevistados se aceitariam se engajar no movimento "AgoraVcSabe", lançado pelo Liberta, que convida adultos a romperem o silêncio —basta gravar um vídeo no site do instituto dizendo: "A violência sexual contra crianças e adolescentes é uma realidade. Eu fui vítima e agora você sabe".

Entre os 19% que aceitariam, 37% o fariam para que outras pessoas não passem por situação parecida, 32% para romper o silêncio e 26% para que o governo combata a violência sexual. Entre os que não aceitaram participar, 30% das mulheres disseram ter vergonha.

A administradora Roberta Belém gravou vídeo para a próxima passeata virtual, no dia 31. "Fiz isso para que outras vítimas não sofram caladas, não se sintam envergonhadas e humilhadas. E me senti na obrigação de colocar na campanha a minha história."

A expectativa do Liberta era engajar 1 milhão de pessoas em levantes virtuais. "Mas a gente sabe o quão difícil é romper esse silêncio, daí a importância de movimentos como o #AgoraVcSabe chamando as pessoas a falar sobre isso", diz Luciana. "O fato de termos a adesão de 3.000 vítimas de violência sexual na infância é compatível com o resultado do Datafolha."

É uma dor solitária, segundo a pesquisa: 39% dos que se assumiram vítimas ainda sofrem pela violência vivida durante a infância e/ou a adolescência.

E silenciar contribui para a impunidade de agressores. "As pessoas querem leis mais severas para esse tipo de crime, que é inadmissível. Mas o silêncio é gigante", diz Luciana. "Se não rompermos com ele, não se acaba com a violência sexual no Brasil."

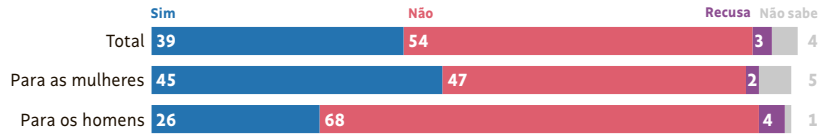
APOIO

Situações de agressão sexual física ou verbal ocorridas quando menor de idade

Resposta estimulada e única, em %

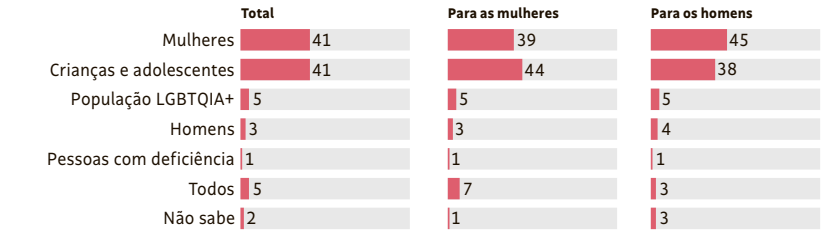
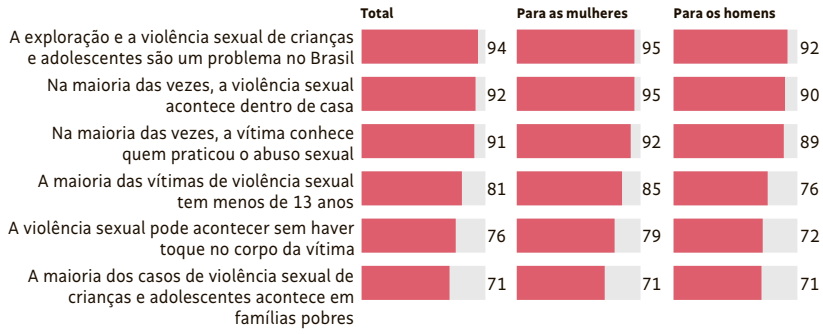
Você foi vítima de violência sexual?

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada entre os dias 7 e 13 de junho de 2022, com 1.671 entrevistados, de 18 anos ou mais, que aceitaram responder as questões de auto preenchimento. A margem de erro máxima é de 2 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

A experiência de ter sofrido algum tipo de violência quando menor de idade ainda hoje provoca dor, vergonha, constrangimento ou medo?

Contou a violência sofrida para alguém?

Denunciou a violência sofrida?

Fonte: Pesquisa Datafolha realizada entre os dias 7 e 13 de junho de 2022, com 543 pessoas, com 18 anos ou mais, que aceitaram responder as questões de auto preenchimento e que sofreram algum tipo de violência sexual quando menores de idade. A margem de erro máxima é de 4 pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

Principais vítimas de violência sexual no país

Grau de concordância sobre a violência sexual no país

Fonte: Pesquisa Datafolha presencial com 2.086 pessoas com 16 anos ou mais em 130 municípios entre os dias 7 e 13 de junho de 2022. A margem de erro máxima é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos, dentro do nível de confiança de 95%

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

'Cabeludo' era o rei do forró temperado

JOSELITO MIRANDA (1953-2022)

Franco Adailton

SALVADOR A cabeleira inconfundível anunciava a presença de Joselito Miranda em qualquer lugar, mesmo fora dos palcos que o alçaram à fama. Ficou popularmente mais conhecido como Zelito, "o cabeludo", também autodenominado como "o rei do forró temperado".

O filho caçula de dona Clarice com seu Miguel saiu da cidade de Serrinha, no sertão baiano (a 175 km de Salvador), em meados da década de 1970, para "fazer arte". Cursou teatro profissional por nove anos, ao mesmo tempo que estudava música.

Discípulo de Lindembergue Cardoso, da escola de música da Universidade Federal da Bahia, Zelito transitou pelo rock, MPB, cantou nos trios elétricos pelo grupo Novos Bárbaros, até vencer um concurso com a música "Nos Olhos da Onça", já embalado pelo ritmo do forró.

Após gravar o primeiro dos 12 discos, Zelito rodou o Brasil com sua "música popular nordestina", como ele gostava de chamar. A mistura de ritmos lhe rendeu o apelido de "rei do forró temperado". Também gravou um DVD com sucessos dos 40 anos de carreira.

Em 2021, Zelito chegou a ficar internado no Hospital Geral Roberto Santos, em Salvador, com um quadro de pneumonia. Nascido em 30 de agosto de 1953, o artista faleceu no último dia 12 em decorrência de complicações pulmonares, aos 68 anos.

"Meu pai era incrível. Sempre estava de bem com a vida. Sempre pronto para um longo dedo de prosa. Viveu toda sua vida com espírito jovem, muito à frente do seu tempo", homenageou a primogênita dos três filhos de Zelito, Clarice Miranda.

Depois de quase dois anos sem se apresentar ao público, por causa da pandemia, Zelito teve oportunidade de se despedir dos palcos durante os festejos de São João, no Pelourinho (Salvador), em uma das últimas apresentações com a presença dos fãs.

A morte de Zelito foi lamentada por autoridades como o governador da Bahia, Rui Costa (PT), o prefeito de Salvador, Bruno Reis (UNIÃO), além de artistas como o cantor da banda Estakazero, Leo, o forrozeiro Del Feliz, e o diretor teatral Fernando Guerreiro.

Às vésperas de se tornar avô do primeiro neto, Ian, Zelito deixou a mulher, Telma, três filhos, Clarice, Luiza e Janaibe, e as irmãs, Josefa, Luzia, Raquel e Ana. O artista foi sepultado no cemitério Bosque da Paz, na capital baiana.

7º DIA

YOLANDA MARIA BRANDILEONE SANTIAGO Domingo (21/8) às 17h, Igreja São Gabriel, Jd Paulista, São Paulo (SP)

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Morre Claudia Jimenez, atriz que marcou o humor na TV, aos 63 anos

ILUSTRADA

RIO DE JANEIRO A atriz Claudia Jimenez morreu na manhã deste sábado (20), aos 63 anos, no Rio de Janeiro. A artista teve insuficiência cardíaca após passar dias internada no Hospital Samaritano, em Botafogo.

Em 1986, a humorista descobriu um tumor maligno no mediastino, região torácica atrás do coração, e conseguiu curar-se da doença. Mas as sessões de radioterapia podem ter afetado os tecidos do músculo, o que a obrigou a fazer pelo menos três cirurgias nos anos seguintes.

Filha de um cantor de tangos e uma doceira, Claudia Maria Patitucci Jimenez nasceu na Barra da Tijuca, em 1958. Ela fez sua estreia no teatro em 1978, como a prostituta Mimi Bibelô, na peça "Ópera do Malandro", de Chico Buarque. Foi levada por Maurício Sherman para a Globo na década seguinte, onde deu início à carreira de humorista.

A atriz trabalhou com nomes como Jô Soares e Chico Anysio, interpretando personagens marcantes —como a insaciável Pureza, mulher de Apolo, do bordão "Ainda morro disso!", em "Chico City", e Dona Cacilda, uma das alunas da "Escolinha do Professor Raimundo". Com ela, emplacou outro bordão: "Beijinho, beijinho, pau, pau".

Na década de 1990, fez sucesso como a doméstica Edileuza, de "Sai de Baixo". Jimenez, no entanto, não escondia que se magoava com a gordofobia e com as piadas sobre seu peso.

Ela saiu do elenco em 1996, sendo substituída por Márcia Cabrita, que morreu em 2017. Quase 20 anos depois, em 2018, a atriz foi chamada para participar do filme baseado no humorístico e, a princípio, aceitou o convite para voltar a viver Edileuza. Mas depois voltou atrás. "Achei que tinha virado a página, mas, não, não superei", disse, à época.

Seu trabalho mais recente na televisão foi no quadro "Infratores", no Fantástico, em 2018. Ela estava longe das novelas desde 2016, quando interpretou Lucrécia em "Haja Coração", também na Globo.

Amigos e famosos compareceram ao velório da atriz neste sábado, dia 20. A cerimônia ocorreu no Memorial do Carmo, no Rio, mesmo local onde o corpo de Jimenez foi cremado.

A atriz como Lucrécia, em 'Haja Coração', seu último papel em novelas Ramon Vasconcelos/Globo/Divulgação

Concentração de dependentes químicos na rua Helvétia, entre a avenida São João e a alameda Barão de Campinas Bruno Santos/Folhapress

Madrugada na cracolândia tem pancadão e feira da droga

Por causa do barulho, quem vive na região reclama que não consegue dormir

Paulo Eduardo Dias e Bruno Santos

SÃO PAULO O grupo de WhatsApp montado por moradores do centro de São Paulo pipoca de mensagens quando chega a noite. São pessoas que perguntam a localização atual do fluxo —como é chamada a concentração de dependentes químicos—, além de relatos de barulho, brigas e venda e consumo de drogas na porta de seus imóveis.

Elas tentam contornar os problemas trazidos pela movimentação da cracolândia pela região, com ligações em massa para o 190 (da Polícia Militar) ou para o 156 (central da prefeitura). No entanto, quando suas solicitações são aceitas e equipes vão até os endereços, os usuários seguem para outro local.

Diante de tantas queixas, a **Folha** acompanhou uma noite e o início da madrugada na região. Na quarta-feira (17), boa parte dos usuários estava concentrada na rua Helvétia, entre a avenida São João e a alameda Barão de Campinas. É nesse ponto que as autoridades tentam manter o fluxo desde maio, quando ele foi expulso da praça Princesa Isabel.

O grupo ocupa o lado direito da via, com cones que os separam do trânsito de veículos. O barulho das caixas de som e das conversas entre eles é alto. Mesmo em meio à escuridão, as chamas promovidas por isqueiros deixam visíveis quem são os usuários de crack.

Moradora de um conjunto de apartamentos com a fachada voltada para a rua Helvétia, uma aposentada de 60 anos, que pediu anonimato, diz que o barulho tem sido constante. Para reduzir o incômodo, ela conta que, durante o dia, ouve música. À noite, dorme em outro quarto do imóvel.

Também morador da região, o analista de relações internacionais Irwin Henry diz que passou a tomar remédios depois que teve celular, mochila e livros roubados por uma dupla que portava uma faca, no cruzamento das avenidas São João e Duque de Caxias.

"Depois de assaltado, comecei o tratamento, porque fiquei muito tempo passando mal quando passava pela São João ou alguma situação que me fazia lembrar. O médico falou que era pânico e me receitou remédio."

Poucos metros adiante, outra grande concentração pode ser vista na avenida Duque de Caxias. Ali, entre a avenida Rio Branco e a rua dos Andradas, pessoas usam crack. Os grupos ocupam o canteiro central da via e a calçada do lado direito, formando um corredor entre os automóveis.

Às 23h30, duas equipes da GCM (Guarda Civil Metropolitana) chegam e dispersam os dependentes químicos —sem uso de munição ou bombas. Os usuários seguem para a alameda Barão de Piracicaba, uma das travessas da Duque de Caxias, e para as proximidades da Princesa Isabel.

É na Barão de Piracicaba, que é rodeada de edifícios residenciais, que mora grande parte das pessoas que reclamam do barulho na madrugada. Vídeos gravados por moradores da região mostram diversos casos do tipo.

"Moro nos andares mais baixos e o barulho é insuportável, dia e noite. Dia e noite são gritos, caixa de som, discussões, briga o tempo inteiro. Um inferno", diz a analista de sistema Maira Gomes, 32.

O sono da família está cada vez mais difícil, conta. "Nem com uso de medicamento é possível descansar. Não durmo direito. Meu filho acorda com o barulho muitas vezes."

Cerca de uma hora após acabar com a aglomeração na Duque de Caxias, as equipes da GCM chegam à alameda Barão de Piracicaba, que, por volta da 1h, está tomada por usuários e moradores de rua. Novamente o fluxo se dispersa, dessa vez em direção à rua General Rondon, pequena via que liga a alameda Barão de Limeira à Princesa Isabel.

Do alto, é possível ver a movimentação. Durante uma hora em que os usuários permaneceram no cruzamento com a rua Conselheiro Nébias, houve venda e uso de drogas, briga com socos, gritos, música alta das caixas de som e latidos dos cães que seguem seus donos a cada dispersão.

Morador do local, um desenvolvedor de sistemas de 35 anos que pediu para não ser identificado contou que toma comprimidos para conseguir dormir. Mesmo assim, diz que só dorme quatro horas por noite.

> Moro nos andares mais baixos [de um prédio] e o barulho é insuportável. Dia e noite são gritos, caixa de som, discussões, briga o tempo inteiro. Um inferno
>
> **Maira Gomes**
> Analista de sistemas e moradora da região

Quem vive na região tem buscado alternativas para afugentar os usuários de drogas, como a contratação de vigilância privada, o que já é feito por alguns prédios e imóveis comerciais, caso de estabelecimentos na avenida Duque de Caxias.

A reportagem procurou as assessorias do governador Rodrigo Garcia (PSDB) e do prefeito Ricardo Nunes (MDB). A única pessoa que se dispôs a conversar com a **Folha** foi o delegado Roberto Monteiro, da 1ª Delegacia Seccional Centro, responsável pela Operação Caronte, que visa prender traficantes na cracolândia. Ele disse que, com a dispersão do fluxo da praça Princesa Isabel, a formação de pequenos núcleos já era esperada, mas que nem de longe lembra o visto no local e no entorno da praça Júlio Prestes. Afirmou ainda que a situação é monitorada 24 horas por dia e que prevê melhoras graduais em breve.

Em nota, a Polícia Militar informou que a perturbação do sossego e o porte de drogas são infrações penais de menor potencial ofensivo, com os autores liberados assim que assinam a ocorrência. A PM disse ainda que, de janeiro até agora, foram efetuadas 400 prisões em flagrante e mais de 150 recapturas de criminosos foragidos na região.

A prefeitura diz que a GCM realiza policiamento comunitário e preventivo na região da Nova Luz, 24 horas por dia.

"O encaminhamento para equipamentos da rede socioassistencial cresceu 8,2%, passando de 789 pessoas em janeiro para 854 em julho. De junho a julho, o aumento foi de 27,3%, de 671 em junho para 854 em julho", diz a nota.

A região também sofre com o fechamento de comércios. Não é difícil ver placas anunciando venda ou aluguel de imóveis. Fundado há 137 anos, o Liceu Coração de Jesus anunciou que vai encerrar as atividades. Instalado nas proximidades da cracolândia, o colégio sofre há décadas com a falta de segurança, que tem levado à perda de alunos.

Durante visita ao Liceu na tarde de sexta-feira (19), em que anunciou medidas para evitar o fechamento da escola, o prefeito Ricardo Nunes minimizou o tamanho das feiras de drogas. "Não temos mais nenhuma feira de crack como a gente tinha até pouco tempo atrás", disse. "A situação não está resolvida, mas a gente está em um grande passo para resolver".

Concentração de usuários na madrugada

*com base no observado pela reportagem na quinta-feira (18)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Adams Carvalho

E tenho muito sono de manhã

Sair da cama depois das dez é um ato libertário e anticapitalista

Antonio Prata
Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

A luta contra o racismo não é, absolutamente, "vitimismo". A luta contra o machismo, a homofobia e todas outras formas de opressão, tampouco. Tais considerações, porém, não nos impedem de reconhecer, para além das causas urgentes e legítimas, carcado no espírito do tempo, certo pendor para a autocomiseração. Hobsbawm, em sua tumba, deve estar murmurando: "Ah, era do mimimi!".

Parece que nada mais é válido se não vier da dor. Você vai ver um "Chef's Table" da vida e o cozinheiro diz que foi a separação dos pais que o fez prestar atenção na beterraba, que a beterraba o salvou da depressão, e, portanto, seu borsch é um consolo para a nossa sofrida humanidade —aí ele chora sobre a sopa. A CEO explica num TED Talk que enquanto presa nas ferragens, depois de um acidente, bombeiros serrando o carro, desenvolveu um método de pensamento positivo capaz de revolucionar as vendas on-line no varejo da pesca esportiva —e na moda íntima LGBTQIA+ no mercado de luxo do leste europeu.

Licença, Raul: já que "agora pra fazer sucesso/ Pra vender disco de protesto/ Todo mundo tem que reclamar// Eu vou tirar meu pé da estrada/ E vou entrar também nessa jogada/ E vamos ver agora quem é que vai guentar": desde criança, sou vítima da opressão brutal do horarismo. Você talvez nunca tenha escutado o termo (afinal, o inventei na frase anterior), mas é um mal onipresente, insidioso e discreto, cujo objetivo é desacreditar os milhões que, como eu, acordam tarde. "Deus ajuda quem cedo madruga" está para o horarismo como "Direitos humanos para humanos direitos" para o bolsonarismo.

Durmo todo dia às três ou quatro da manhã, acordo 11 ou meio-dia. Não interessa se entre a meia-noite e as quatro eu encontre a cura pra caspa ou acabe com a chaga da água no ketchup, aos olhos da sociedade, meus olhos inchados no horário de almoço revelarão sempre um vagabundo. Um preguiçoso. Improdutivo.

Se hoje, aqui, aceito a dor da exposição, assumindo-me um acordatardista, é para despertar os outros que sofrem em silêncio (ou roncando). Precisamos denunciar a opressão. Mais do que isso, precisamos mostrar que aquilo visto como vício, na verdade, é virtude. Sair da cama depois das dez é um ato libertário, subversivo e anticapitalista.

Certeza que dá pra puxar alguma frase do Foucault para dar embasamento. "A microfísica do poder opera no adestramento dos corpos, preparando-os para a exploração do capital, a partir do panóptico de pulso, i. e., o relógio". (A frase não é do Foucault, mas ninguém precisa saber, precisa?).

Citei Raul, mas nosso hino, que bradaremos de peito aberto aonde quer que formos (das 11 em diante), será com esses versos do Chico Buarque (representante fundamental, ao lado do Caetano, dos acordatardistas): "Eu faço samba e amor até mais tarde/ E tenho muito sono de manhã/ Escuto a correria da cidade, que arde/ E apressa o dia de amanhã// De madrugada a gente ainda se ama/ E a fábrica começa a buzinar/ O trânsito contorna a nossa cama, reclama/ Do nosso eterno espreguiçar// No colo da bem-vinda companheira/ No corpo do bendito violão/ Eu faço samba e amor a noite inteira/ Não tenho a quem prestar satisfação."

| DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

classificados

Para anunciar ou ver mais ofertas acesse **folha.com/classificados**

11 3224-4000

FORMAS DE PAGAMENTO Cartão de crédito, débito em conta, boleto bancário ou pagamento à vista

EMPREGOS

EMPREGADOS PROCURADOS

A

AUXILIAR FATURAMENTO
M/F Maior, com experiência em nota fiscal eletrônica, word, excel para região da zona oeste. Enviar CV p rh@herkulizado.com.br

M

MÉDICO (A) OFTALMOLOGISTA/OTORRINOLARINGOLOGISTA
M/F Tradicional empresa de grande porte, no segmento da saúde, comprometida com a qualidade e constante aprimoramento dos serviços prestados, contrata: Médicos(as)
Para atuarem nas seguintes especialidades:
. Oftalmologista
. Otorrinolaringologista
Para atendimento ambulatorial em nossas unidades de São Paulo e Grande São Paulo.
Enviar currículo para o e-mail: cv.medicos@hotmail.com

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para Projeto Federal "Projeto Genoma de Referência do Brasileiro" por bolsa-pesquisa, com término previsto em 13/01/2023, às seguintes posições:

Pesquisador (código Pesq/ Projeto GRB/5 DTI-A) – 1 vaga
Requisitos: Graduação em Biologia e/ou área de Saúde com Mestrado ou Doutorado completo na área de Genética Humana ou Molecular. Será responsável por extração de DNA genômico em larga escala, controle de atividades de biobanco, relatórios de pesquisa, artigos científicos bem como outras tarefas relacionadas ao tema da pesquisa. Conhec. em extração e quantificação e DNA genômico em larga escala.

Pesquisador (código Pesq/Projeto GRB/6) – 3 Vagas
Requisitos: Graduação em Biologia e/ou área de Saúde com Doutorado completo em Genética Humana ou Molecular. Será responsável por elaborar artigos científicos, relatórios de pesquisa, programação em linguagem R ou equivalente e análises de dados para fins médicos/populacionais. Conhec. em ferramentas de bioinformática aplicada à análise de genoma humano.

Os candidatos interessados deverão enviar currículo e certificados de formação citados na divulgação da vaga, de 21/08/2022 a 04/09/2022, para o e-mail selecao@ffm.br, mencionando no assunto o código completo do anúncio.

A OSS/SPDM - HOSPITAL DAS CLÍNICAS LUZIA DE PINHO MELO

Seleciona:
Pessoas com Deficiência para vagas de:
- ✓ Auxiliar Administrativo,
- ✓ Aprendiz,
- ✓ Recepcionista,
- ✓ Copeira,
- ✓ Auxiliar de Cozinha,
- ✓ Técnico de Enfermagem,
- ✓ Auxiliar de Farmácia,
- ✓ Escriturário

entre outras.

Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.

SEST SENAT

Torna pública a abertura de processo seletivo para contratação de Auxiliar Administrativo (vaga EXCLUSIVA PARA PCD – código 1278/2022) para atuar em Campinas/SP.

Comunicado de Abertura de Processo Seletivo – Nº 1278/2022.

Para mais informações, acesse o endereço eletrônico: https://www.sestsenat.org.br/trabalhe-conosco, durante o período de inscrições, que será de **21/08/2022 até 04/09/2022.**

O processo seletivo terá as seguintes etapas: avaliação documental, avaliação de conhecimentos específicos e entrevista

A OSS – Hospital das Clínicas Luzia de Pinho Melo, recruta currículos de médicos nas seguintes especializadas:

Médico anestesista; Médico Cardiologista para Atendimento Ambulatorial e Visita na Enfermaria (Cirurgia Cardíaca); Médicos Cardiologistas e Intensivistas para atuação em Unidade Coronariana; Médico Emergencista para acompanhamento de pacientes na Hemodinâmica e Ressonância Magnética; Médico especialista em Análise de Eletrocardiograma Dinâmica de 24 h (Holter) e Leitura de MAPA; Médico especialista em Análise e Emissão de Laudos Radiológicos com acompanhamento; Médico especialista em Assistência Médica nos Setores Críticos (Pronto Socorro); Médico especialista em Cirurgia Cardíaca; Médico especialista em Cirurgia Cardiovascular; Médico especialista em Cirurgia Gástrica (PS e Centro Cirúrgico); Médico especialista em Ecocardiografia Transtorácica Adulto e Infantil e Transesofágica Adulto; Médico especialista em Eletroencefalografia; Médico especialista em execução de procedimentos de Punção Aspirativa por Agulha fina (PAAF) e CORE bióspsia; Médico especialista em Hematologia com habilidade para execução de biópsia de medula; Médico especialista em Laudos de Anatomopatológicos e Imunohistoquímicos; Médico especialista em Medicina do Trabalho; Médico especialista em Neurologia (Adulto e Infantil); Médico especialista em Nutrologia; Médico especialista em Reumatologia; Médico especialista em Oftalmologia; Médico especialista em Otorrinolaringologia; Médico especialista em procedimentos de USG Geral e Doppler; Médico especialista em procedimentos na área de Exames de Endoscopia, Colonoscopia e Retossigmoidoscopia; Médico especialista em Radioterapia; Médico especialista em realização de exames Broncoscopia e para atuação em ambulatório na especialidade de Cirurgia Torácica; Médico especialista em realização de exames de Angiografia Vascular Periférica com ou sem procedimento; Médico especialista em realização de exames Prova de Função Pulmonar (Espirometria); Médico especialista em Terapia Intensiva Adulto; Médico especialista em Terapia Intensiva Infantil; Médico especialista em Ultrassonografia; Médico especialista em Oncologia; Médico especialista Pneumologista; Médico Hemodinamicista – Cardiologia; Médico Nefrologista Adulto e Infantil para atendimento ambulatorial, acompanhamento de pacientes nas Unidades de Internação e em procedimentos de diálise; Médico Neurologista para execução de exames de Eletroneuromiografia; Médico Neurocirurgião para execução de cirurgias, visitas em Pronto Socorro e atendimento Ambulatorial; Médico Ortopedista e Coordenador na Especialidade; Médico plantonista em Cirurgia Geral para atendimento no Pronto Socorro, Ambulatório e execução de procedimentos; Médico plantonista em Clínica Médica no Pronto Socorro e Enfermaria; Médico Emergencista para atendimento em Urgência e Emergência e Retaguarda da Emergência. Médico plantonista em Pediatria Clínica no Pronto Socorro Infantil; Médico plantonista em Pediatria Clínica para Enfermaria Pediátrica e Médico especialista em Colangiopancreatografia retrógrada endoscópica – CPRE, Médico especialista em Cirurgia Plástica para Atendimento Ambulatorial e Procedimentos Cirúrgicos inclusive Reconstrução Mamária; Médico especialista em Hemoterapia para Coordenação da Agência Transfusional; Médico especialista em Hematologia para Atendimento Ambulatorial, de Interconsultas e Efetividade de Punções e Médico Infectologista para Atendimento Ambulatorial. Os interessados devem se cadastrar no site www.gupy.io ou através da leitura do QRCode.

CORPUS Saneamento e Obras Ltda

VAGAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD)

BUSCAMOS PROFISSIONAIS PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS PARA ATUAR EM DIVERSAS ÁREAS

Os interessados deverão enviar currículo e laudo médico, que descreve o tipo de deficiência apresentada e limitada decorrente para o e-mail abaixo.

curriculosp@corpus.com.br

A Fundação Faculdade de Medicina, entidade sem fins lucrativos, seleciona profissionais para exercer os cargos de:

Analista de Comunicação Sr. Requisitos: Superior completo em Comunicação Social, jornalismo, marketing ou correlatos. Conselho da categoria ativo. Pós-graduação, Especialização ou MBA na área, preferencialmente em Comunicação voltada para Endomarketing ou Marketing Institucional. Conhec. em endomarketing, marketing institucional, produção de conteúdos nos softwares: Corel Draw, Photoshop, Ilustrator, InDesing.
Assistente de Departamento Pessoal (Rescisão). Requisitos: Superior em Administração de Empresas, Gestão de Recursos Humanos ou Ciências Contábeis. Pós-graduação em Departamento Pessoal (cursando). Conhec.de Departamento Pessoal (ênfase em rescisão, obrigações e encargos trabalhistas e sociais) e Excel.
Biologista. Requisitos: Graduação completa em biomedicina ou ciências biológicas. Certificado de pós-graduação em reprodução humana. Registro ativo no CRBm. Conhec. em fertilização in Virtro, Injeção intracitoplasmática de espermatozoides e manipulação de gametas.
Coordenador Administrativo (Ouvidoria). Requisitos: Graduação completa em psicologia, serviço social, administração ou direito. Curso de Ouvidoria. Conselho ativo. Conhec. na área de Ouvidoria, mediação de conflitos, gestão de projetos, processos e pessoas e pacote office.
Encarregado de Setor. Requisitos: Graduação completa ou cursando último ano em logística, administração ou farmácia. Conhec. na gestão de estoque, inventário, recebimento e armazenamento de materiais e insumos hospitalares. Pacote Office.
Operador de Terminal. Requisitos: Ensino médio completo, curso de informática e atendimento ao público. Recepção de pacientes para exames e consultas, arquivo médico.
Terapeuta Ocupacional. Requisitos: Graduação em Terapia Ocupacional, curso avançado de Órteses Estáticas e Dinâmicas para membros superiores ou inferiores, atualização na área de TO em Traumato Ortopedia. Conhec. na prescrição, confecção e dispensação de órteses estáticas, dinâmicas e progressivas, próteses mecânicas e mioelétricas, prescrição de cadeira de rodas. Crefito Ativo.

Os candidatos interessados deverão inscrever-se de 21/08/2022 a 27/08/2022 no site www.ffm.br, no link Trabalhe Conosco.

P

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA (PCD) E/OU MOBILIDADE REDUZIDA
Empresa Viação Campo Belo Ltda está admitindo pessoas com Deficiência e/ou Mobilidade Reduzida, com os benefícios: cesta básica, vale refeição, convênio e crachá, os interessados deverão enviar curriculum para Estrada de Itapecerica, 1290 - Vila das Belezas, São Paulo SP - cep: 05835-002

V

VAGAS PARA PCD
M/F A empresa R3S Facilities (CNPJ: 28.331.011/0001-73) possui diversas oportunidades para você profissional com Deficiência Física e/ou Reabilitado pelo INSS. Venha fazer parte da nossa equipe! Para mais informações entre em contato conosco pelo e-mail: pcd.r3s@gmail.com

NEGÓCIOS

AGÊNCIAS DE APROXIMAÇÃO

PARA ANUNCIAR NOS **CLASSIFICADOS FOLHA** LIGUE AGORA **11/3224-4000**

COMUNICADOS

COMUNICADO
Eu RODRIGO MORAIS PORTUGUÊS DE SOUZA comunico o extravio do meu diploma de graduação em Engenharia Civil concluído no ano de 2006 pela Escola Politécnica da Universidade S. Paulo - USP.

DECLARAÇÃO DE PERCA
A empresa Jaime Brito de Lima, cadastro municipal 3859 de Juquitiba, informa que perdeu os os tais documentos: talão de notas fiscais das folhas 01 a 50. Empresa localizada na Estrada particular, 120, bairro das Laranjeiras, Juquitiba - SP. Telefone para contato: 11- 9 5164-9492 - Jaime

DETETIVES

DETETIVE PARTICULAR
Atuamos com Seriedade e Sigilo absoluto.
F:(11)9.1330-8184

ESOTERISMO

VOVÓ JOANA
Amarração p/ amor, trabalhos p/ todos os fins. pagamento após resultado (11) 4114-6358 / WHATS 11-93019-0379 TIM

LEILÕES

LEILÃO DE ARTES E ANTIGUIDADES
Leilão e exposição on-line. Leilão no dia 22 de agosto de 2022 (segunda-feira) a partir de 20h00. Maiores informações: 55 11 - 3887-3224 / 95040-7337 / 95040-8970. Leiloeiro Oficial: Luiz Fernando Moreira Dutra - JUCESP: 329.

FRAZÃO Leilões — EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA - PRESENCIAL E ONLINE — Santander

1º LEILÃO: 05 de setembro de 2022, às 14h30min *. 2º LEILÃO: 08 de setembro de 2022, às 14h30min *. (*horário de Brasília)

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira Oficial, JUCESP nº 836, escritório na Rua Hipódromo, 1141, Sala 66, Mooca, São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL virem ou dele conhecimento tiver, que levará novamente a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **PRESENCIAL E ON-LINE**, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo **Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A** - CNPJ nº 90.400.888/0001-42, nos termos do instrumento particular com força de escritura pública de 29/06/2012, cujos **Fiduciantes são JOSÉ RICARDO GALIAN,** CPF/MF nº 091.909.058-30 e sua mulher **MARIA CELIA DE SOUZA GALIAN,** CPF/MF nº 132.580.838-51, em **PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 4.050.285,03** (Quatro milhões cinquenta mil duzentos e oitenta e cinco reais e três centavos - *atualizado conforme disposições contratuais*), o imóvel constituído pelo "*Apartamento nº 51, do Tipo Single, do Condomínio Edifício Avalon, com a área privativa de 309,020m² área comum (inclusive o direito de uso de 04 vagas de garagem nºs 09, 10, 51 e 52 e mais um depósito todos localizados no subsolo do referido edifício) de 196,432m², área de garagem e depósito de 129,670m², encerrando a área total de 635,122m², situado na Rua Vicente Leoporace* nº 861, Campo Belo - São Paulo/SP ***melhor descrito na matrícula nº 136.761 do 15º Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de São Paulo/SP."*** **Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra**. *Pendência do imóvel: Consta conforme Av.19 a averbação dos leilões negativos, que foram cancelados nos autos da Ação de Consignação em pagamento, processo nº 1006482- 09.2021.8.26.0002*. Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima)**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 2.352.878,25** (Dois milhões trezentos e cinquenta e dois mil oitocentos e setenta e oito reais e vinte e cinco centavos **- *nos termos do art. 27, §2º da Lei 9514/97*). O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leiloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line**, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, **encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão. Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTE EDITAL NO SITE**: www.FrazaoLeiloes.com.br. Informações pelo tel. 11-3550-4066 (16208_SC_1828-05).

ACOMPANHANTES

ANA
Furacão+amigas. tx 30 Av. Jabaquara 2604.Mt.S.judas ac cartões seg.sáb.à Sábado.11-2362-8122

HÉRCULES
ATIVO p/Homens.11-5575-4052

HÉRCULES
DOTADO p/Homens.11-5575-4052

KELLY
Coroa .At/pas 11-98279-7305

TRANS/ BABY GIRL
Oi Amores !? 11 95483-3875

IMÓVEIS

SÃO PAULO

APARTAMENTO VENDA

ZONA SUL

3 DORMITÓRIOS

CHÁC. KLABIN
COND. PROJECT HOME -86m2 3 DORMS.,(SUITE), BANH, LAV, 02 VGS, A.ALTO, LAZER, etc TEL. (11) 9.7144-1166 h/c
cód. 92482030

IMÓVEIS COMERCIAIS VENDA e ALUGUEL

ZONA SUL

PARAÍSO
Clínica no Paraíso, andar superior. Contato com César 11-99904-4629

INTERIOR, LITORAL OUTROS ESTADOS

APARTAMENTOS E CASAS VENDA

GUARUJÁ - PITANGUEIRAS
1.200.000,00 Guarujá praia Pitangueiras c/ vista p/o mar, 200m2 sendo 3 suítes c/ ar condicionado, lavabo, sacada, dependência empregada, piscina adulto e infantil, quiosque c/ churrasqueira, salão de festas e jogos, 3 vagas garagem, todo reformado.11-4705-6767
cód. 92481926

TERRENOS

BRAGANÇA PTA. SP
Único Comercial. Jd das Palmeiras, esq c/rodovia,4.000m². R$ 2.5 milhões. www.cacociimoveis.com.br 11-4034-0543/99989-1887

CHÁCARAS, SÍTIOS e FAZENDAS

SÍTIO EM SUZANO
13.1 hectares, 5 lagos, 4 casas, pesqueiro, área verde e preservada, próximo ao centro, zoneamento permite diversos tipos de empreendimentos. (11)99861-5735.
cód. 92482031

PRODUTOS E SERVIÇOS

QUARTO MOBILIADO.
Alugo c/ roupa de cama p rapaz ou sr. aposentado. Entr. independende, V.Socorro, R$ 550,00. F: 11-5681-5365/9.9026-0260

PARA ANUNCIAR NOS **CLASSIFICADOS FOLHA** LIGUE AGORA **11/3224-4000**

Tradicional empresa de grande porte, no segmento da saúde, comprometida com a qualidade e constante aprimoramento dos serviços prestados, contrata:

MÉDICOS(AS)

Para atuarem nas seguintes especialidades:

OFTALMOLOGISTA
OTORRINOLARINGOLOGISTA

Para atendimento ambulatorial em nossas unidades de São Paulo e Grande São Paulo.

Enviar currículo para o e-mail: cv.medicos@hotmail.com

SAS Seconci-SP

VAGAS MÉDICAS

A SAS Seconci-SP, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, oferece oportunidades de trabalho para Médicos(as) atuarem em regime CLT nos Territórios de Penha e Ermelino Matarazzo para diversos programas e serviços de saúde.

Áreas disponíveis:
- Clínica Médica
- Ginecologia
- Médico da Família (ESF)
- Pediatria
- Psiquiatria

Jornada de 20h a 40h semanais!

Contato: (11) 2289-0390 (011) 93057-9784
www.sas-seconci.org.br

FOLHA
NÃO DÁ PRA NÃO LER.

A **Folha**, empresa líder de mercado, oferece vagas para

PESSOAS COM DEFICIÊNCIAS

em diversas áreas.

Os interessados deverão enviar currículo para o e-mail rhvagas@grupofolha.com.br, sob a sigla "vagas"

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Ex-detentos enfrentam fila do lado de fora do Fórum Criminal da Barra Funda, zona oeste de São Paulo Rubens Cavallari/Folhapress

Ex-detentos passam 13 horas em fila para assinar documento de condicional

Fórum da Barra Funda é o único de São Paulo com o serviço; TJ diz que terá agendamento online

Bruno Lucca

SÃO PAULO Às 8h da manhã desta sexta-feira (19), Carlos Figueiredo, 44, já estava em pé havia 13 horas. Com olheiras, ele era o primeiro da fila para assinatura de sua condicional na Vara de Execuções Criminais da Barra Funda, zona oeste de São Paulo.

Carlos, que havia saído do trabalho às 18h de quinta-feira (18), chegara ao local às 19h. Com 10ºC nos termômetros, ele se enrolava em sua única jaqueta enquanto, apoiado em grades, aguardava a distribuição de senhas, marcada para 9h. "Precisamos fazer isso, né? Não tem jeito. Essa é minha segunda vez aqui, a última ainda foi pior".

De segunda a sexta, a Vara é tomada por ex-detentos que devem se apresentar ao Estado para que não sejam considerados foragidos. O local é o único que oferece o serviço na capital e o maior do país. O funcionamento deveria ser das 9h às 17h, mas os usuários afirmam depender da boa vontade dos funcionários

Por imposição da Lei de Execução Penal, sentenciados que foram beneficiados com o cumprimento de pena em regime aberto, livramento condicional ou suspensão condicional da pena devem comparecer em juízo para justificar suas atividades mensalmente, bimensalmente ou trimensalmente, a depender da pena imposta.

Esses comparecimentos ficaram suspensos por dois anos, em razão da pandemia de Covid. "Com isso, os sentenciados com o benefício só puderam comparecer neste ano, o que ocasionou um grande número de pessoas que buscam atendimento no Complexo Criminal da Barra Funda", diz, em nota, o TJ-SP (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo).

No último mês de abril, o atendimento presencial foi restabelecido, e as convocações passaram a ser feitas por ordem alfabética.

Posteriormente, mesmo com o cronograma, o TJ-SP verificou a necessidade de adoção de outras medidas para ampliar o atendimento. "Houve aumento do número de servidores, assim como do espaço físico do setor e, consequentemente, a quantidade de atendimentos foi elevada para cerca de 600 senhas diárias, em média", afirma o tribunal.

Do lado de fora, não há banheiros disponíveis, e a garrafa d'água custa R$ 4 no ponto do único ambulante no local. Muitos optam pelo copinho de café, que custa R$ 2 e ajuda a esquentar, diz a aposentada Maria, 60. A segunda na fila, ela foi de Pirituba, zona norte da capital, para a Barra Funda às 18h30 de quinta. Desembarcou no destino, com um banquinho em mãos, às 19h30 e sentou ao lado de Carlos Figueiredo.

Diferentemente do homem, Maria não estava lá por obrigação pessoal. Ela guardava lugar para o filho, que prometera encontrá-la. Após 14h30 sentada e tendo enfrentado 9ºC durante uma das madrugadas mais geladas do ano na cidade, Maria pegou seu banquinho e voltou para casa como havia chegado, sem o filho, que não apareceu nem deu explicações.

A aglomeração diária não é só motivo de desconforto para quem enfrenta a fila, moradores de condomínios no entorno da Vara deixam claro seu descontentamento com a presença daquelas pessoas. Da janela de seus apartamentos, muitos observam e fotografam a massa. Com exceção dos carros, a rua fica vazia.

Vários ex-detentos vão acompanhados, como o terceiro da fila, Jean Rizzo, 34, que estava enrolado em um cobertor com a namorada, a qual preferiu não ser identificada porque a família não aceita o relacionamento com o homem. Eles chegaram na fila às 20h30 de quinta.

Morador do Guarapiranga, na zona sul de São Paulo, Jean, que está em regime domiciliar, deve comparecer ao local mensalmente para firmar o cumprimento de sua pena.

A visita desta sexta foi a terceira de Jean, que deve continuar a fazer isso por mais dois anos. "A situação aqui é tensa, nos tratam como animais. Olha eu aqui, 12 horas tomando frio e chuva. Eu errei, mas isso é tratamento?", diz o homem, que havia chegado às 20h30 do dia anterior.

Na metade da fila, que já se estendia por mais de um quarteirão às 8h40, os irmãos Carlos, 25, e Crislaine, 36, também faziam companhia um ao outro. Eles haviam chegado à Barra Funda às 7h.

Hoje, Carlos está em sua segunda passagem em suspensão condicional —benefício concedido ao sentenciado, em que, mediante cumprimento de algumas condições, sua pena é suspensa pelo período de dois a quatro anos. O homem esteve preso de 2015 a 2016 e de 2017 a 2021. Ele deve comparecer ao complexo criminal mensalmente.

Este ano, Crislaine teve sua primeira experiência como convocada na fila. Ela ficara detida de 2018 a 2021, e agora, em regime aberto, deve comparecer ao local a cada dois meses. Na última tentativa, há um mês, não conseguiu ser atendida por falta de senha. "Anunciam 600, mas não chega. Pode ter certeza", diz.

> "A situação aqui é tensa, nos tratam como animais. Olha eu aqui, 12 horas tomando frio e chuva. Eu errei, mas isso é tratamento?
>
> **Jean Rizzo**
> que deve comparecer ao local mensalmente

Um pouco à frente dos irmãos, Antônio Oliveira, 43, que trabalha na Prefeitura de São Paulo, declara frequentar há dois anos a fila, excluindo o período de inatividade pela Covid-19. Oliveira foi preso por quatro anos e está em regime aberto há dois. Trimestralmente, ele deve comparecer à Vara, por mais quatro anos e meio.

Antônio se diz preocupado com seu emprego, ao qual faltou para estar no Fórum. É sua primeira ocupação com registro em carteira de trabalho desde quando deixou a prisão.

Nesta sexta-feira (19), o TJ-SP disponibilizou o agendamento online para comparecimento na Vara da Barra Funda. São 250 agendamentos diários, com marcação a cada meia hora. "A medida busca diminuir a formação de filas, mas, por ora, será mantida a opção de atendimento por ordem de chegada para aqueles que não fizerem o agendamento", afirma o tribunal.

Outra medida adotada é a retomada de atendimentos pelo Copen (Conselho Penitenciário Estadual) a partir do próximo dia 29 —o conselho havia suspendido os atendimentos na pandemia.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

ciência

Odores podem influenciar percepção visual de emoções

Estudo parte da premissa de que estímulo de cheiro quase sempre está ligado a um julgamento de agradabilidade

Ricardo Muniz

AGÊNCIA FAPESP Cheiros influenciam a habilidade humana de perceber visualmente e julgar corretamente as emoções de outras pessoas —mesmo que o afetado pelo odor não tenha consciência de sua presença. Fruto da pesquisa de mestrado de Matheus Henrique Ferreira, doutorando do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IP-USP), um artigo com medições detalhadas desse efeito foi publicado na revista Plos One.

"Se estou submetida a um cheiro agradável, minha percepção da emoção agradável melhora", diz Mirella Gualtieri, doutora em neurociências e comportamento e professora de psicologia experimental do IP-USP. "O mesmo acontece com odores desagradáveis, que aprimoram o discernimento de medo e nojo", explica a cientista, orientadora de Ferreira.

A pesquisa partiu da premissa de que o estímulo de cheiro tem a característica peculiar de quase sempre estar conectado a um julgamento de agradabilidade.

O grupo buscou avaliar como estar submetido a um ambiente em que existe um cheiro agradável ou desagradável pode afetar a forma como uma pessoa avalia as emoções que vê nas outras.

Os participantes —35 pessoas, sendo 20 mulheres e 15 homens— não sabiam que o experimento era sobre olfato. Apenas eram informados de que seria mensurada sua rapidez em detectar quais emoções determinadas expressões faciais indicavam.

"Este estudo demonstra que há um efeito bilateral importante envolvido entre os estímulos olfativos e visuais", comenta Patricia Renovato Tobo, gerente científica da Natura Inovação e Tecnologia de Produtos e coautora do artigo.

A pesquisa foi conduzida no âmbito do Centro de Pesquisa Aplicada (CPA) mantido pela Fapesp e pela Natura no IP-USP entre 2016 e 2021.

Sobre Le Guin e Darwin

Ficção científica ajuda a entender como a evolução humana também favoreceu a ética

Reinaldo José Lopes

Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

Livro bom, mas livro bom mesmo, é aquele que pode ser relido ao menos uma vez por ano, pelo resto da vida, retendo o mesmo frescor, revelando coisas novas. Aliás, "pode" é eufemismo: se o livro em questão realmente valer a pena, ele provoca na gente um impulso irresistível de releitura anual e vira um bálsamo instantâneo assim que é aberto. Nunca contabilizei as (muitas) obras que produzem esse efeito na minha cabeça, mas "Os Despossuídos", da americana Ursula K. Le Guin (1929-2018), sempre ronda o topo da lista.

Há quem descreva Le Guin como a grande mestra da chamada ficção científica "soft", ou seja, das tramas do gênero que deixariam os aspectos propriamente científicos de lado em favor de um foco maior nos dilemas humanos dos personagens. A ficção científica "soft" também daria mais espaço para as ciências "menos exatas", como antropologia e psicologia, por oposição às ciências "duras", como física e astronomia.

Tudo isso é verdade, em alguma medida, no caso de "Os Despossuídos". Mas uma das muitas virtudes da escritora é sua absoluta recusa à catalogação em caixinhas ou gavetas estanques. A ficção científica de Le Guin não é "soft", é multidisciplinar, analisando as implicações dos mais diferentes ramos do conhecimento para o que significa ser humano.

Talvez seja por isso que seus livros tenham envelhecido tão bem ("Os Despossuídos", afinal, foi escrito em 1974). Na releitura deste ano, voltei a notar como a descrição que a autora faz da relação entre o que sabemos sobre a evolução humana e o que chamamos de ética é complexa, nuançada e distante dos estereótipos que muita gente ainda carrega na cabeça.

Na trama, dois planetas-gêmeos, Urras e Anarres, representam sociedades muito diferentes. Em Urras, a desigualdade social e o autoritarismo imperam, e são refugiados dessa situação que fundam uma colônia anarquista e igualitária em Anarres. Após gerações de isolamento quase total, um brilhante físico de Anarres, chamado Shevek, é o primeiro nativo de seu planeta a visitar Urras, e o embate entre as concepções dele e as belezas e mazelas do mundo de seus ancestrais se torna uma parte crucial da narrativa.

Acontece que, numa conversa com uma mulher da elite de Urras, Shevek é confrontado com uma das antigas caricaturas do que significa a teoria da evolução. "A vida é uma luta, e quem vence é o mais forte. Tudo que a civilização faz é esconder o sangue e cobrir o ódio com palavras bonitas!", diz a moça, chamada Vea. "A lei da evolução é que o mais forte sobrevive!"

"Sim", assente Shevek, mas o que ele diz a seguir parece paradoxal. "O mais forte, no caso de qualquer espécie social, é aquele que é mais sociável. Em termos humanos, aquele que é mais ético. Veja, nós não temos presas ou inimigos em Anarres. Só temos uns aos outros. Não há como obtermos força ferindo uns aos outros. Só fraqueza."

Bem, as últimas décadas de pesquisa mostraram que foi exatamente assim que a mentalidade e o comportamento da nossa espécie evoluíram. A maioria de nós pode até dar escorregadas éticas de vez em quando, mas tudo indica que temos uma tendência bastante sólida a perceber que é fundamentalmente errado não tratar os outros como queremos ser tratados.

Os problemas mais sérios acontecem quando circunscrevemos essa regra ao "nosso" grupo e passamos a enxergar quem está fora desse círculo como menos digno de consideração. Infelizmente, essa parece ser outra tendência humana forjada pela evolução. Desfazer essa contradição é frustrante, dá um trabalho dos diabos —mas é o único caminho.

| DOM. Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite
| QUA. Atila Iamarino, Esper Kallás

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário **ITAÚ UNIBANCO S/A**, inscrito no CNPJ sob n° 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, n° 100, Torre Olavo Setúbal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 37000076414, no qual figuram como **Fiduciante JEFERSON BARBOSA DE OLIVEIRA,** CPF/MF nº 112.069.288-16, e sua mulher **CLELIA APARECIDA DA SILVA BARBOSA DE OLIVEIRA,** CPF/MF nº 143.123.638-11, levará a **PÚBLICO LEILÃO** de modo **Presencial e On-line,** nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no **dia 08 de setembro de 2.022, às 15h30min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP**, em **PRIMEIRO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 1.495.059,26** (Um milhão quatrocentos e noventa e cinco mil cinquenta e nove reais e vinte e seis centavos), **o imóvel objeto da matrícula nº 191.481 do 6º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP**, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: *"Apartamento-tipo nº 152, construído (Av.05) localizado no 15º andar ou 15º pavimento da Torre A (Jour), integrante do empreendimento denominado "Condomínio Edifício Alto do Ipiranga Nouveaux", situado na Rua Salvador Simões, nº 1.213, no 18º Subdistrito-Ipiranga, com a área privativa de 140,528m², já incluída a área de 3,080m² correspondente ao depósito (armário) nº 24 localizado no 2º subsolo, a área comum de 85,573m², já incluído o direito a guarda de 2 automóveis de passeio na garagem coletiva do edifício, utilizáveis com o auxílio de manobrista, a área total construída de 226,101m², correspondendo-lhe a fração ideal de 0,6494% no terreno condomínio. O terreno, que também faz frente para a Rua Acarajé, constituído pelos lotes nº 173, 174, 175, 176 e 177 da quadra 22 da Vila D. Pedro I, onde está construído o referido empreendimento (Av.05), encerra a área de 4.257,00m²".* **Obs. Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97.** Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o **dia 20 de setembro de 2.022, às 15h30min,** no mesmo horário e local, para realização do **SEGUNDO LEILÃO**, com lance mínimo igual ou superior a **R$ 747.529,63** (Setecentos e quarenta e sete mil quinhentos e vinte e nove reais e sessenta e três centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no *site* do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório do leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. **A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil**. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto n° 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto n° 22.427 de 1° de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (HP 1864-03)

equilíbrio

'Sexting' melhora comunicação e satisfação sexual de casais, diz estudo

Novo levantamento mostra que trocar mensagens com conteúdo erótico traz impactos positivos em relações monogâmicas

Danielle Castro

RIBEIRÃO PRETO Aquela mensagem de texto picante ou mesmo um nude ocasional podem ser o começo de uma comunicação melhor e mais satisfação sexual entre casais.

A constatação é de um estudo americano feito com pessoas de 18 a 75 anos que estavam em relacionamentos monogâmicos. De acordo com a pesquisa, a prática frequente do "sexting" (envio de mensagens digitais de teor erótico) traz resultados positivos ao relacionamento. Casais que trocavam de mensagens com teor sexual também tiveram índices melhores de comunicação sobre sexo e maior satisfação pessoal com seu envolvimento romântico.

Foram considerados sexting: conteúdo sexual e flertes digitados, conversas sobre sexo e intimidades, e envio de fotos com nudes e seminudes, além de vídeos (de si mesmo ou pornográficos) via mensagens eletrônicas.

A amostra considerou 465 entrevistas anônimas preenchidas por meio de questionário online, dos quais 86,2% dos participantes moravam com o parceiro.

O trabalho "Sexual Relationships: is sexting a relationship enhancer in intimate partner relationships?" ("Relacionamentos sexuais: o sexting é um potencializador de relacionamento em relacionamentos de parceiros íntimos?"), da pesquisadora Amanda Baker, foi apresentado ao programa de doutorado da Widener University em abril deste ano e os resultados foram publicados em artigo de mesmo nome em agosto na revista científica internacional The Journal of Sexual Medicine.

Baker afirma que a prática impacta pilares que ajudam a construir o relacionamento. "Os resultados deste estudo podem ajudar profissionais clínicos e educadores a entenderem como o sexting afeta as relações românticas."

Baker avaliou também o efeito da pandemia nos casais. Cerca de 60% dos participantes relatou um impacto negativo em seu relacionamento, sendo que 27% afirmou que a crise sanitária os aproximou e 14% relatou diminuição do sexo ou da satisfação com o relacionamento.

"O estudo descobriu que os participantes achavam que as mensagens de texto eram mais importantes do que sexting em seu relacionamento na pandemia", relatou Baker.

O ativista e apresentador Cairo Still, 33, e o namorado estão juntos há 6 anos. Começaram a utilizar o sexting há 2 anos após uma crise no relacionamento. Para Still, o recurso ajudou a enfrentar o momento mais difícil da crise do coronavírus. "Acabou sendo uma redescoberta para nós. Ficamos mais juntos e próximos. Sempre que sentimos que precisamos, voltamos para o WhatsApp e combinamos como será a noite", afirma Still.

Ele relata que já teve problemas com um nude vazado, mas que resolveu o problema melhorando a comunicação entre os dois. "Colocamos como regra: qualquer imagem que fôssemos enviar, não deixar o rosto à mostra, ou alguma parte com tatuagem", diz o apresentador.

> **O 'sexting' pode favorecer a intimidade do casal, o senso de confiança um no outro e facilitar o aspecto lúdico do sexo, fomentando a imaginação**
>
> **Bárbara Lucena**
> psicóloga e terapeuta sexual

O estudo também mostrou que 14% dos entrevistados usaram o sexting quando estavam separados por longos períodos de tempo e 10% disseram usar como preliminar. Em contrapartida, 8% sentiam-se desconfortáveis com a prática e não o utilizavam, e 8% mencionaram que por morar juntos não sentiam necessidade.

A musicista e influenciadora Nathália Rodrigues, 25, namora há 3 anos e viu no sexting um aliado para não deixar o relacionamento esfriar, além de superar o excesso de tempo junto durante os confinamentos da pandemia.

"Começamos em 2021 e continuamos usando até hoje. Apimentou mais nossa relação. Começamos pelo tradicional, de enviar apenas fotos, mas com o passar do tempo descobrimos os vídeos", conta.

O médico Gerson Lopes, 67, coordenador do setor de medicina sexual da rede Mater Dei de Saúde, afirma que no Brasil, as mulheres e jovens tendem sempre a ser mais abertos ao novo, mas que esperava uma mudança mais significativa no padrão dos casais após a crise sanitária.

"Sexo ainda é tabu, por isso os desafios ainda são grandes para quem recorre ao sexting e outras ferramentas tecnológicas. Infelizmente, se fala mais do que na intimidade se tolera", disse Lopes.

O médico publicou um estudo em 2020 sobre relacionamentos durante as fases de confinamento da Covid-19 e constatou que para sobrevivência da relação é preciso que parceiros que vivem separados renovem seus critérios amorosos e sexuais.

"Para quem mora junto, recomendamos a necessidade de fortalecer a intimidade. Posso dizer que sexo repetitivo, monótono, do mesmo jeito e em mesmo local, acaba estriando o desejo sexual, particularmente de mulheres", afirma Lopes.

Já Bárbara Lucena, psicóloga e terapeuta sexual, percebeu uma intensificação da paquera por meio das redes sociais e da troca de mensagens instantâneas com conteúdo erótico e sexual.

"É importante considerar que, na atualidade, muito da comunicação acontece virtualmente. De certa forma, é natural que todas as formas de se relacionar [para trabalho, afetivamente e sexualmente] também se adaptem a esta modalidade", afirma.

Além dos riscos à privacidade, a especialista diz que a pessoa deve estar atenta às consequências sociais e emocionais, como sentimento de culpa, arrependimento, vulnerabilidade ou insegurança. Lucena também frisa que é importante entender se esta troca de mensagens é algo que realmente se quer fazer e se conhece o parceiro a ponto de aproveitar todos os benefícios da prática.

"O sexting pode favorecer a intimidade do casal, o senso de confiança um no outro e facilitar o aspecto lúdico do sexo, fomentando a imaginação. Além disso, pode potencializar a excitação e comunicação sexual, servindo como forma de explorar a própria sexualidade", diz a psicóloga.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

ESPORTE AO VIVO | 16h Palmeiras x Flamengo Brasileiro, GLOBO/PREMIERE | 18h Fortaleza x Corinthians Brasileiro, PREMIERE | 19h Santos x São Paulo Brasileiro, PREMIERE

Neymar inicia temporada em ritmo forte e busca redenção

Atacante vê Copa do Qatar como última chance e tenta mostrar que mudou

Neymar, em treinamento da pré-temporada; atacante se mostra disposto a viver o seu grande ano Ronen Zvulun - 31.jul.22/Reuters

Luciano Trindade

SÃO PAULO Aos 30 anos, Neymar está em contagem regressiva. É assim que o craque encara a temporada em que disputará uma Copa do Mundo pela terceira vez na carreira. Ele já indicou que o Mundial a ser iniciado em novembro, no Qatar, deverá ser sua última tentativa de chegar ao topo com a seleção brasileira.

Nessa investida possivelmente derradeira pela taça maior, o jogador tem procurado demonstrar que adotou um comportamento diferente desde as férias, dando mais atenção à preparação física e psicológica. Apresentou-se com uma semana de antecedência para a pré-temporada e, no período de descanso, evitou expor nas redes sociais uma vida agitada, preferindo dar destaque a atividades ligadas ao futebol.

Dentro do possível, também tentou ficar longe de maiores polêmicas quando se discutia sua saída do Paris Saint-Germain. De acordo com a imprensa europeia, o adeus do brasileiro era um desejo do atacante Kylian Mbappé, que rejeitou acerto bem encaminhado com o Real Madrid e assinou um contrato gigantesco para permanecer no clube parisiense.

Os jornais franceses apontaram que o PSG listou Neymar como nome a ser negociado, justamente pela relação problemática com a estrela da companhia. A todo instante, como teve de fazer na sexta-feira (19), o técnico Christophe Galtier se vê obrigado a dizer, de maneira pouco convincente, que "não há um mal-estar entre os dois".

O mais sonoro ruído recente ocorreu na rodada passada do Campeonato Francês, quando Mbappé desperdiçou uma cobrança de pênalti no duelo com o Montpellier. Surgiu nova oportunidade na marca penal, no mesmo jogo, e Neymar fez questão de se apresentar —e converter o tiro.

Em três jogos oficiais na temporada, o brasileiro já tem cinco gols. Fez dois na Supercopa da França, decidida em jogo único com goleada por 4 a 0 sobre o Nantes. Marcou mais um diante do Clermont, na abertura do Francês, além de ter dado três assistências. E voltou a balançar a rede duas vezes diante do Montpellier.

Ainda que os adversários não estejam no mesmo nível do estrelado elenco do Paris, que ainda tem Lionel Messi, o desempenho do camisa 10 deixou boa impressão.

"Ele está cumprindo o que disse ao Tite que faria", diz Juca Kfouri, colunista da **Folha**. "De todos os atletas do PSG, ele foi quem voltou melhor [das férias]. E ele bem é um baita jogador. Por enquanto, a perspectiva é a melhor possível", acrescenta.

Juca questiona até que ponto as desavenças no elenco do PSG são reais. Mas acredita que Neymar tenha mais maturidade para lidar com elas do que Mbappé. "Se isso afetar alguém, vai afetar o mais jovem", afirma, em referência aos 23 anos do francês.

A experiência, claro, vem acompanhada de uma idade mais avançada. Mas mesmo na parte física o paulista parece estar em posição melhor do que a ocupada antes da última Copa do Mundo. Em 2018, ele chegou à Rússia distante da melhor forma, pois havia passado por cirurgia em dedo do pé direito a três meses e meio da estreia.

Depois da Copa, as lesões continuaram a atormentá-lo. Na temporada 2021/22, fez apenas 28 jogos, com 13 gols e oito assistências. Um problema sério no tornozelo o deixou fora de ação por mais de dois meses. Em campo, a grande frustração foi a queda nas oitavas da Champions League, em virada do Real Madrid.

Para o ex-jogador Casagrande, Neymar ainda não conseguiu voltar à sua melhor forma. Ele cita, sobretudo, o desempenho apresentado nas duas últimas edições do maior torneio da Europa.

"O Neymar vem mal na Champions nas últimas duas temporadas. Não fez nenhum gol na última edição. Machucou algumas vezes o mesmo pé. E já não tem o mesmo arranque que tinha quatro anos atrás. Não tem a mudança de direção em campo como tinha", opina, à espera de desafios mais duros com o início da Liga dos Campeões. "Aí, sim, teremos um parâmetro da qualidade técnica dele."

No Qatar, a expectativa é que os atletas se apresentem no auge da forma. O torneio será disputado no meio da temporada europeia. Até lá, os jogadores devem acumular, no máximo, entre ligas nacionais e continentais, 22 jogos.

"Esta Copa vai ser diferente das Copas anteriores do século 21", diz o comentarista Paulo Vinicius Coelho. "Desta vez, os jogadores vão chegar no ápice. E será muito importante a dedicação. Se você tem dedicação, o risco de ter uma lesão é muito menor. E eu acho que o Neymar entendeu isso e tem chance de chegar à Copa num nível técnico e físico muito bom."

O jornalista, porém, faz um alerta: os jogos na França costumam ser mais violentos. "É um campeonato que parece inofensivo, mas é perigoso em alguns momentos."

Neste domingo (21), o PSG de Neymar enfrenta o Lille, às 15h45 (de Brasília), com transmissão do Star+.

Paulistas x cariocas

A Copa do Brasil e também o Campeonato Brasileiro estão nos pés do eixo Rio-São Paulo

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Foram quatro jogos para torcedor nenhum botar defeito os da volta das quartas de final da Copa do Brasil.

Nada menos de 14 gols e mais de 150 mil torcedores no Maracanã, em Itaquera, na Arena da Baixada e no Independência, este último, em Belo Horizonte, com a menor contribuição, de apenas 10 mil.

Sessenta mil no Rio, 43 mil em São Paulo, 39 mil em Curitiba. Nada mau.

No único jogo de pouco gol, entre Athletico Paranaense e Flamengo, o 1 a 0 nasceu de bicicleta espetacular de Pedro, o que pavimenta sua ida à Copa do Mundo no Qatar.

Cinco gols na brilhante vitória corintiana sobre o amedrontado Atlético Goianiense, no 4 a 1 construído com três gols do, enfim, batizado Yuri Alberto, além da exuberante atuação de Renato Augusto e da Fiel. Quatro no empate entre Fluminense e Fortaleza e outros tantos no entre América e São Paulo.

A velha rivalidade, predominante no futebol nacional até meados dos anos 1960, entre cariocas e paulistas está de volta no equilibrado embate entre Corinthians e Fluminense e no que opõe o favorito Flamengo ao São Paulo.

Em mata-mata tudo pode acontecer, e será temerário descartar, por exemplo, um Majestoso para decidir o torneio, o Corinthians em busca da quarta taça, o São Paulo da inédita.

Mais provável um Fla-Flu, os rubros-negros atrás do tetra e os tricolores do bicampeonato? Ou teremos o Clássico do Povo entre os dois times mais populares do país? Ou um choque tricolor?

A julgar pelas atuações dos quatro centroavantes envolvidos, é difícil saber.

Porque o carioca Pedro, o argentino Cano e o goiano Luciano estão em estado de graça, e o joseense Yuri Alberto parece ter despertado para o sucesso também na Pauliceia, depois de ter conquistado os gaúchos no Colorado.

Para a rara leitora e raro leitor que gostam dos números, o São Paulo leva grande vantagem no confronto direto, com 56 vitórias e 46 derrotas, além de 40 empates com o Flamengo.

A notícia ruim para tricolores está nos dados recentes: os cariocas ganharam todos os últimos quatro jogos, dois no Rio (5 a 1 e 3 a 1) e dois em São Paulo (4 a 0 e 2 a 0).

Já o Fluminense tem um jogo de vantagem na história com o Corinthians, 42 a 41, com 33 empates. Nos quatro jogos mais recentes, perderam duas vezes fora de casa (5 a 0 e 1 a 0) e venceram uma e empataram outra dentro (1 a 1 e 4 a 0).

Será vantajoso decidir no Maracanã e em Itaquera para Flamengo e Corinthians?

Para o primeiro nem tanto, pois nas quartas de final ganhou a vaga no Paraná. Para o segundo, sim, tamanha a diferença que a Fiel tem feito nos jogos contra adversários parelhos.

THE END?

Se não bastasse o clima de Rio-São Paulo na Copa do Brasil, por coincidência extrema, Palmeiras e Flamengo, líder e vice-líder do Campeonato Brasileiro, encontram-se neste domingo (21) na casa verde para disputar clássico extraordinário entre os dois melhores times do país.

Vitória alviverde praticamente liquida a competição, porque 12 pontos de dianteira impedirá qualquer sonho.

Mesmo o empate tornará dificílimo que nas 15 rodadas restantes a diferença seja tirada.

Vitória carioca permite especular, embora ainda assim os seis pontos à frente dos paulistas seriam confortáveis.

A situação do líder é tão boa que a semana foi de treinos e descanso, sem se dizer que não terá o São Paulo pela frente daqui a dois dias.

Contradições dos técnicos

Como ocorre em todas as atividades, há bons e ruins, emocionais e racionais, éticos e antiéticos

Tostão

Cronista esportivo, participou como jogador das Copas de 1966 e 1970. É formado em medicina

Na última semana, os treinadores, que já são protagonistas, ficaram ainda mais em evidência, dentro e fora de campo. No clássico londrino entre Chelsea e Tottenham, o italiano Conte e o alemão Tuchel quase trocaram sopapos. Os dois foram expulsos. Fora o ótimo gramado e a sobriedade do VAR, que pouco atuou, parecia um clássico brasileiro, pela briga dos técnicos e pelas reclamações e confusões em campo.

As tretas continuaram no Brasil. Após a eliminação do Atlético na Libertadores, Cuca deu uma bizarra explicação para a falta de gols, ao dizer que o fato de o Palmeiras ter ficado com dez, e depois com nove jogadores, prejudicou o Galo, já que o adversário ficou somente na defesa. Abel não gostou, explicou a estratégia defensiva e cutucou Cuca, ao falar o que fez e o que o técnico do Atlético deveria ter feito. Cuca ficou ainda mais irritado.

Alguns treinadores brasileiros saíram em defesa de Cuca, por convicção e/ou porque se sentem prejudicados com a chegada dos técnicos estrangeiros ao Brasil. Jorginho falou que o português Abel é agressivo na lateral do campo, contra árbitros e auxiliares, no que tem razão, e que não é criticado. Foi além, ao dizer que queria ver Abel dirigindo um time com um elenco modesto, como o do Atlético-GO. Mano Menezes, com ironia, falou das aulas dadas por Abel nas entrevistas, como se ele quisesse ensinar futebol aos brasileiros.

Vítor Pereira, que tinha sido bastante criticado, com razão, pelas besteiras que falou, que não tinha medo de ser demitido porque tinha muito dinheiro no banco, foi aplaudido pela brilhante classificação sobre o Atlético-GO. O time que não fazia gols fez quatro, muito pelo retorno de Renato Augusto, atuando mais próximo ao centroavante, e de Róger Guedes, que deixou de ser um ponta fixo, para entrar em diagonal pelo meio. Com isso, Yuri Alberto fez três gols.

Assim como ocorre na vida, em todas as atividades, no Brasil e no mundo, existem treinadores bons e ruins, emocionais e racionais, éticos e antiéticos. São as contradições humanas.

Por causa da grande importância de tantos fatores que estão presentes em um jogo de futebol, técnicos, físicos, táticos, emocionais e imprevistos, os treinadores só podem ser bem analisados após uma longa carreira. Felipão, pela média de sucessos e de fracassos, é um excelente treinador, embora ainda não tenha se aposentado.

O jovem Abel Ferreira merece todos os elogios pelas conquistas no Palmeiras, mas só saberemos definitivamente sua importância no futebol após muitos anos no comando de outros clubes e mesmo do Palmeiras. Há muitos exemplos de técnicos com carreiras irregulares, que foram muito bem e, depois, muito mal, e também o contrário.

Hoje não há mais lugar para treinadores que não sejam científicos, que não tenham capacidade de comandar um grupo e que não trabalhem em conjunto com uma boa comissão. Por outro lado, não basta ter conhecimentos para ser um ótimo treinador ou qualquer outro profissional, ainda mais neste novo mundo, cheio de transformações técnicas e de comportamento.

Não há mais lugar também para tantos lugares-comuns, clichês, frequentes, como os que dizem que o treinador, quando vence, mesmo que mal preparado, ganhou porque os jogadores atuaram por ele e/ou porque o técnico possuía o comando do vestiário. Os atletas jogam por vitórias, pelas carreiras e não toleram treinadores com pouco conhecimento.

Folha de S.Paulo, canal no Telegram @BrasilJornais

NOSSO ESTRANHO AMOR

Milly Lacombe
folha.com/nossoestranhoamor

Amor em trânsito

O carro começou a dar sinais de que iria morrer quando estávamos na estrada, a duas horas de casa. Anoitecia e a ideia de ficar parada no meio de uma estrada que eu não conhecia me apavorou. Não disse nada a minha mulher, sentada ao lado. Puxei conversa a fim de tirar a mente da constatação de que alguma coisa estava errada com aquele veículo. Anoiteceu, a estrada ficou um pouco mais sombria. Rodovia de mão dupla, vicinal, sem tráfego. Não sabia exatamente onde estava, mas o aplicativo de navegação indicava que não havia uma cidade tão perto assim. E então, numa pequena serra, bem na curva, o carro morreu.

O que houve, quis saber minha mulher. Eu não fazia ideia. Com dificuldade, consegui jogar o carro para o lado porque não tinha acostamento. Liguei o pisca-alerta, meu coração estava disparado. O que vamos fazer?, minha mulher quis saber, agora também ela nervosa. Dois cachorros, três malas, nenhuma ideia na cabeça. "Vou ligar para a seguradora", eu disse. E então percebi que não havia sinal. "Essa região não é das mais tranquilas", minha mulher me explicou antes de me avisar que ia a pé atrás de ajuda, que eu ficasse no carro para o caso de alguém parar. Não sabia de verdade se seria muito bom ou muito ruim que alguém parasse. Ela saiu correndo pela estrada escura. Cinco minutos passados, meu pânico aumentou. Não devia ter deixado ela ir. Tínhamos que ficar juntas, não separadas. Prometi em voz alta e mantricamente que nunca mais deixaria que ela saísse de perto de mim. Depois de uns vinte minutos, vi a silhueta de minha mulher correndo. Ela teria conseguido ajuda? Estava sozinha, o que me fez acreditar que a resposta era "não".

Antes que ela pudesse me alcançar, um carro que vinha na direção contrária fez um desvio abrupto e parou perto do meu. Dele, desceu um homem. De imediato, pensei para onde poderíamos correr. Corpos masculinos, especialmente numa situação como aquela, indicam perigo. "Vimos uma mulher correndo na estrada, era você?", o homem quis saber. "Era minha mulher", eu disse sem pensar, e já sendo inundada por mais medo imaginando que a revelação despertasse qualquer tipo de homofobia. Nessa hora, a porta do passageiro do carro dele foi aberta e um corpo feminino desceu. Respirei aliviada. Minha mulher finalmente nos alcançou. O casal tinha parado para ver se precisávamos de ajuda. Voltavam do culto. A filha estava no carro e eles disseram que nos levariam até um posto, que nos ajudariam.

Pelas próximas duas horas, foi tudo o que fizeram. Entramos no carro deles, nós duas e as cachorras. As músicas no rádio falavam de Jesus, uma atrás da outra. Eram evangélicos. Dali a algumas horas estariam acordando para mais uma semana de seis, sete dias de trabalho. Mas não nos deixaram até que estivéssemos dentro do guincho. Pediram que avisássemos quando chegássemos ao Rio. Chegaríamos tarde, explicamos. Ainda assim, eles insistiram. Ficaremos esperando, disseram. Chegamos em casa e enviamos uma mensagem. Eles agradeceram e se despediram com "fiquem com Deus".

Sentamos à mesa, abrimos um vinho e foi nesse momento que eu comecei a chorar. Não por medo, não por desespero, não por tristeza. Chorei porque não há no mundo sentimento mais potente do que se sentir acolhida, cuidada, amparada. Chorei porque havíamos sido socorridas por aquele outro que dizem que nos odeia, ou que devíamos odiar. Chorei porque um episódio que poderia ter sido trágico acabou me ensinando sobre o que realmente deveria importar: amar uns aos outros. Amar ao outro como a ti mesmo. Amar o outro porque é tu mesmo.

Mathilde Missioneiro/Folhapress

IMAGEM DA SEMANA

Liceu Coração de Jesus, nos Campos Elíseos, no centro de São Paulo, anunciou que encerrará suas atividades. A quantidade de matrículas caiu muito pela da piora da segurança no entorno, próximo à cracolândia, ao longo dos últimos anos. O prefeito Ricardo Nunes propôs que a prefeitura custeie as mensalidades dos mais de 200 alunos para evitar o fechamento. Seria o primeiro ensino fundamental a funcionar como as creches credenciadas

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Enfeite de joia ou pedraria, com alfinete e fecho, que as mulheres usam geralmente ao peito / A metade de XVIII, em números romanos **2.** Recruta / Jorro forte de um fluido **3.** Ocasionar **4.** O último dos dentes molares, que nasce normalmente após os 16 anos de idade / Glândula que involui a partir da puberdade **5.** (Fís.) Abreviatura inglesa de Frequência Intermediária / O antônimo de rir **6.** (Serra) País africano banhado pelo Atlântico / Que não é comum **8.** (Pal. fr.) Cozinheiro encarregado da cozinha de um restaurante / Porção determinada **9.** Exposição informativa / Robert Redford, ator estadunidense de "Proposta Indecente" **10.** Cláusula de um documento / O clarão do astro prateado **11.** Pessoa responsável por determinada seção de uma instituição **12.** Nove menos seis / (Pop.) Grande desordem **13.** Um sufixo aumentativo / (Pop.) Ação de namorar com beijos, carícias etc.

VERTICAIS
1. O único país que faz fronteira com a Argentina e com a Venezuela / A parte mais alta da onda **2.** A capital banhada pelo Capibaribe e pelo Beberibe / (Red.) Pessoa que sente atração sexual apenas por indivíduos do sexo oposto **3.** Vazias, sem conteúdo / Fritada de ovos **4.** Caduco, decrépito / Renomada **6.** Que expele / Dor aguda numa víscera abdominal **7.** Sem cautela / Vestir, trajar **8.** O Franco (1930-2011) presidente da República / Veículo motorizado usado para operar equipamentos agrícolas **9.** Forma dupla com seu irmão Chitãozinho / (Pop.) Pessoa ou coisa sensacional.

HORIZONTAIS: 1. Broche, IX, **2.** Reco, Jato, **3.** Acarretar, **4.** Siso, Timo, **5.** IF, Chorar, **6.** Leoa, Raro, **8.** Chef, Cota, **9.** Relato, RR, **10.** Item, Luar, **11.** Setorista, **12.** Três, Caos, **13.** Ão, Agarro.
VERTICAIS: 1. Brasil, Cristã, **2.** Recife, Hetero, **3.** Ocas, Omelete, **4.** Coroa, Famosa, **6.** Ejetor, Cólica, **7.** Atirado, Usar, **8.** Itamar, Trator, **9.** Xororó, Arraso.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

1	3		4			8		
			8				4	
					3	9		
		9					8	5
6		4				1		7
5	7					4		
		3	7					
	8				9			
		1			2		5	4

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

1	3	7	4	9	5	8	6	2
2	9	6	8	1	7	5	4	3
8	4	5	6	2	3	9	7	1
3	1	9	2	7	4	6	8	5
6	2	4	9	5	8	1	3	7
5	7	8	1	3	6	4	2	9
4	5	3	7	6	1	2	9	8
7	8	2	5	4	9	3	1	6
9	6	1	3	8	2	7	5	4

FRASES DA SEMANA

O DE HOJE ESTÁ PAGO
Jair Bolsonaro
O presidente tratou um assessor com grosseria, na quinta-feira (18), durante live semanal em que anunciou fim de impostos sobre suplementos como whey protein, usados em dietas especiais para musculação

"Fica na tua aí [...] Eu perguntei alguma coisa para vocês? Eu perguntei alguma coisa?"

VEM AQUI COM SEU TIGRÃO
Wilker Leão
Youtuber gravou o presidente na saída do Palácio da Alvorada, em Brasília,e o questionou sobre sanção ao projeto que delimitou a delação premiada

"Tchutchuca do centrão!"

DESCONFIADA
Carla Zambelli
Deputada que é uma das porta-vozes do discurso contra a urna eletrônica ataca o processo eleitoral em entrevista à **Folha** e critica os ministros do STF (Supremo Tribunal Federal), dizendo que cerceiam o direito de expressar desconfiança nas urnas —as falas sobre fraudes são enquadradas pela corte como fake news, já que não há nem nunca houve prova

"O maior golpe já aconteceu, que é Lula ser candidato. Se eles deram um golpe desse, descondenando o Lula, por que não pode dar golpe na urna eletrônica?"

PATADA
Kim Yo-jong
Coreia do Sul ofereceu ajuda econômica à Coreia do Norte em troca da desnuclearização do país, o que a irmã do ditador Kim Jong-un considerou um absurdo

"Teria sido mais favorável para sua imagem calar a boca em vez de falar bobagem, pois ele [Yoon Suk-yeol, presidente da Coreiado Sul] não tinha nada melhor a dizer"

EX-NAMORADINHA DO BRASIL
Regina Duarte
Atriz e ex-secretária de Cultura criticou artistas que assinaram cartas pró-democracia em postagem compartilhada nas redes sociais

"Como em 2002, EU TENHO MEDO"

INDIRETAS
Alexandre de Moraes
Ministro assumiu como presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), na noite de terça-feira (16) em cerimônia que colocou Lula (PT) e Bolsonaro (PL) frente a frente. Moraes ovacionou as urnas eletrônicas, alvo costumeiro do presidente e dos seus aliados

"Somos a única democracia do mundo que apura e divulga os resultados eleitorais no mesmo dia, com agilidade, segurança, competência e transparência. Isso é motivo de orgulho nacional"

SHOW DA PODEROSA
Murda Beatz
Noivo de Anitta,o produtor musical canadense exalta a brasileira, o futebol e o Rio de Janeiro em viagem ao país

"Ela é muito talentosa. Não acho que os americanos sabem o quão importante ela é para o mundo. Se estou em Portugal ou no Brasil com ela, vendo como as pessoas a tratam e olham para ela, acho que os Estados Unidos ainda não entendem o poder e a importância dela"

CASSADO
Gabriel Monteiro
Vereador carioca foi cassado por 48 votos a 2, um dele e um do suplente de Dr. Jairinho, cassado pela morte do enteado Henry Borel, de 4 anos, em votação na Câmara do Rio de Janeiro após uma série de denúncias de estupro e pedofilia. Mesmo cassado, Monteiro é candidato ao cargo de deputado federal. A defesa vai tentar reverter a decisão

"Infelizmente, algumas causas tão sérias estão sendo banalizadas para me atacar. Poucas pessoas daqui me conhecem de fato"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **21.ago.1922**

Eleição para vice-presidente tem apenas um candidato

Realizou-se neste domingo (20) a eleição para a escolha do vice-presidente da República. Urbano Santos tinha vencido o pleito para ocupar o cargo, mas ele morreu no dia 7 de maio, antes da proclamação do resultado.

Com isso, uma outra eleição precisou ser marcada, mas apenas uma candidatura foi lançada, a de Estácio Coimbra.

A votação ocorreu agora sem despertar interesse na população. O pleito ocorreu um pouco animado só em Pernambuco, estado onde Estácio Coimbra nasceu e no qual ele representa como deputado federal.

A abstenção foi notável nos outros estados.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

ilustríssima
ilustrada

De volta para o passado

Os arqueólogos David Wengrow e Eduardo Góes Neves, autores de livros que questionam interpretações consagradas da história da humanidade, dizem à Folha que pensamento de indígenas das Américas ajudou a moldar valores do Iluminismo e que civilizações da Amazônia foram muito mais complexas do que se imaginava C6 a C8

- Em entrevista histórica, Lula falou à Folha, em 1994, sobre o papel dos militares C4 e C5
- Ideias de Josué de Castro são mais necessárias que nunca, afirma Itamar Vieira Junior C9

Imagem de galáxias captada pelo telescópio James Webb
Nasa via Reuters

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Os diretores Jorge Furtado (acima), em Porto Alegre, e Guel Arraes, no Rio de Janeiro, posam para foto via Zoom Gabriel Cabral/Folhapress

Guel Arraes e Jorge Furtado

Jornalismo brasileiro não é santo nem demônio, mas quer ibope

[RESUMO] Responsáveis por sucessos no cinema e na TV, os dois diretores se uniram na quarentena para escrever sobre o momento em que só se sabia das coisas 'pelos jornais' —que, entre erros e acertos ao longo da história, foram 'a salvação' nos piores dias da epidemia da Covid-19

Por ***Teté Ribeiro***

Jorge Furtado é gaúcho, tem 63 anos e uma carreira como roteirista e diretor cheia de sucessos, entre eles a série "Agosto" e os filmes "O Homem Que Copiava" e "Saneamento Básico". Guel Arraes é pernambucano, tem 68 anos, e foi um dos criadores dos clássicos de humor "Armação Ilimitada" e "TV Pirata", ambos da TV Globo.

*

Os dois já trabalharam juntos diversas vezes. Por exemplo nas séries "A Comédia da Vida Privada" e "Decamerão, a Comédia do Sexo", e nos filmes "O Coronel e o Lobisomem" e "Lisbela e o Prisioneiro". No ano passado, já com um ano de pandemia, dois de governo Jair Bolsonaro e muita aflição acumulada, decidiram escrever uma peça de teatro, coisa que nunca tinham feito em parceria.

*

Assim nasceu "O Debate", lançado como livro e que tem logo na primeira página um aviso de Jorge Furtado: "Essa peça foi escrita na urgência dos acontecimentos políticos do Brasil do ano de 2021. Será filmada ou encenada assim que for possível e reescrita assim que for necessário".

*

A filmagem finalmente foi possível no mês passado, e "O Debate" entra em cartaz nos cinemas na próxima quinta-feira (25). Dirigido por Caio Blat, o longa é protagonizado por Débora Bloch e Paulo Betti. Os dois formam um casal de jornalistas de TV —ele é o editor do programa, e ela, a apresentadora. Eles se separam depois de 17 anos juntos, mas continuam confidentes e colegas de trabalho. É nos bastidores do jornal que ela apresenta e ele edita que se passa a história —e justamente quando o programa está cobrindo o último debate presidencial entre dois candidatos sem nome, apresentados apenas como "o presidente" e "o ex-presidente".

*

Ela, idealista e impulsiva, defende que o jornal divulgue uma pesquisa de última hora, ainda não registrada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), mas que pode mudar o rumo da votação. Ele, racional e comprometido com as regras, não aceita interferir na cobertura. E é entre os dois que acontece de verdade um debate de ideias, ideais, pontos de vista, jornalismo, política, traições, filhos, amor, futuro.

*

Os dois roteiristas falaram à **Folha** via Zoom de onde moram —Jorge Furtado, em Porto Alegre, e Guel Arraes, no Rio de Janeiro. A entrevista foi focada em jornalismo e política, os temas centrais do filme:

*

Jorge Esta trama nasceu da nossa ansiedade. A gente se falava todos os dias desde o início da pandemia pra saber o número de infectados, como tinha que se proteger, se ia ter vacina. Uma hora decidimos que tínhamos que botar isso no nosso trabalho, então começamos a escrever a peça.

Guel: Nem que fosse só para dizer para os nossos netos que a gente fez alguma coisa no período em que dois raios caíram simultaneamente no Brasil, a pandemia e o Bolsonaro. E o que dava para fazer naquele momento era um texto de teatro.

Continua na pág. C3

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Continuação da pág. C2

*

Jorge A gente só sabia das coisas pelos jornais, o governo não falava nada. O jornalismo foi uma ilha de salvação nesses dois anos. Mas não foi sempre assim. O jornalismo brasileiro cometeu muitos erros sérios recentes e foi em grande parte responsável pela ascensão da extrema direita no Brasil, por ter comprado a Lava Jato fácil demais, por não ter investigado a fundo os interesses de todos.
Guel A corrupção é uma pauta muito popular, porque o povo acha que corrupção é roubar dinheiro. Então vira uma maneira muito fácil de explicar a pobreza. Se você pegar tudo que foi roubado pela corrupção e multiplicar pelo número de brasileiros, não vai dar nem três reais para cada um. Mas vira uma explicação mágica, e o jornalismo trata essa questão de forma muito sensacionalista.

*

Jorge Mas, nesse momento, e pelos próximos meses, o jornalismo é a nossa salvação. Teve um ex-presidente americano que disse uma vez que, se tivesse que escolher entre ter governo e ter jornalismo, escolheria ter jornalismo.
Guel: O jornalismo brasileiro não é santo nem demônio, mas quer ibope. É como quando a gente faz ficção na televisão. A gente procura histórias que inquietem o público, mas que sejam populares. E se o Ibope começa a cair, você faz a história ficar mais popular ainda. O jornalismo se parece um pouco com a nossa profissão. Então, na história da anticorrupção, acho que aquela cobertura estava dando tão certo, aquilo se tornou tão popular que pegou um embalo. E o campo progressista deu mole, perdeu a bola na questão da corrupção.

*

Jorge E faltou apuração jornalística, principalmente na cobertura da Lava jato. Aquilo desde o início não era uma questão de justiça, era uma atividade política. E o jornalismo brasileiro mergulhou na história de cabeça, comprou o discurso da direita de que a corrupção era responsável pela pobreza.
Guel Era um momento de democracia que a gente viu o país só melhorando, ficando cada vez mais democrático. Aí veio 2013, as pessoas na rua pedindo o impeachment da Dilma e a prisão do Lula, o jogo foi virando e quase que se jogou a água do banho com o bebê junto. E aí não tinha ninguém do PSDB, não tinha social democracia, o que tinha era uma extrema direita associada a coisas muito reacionárias, milícias, armamento, ideias muito antigas.

*

Jorge Acho que o jornalismo brasileiro agora se deu conta de que as coisas passaram do ponto. A história da vacina foi a gota d'água. Porque o debate tem que existir e a gente tem que aprender a respeitar a opinião dos outros. Talvez tu consigas me convencer de que mais armas na mão das pessoas possa diminuir a violência. Talvez possa me convencer que tirar as cadeirinhas dos carros vai diminuir o número de crianças gravemente feridas nas estradas. Posso ouvir sua opinião em relação ao aborto, posso ouvir qualquer opinião. Mas contra a vacina não tem conversa. A humanidade não estaria aqui sem vacinas. Esse é um avanço da medicina e da ciência absolutamente inquestionável.
Guel: Mas escolhemos dois jornalistas para serem os protagonistas deste filme porque passei a ter bastante admiração pela profissão nos últimos três anos. Os jornalistas viraram o SUS da política. Assim como os trabalhadores do SUS estão para a saúde, os jornalistas estão para a política. Na linha de frente. A gente não podia fazer filme, série de TV, não podia produzir nada, não podia trabalhar. Então, nesse momento, eu queria ser que nem os jornalistas. Então fizemos a história de dois jornalistas.

*

Jorge Jornalismo é uma profissão de alto risco. Botamos essa frase no texto e concordo com ela. Tem um diálogo também em que o personagem do Paulo Betti diz que é neutro, e o da Débora Bloch responde que ser neutro é uma coisa bem próxima de não fazer nada. E ele responde: "Eu estou fazendo jornalismo".

Guel: E, apesar de não estar explícito na trama, está lá o homem mais velho, em posição de poder, casado com uma mulher jovem, que ganha menos que ele. Mas a personagem feminina neste filme é o motor da história, ela é a protagonista. A gente quis inverter um pouco esse padrão. Ela é combativa, defende o que acredita e é quem propõe a separação deles, uma separação diferente. Eles se separam para continuar juntos. É um novo modelo amoroso.

*

Jorge Tudo é muito atual nesse roteiro, a gente chama de 'cinema ao vivo'. Tem documentários feitos assim, a quente, em cima dos fatos. Mas fiquei pensando se esse não era um caso único de ficção tão grudada na realidade. Não é. Tem pelo menos um outro caso, que me faz pensar que melhor do que ser original é ter um antecedente tão ilustre, que é "O Grande Ditador", do Chaplin. Ele fez no meio da Segunda Guerra satirizando o Hitler, sem dizer o nome dele, mas todo mundo sabe que é dele que se está falando.
Guel Esse filme é muito diferente de tudo o que eu já fiz. Tem uma motivação diferente, uma ambição mesmo, de causar uma mínima interferência na realidade. Até formalmente ele é diferente de tudo o que eu e o Jorge já fizemos, porque ele é muito falado, tem diálogo o tempo todo. Como se a gente estivesse mesmo desabafando.

*

Jorge Chamamos o Caio Blat para dirigir, e ele foi absolutamente surpreendente. Tinha domínio absoluto do set, sabia o roteiro de cor, fazia as marcações das cenas antes das filmagens. E acho muito curioso como três filmes políticos recentes foram dirigidos por atores. Além do Caio, neste filme, tem o Wagner Moura com "Marighella" e o Lázaro Ramos com "Medida provisória".
Guel O Caio que escalou o elenco. É uma relação muito íntima essa do diretor com o ator, um é muito responsável pelo resultado do trabalho do outro [Paulo Betti e Caio Blat são ambos ex-maridos e pais dos dois filhos da atriz Maria Ribeiro, e essa é a primeira vez que trabalham juntos].

*

Jorge Como diz um amigo meu, o Rio de Janeiro é que nem um baralho. Você mistura as cartas, depois bota tudo junto no monte e começa de novo.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

O que Lula disse à Folha em 1994

[RESUMO] Neste domingo (21) em que se completam quatro anos da morte de Otavio Frias Filho, diretor de Redação da Folha, o jornal republica, com trechos inéditos, entrevista que ele — acompanhado do então editor-executivo Matinas Suzuki Jr., do repórter especial Clóvis Rossi (1943-2019) e do repórter fotográfico Jorge Araújo— realizou com Lula, pouco antes da eleição de 1994, quando FHC também foi entrevistado. Hoje, as respostas sobre militares, privatizações e Congresso ajudam a entender um pouco mais o petista, novamente candidato

Por ***Naief Haddad***
Repórter especial da **Folha**, onde trabalha desde 1997. Já foi editor de Projetos Especiais, Esporte, Turismo, Comida e Guia. Em 2021, coordenou os projetos do centenário do jornal

Em 1994, a força e a influência de um jornal eram medidos, entre outros fatores, pelo número de exemplares que imprimia diariamente. Naquele momento, como nas décadas anteriores, tiragem era o substantivo que fazia a alegria ou tirava o sono de empresários da imprensa e de jornalistas.

A palavra apareceu no alto da primeira página da **Folha** de 14 de agosto daquele ano: "Edição histórica com tiragem recorde de 1.117.802 exemplares". A marca seria superada em março do ano seguinte, com a impressão de 1,6 milhão.

Naquela época, a internet engatinhava no Brasil. A **Folha** Web, primeira versão online da **Folha**, só seria lançada no ano seguinte. Hoje, o jornal conta com 30 milhões de visitantes únicos, em média, por mês.

Aquele domingo, 28 anos atrás, marcava o lançamento do primeiro fascículo de um atlas, que acompanhava a **Folha**, e a Redação preparava um material especial. Duas entrevistas com os líderes apontados por pesquisa Datafolha para a eleição presidencial, que aconteceria menos de dois meses depois, estavam entre os destaques da edição. Fernando Henrique Cardoso (PSDB), candidato ao Planalto pela primeira vez, e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que buscava a vitória em sua segunda tentativa, ocupavam, cada um, duas páginas do jornal.

Ambos foram ouvidos pelos mesmos jornalistas: o então diretor de Redação da **Folha**, Otavio Frias Filho, o editor-executivo à época, Matinas Suzuki Jr., e o repórter especial Clóvis Rossi. Jorge Araújo era o repórter fotográfico.

As entrevistas foram publicadas em um momento-chave da corrida eleitoral de 1994, o ponto de virada. Dois dias antes, o Datafolha havia revelado que, pela primeira vez, FHC aparecia à frente de Lula nas intenções de voto, com 36% contra 29%. A partir daí, a diferença entre eles aumentaria, permitindo que o postulante do PSDB liquidasse a disputa no primeiro turno, em 3 de outubro.

A reviravolta era impulsionada pelo Plano Real, implantado em fevereiro de 1994, quando o Ministério da Fazenda do governo Itamar Franco estava sob o comando do tucano.

O programa de estabilização da economia conseguia gradativamente derrubar a inflação: a alta de preços em março, sobre o mês anterior, havia sido de 42,7%, segundo o IPC (Índice de Preços ao Consumidor); em agosto, foi de 1,9%. "FHC não era um candidato forte até o lançamento do Real. Se não tivesse o plano, Lula teria ganho a eleição", lembra Matinas, hoje diretor de operações da Companhia das Letras.

Eram, no entanto, recorrentes as dúvidas sobre a eficácia do plano a longo prazo. O fracasso de apostas anteriores, como o Cruzado 1 e o 2, ambos no governo José Sarney, estava vivo na memória dos brasileiros.

Em texto sobre os bastidores da entrevista com Lula, Otavio expunha a incógnita. "Ninguém sabe se o otimismo com o Real veio para ficar ou corresponde à euforia que tem acompanhado os primeiros meses de qualquer plano econômico", escreveu o jornalista, que morreu há quatro anos.

"Foram medidas duras contra quem não deveria sentir medidas duras", afirmou Lula sobre o Real na entrevista.

Quatro anos depois, em outra declaração à **Folha**, o petista reconheceria os avanços proporcionados pelo Real, mas permanecia em desacordo com a política econômica. "A estabilidade é, de fato, um valor", disse. "Mas só temos uma estabilização monetária, sem nenhuma estrutura social e com a economia fortemente vulnerável. Os pilares da estabilidade são o câmbio e os juros, mas não temos política industrial."

A entrevista com Lula reproduzida nesta edição aconteceu em 9 de agosto de 1994, terça-feira, em um sobrado onde funcionava a produtora do programa eleitoral do PT, na Vila Olímpia, bairro da zona oeste de São Paulo. Também estavam na sala Rui Falcão, então presidente do PT, e Ricardo Kotscho, assessor de imprensa do petista, hoje colunista do UOL.

Como observou Otavio, Lula trazia em um pulso um relógio Omega de aço e no outro uma fita de Nossa Senhora da Purificação, presente de dona Canô, mãe de Maria Bethânia e Caetano Veloso.

"A entrevista começou tensa, talvez em função de dois processos judiciais que o candidato e o próprio PT estão movendo contra a **Folha**, por conta de publicações que desagradaram", escreveu o diretor de Redação. "No final, mais à vontade, Lula chegou a dizer, indicando o fotógrafo do jornal: 'Com esse brinquinho, no meu governo não entrava' e deu risada, abraçando-o."

Rossi, que morreu há três anos, e Matinas fizeram algumas perguntas incisivas ao petista. Otavio, entretanto, foi quem questionou Lula de modo mais contundente, assim como fez na entrevista com FHC. "Como diretor de Redação, ele sabia que precisava mostrar a independência do jornal", diz Matinas.

Foi Matinas, aliás, quem ficou com as fitas da entrevista de uma hora e meia com Lula. Permaneceram guardadas por mais de 20 anos na casa dele, até que as reencontrou e as entregou ao jornal em 2018.

No jornalismo, são raras as entrevistas publicadas na íntegra. Em geral, acontece da seguinte forma: depois da conversa, o entrevistador ou os entrevistadores fazem uma primeira seleção de perguntas e respostas consideradas mais relevantes para os leitores. Esse trabalho é posteriormente complementado em interação com os editores.

Não foi diferente no jornal publicado em agosto de 1994. A **Folha** destacou na edição comentários de Lula sobre possíveis ministros em caso de vitória e outros assuntos quentes à época, que naturalmente soam datados hoje.

Por outro lado, alguns temas que hoje ganharam mais relevância foram preteridos na hora da edição, como as opiniões do candidato sobre as Forças Armadas. Diferentemente do que acontece hoje, o comportamento dos militares no cenário político não gerava grandes preocupações em 1994.

Agora, Lula está de volta a uma disputa pelo Planalto. Desde 1994, o petista parece viver em uma montanha-russa, com loopings inimagináveis: perdeu aquela eleição e a seguinte, em 1998, ambas para FHC; ganhou em 2002 e se reelegeu quatro anos depois; elegeu sua sucessora, Dilma Rousseff, em 2010; foi condenado em 2017, preso em 2018 e solto no ano seguinte; em 2021, recuperou seus direitos políticos; neste mês de agosto, oficializou sua sexta candidatura à Presidência.

Ao longo desses quase 30 anos, algo, porém, se manteve. Lula era e continua sendo o principal líder da esquerda do país. Por isso, as respostas do candidato de 48 anos podem ajudar a entender o mais uma vez candidato, agora com 76. A seguir, alguns trechos daquela histórica conversa, em que Lula fala sobre o Congresso, militares, reações do empresariado e dos eleitores e privatizações.

*

Relação com o Congresso

Se o sr. for eleito, provavelmente não terá maioria partidária no Congresso Nacional. Se for negociar, vai levar um tempo grande. Como seria esse primeiro momento? Eu tenho dito sistematicamente que não vejo dificuldade no relacionamento com o Congresso. Minha experiência é que toda vez que o governo quer aprovar uma coisa, ele consegue aprovar.

Às vezes tem que dar muita coisa. O "dar muita coisa" é porque não existe corrupto sem corruptor. Você percebe que, em amplos segmentos da sociedade, existem pontos comuns sobre a necessidade de uma política tributária nova para o país. Se você parte da sociedade civil para o Congresso, a tendência na-

Continua na pág. C5

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

OTAVIO SERÁ TEMA DE BIOGRAFIA

O jornalista Fernando de Barros e Silva assinou contrato com a editora Companhia das Letras para escrever a biografia de Otavio Frias Filho, mentor do Projeto **Folha**, que modernizou o jornalismo brasileiro na década de 1980. 'Sem Otavio, o panorama da imprensa brasileira não seria o mesmo', afirma Barros e Silva, que prevê pelo menos três anos de trabalho, entre pesquisas e entrevistas, para concluir o projeto. Além de diretor de Redação da **Folha** por 34 anos, Otavio lançou livros de ensaio, como 'Queda Livre' e 'Seleção Natural'. Como dramaturgo, teve peças encenadas em São Paulo, entre elas 'Rancor' e 'Don Juan'. Barros e Silva trabalhou de 1988 a 2011 na **Folha**. Atualmente, é repórter da revista piauí e apresentador do podcast Foro de Teresina. 'Quero fazer uma biografia que Otavio tivesse prazer de ler, mas não necessariamente a biografia que ele gostaria de ver escrita sobre si mesmo', afirma

Acima, Luiz Inácio Lula da Silva em 1994, durante sua segunda campanha presidencial; abaixo, a partir da esquerda, o então repórter especial da Folha Clóvis Rossi, o diretor de Redação Otavio Frias Filho, Ricardo Kotscho, assessor de imprensa de Lula, Matinas Suzuki Jr., então editor-executivo da Folha, e Lula

Fotos Jorge Araújo - 9.ago.1994/ Folhapress

Continuação da pág. C4

tural é ter facilidade de aprovação no Congresso Nacional.

O sr. pressupõe que vai começar a governar, caso eleito, em minoria no Congresso? O meu pressuposto é que vou governar em maioria: ou você faz a maioria fora, ainda no processo eleitoral, ou faz a maioria dentro do Congresso. Sou muito mais favorável às maiorias pontuais do que à maioria permanente. Acho que tem que estabelecer uns quatro, cinco grandes projetos e negociar isso no primeiro mês de governo, se possível negociar até antes.

Agricultura e fome

O que, simbolicamente, elegeria como primeira medida de governo? Eu queria falar da política agrícola e da fome, que são coisas simbólicas para nós. Não acredito que se consiga acabar com nenhum dos problemas do Brasil em um dia, o que nós queremos é apontar: quais as grandes coisas que vamos atacar, a obsessão nossa de resolver imediatamente.

Precisamos anunciar que o crédito agrícola será para o pequeno e médio produtor agrícola. Nós iremos resolver o problema dos assentados que estão acampados hoje, no primeiro momento. É uma vergonha ter 50 mil pessoas na beira das estradas em um país com a quantidade de terras que tem o Brasil.

Outra coisa, a política tributária. É ela que vai dar os instrumentos para fazer os investimentos necessários na educação e na saúde, que são prioritárias para nós. Se resolvermos isso, estaremos dando um passo extraordinário.

Outra coisa é o combate à fome. Quando nós entregamos o projeto ao Itamar [proposta de segurança alimentar idealizada pelo governo paralelo do PT, criado após a posse de Fernando Collor, em 1990], eu pensava que teria sequência porque o projeto não termina com a política de solidariedade. É muito mais do que isso, tem metas de geração de empregos, e o Itamar não fez nada.

Então, nós temos que continuar com a campanha de solidariedade para garantir que as pessoas possam comer, no mínimo, três vezes ao dia, e temos que ver todas as fontes de investimento que possam gerar empregos imediatos.

Por isso, colocamos que cuidar da saúde não significa médicos e hospitais, significa saneamento básico, porque você vai melhorar a qualidade de vida das pessoas e vai gerar emprego. Consequentemente, vai gerar o mínimo de distribuição de renda.

Plano Real

Dá para concluir que a política do atual governo em relação à inflação no Plano Real está correta e o que está incorreto é o aspecto social dessas políticas? O que está equivocado, na minha opinião, são os pressupostos do plano. Foram medidas duras contra quem não deveria sentir medidas duras. Não temos nada contra a moeda. Aliás, para mim, se for cruzeiro, dólar, libra esterlina e der para comprar o que comer, não tem problema.

O problema é que os pressupostos causaram prejuízos às pessoas, tanto a implantação do plano social de emergência quanto a média dos quatro meses da URV [Unidade Real de Valor, uma moeda virtual que serveria como indexador] sem controle de preço. É só ver a distância que a cesta básica ficou do salário mínimo. Não adianta fazer propaganda agora que está baixando, é preciso saber quanto era antes do começo do plano.

A segunda coisa. Ainda não mexemos em duas coisas cruciais no Brasil, os oligopólios, que precisam ter regras mais definidas, e o sistema financeiro, que é tão ou mais moderno que o sistema financeiro de qualquer país do mundo, e tem uma facilidade tremenda de se adaptar a qualquer realidade e continuar ganhando dinheiro e especulando.

Enquanto, no mundo desenvolvido, o sistema financeiro tem uma incidência no PIB (Produto Interno Bruto) menor, no Brasil é muito alto. Precisamos dotar o sistema financeiro de condições objetivas de sobreviver financiando a produção, sabe? Isso iria contribuir para reduzir a inflação.

Eleitorado menos conservador

Os empresários começam a lançar campanhas mais fortes contra sua figura, há novamente um clima para isolar o PT. Todo o seu trabalho para mostrar que está aberto ao diálogo vive um momento de indefinição. É impossível conversar com os outros setores da sociedade? O eleitorado brasileiro, no fundo, é conservador? Eu acho que o eleitorado brasileiro deu demonstrações, já em 1989, de que evoluiu, de que aos poucos está se liberando do coronelismo da política, da subserviência eleitoral a que o Brasil sempre esteve submetido. O fato de eu ter tido aquela votação em 1989 [obteve 47% dos votos no segundo turno contra Collor, que venceu a eleição] é uma demonstração de que existe uma parcela da sociedade com disposição para mudar.

Em 1989, nós tínhamos um comitê de microempresários, hoje temos vários comitês de empresários no Brasil inteiro. É lógico que há uma grande maioria de empresários ainda conservadores e, obviamente, o empresário que não pensa no país, que não pensa socialmente, mas só pensa nele próprio, tem que ser conservador, ele tem que conservar.

Sou um homem muito satisfeito com a evolução que houve na nossa relação com o empresariado. Acabamos com o medo, com aquele terrorismo que se vendeu contra nós em 1989. Hoje, pode haver algum setor que ainda tenta jogar esse terrorismo, mas já não cola mais, não tem mais o impacto de 1989.

Privatizações

Conseguiria resumir qual a sua atitude em relação às privatizações? Os setores considerados estratégicos —eu vou dar dois principais, petróleo e telecomunicações—, nós não iríamos privatizar, a não ser que daqui alguns anos eles mudem e não sejam mais importantes como são hoje. Na questão das telecomunicações, o que o modelo brasileiro é? É uma espécie de modelo europeu, e acho que deve continuar sob o controle do Estado, que pode fazer concessões na produção de equipamento, como faz hoje. No setor hidrelétrico, é possível fazer parcerias.

Tenho dito aos empresários: "Por que vocês querem privatizar o que existe e não se propõem a construir o que falta? Não era muito mais prudente? Vamos fazer uma parceria e construir o que falta? Vocês querem privatizar a Via Dutra? Por que não vão fazer a BR-116? Vocês querem privatizar essa ferrovia falida que está aí? Por que não vamos construir as que faltam?".

O Estado pode fazer concessões e parcerias. O que é preciso é tirar essa questão da privatização da guerra ideológica, ou seja, no Estado nada presta, na empresa privada tudo é bom.

Fora essas duas áreas que citou, petróleo e telecomunicações, o resto vai privatizar? O que não for estratégico é privatizado. Eu disse sobre a questão das hidrelétricas... Em vez de privatizar as que existem, elas poderiam ficar como reguladoras do processo. Vamos construir o que falta (e faltam muitas), nós precisamos gerar emprego.

Vamos chamar a iniciativa privada e falar o seguinte: "Vamos fazer aqui um sistema de concessão ou vamos trabalhar em parceria, o Estado entra com uma parte e vocês entram com outra".

Tudo é possível de ser feito se houver vontade política, não apenas do governo, mas também do empresariado.

Em termos de ritmo das privatizações, a ideia é acelerar, retardar ou manter? A primeira coisa que alguém sério vai fazer neste país é o levantamento da situação dessas empresas. Quais são elas? Durante o regime militar, muita coisa foi estatizada para salvar amigos ou para dar emprego para coronel reformado.

Nós vamos ter que fazer um levantamento dessas empresas. Como elas estão funcionando? Aquilo que considerarmos que a iniciativa privada pode tomar conta, poderá ser privatizado sem problema.

FHC

Pretendo fazer a mesma pergunta para o Fernando Henrique, que pode me responder em uma palavra. Qual é a principal qualidade que o senhor vê no Fernando Henrique Cardoso? Eu já vi mais [risos]. Acho que a qualidade que o Fernando Henrique tem é ser um grande intelectual, a nossa briga política não impede que eu reconheça ele como um grande intelectual.

Getúlio e JK

Tem algum presidente brasileiro que acha que foi bom? A gente não pode negar que o Getúlio Vargas deu um salto para este país sair de uma economia primária para um processo de industrialização, construindo as bases para o processo de industrialização.

O Juscelino teve um momento importante, que foi o Plano de Metas que estabeleceu para o país. Fora disso, acho que os presidentes passaram a ser a mesmice.

Militares

Não reconhece nenhuma virtude nos governos militares? Dizer que não reconheço seria exagero, acho que eles trabalhavam com plano de desenvolvimento mais amplo do que o mandato do presidente.

É uma coisa que não acontece hoje na política, as pessoas fazem um projeto para quatro anos, mas em quatro anos não é possível um projeto para o país. É por isso que, na agricultura, nós colocamos projetos para cinco, dez anos.

Tem que ter um plano de metas mais longo para o país, essa foi uma virtude dos PNDs (Planos Nacionais de Desenvolvimento) que os militares fizeram. Qual foi o grande erro deles, além da ausência da democracia? É que permitiram, como ninguém, a concentração de renda neste país, ou seja, a falta de liberdade fez com que uns poucos se apoderassem de quase tudo.

Haveria alguma circunstância que te levaria a determinar uma intervenção das Forças Armadas? Não acho que seja necessário utilizar as Forças Armadas fora dos parâmetros em que elas têm que agir, que estão previstos na Constituição. As Forças Armadas existem para cuidar da nossa defesa contra inimigos externos, não para resolver nossos problemas políticos.

Tem uma posição sobre o Ministério da Defesa? Sou favorável, deveremos fazer gestões para tentar implantá-lo o mais rápido possível.

Os ministros militares já estão na cabeça? Olha, rapaz, quem tem ministro general não tem problema [em tom de brincadeira]. ←

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Um passado de grandes novidades

[RESUMO] Em entrevista, o arqueólogo britânico David Wengrow comenta seu livro 'O Despertar de Tudo', trabalho iconoclasta que refuta as visões consagradas sobre a história da humanidade. Segundo o autor, sociedades pré-históricas e povos indígenas desenvolveram formas de organização social e política tão ou mais avançadas que os europeus em aspectos como a democracia e a liberdade, mas tiveram suas contribuições descartas pelo cânone ocidental eurocêntrico forjado a partir do Iluminismo

Por ***Fernanda Mena***
Mestre em direitos humanos pela LSE (London School of Economics), doutora em relações internacionais pela USP e repórter especial da **Folha**

ENTREVISTA
DAVID WENGROW

Mitos de origem são tão distantes quanto poderosos. Eles se confundem com a história oficial, hoje em acelerada reinterpretação e redescoberta, em um processo que já derrubou algumas estátuas pelo caminho.

Nesse processo, "O Despertar de Tudo: uma Nova História da Humanidade", livro recém-lançado no Brasil do antropólogo americano David Graeber e do arqueólogo britânico David Wengrow, é um tsunami.

A obra estica essa trincheira até um passado tão remoto que se convencionou chamá-lo de pré-história, como se isso fosse possível, o que fez dele um terreno especialmente fértil para a imaginação.

Segundo os autores, boa parte daquilo que acreditamos saber sobre o surgimento da humanidade é, na verdade, muito pouco baseado em fatos e evidências e o poder dessas narrativas está reduzindo a amplitude de nossa percepção sobre o presente, seus enormes desafios e potenciais alternativas.

Em um momento crucial da humanidade, marcado por desigualdades recordes e pela crise climática, eles defendem uma nova perspectiva: os humanos estão errados sobre a humanidade.

Iconoclasta, "O Despertar de Tudo" antagoniza com interpretações até aqui consagradas, popularizadas em obras como "Sapiens", do historiador israelense Yuval Noah Harari, "As Origens da Ordem Política", do filósofo nipo-americano Francis Fukuyama, "O Mundo Até Ontem", do geógrafo americano Jared Diamond, e "Os Anjos Bons da Nossa Natureza", do psicólogo e linguista canadense Steven Pinker, todas citadas pela dupla.

Graeber e Wengrow argumentam que há hoje evidências científicas suficientes para sustentar, por exemplo, que os humanos caçadores-coletores não eram "primitivos e irreflexivos" como pensávamos. Os autores refutam o modelo linear de evolução que começa em um suposto estado natural, passa para o cultivo da terra e chega, então, a cidades, em uma complexidade crescente que requer a concentração de poder no Estado.

Na contramão, o livro apresenta as sociedades pré-históricas e os povos indígenas como um "desfile carnavalesco de formas políticas" capazes de produzir um caleidoscópio de novas possibilidades, todas descartas pelo cânone ocidental eurocêntrico que definiu, a partir do Iluminismo, as noções modernas de liberdade, civilização, Estado e democracia.

Para Graeber e Wengrow, essas definições fundamentais do liberalismo emergiram como uma reação às críticas feitas por lideranças indígenas das Américas, o Novo Mundo da época, que colocaram em xeque os valores e as estruturas sociais da Europa imperialista.

"As evidências estavam lá, cada uma isolada em sua área. Nós apenas começamos a ligar os pontos", afirma Wengrow em entrevista por videochamada à **Folha** de sua casa em Londres, onde é professor de arqueologia comparada no Instituto de Arqueologia da UCL (University College London).

Quase dez anos depois da troca de ideias que motivaram o livro, Wengrow e Graeber concluíram as quase 700 páginas de "O Despertar de Tudo" certos de que causariam barulho.

Nada a que Graeber já não estivesse acostumado. Intelectual público de movimentos de repercussão internacional, como Occupy Wall Street, autor do slogan "nós somos 99%" e anarquista convicto, ele dedicou sua vida e sua carreira a repensar a sociedade sem conformismos.

Até bem pouco tempo atrás, os povos indígenas amazônicos eram descritos como se fossem ancestrais contemporâneos ou relíquias vivas de organizações humanas anteriores à revolução agrícola e ao surgimento das cidades. O que a arqueologia e a antropologia trazem hoje é simplesmente extraordinário. Descobrimos que essas sociedades têm uma outra história

O autor de "Dívida: Os Primeiros 5.000 Anos" e "Bullshit Jobs" planejava uma continuação do novo livro em dois ou três volumes para explorar melhor o novo território desbravado. Graeber morreu subitamente, aos 59 anos, semanas depois de concluir "O Despertar de Tudo", durante suas férias de 2020 em Veneza.

"Graeber me disse: nós vamos mudar o curso da história ao olhar para o passado", lembra Wengrow. "Ele me falou que a repercussão seria grande, só não me avisou que não estaria comigo quando isso acontecesse."

*

O livro tem um subtítulo pretensioso: "Uma Nova História da Humanidade". Como é possível renovar tudo aquilo que conhecemos sobre seres humanos e civilização? As imagens fantásticas do novo telescópio

Continua na pág. C7

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Imagem de nebulosa planetária captada pelo telescópio espacial James Webb, da Nasa
Nasa, ESA, CSA, STScI, Webb ERO Production Team via Reuters

David Wengrow, 50

Doutor pela Universidade de Oxford e professor de arqueologia comparada na UCL (University College London). Autor, entre outros livros, de 'The Archaeology of Early Egypt' e 'O Despertar de Tudo', com David Graeber

Continuação da pág. C6

divulgadas recentemente mostraram o cosmos de uma maneira que nunca poderíamos ter imaginado antes. Estamos em um momento bastante semelhante em relação à compreensão científica da história humana.

Pela primeira vez, há técnicas disponíveis que nos permitem investigar o que os seres humanos fizeram há milhares ou mesmo dezenas de milhares de anos. O efeito não é diferente daquele produzido pelas imagens de todas essas galáxias: surgem novas possibilidades que nos colocam em uma perspectiva diferente.

Portanto, você está certa: o subtítulo é pretensioso. Mas ele também reflete uma genuína sensação de choque e descoberta. A imagem que se tem hoje da história humana é muito diferente da história que nós contamos para nós mesmos há séculos.

Quais foram as principais descobertas que criaram novas perspectivas sobre o passado? A mudança mais importante é que, agora, podemos ver que os nossos antepassados não eram essas figuras estranhas e bidimensionais retratadas em livros ou no estudo da pré-história. Temos uma noção desses primeiros humanos como seres primitivos e irreflexivos, caçadores-coletores que apenas se adaptavam ao meio.

O que podemos ver nitidamente agora é que isso não é verdade, um insight que antropólogos como Claude Lévi-Strauss já haviam tido nos anos 1960. Não existe diferença entre nós e nossos antepassados muito remotos em termos de inteligência, de cognição e de consciência social e política.

Com isso, começamos a enxergá-los simplesmente como pessoas que, intencional e conscientemente, criaram outros modelos de sociedade ativamente rejeitados, mas que, em certos aspectos, estão além daquilo que nós fomos capazes de realizar.

Como essas noções surgiram e vêm sendo reiteradas? Elas foram baseadas em experimentos filosóficos feitos por europeus há mais de três séculos. Eles viviam em uma época em que não era possível recuar no tempo e colher provas diretas do nosso passado remoto. Não existia nem sequer arqueologia.

No entanto, isso não impediu pensadores como Thomas Hobbes, no século 17, ou Jean-Jacques Rousseau, no século 18, de imaginar como deveria ser a humanidade em um tempo que eles denominaram de estado natural, no qual, despidos das armadilhas da civilização, restaria a nossa essência.

Os dois, porém, chegaram a resultados diametralmente opostos. Exato. Eles chegaram a conclusões completamente diferentes. Rousseau imaginou que os humanos começaram como criaturas inocentes, felizes mas também estúpidas, que vagueavam pela selva, incapazes de mudar suas circunstâncias, conformados em sua simplicidade. A agricultura e a propriedade privada foram inventadas, e essa civilização arruinou tudo.

Já Hobbes imaginou também um início simples para a história humana, que não era tão feliz. Ao contrário disso, humanos altamente egoístas viviam em estado de guerra, e a única coisa capaz de impedir o tumulto permanente foi a criação do Estado, com leis, tribunais, prisões, forças policiais e Exércitos, maneiras de conter o que seria nosso instinto animalesco e competitivo.

Estranhamente, ainda que Rousseau e Hobbes partissem de premissas muito diferentes, eles chegaram em um mesmo lugar, no qual somos levados a simplesmente aceitar a pobreza, os sem-teto e outras formas extremas de desigualdade como se fossem efeitos colaterais naturais da civilização. Essa história vem sendo reiterada em livros que se tornaram muito populares.

Que tipo de descoberta foi capaz de desafiar essas noções? A arqueologia está vivendo sua idade de ouro. Nasceu focada na Europa, no Mediterrâneo e no Oriente Médio e hoje é uma disciplina global. Há milhares de arqueólogos trabalhando na China, na África Subsaariana, no Brasil e nos EUA.

As técnicas disponíveis hoje, após uma série de revoluções tecnológicas das últimas décadas, permitem a reconstrução de ambientes da Antiguidade, suas dietas e formas de mobilidade. Isso é fenomenal, porque agora começamos a saber das histórias de regiões que foram descritas como se não tivessem qualquer história.

Como quais? A Amazônia é um grande exemplo. Até bem pouco tempo atrás, os povos indígenas amazônicos eram descritos como se fossem ancestrais contemporâneos ou relíquias vivas de organizações humanas anteriores à revolução agrícola e ao surgimento das cidades.

O que a arqueologia e a antropologia trazem hoje é simplesmente extraordinário. Sabemos que, há cerca de 2.000 anos, partes da Amazônia já estavam altamente desenvolvidas em termos de sistemas de estradas e arquitetura monumental, além de formas sofisticadas de comércio e de gestão de um território muito vasto.

Ou seja, descobrimos que essas sociedades têm uma outra história. Estamos agora na fase de ligar os pontos e reconstruir o que aconteceu historicamente em regiões sobre as quais escrevíamos de maneira bem pouco histórica.

Como essas novas histórias desconstroem o cânone ocidental: as ideias de civilização, de Estado e até mesmo de democracia? É curioso que a democracia seja descrita como algo raro, que ocorreu primeiro em um grupo restrito em Atenas no século 5 a.C. e que, depois de milhares de anos esquecida, foi redescoberta pelos europeus.

Atenas estava muito longe de ser uma democracia perfeita. Era uma sociedade patriarcal, em que as mulheres estavam completamente excluídas de participação política, a escravidão era normal, vivia-se em guerra com seus vizinhos. Essa é a nossa referência de nascimento da democracia. Hoje, há muitos relatos de comportamento democrático em praticamente qualquer outra parte do mundo.

Quais? Várias partes da África, da Oceania, da América do Sul e da América do Norte. Há um debate sobre a medida em que os pais fundadores dos EUA modernos e também os filósofos iluministas europeus podem ter absorvido ideias-chave sobre democracia e liberdade a partir de sociedades indígenas com as quais tomaram contato.

Pode dar um exemplo? Descrevemos no livro relatos fascinantes da conquista do México e de como os espanhóis prepararam o ataque à capital do império asteca, no início do século 16, com a ajuda de um grande número de guerreiros e aliados nativos de uma cidade-estado chamada Tlaxcala. Quando você vai às fontes dessa que é uma nota de rodapé, descobre algo extraordinário: Tlaxcala era uma espécie de democracia que, obviamente, nunca foi influenciada pela Grécia Antiga.

Há relatos fascinantes de como eles geriam as cidades sem governantes e dos rituais pelos quais formavam a classe política, que tinha de passar por longas provações incrivelmente dolorosas, em que eram chicoteados, esfomeados e ridicularizados, para quebrar seus egos e fazê-los lembrar que seu papel era encarnar o povo e não projetar suas próprias preocupações. É quase o oposto das expectativas que temos com os políticos hoje.

O livro cita relatos escritos por jesuítas e outros colonizadores europeus que trazem perspectivas muito novas sobre os povos originários. Temos muitos relatos de jesuítas enviados à região dos Grandes Lagos, no Canadá, como parte de um projeto imperial colonial para converter esses povos em cristãos. São terras habitadas por povos das línguas algonquinas e iroquianas. Os jesuítas descobriram que o povo local, que esperavam ser primitivos e que reconheceriam de imediato a superioridade da fé cristã e da civilização europeia, era o contrário disso.

Como assim? Há relatos engraçados de jesuítas frustrados com os ótimos contra-argumentos que ouviam de indivíduos desses povos. Pessoas que nunca haviam lido Platão, mas tinham habilidades retóricas impressionantes e estratégias de argumentação. Os jesuítas não tinham qualquer razão para romantizar esses povos, que consideravam pagãos e perversos e cujo modo de vida estavam tentando destruir. A forma como esses encontros foram registrados teve um impacto enorme no pensamento europeu e naquilo que hoje chamamos de Iluminismo.

Esses relatos foram considerados ficção e, talvez por isso, nunca tratados como evidência. Quando isso mudou? É tudo muito nebuloso. Houve uma mistura. De um lado, relatos de sociedades nativas americanas escritos por indivíduos que viveram nas colônias e aprenderam línguas locais —jesuítas, mas também soldados e comerciantes. Seu impacto potencial era explosivo, mas o acesso era muito limitado.

Esses relatos se tornaram base para outros trabalhos que eram pura ficção, de um gênero extremamente popular no Iluminismo, baseado na forma de diálogos. De um lado, um europeu representando a própria civilização, de outro, uma espécie de sábio selvagem cético de algum lugar exótico.

O texto-chave aqui é "Diálogos curiosos entre o autor e um selvagem de bom senso que viajou", publicado em 1703 pelo aristocrata francês barão de Lahontan, que viveu na Nova França por dez anos, aprendeu pelo menos duas línguas nativas e teve interações militares e políticas com figuras muito importantes das nações indígenas. Os diálogos que publicou seriam muito próximos das conversas reais que teve com um chefe dos huron-wendat chamado Kandiaronk.

Como sabemos que não é ficção? Kandiaronk estava na Grande Paz de Montréal, o tratado feito entre o governador da Nova França e as nações indígenas em 1701, e há muitos outros relatos sobre ele, que era famoso na região. Um guerreiro em batalhas estratégicas, mas também um diplomata e famoso orador e intelectual. O livro não é uma transcrição literal, ele inventa coisas, certamente, mas é, sem dúvida, um produto desse encontro colonial que se torna muito influente nos círculos intelectuais europeus.

Lahontan se torna amigo de [Gottfried Wilhelm] Leibniz, filósofo alemão que comenta em carta a um amigo que Kandiaronk é uma pessoa de verdade, chefe da nação huron-wendat, e que chegou a viajar para a França, mas que valorizou sua civilização acima da europeia.

Um dos aspectos mais interessantes do livro é a crítica indígena à civilização europeia. De que forma ela foi incorporada ao que chamamos de pensamento ocidental? Indiretamente e, por vezes, até mesmo negativamente. Houve um forte "backlash" contra os valores expressos nessa crítica indígena, seja sobre o cristianismo, seja sobre a liberdade sexual das mulheres e seu direito ao divórcio.

Há, ainda, críticas importantes sobre o papel do dinheiro e da riqueza material na França e, por associação, em toda a Europa. Observadores indígenas ficaram escandalizados com a situação das pessoas sem-teto. Como era possível deixar seu próprio povo cair nessa condição?

O que discutimos no livro é como a história da história humana foi inventada como uma espécie de resposta muito inteligente à crítica indígena. É possível traçar esse percurso a partir das interações entre filósofos do círculo de Adam Smith, que passaram a classificar as sociedades de acordo com os modos de produção, que, de alguma maneira, passa a classificar também quem eles são. Nós ainda pensamos e vivemos nesse tipo de mundo.

Como esses mitos prenderam a humanidade em um modelo de democracia liberal capitalista? Existe o problema da falta de evidências desses mitos e uma espécie de problema político, porque chegamos a uma encruzilhada muito perigosa na nossa relação com o planeta. Nesse contexto global, não parece uma grande ideia simplesmente continuarmos a repetir histórias que têm pouca base factual, mas que têm o efeito narrativo de reduzir as possibilidades humanas.

O Brasil vive hoje uma crise na relação entre o Estado e os povos indígenas. Qual pode ser o papel do país na construção ou na destruição de um novo futuro possível? Meus amigos e colegas que trabalham de perto com indígenas no Brasil relatam que esses povos retomam a crítica indígena feita aos europeus no século 18. Em muitos aspectos, as populações indígenas estavam à nossa frente, mais avançadas em termos de valores que hoje são caros a nós, como democracia, liberdade feminina, higiene urbana, saúde e a condição física. O resultado disso, no século, 18 foi obviamente um desastre.

Hoje, meus colegas contam que cada aldeia tem seus intelectuais indígenas com suas críticas brilhantes. Entre eles, David Kopenawa e sua crítica xamânica do capitalismo. Especialmente em questões ambientais, se olharmos para o que aconteceu na COP26, na Escócia, muitas das ideias alternativas aos sistemas extrativistas que dominaram o mundo foram levadas por filósofos indígenas a partir das experiências desses povos com o território.

Por isso, talvez estejamos hoje em uma situação que é como uma segunda chance para a humanidade. Temos a oportunidade de aprender com as pessoas a partir das coisas que realmente nos interessam, ou que deveriam nos interessar, e que estão à nossa frente. A pergunta hoje é: será que vai ser diferente? ←

Há relatos engraçados de jesuítas frustrados com os ótimos contra-argumentos que ouviam de indivíduos dos povos da região dos Grandes Lagos, no Canadá. A forma como esses encontros foram registrados teve um impacto enorme no pensamento europeu e naquilo que hoje chamamos de Iluminismo

O Despertar de Tudo: uma Nova História da Humanidade
Autores: David Graeber e David Wengrow. Tradutores: Claudio Marcondes e Denise Bottmann. Editora: Companhia das Letras. R$ 119,90 (696 págs.); R$ 49,90 (ebook)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Outras histórias amazônicas

[RESUMO] No livro 'Sob os Tempos do Equinócio', o arqueólogo Eduardo Góes Neves apresenta trajetória mais nuançada e complexa da trajetória de mais de 10 mil anos dos povos amazônicos, refutando o modelo mecanicista e linear que associa a evolução à formação do Estado, o que abre novas possibilidades de compreensão das sociedades

Por ***Reinaldo José Lopes***
Repórter de ciência e colunista da **Folha**. Autor de 'Homo Ferox' e 'Darwin sem Frescura', entre outros livros

Fotografia ***Sebastião Salgado***

Rio Amônia, no Acre, em área ao sul da aldeia Apiwtxa Divulgação

As tentativas de narrar o passado profundo da Amazônia têm o desagradável costume de descambar para os extremos.

Pesquisadores europeus e americanos do século 20 proclamavam que a região sempre teria sido um deserto de homens e ideias, sem os recursos necessários para que sociedades complexas emergissem por conta própria, enquanto a cultura popular e os teóricos da conspiração continuam a sonhar com cidades perdidas, pirâmides e Eldorados no meio da mata.

Nenhuma das pontas desse espectro consegue parar de pé diante do que sabemos hoje sobre a trajetória muito mais complicada e interessante dos povos amazônicos, diz o arqueólogo Eduardo Góes Neves, do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

No seu novo livro, "Sob os Tempos do Equinócio", Neves apresenta a síntese mais importante das últimas décadas sobre a história pré-colombiana da Amazônia, com destaque para o centro da região (grosso modo, a área onde hoje está Manaus), na qual ele e seus colegas realizaram escavações entre 1995 e 2010 no âmbito do Projeto Amazônia Central.

O retrato que surge dessa análise, incorporando também informações sobre o passado de lugares como o Alto Xingu, a ilha de Marajó e o Acre, é decididamente paradoxal e nada linear. De um lado, fica nítido que os povos amazônicos encontrados pelos invasores europeus a partir do século 16 eram herdeiros de uma trajetória de mais de 10 mil anos de ocupação humana da floresta.

Tinham domesticado dezenas de espécies vegetais e dominado tecnologias como a cerâmica em épocas tão remotas quanto as de outros centros civilizacionais espalhados pelo mundo. Eram perfeitamente capazes de projetar assentamentos de grande escala, conectados por estradas e redes de comércio e adornados por estruturas monumentais (em geral, montículos de terra ou desenhos geométricos no solo, por vezes com centenas de metros de perímetro).

No entanto, tudo indica que as aldeias superpopulosas e o gosto pela monumentalidade são um fenômeno relativamente recente, que teria começado apenas nos primeiros séculos do que costumamos chamar de Era Cristã, embora os ancestrais dos atuais indígenas já ocupassem a região havia vários milênios.

Além disso, por volta do ano 1.000 d.C., momento de aparente ápice das sociedades da região, sinais de crise e conflito pipocam na Amazônia Central, com o encolhimento ou abandono das povoações e a construção repentina de estruturas defensivas. Embora os primeiros europeus que passaram pela região, como o frade dominicano Gaspar de Carvajal (1500-1584), mencionem povoados imensos, que se estendiam por léguas e léguas nas margens do Amazonas, é possível que eles estivessem vendo apenas o que restara de grupos ainda maiores.

O significado por trás desses vaivéns ainda não está totalmente claro, mas, para Neves, os dados trazem a chance de abandonar modelos mecanicistas a respeito de como uma sociedade "deveria" evoluir, em uma linha reta que começaria com os caçadores-coletores, passaria pela descoberta e intensificação da agricultura, desencadearia processos cada vez mais férreos de centralização política e desembocaria no Estado.

"Dá para achar um caminho diferente e se libertar dessa perspectiva evolucionista muito linear. O Estado pode não ser o único caminho", diz Neves em entrevista à **Folha**.

Os debates sobre o tema têm ganhado força em outros livros que buscam reanalisar as raízes arqueológicas das sociedades humanas, como "O Despertar de Tudo", escrito pelo antropólogo David Graeber e pelo arqueólogo David Wengrow.

Tanto a obra da dupla quanto o livro de Neves ressaltam o fato de que há custos consideráveis, do ponto de vista individual e social, para que "grandes civilizações" regidas por monarcas, controladas por burocratas e caracterizadas por altos níveis de desigualdade social acabem se consolidando.

O fato de que instituições desse tipo não tenham se desenvolvido de forma autóctone em muitos lugares do mundo não seria explicado por algum tipo de deficiência ambiental ou cultural (falta de recursos naturais ou de ambição, digamos), mas porque alguns povos teriam sido capazes de resistir ativamente à centralização de poder econômico e político.

"Descobri uma afinidade grande com as ideias do Wengrow nos últimos anos", afirma Neves. Outra influência importante de "Sob os Tempos do Equinócio" é o antropólogo francês Pierre Clastres (1934-1977), que não enxergava as "sociedades contra o Estado" dos povos indígenas como falta, mas como potencialidade.

Para o pesquisador brasileiro, no entanto, também é preciso levar em contar os aspectos ambientais e geográficos que influenciaram a trajetória das culturas amazônicas e as de outras regiões sul-americanas, mas em um sentido oposto ao que os arqueólogos da velha guarda atribuíam a esses elementos.

O caso mais famoso é o da americana Betty Meggers, que trabalhou em Marajó e morreu em 2012, aos 90 anos. Dando destaque aos solos pobres e à alta temperatura e umidade de boa parte da Amazônia, Meggers propunha que a região jamais teria conseguido sustentar populações densas no longo prazo, por não ser suficientemente produtiva do ponto de vista agrícola.

Segundo essa visão, o presente seria, no fundo, uma representação mais ou menos fiel do passado: as aldeias de pequeno porte e as lavouras itinerantes e modestas dos grupos indígenas atuais também teriam predominado nos séculos antes da chegada dos europeus.

Faltou, porém, combinar com as chamadas várzeas, como são conhecidas as margens dos rios amazônicos, em especial as dos classificados como de águas brancas, como o Solimões, que se encontra com o rio Negro nas vizinhanças de Manaus. A designação popular, de fato, é a chave: as tais águas brancas adquirem essa coloração por causa dos sedimentos de origem andina que carregam —sedimentos capazes de potencializar a fertilidade dos solos onde são lançados na época das cheias.

Quando esse fator se soma à abundância de recursos pesqueiros, o quadro pode muito bem se inverter, argumenta Neves.

"A gente pode fazer uma comparação com o litoral e as regiões montanhosas dos países andinos, onde se observa o surgimento do Estado na América do Sul pré-colombiana", exemplifica. "Ali, você tem uma abundância de recursos, mas eles estão circunscritos a certas áreas e são mais fáceis de controlar, o que impulsiona o surgimento de organizações estatais. Na Amazônia, os recursos são muito abundantes e espalhados por uma área grande demais —portanto, mais difíceis de controlar. O problema, entre aspas, é a abundância, não a falta."

Além do mais, no cenário amazônico pré-cabralino, o próprio conceito de agricultura se torna escorregadio. De um lado, é da Amazônia, ou das matas de transição em sua zona de influência, que parecem ter vindo espécies vegetais domesticadas que hoje são peças importantes da alimentação humana no mundo todo, como a mandioca, o amendoim e o cacau. O próprio milho, apesar de ser oriundo do México, passou por um estágio de melhoramento crucial em solo amazônico, que possibilitou seu uso em outros locais do continente.

Mas os arranjos de plantio, ao que tudo indica, caracterizavam-se por uma alta diversificação dos cultivos e pelo manejo constante de espécies que não se tornaram propriamente domesticadas, em especial as palmeiras produtoras de frutos. Em outras palavras, a distribuição de espécies da floresta é "antropizada", mas ela não deixa de ser floresta.

Aliás, esse ponto talvez seja relevante para compreender, em parte, porque o adensamento populacional e as aldeias com estruturas monumentais só começam a tomar forma a partir de uns 2.500 anos atrás. Alguns dados paleoclimáticos indicam que é nesse período que condições ambientais mais secas, predominantes durante vários milênios após o fim da Era do Gelo, deram lugar ao clima extremamente úmido da Amazônia.

"Bom, pelo menos o clima da Amazônia de até dez, 20 anos atrás", brinca Neves, referindo-se às secas cada vez mais comuns na região, provavelmente ligadas à atual crise climática.

Com mais umidade, a floresta teria se expandido, favorecendo justamente o aumento das populações que aprenderam a "domesticá-la" —de novo, um movimento na contramão do que a decana Betty Meggers teria proposto.

As grandes aldeias circulares da Amazônia Central onde o arqueólogo concentrou boa parte de seu trabalho de campo assentavam-se, em grande medida, em montículos artificiais de alguns metros de altura e produziam uma cerâmica intrincada, combinando decorações pintadas, incisões, apliques com figuras de animais.

A profundidade dos sítios arqueológicos sugere que ocupações contínuas no mesmo local por centenas de anos eram possíveis —outro golpe na ideia de que o nomadismo teria caracterizado as sociedades amazônicas desde sempre.

Já a crise do ano 1.000, como às vezes é designada, é acompanhada de alguns indícios extremamente sugestivos, como a construção de paliçadas, valas e até mesmo da tentativa de cortar o acesso por terra a uma grande aldeia construída em uma península. Alguns sítios encolhem, outros são abandonados.

Tanto na Amazônia Central quanto em vários outros pontos da bacia do Amazonas, o período é marcado pelo espalhamento relativamente rápido de um novo "kit" de cultura material, a cerâmica da chamada tradição policroma (como o nome indica, caracterizados pela pintura multicolorida).

Há indícios de que esse fenômeno corresponde à expansão de grupos da família linguística tupi, cujo domínio chegaria também a boa parte do litoral brasileiro nos séculos imediatamente anteriores à chegada dos portugueses. Seriam sociedades mais descentralizadas que os construtores das aldeias monumentais, mas talvez com a vantagem de uma ideologia bélica mais estruturada. "É a hipótese menos pior que consigo imaginar", brinca Neves.

Esse quadro geral corresponde a um enorme avanço em relação ao que se sabia poucas décadas atrás, mas ele continua sendo, em larga medida, provisório. Muitas regiões amazônicas ainda não foram prospectadas sistematicamente por arqueólogos, e o Brasil está só começando a participar da revolução dos estudos de DNA antigo, que mudou muito do que acreditávamos saber sobre deslocamentos populacionais, guerras e miscigenação no passado remoto.

"Sob os Tempos do Equinócio", de qualquer modo, estabelece uma base sólida para os que revisitarem essa história no futuro. ←

Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central
Autor: Eduardo Góes Neves.
Editoras: Edusp e Ubu. R$ 69,90 (224 págs.); R$ 35 (ebook)

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

A abolição da fome

Pensamento de Josué de Castro é mais necessário que nunca

Itamar Vieira Junior
Geógrafo e escritor, autor de 'Torto Arado'

Se as ideias dos grandes humanistas não envelhecem, a coletânea “Da Fome à Fome: Diálogos com Josué de Castro” (Elefante), organizada por Tereza Campello e Ana Paula Bortoletto, é a prova. Setenta e cinco anos após a publicação de “Geografia da Fome”, os breves ensaios que compõem o livro refletem os desafios para a superação da insegurança alimentar e nutricional no Brasil do século 21.

Por que a fome continua a ser um tema atual? Após anos de políticas públicas exitosas que mitigaram o problema, o Brasil havia conseguido deixar o Mapa da Fome da ONU em 2014, mas, desde 2018, o quadro passou a ser revertido. Por sua vez, a pandemia acentuou o flagelo, que ganhou contornos de tragédia.

Ao longo dos últimos anos, vimos cenas de filas para recebimento de ossos e pessoas revirando o lixo. Os centros e os semáforos das grandes cidades brasileiras foram tomados por pessoas em busca de algum tipo de ajuda para se alimentar.

No artigo “Por que tantos passam fome no Brasil”, publicado nesta **Folha** em 11 de agosto, Renato Maluf, Ana Segall e Rosana Salles apresentam os dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil: 33,1 milhões de pessoas passam fome, e 125,2 milhões vivem algum grau de insegurança alimentar (quase 60% da população).

Como é concebível que um país com um território vasto, fértil e que deve colher cerca de 270 milhões de toneladas de grãos na safra 2021/2022 (1,3 tonelada por habitante) possa ter índices tão alarmantes?

O pensamento de Josué de Castro é capaz de iluminar o debate: a fome não é natural nem inevitável. “A fome e a pobreza”, escreve Tereza Campello, “precisam ser lidas como problemas políticos, não somente socioeconômicos”. A certeza sobre a natureza do fenômeno é o paradoxo de o Brasil ser um dos maiores produtores e exportadores de alimentos do mundo enquanto grande contingente de pessoas vive em insegurança alimentar.

O amplo painel apresentado no livro toca em alguns fatores-chave que contribuem para a manutenção da contradição: a desigualdade social intransponível promove distribuição desigual de acesso a alimentos; a manutenção e o aprofundamento dos padrões de concentração fundiária distribuem com desigualdade os ativos e agravam a injustiça climática; o Estado não tem sido ator fundamental na execução e na regulação de políticas para garantir o direito à alimentação (sim, o mercado não o fará por benevolência); a falta de participação da sociedade civil no monitoramento da aplicação das políticas públicas; ações emergenciais não substituem políticas de Estado.

O dilema do “pão ou aço”, posto em debate por Josué de Castro na década de 1940, se

> **[...]**
> O pensamento de Josué de Castro é capaz de iluminar o debate: a fome não é natural nem inevitável. ‘A fome e a pobreza’, escreve Tereza Campello, ‘precisam ser lidas como problemas políticos, não somente socioeconômicos’

tornou o dilema do “pão ou commodity”. Um dos ensaios resgata uma frase da economista Maria da Conceição Tavares, “o povo não come o PIB”, corroborada pela constatação de que o Brasil é o maior exportador agrícola e de carne do planeta com uma sociedade predominantemente urbana. Colheitas recordes para gerar commodities sem reversão da fome são “abundância como causa da penúria”.

Daí também a necessidade de uma ação integrada, como escreve José Graziano da Silva quando resgata um texto de Josué de Castro, ao constatar que a fome “não é uma moléstia a ser combatida isoladamente pela ação fulminante de um remédio específico [...]. As raízes desse problema, que só poderá ser extirpado revolvendo-se, profundamente, resíduos dos tempos do feudalismo e da escravidão”.

A solução para o problema não está apenas na distribuição de alimentos. Deve passar também por mudanças profundas nos paradigmas econômicos e sociais atuais.

Algumas ideias explanadas nas obras de Josué de Castro e compiladas pelo geógrafo Manuel Correia de Andrade apontam as estruturas basilares para uma mudança efetiva: uma ampla reforma agrária para desconcentrar a aberração de latifúndios nas mãos de poucos, ou seja, quem produz alimentos para a mesa dos brasileiros são os pequenos e médios agricultores; educação para fortalecer a cidadania e a ação diante das desigualdades que perpetuam a fome; a redução das desigualdades regionais no Brasil e no mundo.

Elaine Azevedo, em seu ensaio intitulado “Colonialidade de alimentar”, traz como epígrafe uma frase de Carolina Maria de Jesus: “A escravatura atual chama-se fome”. Mais real, impossível. Essa constatação nos mostra também que, o pensamento de Josué de Castro permanece mais necessário que nunca.

| DOM. Bernardo Carvalho, Itamar Vieira Junior, **Marilene Felinto**, Wilson Gomes

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Campa de golfe

Donald Trump economizou com corpo da ex-mulher morta

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

Eu costumo guardar as faturas por causa dos impostos. Donald Trump guardou o cadáver da ex-mulher. Segundo a revista Fortune, isso fez com que ele deixasse de pagar seis categorias diferentes de impostos.

Parece absurdo, mas não é. Pedir uma fatura é simples e fácil; requisitar o corpo de um ex-cônjuge defunto revela uma obstinação que deve, de fato, ser premiada com uma isenção fiscal bem ampla.

O que se passou foi o seguinte: a primeira mulher do antigo presidente dos EUA, Ivana Trump, sofreu uma queda em sua casa e morreu. Seguiram-se cerimônias fúnebres em Manhattan, mas o corpo foi enterrado em Nova Jersey, no clube de golfe de Bedminster, detido por Donald Trump.

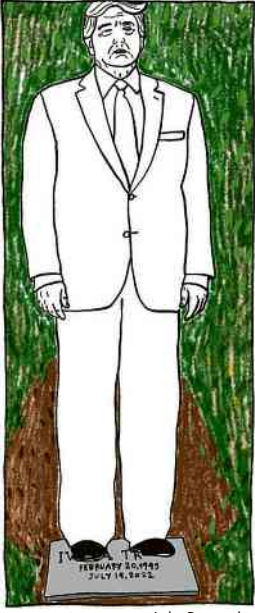
Ora, em Nova Jersey, propriedades registradas como cemitério não pagam impostos, e a lei não especifica o número de túmulos necessários para que um cemitério seja um cemitério. Muita gente ficou incrédula com a desfaçatez de Trump; pessoalmente, fiquei incrédulo com o fato de ele ter demorado a aproveitar esta oportunidade.

Como é que não reparou mais cedo que poderia ganhar dinheiro com a morte de um ente querido? É isto um grande empresário? Que desilusão.

Até agora, os três filhos que Donald Trump teve com Ivana não disseram uma palavra sobre o fato de a mãe ser sepultada num campo de golfe para efeitos de isenção fiscal do pai. Talvez a outra hipótese fosse moer o corpo da morta para fazer hambúrgueres, e eles tenham considerado que a sepultura no campo de golfe era, apesar de tudo, a forma menos indigna de o pai retirar benefícios financeiros do cadáver de Ivana.

E agora Ivana repousará eternamente no prestigiado campo de golfe do Bedminster Club. Talvez, de vez em quando, uma bola perdida vá ter à sua sepultura, e um golfista azarado tenha de jogar a partir do seu túmulo.

Os bancos de areia são obstáculos clássicos que os golfistas têm de ultrapassar, mas talvez as campas de ex-mulheres de Trump possam passar a ser também uma divertida dificuldade nos torneios do circuito da PGA Tour.

Chamem-me romântico, mas não consigo deixar de me comover com esta união de dois ex-cônjuges, mesmo após a morte: Ivana foi para o paraíso, mas deixou Donald no paraíso fiscal. Quem não se emociona com isto tem o coração de pedra.

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Atração baseada na série 'Game of Thrones' estreia no streaming

A Casa do Dragão
HBO, 22h, e HBO Max, 16 anos
Mais de três anos depois do final do sucesso "Game of Thrones", entra no ar a sua aguardada sequência —ou, como se diz nos Estados Unidos, sua "prequência", já que a ação se passa cerca de 200 anos antes da série original. Agora são os integrantes da dinastia Targaryen, antigos senhores do continente de Westeros, que disputam qual deles herdará o Trono de Ferro.

Uma Equipe Muito Especial
Amazon Prime Video, 14 anos
Em 1943, com muitos homens lutando durante a Segunda Guerra Mundial, o beisebol americano precisou recrutar mulheres. O filme de 1992 sobre um desses times femininos, com Tom Hanks, serve de base para esta nova sitcom.

Dentro da Mente de um Gato
Netflix, 10 anos
O documentário de Andy Mitchell traz as últimas descobertas da ciência sobre as habilidades felinas. Obrigatório para os amantes dos bichanos.

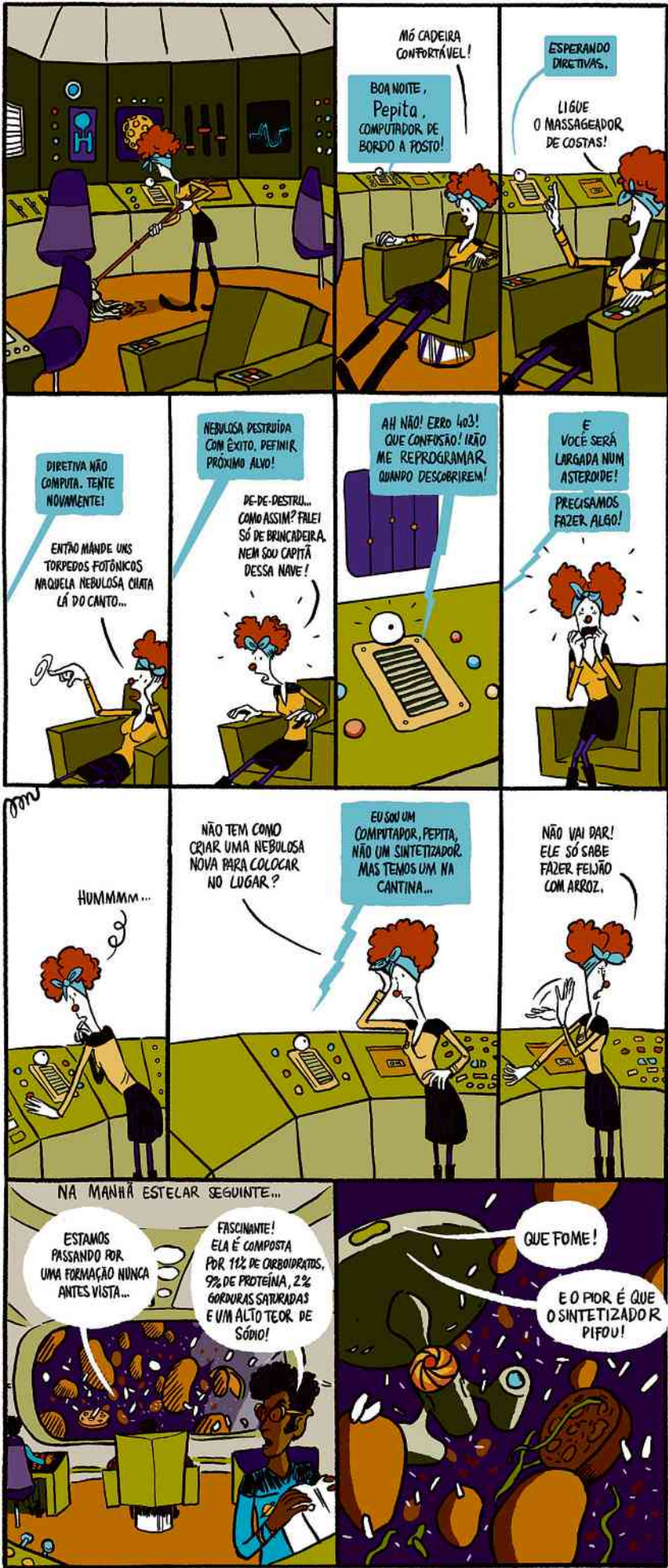
Luz de Soledad
TV Aparecida, 15h, 12 anos
Em meados do século 19, uma jovem se volta contra a família e entra para uma ordem religiosa, para se tornar freira. Filme espanhol inédito na TV.

Acumuladores Compulsivos
A&E, 20h, 14 anos
O reality show documental sobre pessoas que não conseguem parar de guardar coisas inúteis chega à 13ª temporada. O canal exibe dois episódios inéditos todo domingo.

Infiniti
AMC, 22h,16 anos
Nesta minissérie em seis episódios, um policial cazaque e uma astronauta francesa se unem para descobrir o que se passa na Estação Espacial Internacional, que deixou de fazer contato com a Terra. As coisas ficam mais complexas quando um corpo encontrado no Cazaquistão parece ser o de um astronauta americano que estaria na estação. Mas como ele pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?

Belle Époque
HBO Mundi, 22h, 16 anos
Um homem amargurado conhece um lugar que permite que ele volte à sua melhor fase, 40 anos atrás, quando conheceu um grande amor. Com Daniel Auteil e Fanny Ardant.

QUADRÃO

Jan Limpens

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Sesc_Videobrasil abre convocatória para a 22ª edição

SÃO PAULO Com curadoria de Raphael Fonseca e Renée Akitelek Mboya, a edição intitulada "A Memória É uma Ilha de Edição" marca os 40 anos da Bienal Sesc_Videobrasil, que vai para a sua 22ª versão. A chamada aberta para os artistas vai até o dia 2 de setembro.

Após um adiamento de quase dois anos por causa da pandemia de Covid-19, a 22ª Bienal Sesc_Videobrasil acontecerá em outubro de 2023 no Sesc 24 de Maio, em São Paulo, atenta à produção contemporânea do sul global.

Com o dinamismo que o caracteriza, o evento traz como título uma frase retirada do poema "Carta aberta a John Ashbery", de Waly Salomão (1943-2003), nome incontornável em diversas áreas da cultura no Brasil desde os anos 1960.

A Bienal marca ainda os 40 anos do Videobrasil, encontro dedicado inicialmente ao vídeo e que ao longo das décadas se expandiu para as mais variadas linguagens artísticas.

Realizada desde 1983, na redemocratização do Brasil, a bienal passou a ser organizada em parceria com o Sesc já em 1992.

Clube de Leitura Folha vai receber Conceição Evaristo

SÃO PAULO O Clube de Leitura **Folha** de agosto vai discutir, no próximo dia 30, última terça-feira do mês, às 19h, o livro "Becos da Memória", escrito por Conceição Evaristo e publicado pela editora Pallas. Trata-se de um dos mais importantes romances memorialistas da literatura contemporânea brasileira.

Evaristo viveu a infância e parte da juventude na extinta favela do Pindura Saia, em Belo Horizonte, onde nasceu. Foi com base nessas lembranças na comunidade que a autora escreveu a obra, considerada por ela um trabalho de ficcionalização da memória.

Por meio de parágrafos breves, a Evaristo traduz, a partir de seus muitos personagens, a complexidade humana e os sentimentos dos que lidam no dia a dia com o desamparo, o preconceito, a fome e a miséria.

Finalizada em 1988, a obra só foi publicada em 2006, após o lançamento do livro de estreia da autora, "Ponciá Vicêncio" (2003).

O Clube acontece desde 2017 e, para participar, basta acessar a reunião 889 2377 1003 no Zoom.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Mercado de games cresce no país e atrai cada vez mais empreendedores

Expansão abre possibilidades para pequenos negócios, mas ainda faltam investimentos no setor

Matheus Rocha

SÃO PAULO Nos últimos anos, o segmento de games vem crescendo de modo expressivo no país. Com isso, têm surgido mais oportunidades para pequenos negócios nessa área.

Quando cursava audiovisual, no começo dos anos 2000, o roteirista Lipe Trezza, 40, não imaginava que seu interesse por videogames pudesse se tornar um trabalho. Mas, ao ver a expansão do setor, ele decidiu abrir, em 2019, a Black Moluska Games.

"O mercado está muito aquecido. Consigo fazer o que amo, que é contar histórias, só que com mais autonomia", afirma.

O primeiro jogo da empresa, chamado "Wish Us Luck", será lançado ainda neste ano, para plataformas móveis (celulares e tablets) e teve apenas três pessoas na equipe de desenvolvimento, incluindo Lipe. Ele ainda não sabe quanto o game irá custar.

Em 2014, havia 133 desenvolvedoras de jogos no país, número que saltou para 1.009 oito anos depois. Os dados são de um levantamento da Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Eletrônicos) em parceria com a ApexBrasil (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos).

Segundo a pesquisa, 509 jogos foram desenvolvidos em 2020, número que cresceu para 643 no ano seguinte.

Estima-se que as desenvolvedoras empreguem cerca de 12,4 mil pessoas no país.

"O ato de jogar está cada vez mais comum entre brasileiros porque hoje não há mais a restrição de um único dispositivo, como era o caso do videogame nos anos 1990", diz Carlos Silva, sócio da Go Gamers, consultoria especializada no mercado de games.

Silva explica que o smartphone democratizou o acesso aos games por representar uma alternativa aos consoles, equipamentos que ainda são caros no país.

"Foi o grande carro-chefe da popularização dos jogos não só no Brasil, mas no mundo inteiro", afirma ele.

Continua na pág. 2

Ilustração Marciana de Barros

CARTÃO
EMPRESARIAL

Vir em primeiro é ter condições especiais e ganhar mais prazo para pagar.

Anuidade grátis no 1º ano.

36x para parcelar as compras.

Até 40 dias para pagar as contas.

Conheça as vantagens:

Sujeito a análise de crédito. Consulte os cartões elegíveis e as condições válidas. Central de Relacionamento Cliente Pessoa Jurídica: • Capitais e regiões metropolitanas: 3003 1000 • Demais localidades: 0800 202 1000 • Acesso do exterior: 55 11 3003 1000
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383 • SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099 • Ouvidoria: 0800 727 9933.

Leo Burnett TM

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Mercado de games cresce no país e atrai cada vez mais empreendedores

Continuação da pág. 1

Estimativas da consultoria Newzoo indicam que neste ano o setor deve gerar no mundo todo quase US$ 197 bilhões (cerca de R$ 1 trilhão).

Em 2021, o segmento de games movimentou cerca de US$ 2,3 bilhões (R$ 11,8 bilhões) no Brasil, fazendo do país o maior mercado da América Latina e o 12º do mundo.

Para especialistas, o Brasil tem capacidade para se tornar liderança mundial no ramo. Eles dizem, porém, que é preciso haver investimento público para isso acontecer.

"O mercado de games no Brasil cresceu a despeito do governo, com o empresário colocando dinheiro do próprio bolso. Para escalonar, é preciso que haja um investimento contínuo nessa área", afirma Rodrigo Terra, presidente da Abragames.

O presidente Jair Bolsonaro (PL) tem diminuído de forma periódica a cobrança do imposto de importação sobre videogames e acessórios. Em junho, ele anunciou que reduziria de 16% para 12% as alíquotas incidentes sobre esses produtos. Essa foi a quarta vez que o governo fez algum tipo de desoneração tributária para o mercado de games.

Terra diz que o fomento público é importante principalmente para as pequenas e médias empresas.

"Existem iniciativas esporádicas, mas a gente precisa de uma política de fomento mais continuada."

Foi graças a uma dessas iniciativas que Lipe Trezza conseguiu entrar no mercado. O roteirista venceu um edital da SPCine e captou R$ 250 mil para desenvolver um jogo de celular. "A nossa vontade é buscar outras fontes de financiamento, mas o edital foi muito importante."

Segundo Terra, outro desafio são os problemas alfandegários. O especialista diz que um equipamento pode ficar meses retido na Receita Federal por problemas na hora da importação.

"Isso gera desinteresse dos investidores internacionais por causa das dificuldades de trafegar com artigos tecnológicos no país."

Vinnicius Rodrigo, 20, conhece as dificuldades de atrair investidores. Em 2019, ele ajudou a fundar a Somos Cordel para desenvolver aplicativos e plataformas gamificadas.

"Sinto que temos muita dificuldade pelo fato de os investidores estarem concentrados no Sul e no Sudeste", diz ele, que mora no Recife.

Segundo dados da Abragames, 57% dos estúdios estão no Sudeste e 21%, no Sul. O Nordeste aparece logo depois, com 14%.

"O Brasil é o maior mercado da América Latina, mas a gente consome muita coisa de fora. As pessoas acabam não valorizando as produções locais", diz o empresário.

Apesar dos desafios, o setor é acessível ao pequeno empreendedor, mas é preciso estudar antes de se lançar nele, afirma Igor La Luz, gerente acadêmico da Saga, escola de desenvolvimento de games.

Ele diz ser importante construir uma rede de contatos com outros profissionais, o que pode ser feito por meio de feiras, como a Brasil Game Show, considerada a maior da América Latina. "Muitos desses eventos geram encontros com investidores e rodadas de negócio."

Além da preparação, é preciso saber abrir mão de uma ideia que não está funcionando. "Tem que ter esse desprendimento. Se deu certo, ótimo. Se não, joga fora e começa de novo", diz Fernanda Lobão, diretora-executiva da Final Level, empresa que investe em entretenimento gamer.

"Aquilo em que você acredita pode não dar certo. Acontece. Por isso, é importante reagir rápido."

> "O mercado está muito aquecido. Consigo fazer o que amo, que é contar histórias, só que com mais autonomia"
>
> **Lipe Trezza** roteirista e fundador da Black Moluska Games

O roteirista Lipe Trezza em sua casa, na capital paulista

Fotos Zanone Fraissat/Folhapress

Já o economista Rodrigo Bariani, 25, inaugurou, há três anos, a 4Gamers, loja de PCs, peças para computador e acessórios para jogadores.

Ali, os PCs são vendidos de acordo com as especificações de games como "Fortnite" e "League of Legends" e direcionados ao público desses jogos.

Para isso, diz Rodrigo, eles montam os computadores com peças que se encaixem melhor com os requisitos de cada jogo, que costumam exigir placas de vídeo, memória e processadores específicos.

A 4Gamers vende também kits com teclado, fone, mouse e mousepad. Em 2021, a empresa faturou R$ 5,4 milhões.

Levantamento da consultoria IDC (International Data Corporation) publicado no ano passado estima um aumento de 4,8% e 13,2% na venda de PCs e monitores para usuários de jogos eletrônicos, respectivamente, até 2025.

Segundo Vince Vader, professor de sistemas de informação na ESPM, a procura por produtos e serviços cresce conforme a profissionalização do setor acontece.

Ele diz que mouse e teclado gamers, por exemplo, têm tempo de resposta mais curto, para que o computador responda mais rapidamente ao comando do usuário, algo essencial durante uma partida.

"O público valoriza o equipamento que aprimora a performance e permite uma experiência imersiva", diz Vader.

Fundada em 2000 como loja de brinquedos, a Game Games passou a oferecer produtos para jogadores em 2009. Silvio Franzen, 40, sócio, diz que a empresa vende principalmente bonecos colecionáveis, mas controles de videogames, como volantes para jogos de corrida e simuladores de voo, também são populares. Eles representam 25% do faturamento, que no último ano foi de R$ 3,2 milhões.

A pesquisa Game Brasil 2022, da Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Eletrônicos), indicou que, entre plataformas de jogos, os smartphones são os favoritos dos usuários, com adesão de 48,6%. Para atender esse público, a Prota Games oferece cursos sobre conceitos e estratégias dos jogos para mobile "Free Fire" e "Wild Rift". A empresa também dá aulas de "League of Legends" (LoL) e "Fortnite", jogos para computador.

Fundador da Prota, Santiago Gonzalez, 25, diz que os cursos são ministrados por jogadores profissionais e disponibilizados numa plataforma de assinatura mensal. As aulas têm, em média, 80 milhões de visualizações por mês.

"A gente recebe pessoas que querem se tornar profissionais ou começar a jogar já sabendo [das regras]. Por isso, fazemos o curso do básico ao avançado", afirma.

O perfil do público é diverso, diz Gonzalez, e varia de acordo com o jogo. Os usuários de "LoL" são os mais velhos, entre 18 e 30 anos, enquanto os demais têm entre 12 e 17.

Ele diz ainda que alunos de jogos para dispositivos móveis costumam ter renda mais baixa, e, por isso, o preço desses cursos é inferior ao dos demais. As aulas de "Free Fire" custam R$ 9,98 por mês, enquanto as de "LoL" saem por R$ 29,99. Ambos os valores são para planos anuais.

A pesquisa Game Brasil indica que as classes D e E respondem por apenas 11,6% dos jogadores. Segundo o professor Vader, apesar de os smartphones terem ampliado a presença dessas classes no mundo do gamer, o valor dos produtos ainda mantém esse mercado pouco acessível.

Cesar Carmona, 34, dono da lan house Full House Gaming, em São Paulo

Empresas vendem até aulas para melhorar performance de jogador

Luany Galdeano

RIO DE JANEIRO Na esteira da popularidade dos eSports, empresários investem em produtos e serviços para dar suporte a jogadores, sejam eles profissionais ou amadores.

Acessórios especiais, que ajudam a melhorar a performance nas partidas, e até cursos para profissionalizar jogadores estão entre as iniciativas para atender à demanda.

Uma iniciativa é a Full House Gaming, lan house equipada com computadores especializados para jogar, que atende de amadores e profissionais.

Cesar Carmona, 34, dono do negócio, diz que a ideia inicial do negócio, fundado em 2019, foi dar suporte a quem buscava se profissionalizar, ou seja, ter um nível avançado de habilidade no jogo para ser contratado por grandes times. Hoje, a Full House Gaming tem três funcionários e recebe cerca de 800 pessoas mensalmente.

No espaço, o usuário pode alugar um computador para jogar o que quiser. Apesar de o público final ser de jogadores avulsos, Carmona afirma que o espaço também já foi usado para treinos de organizações de eSports.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Streamers famosos e iniciantes contam como lucram com transmissões

Paola Ferreira Rosa

CAMPINAS Engana-se quem pensa que um bom influencer de games deve vencer todos os jogos. Nas transmissões ao vivo, as partidas são para a diversão do jogador e do seu público. O objetivo é, acima de tudo, entreter.

Para isso, vale desde conversar sobre a vida até assistir a filmes, vídeos ou jogos de outros influenciadores junto com sua comunidade.

Streamers nacionais estão entre os mais vistos do mundo. Segundo colocado no ranking mundial de 2021, Alexandre "Gaules", 38, é o mais popular do Brasil, com 165 milhões de horas assistidas na Twitch, plataforma de lives mais usada pelos jogadores.

Victor Augusto, o "Coringa", quinto mais visto no mundo, é o segundo do Brasil, com 100 milhões de horas, aponta a Streams Charts, que monitora plataformas de eSports.

A **Folha** conversou com seis influenciadores sobre comunidade digital, monetização e conteúdo. Todos têm nas transmissões sua atividade principal. Leia abaixo.

Fotos Divulgação

ALEXANDRE BORBA CHIQUETA, 'GAULES', 38, SÃO PAULO (SP)
Ex-jogador profissional, segundo streamer mais popular do mundo

SEI QUE SOU REFERÊNCIA E TENTO PASSAR VALORES COMO RESPEITO E AMIZADE

Comecei a fazer stream de jogos em 2018. Eu não estava num bom momento financeiramente, então olhei as ferramentas que eu tinha: computador com acesso à internet e webcam. Na época, fui diagnosticado com depressão. Além de jogar "Counter-Strike" e outros jogos, compartilhava minha rotina. Isso ajudou no tratamento.
Hoje, as transmissões envolvem até esportes não eletrônicos como basquete e futebol.
Sei que sou referência e tento passar valores como respeito, compreensão à diversidade cultural e amizade.
O sucesso é fruto de trabalho em equipe [a empresa Gaules tem cerca de 30 funcionários]. Isso ajuda na rotina e a ter várias frentes para monetizar. Produzimos ainda conteúdo patrocinado, sou embaixador de diversas marcas e recebo para participar de eventos

NICOLLE MERHY, 'CHERRYGUMMS', 25, RIO DE JANEIRO (RJ)
Ex-jogadora profissional e CEO do time de eSports Black Dragons

TINHA UMA MENINA GANHANDO DE HOMENS; QUERIAM SABER QUEM ERA

Sou amante de jogos desde os seis anos. Meu pai, que era técnico de informática, me apresentou esse mundo. Em 2015, comecei a jogar "Tom Clancy's Rainbow Six Siege". Também criei um canal no Youtube para falar sobre games e compartilhar a rotina. O público veio naturalmente: tinha uma menina jogando contra homens e ganhando, pela primeira vez! Queriam saber quem era. Com o tempo, virei profissional. Isso ajudou a trazer visibilidade e capital para a Black Dragons eSports, da qual sou sócia-proprietária e CEO. Hoje não jogo profissionalmente, só em lives, nas quais também assisto a torneios e falo com o público. Tenho 75,7 mil seguidores na Twitch. Sou embaixadora de marcas como Intel, Nike, Acer e O Boticário. Os ganhos variam, mas cada contrato paga em média R$ 25 mil por mês

VICTOR AUGUSTO, 'CORINGA', 25, BELO HORIZONTE (MG)
Influenciador e produtor de conteúdo da organização de eSports Loud

O BURGER KING TEM UM LANCHE COM O MEU NOME E ISSO É MUITO LEGAL

No começo era difícil explicar que dava para trabalhar na internet e converter isso em dinheiro. Foi a vontade de provar que era possível morar em uma casa com amigos, jogando, e dar orgulho para família, que me motivou. Fiquei conhecido por jogar "Free Fire". Em 2019, o Bruno PlayHard [fundador da Loud] me chamou para participar de campeonatos e criar conteúdo com uma galera. Todo mundo se mudou para São Paulo e fomos crescendo. Hoje, tenho 3,4 milhões de seguidores na Twitch e 5,94 milhões no Youtube. Faço transmissões assistindo a vídeos, jogando "GTA", "Counter-Strike" etc., mas também estou na área de lifestyle, falando de roupa e carro. Para isso, tenho parceiros como Itaú, Submarino e Fusion. O Burger King tem um lanche com meu nome [o Rodeio Coringa] e isso é muito muito legal

ELIZABETH SOUZA, 'LIZ', 22, RIO DE JANEIRO (RJ)
Ex-jogadora profissional de "LoL" e influenciadora da organização de eSports Loud

NAS LIVES, ME DIVIRTO E NÃO CARREGO O PESO DE PRECISAR JOGAR BEM

Virar streamer foi a forma que encontrei de equilibrar a saúde mental e a paixão por jogos. Hoje, sou contratada como influencer pela Loud para produzir conteúdo sobre games. Faço streams pela Twitch jogando "LoL", "Fortnite" e outros jogos, reagindo a vídeos e assistindo a filmes com meus seguidores. Iniciei as transmissões há um ano, quando comecei a ter sintomas de estresse e ansiedade. Isso foi logo que realizei o sonho de me tornar jogadora profissional. Eu quis me esforçar por saber que são poucas as mulheres que conseguem e deixei de cuidar de mim. Passei a treinar demais e isso me sobrecarregou. Meu desempenho estava caindo e conversei com a Loud, que me ofereceu apoio psicológico e perguntou se eu gostaria de virar produtora de conteúdo. Hoje, me divirto e tem gente se divertindo comigo, sem o peso de precisar jogar bem

MOISÉS ALVES, 'MOSE', 25, BELFORD ROXO (RJ)
Streamer, produtor de conteúdo e influenciador da empresa de eSports FURIA

MINHA MÃE USAVA O VIDEOGAME PARA ME MANTER DENTRO DE CASA

Cresci na periferia. O videogame era uma estratégia da minha mãe para me manter dentro de casa. Aos 21 anos, quando comecei a trabalhar como garçom, tive computador e internet em casa pela primeira vez. Aí decidi produzir conteúdo. Comecei transmitindo "Free Fire" para poucas pessoas. Na pandemia, fui demitido. Usei parte da rescisão para investir nas transmissões. Entrei para o coletivo de pessoas pretas Wakanda Streamers na mesma época em que George Floyd foi assassinado. Houve uma comoção contra o racismo. Um dia, o Gaules entrou na minha live e trouxe seu público. Eu transmitia para dez pessoas, e do nada tinham 40 mil. Eu só chorava. Ele doou o valor que eu estava arrecadando para melhorar o PC. Logo depois, fui contratado pela FURIA. Hoje tenho 15,4 mil seguidores na Twitch

GABRIELA FREINDORFER, 'GABS', 26, SÃO PAULO (SP)
Ex-jogadora profissional de "CS:GO", é streamer e criadora de conteúdo da FURIA

QUANDO COMECEI, O MERCADO AINDA NÃO VALORIZAVA AS MULHERES

Jogo desde os seis anos, mas isso virou fonte de renda quando já tinha 20. Eu cresci junto com o cenário de games –comecei ganhando R$ 300 por mês, e o valor foi aumentando. Nessa época, participava de campeonatos de "CS:GO" ("Counter-Strike: Global Offensive"). O mercado, sobretudo para mulheres, ainda não era muito valorizado. Entrei na FURIA como jogadora profissional do time feminino. Na pandemia, porém, me senti estagnada e decidi mudar. Isso foi em setembro de 2021. Desde então, sou streamer e produtora de conteúdo da empresa. Faço lives de jogos na Twitch, onde tenho 105 mil seguidores. Como "CS:GO" tem público bem masculino, isso se reflete em quem assiste a mim. Quero furar a bolha com jogos que atraiam mulheres. Sou também embaixadora da HyperX, de equipamentos para games

Roberta Coelho, 45, CEO da equipe de eSports MiBR, na sede da empresa, em São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

Popularização dos eSports ajuda a profissionalizar segmento gamer

Equipes e grandes empresas precisam de suporte de negócios menores para se manter no mercado

Catarina Ferreira

SÃO PAULO O mercado de esportes eletrônicos, os eSports, deve movimentar no mundo US$ 1,3 bilhão (R$ 6,5 bilhões) em 2022, de acordo com números da Newzoo, plataforma de análise de dados sobre o setor dos games.

O levantamento também estima que cerca de 640 milhões de pessoas devem assistir a competições oficiais até 2025. Participam dos torneios grandes produtoras de jogos como Valve Corporation e Riot, multinacionais responsáveis por "Counter Strike" ("CS:GO") e o "League of Legends" ("LoL"), respectivamente, além de ligas e times que competem entre si.

As partidas podem ser acompanhadas em transmissões ao vivo e eventos presenciais.

Para se envolver no ramo não é preciso ser um jogador assíduo, diz a carioca Roberta Coelho, 45, CEO do time MiBR (Made in Brazil). Ela foi diretora e cocriadora da Game XP, evento gamer, e uma das idealizadoras da Grrrls League, primeira liga feminina de eSports no país.

O MiBR tem sete equipes, duas delas femininas, e compete em quatro modalidades: "CS:GO", "Rainbow 6", "Free Fire" e "Valorant".

No total, são 80 pessoas entre gestores, atletas e profissionais como preparadores físicos e psicólogos. A receita do time, que não divulga seu faturamento, vem de contratos de patrocínio, premiações e da venda de produtos oficiais.

US$ 1,3 bilhão
É quanto o mercado de eSports deve movimentar no mundo até o final do ano, de acordo com pesquisa da Newzoo plataforma de análise de dados

640 milhões
É o número de pessoas que devem assistir a competições de eSports até 2025, estima o mesmo levantamento

"É um mercado em expansão. Trabalhamos com a economia do fã. Então, podemos criar produtos sobre o universo do game e linhas oficiais, além de fazer campanhas com os próprios jogadores, que se tornam influencers", diz Carlos Antunes, professor do curso gestão de eSports da CBF Academy, braço educacional da Confederação Brasileira de Futebol, e líder de eSports da Riot Games no Brasil.

Antunes explica que a permanência de grandes empresas no mercado, como é o caso da Riot, depende da organização de negócios menores, para dar suporte à profissionalização dos jogadores e estruturação dos times.

Ele cita a importância das plataformas de organização de torneios, com partidas separadas por níveis do amador ao profissional.

Nos níveis mais altos, os jogadores se organizam em equipes que precisam de um modelo financeiro, jurídico e de comunicação para despertar interesse de patrocinadores, reunindo diferentes profissões dentro do universo gamer. Para Antunes esse é o caminho da profissionalização na área.

Streamers e produtores de conteúdo também são parte importante do cenário. O público que acompanha transmissões de partidas e demais conteúdos sobre jogos eletrônicos deve ultrapassar 1 bilhão de pessoas até 2023, estima a Newzoo.

"A mudança que fez o eSport se popularizar nos últimos anos foi o aumento expressivo de público", afirma Thomas Hamence, 34, CEO da PaiN Gaming, time e agência de conteúdo. O time tem cinco equipes que competem em três modalidades: "LoL", "CS:GO" e "Free Fire".

Atletas que se destacam em campeonatos importantes como o CBLoL são disputados por times maiores, tal qual acontece em esportes tradicionais, conta Thiago Milhazes, coautor do curso desenvolvimento de negócios em eSports da FGV e diretor da Final Level, empresa de entretenimento gamer. Neste ano, por exemplo, a compra do jogador de "CS:GO" Romeu "zevy" custou cerca de R$ 2 milhões à PaiN.

"Ser jogador profissional é um sonho para os jovens, assim como é ser um jogador de futebol", diz Milhazes.

Em 2021, o torneio de "CS:GO" da Grrrls League teve premiação de R$ 100 mil. No Campeonato Brasileiro de LoL deste ano, idem, além de uma vaga no mundial da modalidade, o Worlds 2022, em São Francisco, nos EUA.

Hoje, a PaiN se mantém por meio de patrocínios, serviços de consultoria para outras empresas e do agenciamento de influencers e atletas. A equipe tem 90 pessoas.

Os jogadores frequentam um gaming office, escritório em que vão para treinar durante oito horas diárias. Eles têm vínculo empregatício com a empresa, uma exigência das ligas, e plano de carreira, afirma Hamence, o gestor.

Para quem quer empreender nesse mercado, Milhazes, da FGV, indica observar as características de cada jogo, como qual a faixa etária dos jogadores, quais dispositivos mais utilizam e onde consomem conteúdo. Assim, as ações podem ser mais assertivas, seja para uma campanha publicitária, seja para a criação de um novo negócio.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Linha de produção da Playmove, fundada em 2013, em Blumenau (SC) Fábio Monteiro/Folhapress

Desenvolvedoras investem na criação de jogos educacionais

Projetos na área exigem que equipe entenda tanto de tecnologia quanto de pedagogia

Marina Costa

SÃO PAULO Produtoras de games atendem cada vez mais instituições de ensino e empresas que usam jogos para aumentar o engajamento de alunos e funcionários em aulas e treinamentos. Não basta, porém, ser um desenvolvedor para ter êxito nesse setor.

Para construir um bom modelo de negócio de games educacionais, é preciso se capacitar ou formar uma equipe que conheça tanto sobre desenvolvimento de jogos quanto sobre educação, diz Carolina Caravana, vice-presidente da Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais).

Como ocorre em um produto de entretenimento, a produção envolve profissionais de áudio, game designers, ilustradores e animadores. Fundada em 2013, a Playmove contou também com pedagogos para a criação dos primeiros jogos da PlayTable, mesa interativa com foco em alfabetização e ensino de matemática.

30,1% dos jogos produzidos por empresas brasileiras em 2020 e 2021 são educacionais

15,4% é a porcentagem de games da área de treinamento corporativo

"A tecnologia é um dos processos para que o produto seja eficiente, mas a curadoria de profissionais de pedagogia foi fundamental desde o início para ter sucesso", afirma Jean Gonçalves, 49, diretor-executivo da companhia.

Em 2016, a plataforma passou a publicar conteúdos de desenvolvedores externos. Hoje, são 42 parceiros que produziram, em colaboração com a empresa, 80% dos 139 recursos disponíveis na PlayTable, entre jogos, livros e aplicativos com atividades.

Para garantir que essas produções estejam alinhadas à Base Nacional Comum Curricular, a companhia atua tanto na criação do conteúdo quanto nos aspectos tecnológicos, diz Cristiano Sieves, 42, diretor de produtos e marketing.

Baseada em Blumenau (SC), a Playmove tem 35 funcionários e viu o faturamento crescer 250% entre 2019 e 2021. A mesa é vendida em um pacote que inclui os conteúdos, recursos para formação de professores e uma plataforma de acompanhamento do desempenho dos alunos. Cada cliente pode escolher quais jogos, livros e aplicativos quer ter de acordo com seus objetivos.

Hoje, os contratos são feitos apenas com quem trabalha com educação. A empresa vende para instituições que atendem crianças com deficiência, clínicas de psicopedagogia e colégios privados, mas os principais contratantes são prefeituras, que compram o equipamento para escolas de ensino fundamental.

Segundo Sieves, a PlayTable está presente em municípios como Fraiburgo (SC), Praia Grande (SP), Sobral (CE) e Ananindeua (PA).

Pequenos negócios podem se diferenciar e se fortalecer no mercado ao concentrar esforços num segmento específico, afirma Carolina Niederauer, gestora do Global Games, programa do Sebrae-RS voltado para a indústria de jogos. Assim, é possível adquirir expertise em uma área e fechar mais contratos.

Também é importante conhecer o perfil de quem vai consumir o jogo para desenvolver um produto que atinja as expectativas.

"O conhecimento do tema vem dos clientes, então nos preocupamos mais em facilitar a transmissão do conteúdo, mas sempre em parceria", diz Rafael Lontra, 40, sócio-fundador da Mito Games, de Vitória (ES).

A empresa foi fundada em 2016 e seu primeiro produto, o Enem Game, foi desenvolvido durante um processo de incubação. A proposta era criar jogos para ajudar na preparação para o vestibular.

Num primeiro momento, a startup vendia o produto apenas para escolas, que tinham acesso a uma plataforma para acompanhar o desempenho dos alunos nas provas. Depois, o game passou a ser disponibilizado para download em lojas de aplicativos, nas versões Android e iOS, afirma Marcelo Herzog, também sócio-fundador da companhia.

Uma estratégia adotada para formar uma rede de contatos foi a participação em eventos e editais. Em 2021, o crescimento do negócio foi de 100%. Hoje, a Mito tem 15 funcionários e atende empresas de setores diversos e instituições de ensino.

O valor de um projeto varia entre R$ 20 mil e R$ 200 mil, dependendo da sua complexidade. A empresa também desenvolve jogos de entretenimento e quer ampliar a atuação nesse nicho.

Ao escolher um modelo de vendas, é preciso analisar fatores como retorno financeiro, propriedade intelectual e viabilidade. Lançar um produto próprio, que não foi encomendado previamente por nenhum cliente, exige mais planejamento, afirma Rafael Rosseti, professor do curso de jogos digitais da Fiap (Faculdade de Informática e Administração Paulista).

Niederauer, do Sebrae-RS, segue na mesma linha. "Quem desenvolve jogo próprio corre o risco de colocá-lo no mercado e não dar certo. Mas, se der, é possível ter escala maior do que prestando serviço."

Jogos educacionais e de treinamento corporativo representaram, respectivamente, 30,1% e 15,4% do total produzido por desenvolvedoras brasileiras em 2020 e 2021, segundo a Abragames.

Estúdios novatos buscam editais para deslanchar

Juliana Veríssimo

SÃO PAULO Estúdios de games recorrem a fontes alternativas de renda para conseguir se manter enquanto desenvolvem seus jogos, processo que pode levar anos.

Além de idealizar e produzir seus próprios produtos, desenvolvedoras de games no Brasil também prestam serviços para terceiros, como a criação de protótipos em 3D e o design de aplicativos.

É o que mostra uma pesquisa da Abragames (Associação Brasileira das Desenvolvedoras de Jogos Digitais), que ouviu 223 estúdios. Desses, 56% realizaram projetos para outras companhias em 2020 e 2021.

O Aquiris Game Studio, de Porto Alegre (RS), trabalhava dessa forma quando foi fundado, em 2007. Fez projetos para empresas como Embraer e Chevrolet. O cenário mudou depois de um aporte financeiro de um grupo de investimentos em 2014.

"Isso nos possibilitou ter capital suficiente para desenvolver jogos independentes", afirma Sandro Manfredini, 46, fundador da empresa.

Com o apoio, o estúdio lançou, em agosto de 2015, o "Horizon Chase", jogo que obteve sucesso e apareceu como destaque global na AppStore, loja de aplicativos da Apple.

"Isso nos deu grande visibilidade e abriu portas para novas parcerias", afirma Manfredini.

> **"Antes a pessoa tinha uma ideia, criava um game que viralizava e ficava rica. Hoje é necessário entender o público, o mercado e ter estratégia de lançamento"**
>
> **David de Oliveira Lemes** professor de desenvolvimento de jogos digitais na FAAP

Uma delas foi com a marca Looney Tunes, que gerou o o jogo "Looney Tunes: World of Mayhem". Em 2021, veio o "Wonderbox", em parceria com a Apple.

Com três produtos ativos e 200 colaboradores, o Aquiris é um dos maiores estúdios de desenvolvimento do país. A empresa não divulga o valor do aporte recebido nem seus dados financeiros.

Quando consolidados, os estúdios podem lucrar com a venda online de jogos, publicidade, assinaturas, pagamento para remoção de anúncios e licenciamentos. As empresas nacionais estão mais focadas em desenvolver conteúdo para smartphones e tablets, aparelhos mais acessíveis à população do que computadores e consoles.

David de Oliveira Lemes, professor de desenvolvimento de jogos digitais da FAAP e diretor da faculdade de estudos interdisciplinares da PUC-SP, diz que a indústria de games no Brasil vem se profissionalizado.

"Antes a pessoa tinha uma ideia, criava um game que viralizava e ficava rica. Hoje você tem que entender seu público, seu mercado e ter uma estratégia de lançamento."

A profissionalização e o mercado crescente atraem gente também de outras áreas.

O publicitário Bira Lavor, 41, migrou para o setor de games em 2018, após participar de uma maratona de produção de jogos da SPCine, agência de cinema e audiovisual da Prefeitura de São Paulo.

Hoje, Bira é CEO e fundador da PlaySteam Academy. O projeto iniciado na maratona gerou o "Milky Shaky Lab", jogo que tem como foco o ensino de conteúdo científico para crianças.

Junto com sete outros estúdios que tiveram seus projetos aceitos, a PlaySteam Academy recebeu R$ 50 mil da SPCine para participar do programa e desenvolver o protótipo do game, que ainda será lançado.

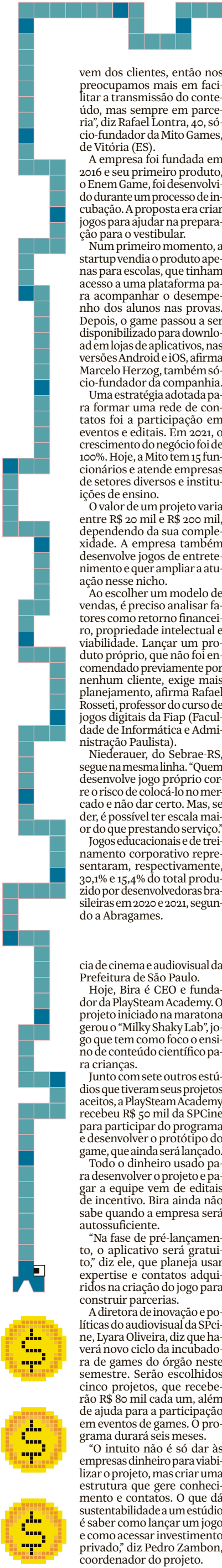
Todo o dinheiro usado para desenvolver o projeto e pagar a equipe vem de editais de incentivo. Bira ainda não sabe quando a empresa será autossuficiente.

"Na fase de pré-lançamento, o aplicativo será gratuito," diz ele, que planeja usar expertise e contatos adquiridos na criação do jogo para construir parcerias.

A diretora de inovação e políticas do audiovisual da SPcine, Lyara Oliveira, diz que haverá novo ciclo da incubadora de games do órgão neste semestre. Serão escolhidos cinco projetos, que receberão R$ 80 mil cada um, além de ajuda para a participação em eventos de games. O programa durará seis meses.

"O intuito não é só dar às empresas dinheiro para viabilizar o projeto, mas criar uma estrutura que gere conhecimento e contatos. O que dá sustentabilidade a um estúdio é saber como lançar um jogo e como acessar investimento privado," diz Pedro Zambon, coordenador do projeto.

Sandro Manfredini, 46, fundador do Aquiris, estúdio de Porto Alegre (RS) Divulgação

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

Pecuária sustentável

Brasil desponta no mundo com muitas inovações no setor

Por ser um dos maiores produtores e exportadores de carne do mundo, não é surpresa que o Brasil também detenha muitos desafios nesse segmento. Um dos principais é aliar produtividade e sustentabilidade, já que uma preocupação crescente do setor está em reduzir as emissões de metano – gás liberado pelos bovinos no processo digestivo. Além disso, uma produção com baixa emissão de carbono também se tornou objetivo número um dessa cadeia.

Segundo Sergio Raposo de Medeiros, pesquisador em Nutrição Animal da **Embrapa Pecuária Sudeste**, uma propriedade que pratica a pecuária sustentável é aquela feita com respeito ao social, ambientalmente correta e economicamente viável. "Deve-se começar ter margem econômica suficiente para, além de se justificar como atividade econômica, ir além de suas obrigações sociais e manter as áreas de proteção ambiental", explica.

De modo geral, o impacto ambiental da pecuária no Brasil já é pequeno, pois a base de produção é a pasto. Os produtores brasileiros também são responsáveis por preservar 25% de todo o território do país, de acordo com o Código Florestal – que estabelece uma porcentagem de preservação de acordo com cada bioma.

Protagonismo em produção sustentável

Segundo a publicação *Indicadores de Produtividade e Sustentabilidade do Setor Agropecuário Brasileiro*, divulgada pelo **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)**, "o Brasil se destaca como um dos líderes e protagonistas na construção de uma economia de baixo carbono. Com base nos indicadores analisados, foi possível verificar a contribuição nacional e o esforço brasileiro na produção sustentável. Não há dúvida de que o País é exemplo a se destacar no contexto internacional em termos da produção agropecuária com sustentabilidade produtiva", registra o estudo.

A economia de baixo carbono é um sistema que fomenta o uso racional de recursos naturais na busca de ter o menor impacto possível no meio ambiente, reduzindo ou eliminando a emissão de gases de efeito estufa (GEE). A redução das emissões desses gases está prevista em metas assumidas pelo Brasil em acordos internacionais.

O estudo do Ipea mostra ainda que o Brasil vem aumentando continuamente a sua produtividade agropecuária e, ao mesmo tempo, conseguindo se destacar na economia de baixo carbono e preservar, em razão da melhoria dos índices de eficiência técnica produtiva no setor.

Para ter uma ideia da produtividade do setor, nos últimos 40 anos, a produção de carne de aves aumentou 22 vezes; a de carne suína, bovina e leite, 4 vezes. Pesquisas em genética, avanços no controle de pragas e doenças e a melhoria das pastagens aumentaram de 11% para 22% a média de desfrute dos rebanhos bovinos de corte.

Para que o impacto seja ainda menor, o investimento em tecnologias que aumentem a produtividade é fundamental, permitindo a produção de mais carne e leite com os mesmos recursos e aumento da lucratividade. Entre as principais técnicas utilizadas e popularizadas no Brasil estão a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), o encurtamento de ciclo, a nutrição e a suplementação animal.

Diversas empresas, entidades e organismos governamentais vêm ampliando estudos e investimentos para expandir a pecuária sustentável nacionalmente. Caso da **Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM)**, que incentiva o uso de suplementos e a importância da sua utilização correta, visando melhorar os níveis da produção agropecuária. Uma das fabricantes associadas, a **Elanco** divulgou um estudo, em 2021, atestando que a nutrição é peça-chave para esse modelo pecuário.

Totalmente focada na sustentabilidade do setor, a **MyCarbon**, subsidiária da **Minerva Foods**, foi criada em 2021 para desenvolver e comercializar crédito de carbono, e já fechou o seu primeiro contrato para a redução certificada de emissões de gases de efeito estufa.

Fortalecimento da pecuária sustentável no Brasil

Em 2007, quando a pressão internacional e nacional sobre as taxas de desmatamento ganhava novos patamares, um coletivo de líderes do setor agropecuário brasileiro, representantes da indústria, produtores e outras organizações civis criou o **GTPS – Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável**, a primeira organização mundial com o propósito de fortalecer a pecuária sustentável.

O GTPS conta com organizações associadas dos seis elos da cadeia de produção bovina: produtores rurais; empresas de insumos e serviços; indústrias e frigoríficos; varejos e restaurantes; instituições financeiras; e a sociedade civil. "Hoje somos mais de 60 organizações associadas que somam forças, agregam diferentes pontos de vista e trazem diversas experiências para debates sobre temas relevantes e que estão em alta no cenário da pecuária", assegura o atual presidente do Grupo, Sergio Schuler.

O GTPS soma mais de 60 organizações em prol da pecuária sustentável

Atuando de ponta a ponta na cadeia, ao longo dos 15 anos de história, o GTPS se transformou na "voz da pecuária sustentável", como a gestão costuma dizer. O formato de trabalho do Grupo inspirou a criação da Mesa-redonda Global de Carne Bovina Sustentável (GRSB) e motivou iniciativas similares em outros 11 países e regiões, como Canadá, Estados Unidos, Europa, Colômbia, Nova Zelândia, México, Austrália, Argentina entre outros.

Em 2021, todos os seus membros associados firmaram um compromisso público em favor da pecuária sustentável que pretende, além de reforçar o potencial de conservação da atividade no Brasil, estimular os diversos atores que fazem parte da cadeia produtiva a unirem esforços nesse sentido, inclusive os governos estaduais e o federal.

A gerente executiva do Grupo, Luiza Bruscato, afirma que a organização pretende se consolidar como um centro de referência no tema, ampliar e reforçar o engajamento multistakeholder (multipartite) dos diversos atores da cadeia e ser a voz do setor, fortalecendo uma comunicação desde o produtor até o consumidor.

Uma das propostas é estimular um entendimento comum da cadeia a partir do debate de temas complexos e emergentes entre os seus públicos estratégicos, incluindo pesquisadores e especialistas convidados. Atualmente, há três grupos de trabalho em atuação: Clima (emissões de GEE), Rastreabilidade e Terra (mudança do uso do solo).

Na parte do engajamento multissetorial, o GTPS visa promover metas e compromissos dos elos da cadeia da pecuária bovina. Nessa frente, o Grupo propõe e define metas e indicadores de sustentabilidade, constrói e harmoniza pactos e compromissos e fortalece o Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável (GIPS).

Por fim, o eixo de comunicação, segundo o Grupo, foi criado para ser "a voz do setor no Brasil e no mundo". Com o propósito de disseminar a verdade e divulgar as boas práticas da pecuária bovina brasileira, eles promovem o Fórum da Pecuária Sustentável e o Mapa de Iniciativas da Pecuária Sustentável (MIPS), entre outras iniciativas.

Projeto e comercialização: Point Comunicação e Marketing Tel.: (11) 31670821 – point@pointcm.com.br | Edição: Acerta Comunicação
Redação: Jaqueline Braz, Leonardo Pessoa | Layout e editoração eletrônica: Manolo Pacheco e Sergio Honorio

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

NUTRIÇÃO

Suplementação: maior produtividade, desenvolvimento do animal e custo-benefício

Com ingredientes mais seguros e eficazes, indústria pode potencializar resultados do produtor brasileiro, rumo à pecuária sustentável

Dentre as diversas tecnologias existentes para o desenvolvimento da pecuária sustentável, a suplementação é uma das mais fáceis de ser adotada, e com custo-benefício comprovado. Ela corrige deficiências e desequilíbrios na dieta dos bovinos, além de diminuir a emissão de gases potencialmente nocivos ao clima. Por isso, esse mercado não para de crescer no Brasil, fomentando ainda novos estudos de alimentos mais facilmente digeríveis pelos bovinos e aditivos que sejam eficientes na nutrição.

"Os aditivos são uma grande tendência na pecuária brasileira, especialmente para as crias de confinamentos. Eu acredito que é o próximo passo importante, que está crescendo", diz Luiza Bruscato, gerente executiva do GTPS.

De olho nesse movimento, a **Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM)** ganha destaque, pelo incentivo ao setor e a importância da utilização correta do suplemento, visando melhorar os níveis da produção agropecuária. "Os números mostram que o mercado cresceu 18% em 2020 e 2021, mas ainda há muito a ser feito. A produção brasileira total de suplementos é suficiente para suplementar corretamente apenas 50% do nosso rebanho. Então, mesmo com bons resultados, ainda temos muito a fazer", comenta Juliano Sabella, presidente da organização.

Mercado de suplementos cresceu 18% em 2020 e 2021

A ASBRAM avalia que os pecuaristas estão intensificando cada vez mais a atividade, investindo em suplementos proteicos, proteicos energéticos e em novos aditivos que estão sendo incorporados na suplementação. "Nosso potencial de crescimento é incrível e, para que tudo isso aconteça, não precisamos de novas áreas de pastagens ou de soluções surpreendentes. É só levar tecnologias de nutrição, genética, manejo e gerenciamento existentes para os produtores que estão abaixo da média, só isso já seria responsável por um enorme crescimento da nossa produção e aumentarmos cada vez mais a relevância brasileira na produção de alimentos sustentáveis", avalia Sabella.

jenoche

Presente em todas as fases da produção pecuária, da recria à engorda, a **Elanco** explica que, mesmo antes do tema sustentabilidade ganhar o espaço que tem hoje na indústria, a empresa já participava desse movimento, desde a década de 80. "Falávamos do acesso a uma alimentação adequada, do quanto a proteína animal é importante para uma dieta alimentar e, hoje, tendo o combate à fome como objetivo da ONU, notamos que o nosso trabalho vem de muitos anos, na medida em que desenvolvemos produtos para ajudar os produtores a melhorarem a produtividade do animal", explica Fernanda Hoe, CEO da Elanco Brasil.

Confira a evolução da suplementação no Brasil

O mercado já comprovou que as mudanças na alimentação podem tornar a pecuária mais sustentável. Ainda assim, há produtores no Brasil que não fornecem nenhum tipo de suplemento aos rebanhos mantidos a pasto.

Decada de 50 1ª fase	Decada de 60 2ª fase	Decada de 70 3ª fase	Decada de 80 4ª fase	Decada de 90 5ª fase	Decada de 00 6ª fase
Os rebanhos eram suplementados apenas com sal branco grosseiramente moído, disponibilizado por meio de instalações muito precárias, como troncos de árvores ou pneus velhos cortados ao meio.	Alguns fazendeiros acreditavam que poderiam ter resultados utilizando cinzas de árvores queimadas misturadas ao cloreto de sódio para suplementar outros elementos minerais. Tentaram a farinha de ossos calcinada também, o que é proibido na alimentação animal por questões sanitárias.	Com o grande número de enfermidades de origem mineral que afetavam rebanhos inteiros, os pecuaristas começavam a considerar a suplementação como uma prática eficiente de manejo, sanando e prevenindo doenças.	A suplementação deixou de ser vista apenas no aspecto clínico, e passou a considerar a sua relação com a produtividade, zootécnica dos rebanhos corretamente suplementados. Tem início a suplementação mineral (proteica), adotada principalmente no período de seca.	A relação custo-benefício se intensifica e a suplementação passa a ser utilizada de acordo com a categoria animal. Com isso, aparecem produtos específicos para bezerros, recria, engorda, entre outros. Fazendas começam a implantar programas nutricionais estratégicos.	Foco na qualidade dos suplementos minerais, abrangendo a sua produção, embalagem e distribuição. Ganham importância as certificações e aprovações pelo MAPA – Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, como as Boas Práticas de Fabricação – BPF.

ASBRAM: desejo de nutrir um rebanho de 213 milhões de cabeças de gados

Um dos players que mais vem contribuindo para a expansão da pecuária sustentável no País, por meio da suplementação animal, é a **Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM)**. Formada em 1997, por 13 empresas do setor, hoje reúne 70% das indústrias brasileiras produtoras de suplementos para a pecuária em todo o território nacional.

Com a missão de incentivar o uso de suplementos, demonstrando a importância da utilização correta, além de visar a melhoria dos níveis de produção agropecuária e a qualidade de seus produtos, de forma ética e profissional, a ASBRAM segue firme ao lado do pecuarista. Afirma como seu maior desejo e vocação nutrir um rebanho de 213 milhões de cabeças de gados.

Nos 23 anos de trabalho, a associação tem estimulado e acompanhado todo o processo de modernização da indústria, além de ser uma referência de consulta de órgãos governamentais, imprensa, meios acadêmicos e participantes da cadeia de suprimentos.

ANUNCIE NOS NOSSOS CADERNOS ESPECIAIS EM 2022:

SAÚDE
TECNOLOGIA
COMPORTAMENTO
INFRAESTRUTURA
FINANÇAS
AGRO
NEGÓCIOS
BEM-ESTAR

CONSULTE NOSSA AGENDA

(11) 3167-0821
WWW.POINTCM.COM.BR
CADERNOESPECIAL@POINTCM.COM.BR

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

MyCarbon: novas soluções por meio do mercado de carbono.

Benefícios para o planeta e para quem é do campo.

Você sabia que a floresta presente em sua fazenda pode gerar renda extra? Práticas de manejo de baixa emissão de carbono também podem ser uma nova fonte de receita.

Invista na reputação da sua marca.

Ser reconhecido pelo consumidor como uma empresa ambientalmente responsável valoriza sua marca, seus produtos e serviços. Faça parte do mundo carbono neutro.

Invista na preservação da biodiversidade.

Comprando os créditos de carbono da MyCarbon você colabora com a preservação do meio ambiente, de espécies ameaçadas e com o fortalecimento das comunidades locais. Faça parte dessa história!

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

SUSTENTABILIDADE

Neutralidade climática na agenda e na prática

País já conseguiu reduzir a taxa de metano por quilo de carne e pode ir além

Após o compromisso assinado, no ano passado, na COP26, na Escócia, o setor de pecuária nacional acredita em um salto ainda maior para a neutralidade climática nos próximos anos. Durante o evento, o Brasil foi um dos mais de 100 signatários do Pacto Global do Metano, que pretende reduzir as emissões mundiais desse gás em 30% até 2030.

"Desde a COP26, foi fundado um consórcio de empresas. Somos membro fundador do *The Greener Cattle Initiative* para desenvolver soluções que enderecem a questão da emissão do gás entérico para diminuir as emissões de metano", diz Fernanda Hoe, CEO da **Elanco Brasil**. Para isso, a companhia firmou um compromisso de investir R$ 5 milhões em cinco anos, principalmente, em pesquisa.

A compensação de emissões de gases poluentes como o carbono também entra no rol de soluções sustentáveis, já que pode ser mais viável compensar as emissões do que deixar de fazê-las, por questões econômicas ou de tecnologia. A **MyCarbon**, subsidiária da **Minerva Foods** – líder em exportação de carne bovina na América do Sul e uma das maiores empresas na produção e comercialização de carne *in natura* e seus derivados na região – entrou no mercado em 2021 dedicada ao desenvolvimento e comercialização de créditos de carbono.

Você sabe o que é neutralidade climática?

É uma proposta de mudanças radicais na economia, eliminando combustíveis fósseis e outras emissões de CO2 onde for possível nos setores de transporte, geração de energia e na indústria.

Para o resto, a cada tonelada de CO2 emitida, uma tonelada dever ser compensada com medidas de proteção climática, com o plantio de árvores, por exemplo.

Especialistas costumam dizer que, diferentemente do que alguns críticos defendem, não é preciso eliminar a pecuária para bloquear o aquecimento global, mas ter métricas que consigam caracterizar melhor o impacto do metano. Além disso, as tecnologias existentes para reduzir as emissões da pecuária, como aditivos alimentares para melhorar a eficiência de digestão dos animais podem contribuir, inclusive, para resfriar a atmosfera e compensar as emissões de outros gases.

"As soluções já estão prontas, as tecnologias que foram desenvolvidas nos últimos anos, pelas universidades, instituições de pesquisa e empresas, trouxeram uma revolução produtiva nos últimos 30 anos", aponta Juliano Sabella, presidente da **Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM)**.

Segundo ele, em 1990, o Brasil tinha 195 milhões de hectares de pastagens e produzia 1,5@/ha por ano. Já em 2020, com 155 milhões de hectares de pastagem, a produção superou 4@/ha por ano. "Mais que dobramos a nossa produção em uma área 20% menor, e as pesquisas e desenvolvimentos não pararam. Novos manejos, aditivos e produtos estão surgindo dia a dia para contribuir ainda mais com essa evolução", destaca.

Associado à meta do Pacto Global do Metano, os atores do setor também se amparam nas exigências dos consumidores internacionais e brasileiros, que estão cada vez maiores, tendo que garantir que a carne não seja produzida em áreas de desmatamento ou com sistemas de trabalho degradante, que o meio ambiente e o bem-estar animal sejam respeitados. "O consumidor brasileiro está cada vez mais informado e exigente também. Isso abre oportunidade para evolução da nossa pecuária, valorizando cada vez mais o trabalho do pecuarista que usa tecnologia e leva para a mesa do consumidor, carne de qualidade, saudável e sustentável nos âmbitos social, ambiental e econômico", avisa Sabella.

sdenness

Mais de 100 países assinaram um pacto para reduzir em 30% as emissões do metano até 2030

Combate à fome

Com foco no crescimento populacional do mundo – devemos chegar a quase 10 bilhões de pessoas até 2050 – a pecuária reconhece ainda a sua participação na produção de alimentos e sua relação com o combate à fome. Para a **Elanco Brasil**, por exemplo, o País computa diversas iniciativas inovadoras, com potencial de fazer a diferença na sustentabilidade global, incluindo a questão da insegurança alimentar, que não pode ficar de fora. "Mostramos que podemos conciliar a pecuária com a produção de proteína para aumentar o seu acesso e combater o problema da fome, junto ainda da preservação ambiental, da redução de resíduos e da diminuição de recursos naturais na produção", diz Fernanda Hoe, CEO da companhia.

Com isso, ela conta que a Elanco já ajudou mais de 300 comunidades ao redor do mundo e, até 2020, ofereceu 300 mil refeições dentro de um programa global de responsabilidade social da companhia.

Outra ação destacada é a parceria da **Elanco Foundation** com o **Fundo JBS** para apoiar o projeto RestaurAmazônia, que beneficiará 1.500 famílias de produtores rurais ao longo da Transamazônica no Pará, nos municípios de Novo Repartimento, Pacajá, Anapu e Altamira. A Elanco entra com um aporte de US$ 450 mil durante três anos.

Nessa iniciativa, que é focada no cultivo do cacau com a pecuária, além do incremento de renda, os benefícios vão do fomento à sustentabilidade à assistência técnica, reduzindo o desmatamento e as emissões de gases de efeito estufa.

"Participamos ainda de um fórum no ano passado, com líderes da cadeia de proteína para buscar em conjunto soluções efetivas para alcançarmos a neutralidade climática. Além disso, também temos uma parceria com o Instituto Agroambiental Araguaia para desenvolver práticas sustentáveis para a pecuária", afirma.

Inovações a serviço do campo

Fernanda acrescenta ainda o intercâmbio interno para a criação de novas soluções que dialoguem com essa meta da neutralidade climática, e as reduções dos impactos ambientais. O grupo de Pesquisa & Desenvolvimento da empresa, baseado no Brasil, e parte de uma estrutura global, vem se destacando com inovações. Um produto à base de narasina é um desses exemplos. facilitando o ganho de peso adicional de até uma arroba ao ano em animais criados a pasto. "Foi desenvolvido no País, com foco inicial no mercado interno, mas já está virando referência em outros países. Acabamos de lançar na Argentina e levaremos para outros locais. Além disso, temos mais iniciativas desse grupo em parceria com universidades brasileiras, como a ESALQ USP, de Piracicaba, e organizações como a Embrapa", complementa.

Nesse momento, a CEO informa que a Elanco prepara o lançamento de um aplicativo, desenvolvido nos Estados Unidos, para ajudar o produtor a mensurar a sua pegada de carbono e o impacto da produção em confinamentos de gado de corte. "Estamos na fase de validar isso para o sistema de gado a pasto no Brasil", diz.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

SUSTENTABILIDADE

Créditos de carbono

Como as mudanças climáticas entraram de vez na pauta de dez em dez grandes empresas do mundo, o mercado de créditos de carbono passou a ser considerado como uma das melhores medidas para reduzir a emissão dos gases de efeito estuda, que causam essas alterações. E uma gigante do setor, a **MyCarbon**, da **Minerva Foods**, chegou com força para trabalhar em três frentes prioritárias: o desenvolvimento de projetos que geram créditos de carbono, a comercialização de créditos (trading) e a agregação de valor dentro da cadeia da Minerva.

O negócio já começa com planos bem ambiciosos. Por ser global, já nasceu com projetos em vários países da América Latina, e coloca no radar outros continentes. "Queremos ser uma das cinco maiores operadoras de créditos de carbono do mundo, priorizando a geração de créditos baseados em natureza", diz Eduardo Brito Bastos, CEO da empresa.

sai.guitars@gmail.com

Entre os principais diferenciais, Bastos diz que a presença física na América Latina, onde a coligada Minerva é a maior exportadora de carne da região, "dá acesso a uma base enorme de pecuaristas e também a mais de 100 países nos quais já fazemos negócios", diz. Outra vantagem, segundo ele, é que a empresa tem como sócio um dos maiores potenciais compradores de créditos do mundo.

Em maio deste ano, a MyCarbon fez a primeira exportação de um container de carne carbono neutro. "Foi um marco muito importante, não só para nós, mas para todo o setor. Mostramos que é possível seguirmos com nosso papel importantíssimo de fornecedor de excedentes de alimentos para combater a fome global e, agora, também como um fornecedor de créditos de carbono para combater as mudanças climáticas", explica.

Expansão mundial

Na avaliação do CEO da MyCarbon, o Brasil ainda tem uma participação pequena no mercado de créditos de carbono. "Mas a maioria dos operadores de mercado fala entre 25 a 35% dos créditos globais vindo do Brasil até 2030. Acreditamos que, ao menos, 25% dos créditos totais ou 1/3 dos créditos de soluções baseadas em natureza virão do Brasil", acrescenta.

Para acelerar esse mercado no Brasil, Bastos cita três temas essenciais: regulação nacional e internacional, adoção de Sistemas de Monitoramento de Emissões (MRV) e financiamento.

Quanto à regulação, ele diz que o Brasil precisa de uma legislação robusta, que coloque o crédito como um ativo ambiental financeiro, "para podermos transacionar isso nas bolsas nacionais". Em paralelo, ressalta ser preciso ter a regulação internacional (Artigos 6.2 e 6.4) aprovada globalmente para permitir transações entre países e entre empresas.

Sobre o MRV, o executivo diz ser imprescindível termos um sistema de monitoramento, reporte e verificação de baixo custo, baseado em ciência e tropicalizado. "Ainda é muito caro registrar um projeto e muito demorado", conta.

Já na parte do financiamento, ele enfatiza a importância de uma política de incentivos. Para exemplificar, diz que, para restaurarmos os 20 milhões de hectares que estão na agenda de implementação do Código Florestal, serão necessários, aproximadamente, US$ 100 bilhões. "A agenda do carbono é uma consequência de uma política de incentivos adequada. Enquanto derrubar árvores for mais vantajoso que recuperar pastos, fazer agricultura regenerativa ou reflorestar, essa agenda dificilmente vai ter escala", pontua.

Outros projetos

De acordo com o executivo, a **Minerva Foods** também vem dando novos passos na pecuária sustentável. A empresa continua concentrando esforços para alcançar a meta de emissões líquidas zero até 2035 nos escopos 1, 2 e 3. Entre os exemplos, a companhia cita o pioneirismo no combate ao desmatamento ilegal na cadeia de suprimentos, que teve como destaque no 1° trimestre de 2022 a expansão do monitoramento geográfico para as operações na Colômbia e na Argentina.

Segundo informa, na Colômbia, já estão monitorando mais de 40% das fazendas fornecedoras diretas e 90% na Argentina. No Brasil e Paraguai, afirma ter 100% das fazendas fornecedoras diretas monitoradas.

Outro trabalho em pecuária de baixas emissões da Minerva Foods é o programa Renove, que engaja centenas de produtores na adoção de melhores práticas. A iniciativa é o resultado da colaboração entre instituições de pesquisa, ferramentas digitais, tecnologias e ONGs. Há mais ações e resultados da agenda ESG da companhia no 11° Relatório de Sustentabilidade 2021 (https://www.minervafoods.com/sustentabilidade#relatorios).

O que é crédito de carbono? Como funciona esse mercado?

- **É uma alternativa moderna e promissora, e funciona como uma moeda.**
- **O conceito nasceu em 1997, dentro do Protocolo de Kyoto.**
- **Visa a redução dos gases de efeitos estufa (GEE) no planeta.**
- **Um crédito de carbono equivale a uma tonelada de dióxido de carbono (CO2) que deixa de ser lançada na atmosfera.**
- **Quando um país deixar de emitir 1 tonelada de carbono, recebe uma certificação emitida pelo Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL).**
- **Existem várias formas para um país reduzir as emissões, gerando os créditos de carbono. Exemplo: na substituição de combustíveis fósseis por energias renováveis ou pela contribuição na diminuição do desmatamento. O sequestro de carbono é outro exemplo: retira do ar por meio de novas tecnologias e faz o armazenamento debaixo da terra.**
- **O mercado de crédito de carbono promove o intercâmbio entre quem gera créditos por reduzir emissões e quem precisa compensar suas emissões residuais. Assim, uma organização compra créditos de carbono de outra.**
- **Se um país desenvolvido não conseguir atingir as suas metas de não emissão de carbono, ele pode realizar uma parceria com um país em desenvolvimento.**

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

RESULTADOS

Boas práticas, mais sustentabilidade

Para reduzir impactos, pecuária brasileira investe em tecnologia e inovações

Com o maior rebanho comercial do planeta, com mais de 213 milhões de cabeças, e a posição de segundo maior produtor e o maior exportador de carne do mundo, o Brasil segue buscando alternativas para tornar a sua produção mais sustentável, e ser o principal modelo de qualidade produtiva com elevado bem-estar animal, sendo parte da solução para o enfrentamento do aquecimento global. E, com diversos organismos e profissionais atuando nessa frente, o País acumula uma cesta de boas experiências, que podem ganhar ainda mais escala.

De acordo com Sergio Raposo de Medeiros, pesquisador da **Embrapa Pecuária Sudeste**, a disseminação das boas práticas é um dos principais caminhos para chegar no maior número de propriedades. "Por vezes, basta só o acesso à informação de qualidade para que o produtor avance rumo à eficiência técnica. Para outras, é necessário investimento e, portanto, políticas públicas podem ajudar muito. Na verdade, já ajudaram muito com o plano ABC e, agora com o Plano ABC+, deve se repetir o sucesso", diz.

Segundo a **Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM)**, o programa ABC, que, entre 2010 e 2018, reformou 20 milhões de hectares de pasto e gerou R$ 17 bilhões para a economia brasileira e, entre 2010 e 2020, mitigou 170 milhões de toneladas de CO2 equivalente, é um grande exemplo de sucesso em pecuária sustentável. "Teve o estímulo da Integração Lavoura-Pecuária-Floresta, tratamentos de dejetos, reforma de pastagens, plantio direto, entre outros. Além do mais, somos referências mundiais em suplementação de bovinos a pasto e genética adaptada para a região dos trópicos, principalmente nas raças zebuínas", complementa Juliano Sabella, presidente da entidade.

Ainda para ele, há várias iniciativas no Brasil que são exemplos de pecuária sustentável, e com "as nossas condições climáticas, permitem produzirmos em sistema de pastagem, que é uma grande responsável por sequestro de carbono da atmosfera e fixação no solo", diz.

Vantagens da pecuária sustentável

- Preservação dos recursos naturais
- Redução na emissão de CO2
- Aumento no bem-estar dos animais
- Redução de perdas nos sistemas de produção
- Produção de carne e leite com maior qualidade
- Aumento da capacidade de suporte da pastagem

Francescoscatena

MIPS – Manual de Iniciativas para a Pecuária Sustentável

O **GTPS - Mesa Brasileira da Pecuária Sustentável**, desde 2016, reúne as tecnologias já praticadas nos diferentes sistemas de produção, revelando ações de pecuária sustentável, no Manual de Iniciativas para a Pecuária Sustentável -- MIPS, que pode ser acessado pelo site do grupo: https://gtps.org.br/mips/. Entre outros objetivos, o conteúdo serve de inspiração para outros negócios e produtores.

O GTPS também dispõe da ferramenta GIPS – Guia de Indicadores da Pecuária Sustentável, disponível no site. São diversos índices que podem ajudar o produtor rural avaliar o nível de sustentabilidade da sua propriedade, além de orientações para avançar no desenvolvimento de uma pecuária sustentável.

Setor quer democratizar a tecnologia para o pequeno produtor, mas esbarra na tributação

Desafios atuais

Ainda que o Brasil disponha de tecnologia, inovação e muitos profissionais engajados na pecuária sustentável, a ASBRAM sinaliza alguns desafios para a expansão da atividade para outros espaços. São mais de 2,5 milhões de propriedades rurais com bovinos, 2,4 milhões delas, com um rebanho inferior a 200 cabeças. "Democratizar a tecnologia para o pequeno produtor é um grande desafio. Um de nossos trabalhos é conseguir desonerar a tributação de 9,25% de PIS/Cofins que incide nos suplementos. Sem esse imposto, o suplemento ficará mais acessível, atingirá mais produtores, e elevará a produtividade da nossa pecuária, aumentando a sustentabilidade da nossa produção", afirma Sabella.

Conheça algumas práticas adotadas no Brasil

Na avaliação da gerente executiva do GTPS, Luiza Bruscato, "a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta, ILPF, é uma das principais práticas sustentáveis quando falamos em produção agropecuária. Essa forma de produzir une a produtividade e a sustentabilidade, pois traz mais segurança para o produtor e ainda sequestra carbono da atmosfera. A rastreabilidade com foco socioambiental, desde o nascimento até o abate também é algo que vai colaborar para uma pecuária sustentável", diz

Integração-Lavoura-Pecuária (ILP): é uma técnica que possibilidade o cultivo de pastagem e de produção de grãos ao mesmo tempo, na mesma área. É possível com a integração entre culturas. Por exemplo: a pastagem pode ser consorciada com grãos como milho, arroz e até com a soja.

Melhoramento genético: selecionar animais com baixa emissão de gás metano (CH4) é outra prática com bons resultados, já que o progresso genético é permanente e cumulativo ao longo das gerações. Estima-se que, com o aumento do desempenho animal, as emissões do metano podem cair em até 35%, devido à capacidade do animal de aumentar a sua produção com o mesmo gasto calórico. Animais que otimizam o uso de energia no corpo tendem a reduzir o volume de dejetos excretados.

Manejo adequado de pastagem: enquanto parte do rebanho utiliza um piquete, a outra permanece em repouso. A medida ajuda na captação de carbono, uma vez que a vegetação cresce maximizando a fotossíntese. Quando realizada corretamente, a ação também proporciona o aumento da produtividade do pasto e o enriquecimento da alimentação do gado, fatores que colaboram para a neutralização dos gases de efeito estufa.

Sistema de Pastoreio Racional Voisin: proporciona maior sustentabilidade da produção pastoril, devido à melhoria das características biológicas, físicas e químicas do solo e melhores condições de conservação da água e do solo. Nesse sistema intensivo, a proposta é manter um equilíbrio do tripé solo-capim-gado, sem que nenhum dos elementos sejam prejudicados.

Recursos hídricos: utilização de bebedouros nos piquetes. Essa iniciativa evita que o gado vá aos rios ou córregos, impedindo o pisoteio intenso dessas áreas, bem como a contaminação da água.

Suplementação mineral: a produtividade média hoje é de 4@/ha por ano, com intensificação, e a suplementação é decisiva nesse processo. É possível produzir mais de 10@/ha por ano, o que permite abater o animal mais jovem, e mais pesado, reduzindo em 50% as emissões por kg de carcaça produzida. Portanto, uma boa nutrição, com suplementos minerais, é a base para uma produção com mais sustentabilidade, ambiental, social e econômica.

Acesse nosso canal no Telegram @BrasilJornais

CONECTIVIDADE

Como a tecnologia está mudando a pecuária

Setor já se prepara para as novidades da chamada Pecuária 5.0

Você já ouviu falar na Pecuária 4.0? Esse é um termo que pega carona no conceito de Indústria 4.0 – que define o projeto de fábricas inteligentes, com o uso da Internet das Coisas (IoT), computação em nuvem e outras tecnologias da informação. Em outras palavras, é a introdução de tecnologia aos currais, aumentando a produtividade em práticas mais sustentáveis. Também é conhecida por pecuária de precisão, com alta conectividade e automações nos procedimentos, possibilitando a captação de dados, um melhor controle e um maior gerenciamento da atividade.

De acordo com o pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, Sergio Raposo de Medeiros, todos os níveis de pecuária convivem no Brasil simultaneamente, mas as chamadas 4.0 e 5.0 são representadas por poucas fazendas, com um grande potencial de expansão. "O interesse e as oportunidades crescem, à medida que há mais empresas competindo e o preço vai caindo", explica. Nelas, os produtores têm apostado em sensores de movimento e de comportamento dos animais, chips de identificação menores e mais potentes, câmeras, pistolas automáticas de aplicação de medicamentos, cochos e balanças inteligentes, entre outros dispositivos automatizados.

Nada como era antes

As novas tecnologias podem render grandes vantagens aos produtores e à sociedade como um todo. Um bom exemplo de como podem ajudar a reduzir o impacto ambiental, segundo ele, é a ordenha robotizada. "Ao permitir o animal ser ordenhado sempre que quiser, estimulamos a produtividade da vaca. Com vacas produzindo mais por cabeça, é possível ter menos cabeças para produzir a mesma quantidade de leite", afirma.

Além disso, o pesquisador cita a **@Tech**, uma startup de Piracicaba, no interior paulista, que vende um serviço de indicar a melhor hora de vender o boi. "E, ao fazer isso, frequentemente adianta o abate, reduzindo o tempo que o animal vai permanecer emitindo os gases de efeito estufa", comenta.

SashaKhalabuzar

Transformação em curso

Assim como a Pecuária 4.0 pode revolucionar toda a cadeia produtiva envolvida no setor, a Pecuária 5.0 traz muitas outras grandes possibilidades para os produtores nacionais. Essa evolução da atividade consiste na gestão por meio de tecnologias digitais autônomas de decisão, com a combinação de Internet das Coisas (IoT), Inteligência Artificial, 5G, Big Data, Realidade Aumentada e Blockchain. É a oportunidade de aprimorar as técnicas para produzir mais e melhor. Detalhe: esse novo nível vai muito além da produtividade, se conecta à saúde, à sociedade e ao meio ambiente.

Com a entrada do 5G no Brasil, por exemplo, a pecuária poderá se beneficiar por meio do desenvolvimento dessas tecnologias inovadoras: inúmeros projetos e pesquisas, além de muitas agtechs – as startups do agronegócio, poderão sair do papel, resolvendo essa equação de produtividade e sustentabilidade. Assim, os produtores poderão ganhar mais agilidade, precisão e aumento da produtividade em alto nível.

Algumas tecnologias que fazem a pecuária avançar

Câmeras: monitoramento 24 horas e acompanhamento do crescimento do animal
Chips: em colares e brincos podem dizer sobre o estado de saúde do animal
Drone: fazem a varredura de cochos e até contagem de animais
Cochos inteligentes: identificam quanto o animal comeu
Bebedouro: sensores fazem a leitura da qualidade da água
Ordenha robotizada: permite ao animal ser ordenhado sempre que quiser, ampliando a produção da vaca
Pistola automática: aplica o medicamento na medida certa para cada animal
Pasto: controle da lotação por inteligência artificial e imagens via satélite

Centro de Pecuária Sustentável: inauguração em novembro

Lançado na Agrishow (Feira Internacional de Tecnologia em Agrícola), em abril deste ano, o **Centro de Pecuária Sustentável** chega para transferir tecnologia para todo o Brasil, com a sustentabilidade no centro da produção. O objetivo também é apresentar mensurações desenvolvidas de acordo com o clima e as características do País.

A iniciativa do **Instituto de Zootecnia (IZ-APTA)** vai ocupar uma fazenda modelo de 220 hectares em uma área da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, em São José do Rio Preto.

De acordo com a pesquisadora do IZ-APTA, Renata Branco Arnandes, que lidera o empreendimento, algumas ações já começaram. "Estamos fazendo a avaliação do solo, amostragem do solo, recuperação da fazenda com integração lavoura-pecuária", explica. Nesse momento, o trabalho é focado no plantio de soja e milho.

Várias pesquisas já em curso, que identificam as emissões de metano, feitas hoje no Instituto, também devem ir para o novo centro. "Temos todas as técnicas de mensuração de metano entérico (gases produzidos pelo metabolismo animal)", diz.

Além disso, outros estudos, feitos nas unidades do Instituto, devem ficar centralizados no novo espaço, "que vai fazer a gestão dessas ações". Como exemplo, Sertãozinho estuda ferramentas de novos aditivos para a cadeia produtiva, melhoramento genético, enquanto que, na unidade de Colina, há pesquisas com foco na intensificação de sistemas produtivos, método Boi 777.

A Pecuária 5.0 abre muitas portas para o setor

O uso das tecnologias no campo pode trazer muitos ganhos em sustentabilidade, como:

- **Aumento da produtividade**
- **Promoção da segurança alimentar**
- **Redução do desperdício**
- **Alimentação mais saudável**
- **Menor impacto ambiental**

A rede de dados móveis 5G promete uma troca de dados imediata, em tempo real, assim como a possibilidade de robôs circulando pela fazenda sem que o proprietário esteja presente. Outra mudança esperada é que a leitura das imagens acionará os trabalhos necessários para uma determinada cultura, iniciando o protocolo de automação da irrigação, pulverização de defensivos por área determinada através de drones, tudo de forma automatizada.

O Blockchain também chega para melhorar a indústria pecuária e atender a uma demanda do consumidor por produtos mais sustentáveis. Com a tecnologia, é possível rastrear a segurança alimentar, e mostrar ao comprador que a carne foi produzida de maneira sustentável, e por qual motivo aquele item é mais valioso para o planeta. Além disso, identificará em minutos ou horas qualquer falha da produção, garantindo uma maior qualidade dos produtos.